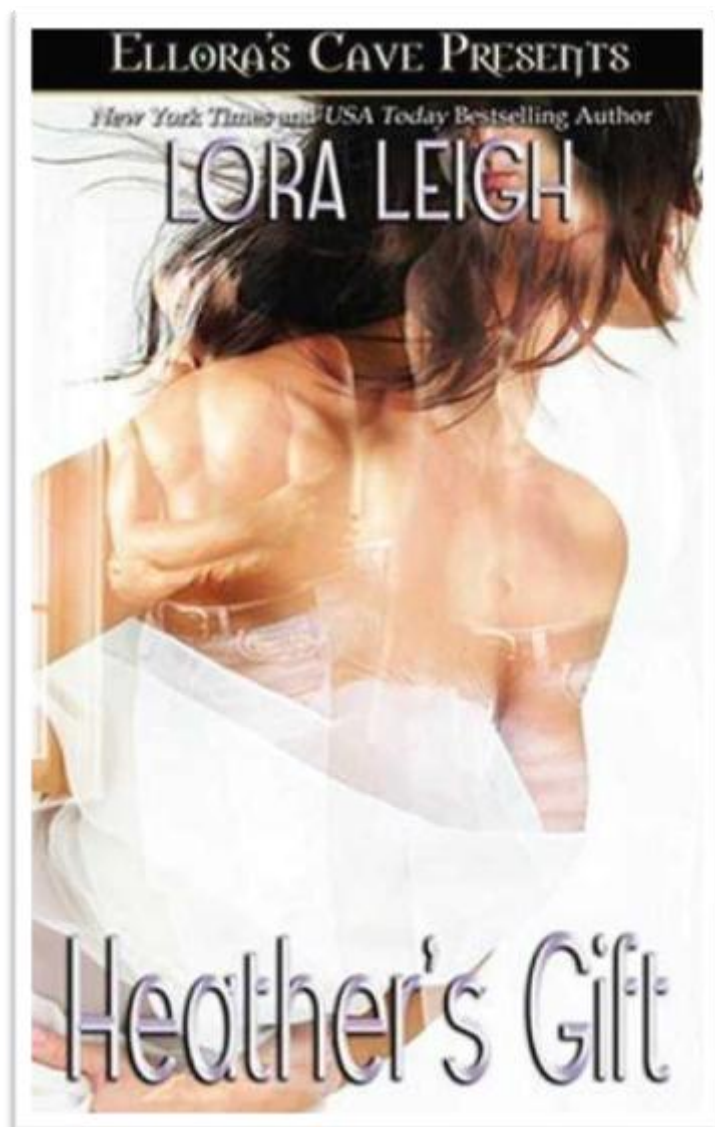




Lora Leigh

O Presente de Heather



MEN OF AUGUST 03

Ela traria o presente da aceitação, ou quebraria os laços que foram forjados no fogo do inferno? O trabalho de Heather era cuidar do corpo de Sam. Como parte da equipe atribuída para proteger a família August, tinha levado seu trabalho seriamente. Até que um homem louco lhe revelou que era a fraqueza de Sam August. Até que o passado surgiu com tentativas de assassinato e surpreendentes segredos. Poderia Sam negar sua paixão por esta mulher, ou poderiam os sombrios pesadelos e os sensuais desejos que se apoderava de ambos, ser a causa de sua destruição, e a destruição da mulher que ama?



Disponibilização e Tradução: Eve Dallas e Rosie

Revisão: Tina Y.

Revisão Intermediária: Tessy Silva

Revisão Final: Camila Luppi

Formatação: Gisa

PROJETO REVISORAS TRADUÇÕES





CAPÍTULO 1

Dois meses depois.

Ele estava lá fora. Sam podia senti-lo. O conhecimento pulsava nas feridas de seu abdômen, nos sombrios pesadelos que estavam de repente aflorando até enquanto estava acordado. O bastardo estava observando-os, esperando, aperfeiçoando sua cronometragem antes de golpear de novo.

Olhou fixamente para a noite através das portas a prova de balas do balcão de seu quarto, perguntando-se quando o caçador atacaria de novo. Quem era, e por que estava decidido na vingança pela destruição de um maníaco? Jebediah Marcelle tinha sido um monstro. Uma criatura tão maligna, tão escura, que era absorvida totalmente por perversões que pareciam pesadelos transformados em realidade.

Algumas vezes Sam se perguntava se o fantasma do bastardo não estava espreitando-os, ameaçando, roubando cada coisa que apreciavam. E às mulheres que queriam.

Marly, Sarah e Heather. Sua mandíbula se fechou com a lembrança da dor que cada uma delas tinha suportado. Especialmente Heather. O bastardo a tinha cortado, tinha-a despojado de sua roupa, estendido suas pernas e cortado em talhos a suave e aveludada pele de seu montículo.

Os finos cortes de navalha tinham sido profundos o bastante para assegurar que as cicatrizes permanecessem, mas não tão profundos para mutilar. Apenas visíveis agora, mas facilmente evidentes. Passou a mão pelo abdômen, sentindo a aspereza da pele ali, as cicatrizes que agüentava ele mesmo. Se baixasse mais, poderia senti-las em seu membro.

Então fechou os olhos, lutando contra o agitado mal-estar de seu estômago, a culpa e a vergonha do conhecimento de que sua violenta negativa aos avanços de Marcelle tinham resultado em meses de horror não só para ele, mas também para seus irmãos. Uma negativa que tinha mudado toda sua vida para sempre.

Apoiou o cotovelo no batente da porta e esfregou a testa contra o braço. Pensar no passado o deixava doente. O aroma de sangue, sêmen e lágrimas vagavam através de suas lembranças, enquanto a agonia rasgava sua alma. Apertou os dentes, lutando contra as sombrias visões que vagavam por sua mente.

Em sua maior parte, ele tinha bloqueado as lembranças. Diferente de Cade e Brock, de algum jeito tinha conseguido apagar a brutal realidade do que tinha ocorrido. Por algum tempo. Agora, pareciam estar retornando como uma vingança, e não só na forma de pesadelos. Na forma de sangrentas cenas e retorcidas expressões de morte.

Sacudiu a cabeça, sentindo a umidade que gelava sua pele como um frio suor envolvendo seu corpo. Levantou a cabeça, piscando enquanto olhava fixamente às terras do rancho sombreadas pela lua, e brigou por respostas.

— Onde você está? — Sussurrou desesperadamente. — E que demônios está planejando agora?

— Estou segura de que logo saberemos. — A voz suave e feminina o fez fechar as cortinas num puxão, e voltar-se para as portas de comunicação.

Ela permanecia ali, emoldurada pela suave luz do quarto, o cabelo vermelho brilhando pela luz de fundo, sua expressão nas sombras.

— Que diabos está fazendo aqui? — Franziu o cenho enquanto olhava para estar seguro de que as cortinas estavam firmemente fechadas, e que não havia olhos intrometidos que pudessem

vê-la. Tinha sido atacada por causa de sua atração por ela, seu carinho por ela. Não podia correr o risco de que a violência contra ela se intensificasse.

— Cade não lhe disse? — Ela entrou mais no quarto, seu corpo esbelto movendo-se languidamente na tênue luz. — Pensou que seria mais seguro para mim dormir aqui acima em vez de lá embaixo. Pessoalmente, penso que estou começando a atrapalhar os momentos da família lá.

Ela sorriu enquanto pronunciava as palavras, mas ele escutou o fio de dor em sua voz. Ela sabia... sabia que ele tinha estado com Sarah e Marly, sabia que tinha ido a elas, quando continuava negando-se a ela.

— Não me desculparei...

— Pedi que se desculpasse, Sam? — Inclinou a cabeça enquanto o observava. — Você foi muito claro da primeira vez. Não tenho controle sobre você, de maneira que isto não é de minha incumbência... — parou — Não é verdade?

Sam a olhou ameaçadoramente. Se ela soubesse. Infelizmente, dizer seria só incrementar seus problemas.

— Sim. Correto. — Grunhiu, afastando-se dela. — Bem, está no quarto junto ao meu. Deixe a porta fechada, finja que não está ouvindo meus roncos e ficará tudo bem.

Agora só podia rogar que ela ignorasse os pesadelos. De algum jeito, tinha a sensação de que estava se iludindo.

— Então você ronca? — Ela caminhou mais para dentro do quarto, quase como se fosse dona do lugar, pensou Sam.

— Ruidosamente. — Ele tentou ignorar o fato de que ela deixou-se cair em sua cama e o olhava, expectante, enquanto lhe dava as costas.

— Bem. — Ela deu de ombros. — Eu ignoro seus roncos, você ignora meu vibrador.

Ele piscou. Seu coração estava condenadamente perto de sair disparado de seu peito, batendo forte, e seu pênis completamente ereto e pulsando mal as palavras saíram de sua boca. Maldição, ela não jogava limpo.

— Merda! — Passou as mãos bruscamente pelo cabelo enquanto a olhava, surpreso. — Você é virgem.

— E? — Estava rindo dele. Ele podia ouvir a diversão em sua voz, a brincadeira. — Até as virgens ficam excitadas, Sammy.

Ela relaxou sobre a cama, cruzando as pernas como um maldito pretzel, enquanto apoiava o queixo sobre o punho e o contemplava.

— Não está de guarda ou algo assim? — Se ela não saísse de sua cama ele não se responsabilizaria por seus atos. A idéia daquele vibrador em ação o estava matando.

— Não. Acabo de terminar o serviço. Tudo está calmo e tranquilo por enquanto, então pensei em ver se você precisava ser agasalhado na cama, ou algo assim.

Ou algo assim, definitivamente, pensou acaloradamente. Menos de duas horas antes ele tinha tido orgasmos até quase gritar de prazer, e agora estava morrendo por tocar Heather, por tê-la, escutar seus gritos ressonando ao redor dele. Possuí-la de forma que ela nunca imaginara. Uma forma que ele sabia que ela nunca poderia aceitar.

Então parou. Teria ela escutado? Sabia que era seu nome que gritava, enquanto bombeava seu sêmen profundamente dentro do corpo de Sarah?

— Onde estava antes? — Não pôde evitar fazer essa pergunta. Não pôde conter a necessidade de saber.

— Não estava olhando, se é isso que quer saber. — A diversão tinha desaparecido de sua voz. — Estava bem agasalhada e segura na caravana, carinho, de maneira que não tem que se preocupar.

Ele escutou a dor, a persistente pergunta em sua voz, e lutou por ignorá-la.

— Quem está preocupado? — Demônios, ele quase terminou em suas calças só de pensar nela olhando.

— Sam. — Sua voz lhe advertiu que estava pisando em terreno perigoso. Um tema que ela não queria discutir, um que se recusava a entender.

— Bem, Heather. — Respirou com força. — Agora vá se deitar em sua cama, e eu jogarei limpo e permanecerei em casa esta noite. Ok? Mas tire esse seu traseiro da minha cama, e dê fora do meu quarto antes me que esqueça por que foi atacada, e por que não posso te ter. Porque, Deus sabe, estou a poucos minutos de te foder até que não possa se mover.

— Assombroso. — Sua voz era irônica. — Estou convencida de que os homens August roubavam testosterona e resistência ao nascer. Vocês três são como coelhinhos.

— Continue com isso, e o comprovará. — Grunhiu ele, lutando para não tocá-la enquanto ela saía lentamente da cama.

— Maravilhoso. De qualquer forma, preciso mesmo dormir. — Deu de ombros, embora ele pudesse sentir a pena ressonando no ar a seu redor. — Mais malditas compras amanhã. Como se qualquer uma dessas mulheres precisasse de mais vestidos. Rick vai ter que entregar os pontos logo a isto.

Sam se apaziguou, observando-a atentamente, enquanto ela se reclinava contra o alto poste da cama.

— Ainda está tentando procurar o suposto caçador? — Seria a quarta incursão à cidade.

Rick estava seguro de que o caçador tinha que viver pelos arredores, em condições para ouvir as fofocas concernentes aos August, e para entrar e sair às escondidas do rancho despercebidamente.

— Temos que fazer alguma coisa, Sam. Não podemos só esperar que ataque. — Ela negou com a cabeça, suspirando com brutalidade. — Ninguém estará seguro até que o detenhamos.

— Colocar vocês três em perigo não é a solução. — Afastou-se dela, a ira ricocheteando através dele. — Maldição! O bastardo não está tranqüilo. — Estremeceu, as sombrias lembranças se retorcendo dentro dele. — Heather, não sabe. Você não sabe o que poderia te fazer.

Mas Sam sabia. Conhecia a dor e o horror, a crua maldade que podia infectar a mente de tais homens.

— Nós não estamos em perigo, Sam. — Chegou até ele, metendo-se fácil e comodamente em seus braços enquanto os abria para ela.

Ele precisava segurá-la. Só segurá-la. Sentir sua suavidade e seu calor contra ele. Sentir, por um momento, que estava mantendo-a segura, protegida. Era tudo o que podia permitir a si mesmo por agora.

— Todas estão em perigo. — Inclinou a cabeça, inalando seu aroma limpo e delicado.

— Rick cuidará de nós, e estaremos rodeadas de guarda-costas. — Afastou-se dele, um segundo depois que notasse seus apertados mamilos lhe pressionando o peito através de suas camisas, apesar de mantê-la no círculo de seus braços. — Simplesmente odeio a parte das compras. — A irônica diversão de sua voz estava desenhada para distraí-lo. Sabia, e por um momento lhe permitiu acreditar que o tinha conseguido.

— Compre um vestido. — Sussurrou, abaixando-se para lhe acariciar o ouvido, enquanto ela se estremecia sensualmente. — Algo curto e leve. Algo para ressaltar essas preciosas pernas.

— Acredito que não. — Pôde escutar a entrecortada qualidade de sua voz. — Vi o que ocorre às mulheres nesta casa quando usam vestidos. Manterei meu jeans por agora, obrigado. — Ela pressionou contra seu peito, uma indicação de que precisava escapar.

— Heather. — Os braços dele se fecharam ao redor dela, odiando liberá-la. — Se o perigo não fosse tão elevado, nem a situação tão desesperada, iria te mostrar uma maneira em que pudesse compreender. Explicaria tudo com ações tão sensuais que nunca esqueceria. Iria amá-la, carinho, de formas que nunca poderá imaginar.

— Soa bem, Sammy. — Sua voz era suave e triste. — Me avise quando ficar sem mais desculpas, ok? Poderia querer tentar.

Ela se afastou dele, lançando um olhar sobre o ombro enquanto lhe voltava as costas. Por um momento, pela luz do outro quarto, pensou que via brilho de lágrimas. Mas então ela se afastou e caminhou lentamente para seu próprio, fechando a porta atrás si. A escuridão o envolveu, por dentro e por fora.

— Merda! — Amaldiçoou a situação, amaldiçoou o palpitante desespero de seu duro membro. Não podia estar ao redor dela, não podia pensar nela sem ficar duro como uma estaca.

Estar com Sarah ou Marly não ajudava. Acalmava os demônios, mas não as demandas emocionais e físicas que Heather inspirava. Fez uma careta enquanto se despia para deitar, lançando descuidadamente as roupas no chão.

A cama era grande, suficientemente ampla para três, e muito malditamente solitária. Virou sobre os lençóis, contemplando o teto com desalento, depois a porta que separava os dois quartos, enquanto seus olhos se fechavam no intento.

Agarrou com brutalidade um tubo de lubrificante da gaveta da mesinha de noite, tirou uma substancial quantia sobre a palma da mão, depois o estendeu sobre seu tirante membro enquanto imaginava. Imaginou-a vindo a ele, seu suave corpo nu e quente, tomando-o, necessitando-o.

Seus dedos se esticaram ao redor da pulsante vara enquanto a imagem de Heather, nua, úmida e selvagem, vagava por sua mente. Estaria apertada. Tão malditamente apertada. Ele afogou um gemido enquanto acariciava o tenso membro, movendo os dedos lentamente sobre a carne cicatrizada, enquanto se esticava com a idéia da apertada e suave vagina de Heather.

Ela o apertaria e o chamuscaria. Seus quadris se dobraram e seu membro pulsou por imaginar a sensação. O ritmo de seus dedos se incrementou enquanto imaginava os gritos dela, a expressão ficando frouxa pelo prazer, sua vagina esticando-se, tremendo. Não pôde deter o estrangulado gemido enquanto seu membro explodia, arrojando a cremosa liberação sobre o duro abdômen enquanto o prazer zumbia por sua medula.

— Isto não é justo. — Seus olhos se abriram de repente enquanto Heather o olhava da soleira. E ela estava furiosa. — Não use meu fodido nome, Sam, a menos que esteja realmente me fodendo.

Voltou-se e fechou a porta de um golpe enquanto o abandonava de novo, deixando-o surpreso, um pouquinho envergonhado, e tão malditamente duro outra vez que não pôde fazer nada mais que grunhir de dor.

CAPÍTULO 2

— Heather, irá às compras com Sarah e Marly. — Disse Tara com firmeza na manhã seguinte, enquanto o grupo de guarda-costas se encontrava no barracão para uma sessão informativa final. — Helena e a equipe de Calvin ocuparam seu posto nas lojas ao longo da rua, Rick e sua equipe estabelecem a vigilância da rua da cafeteria ao outro lado da rua. Faremos isso simples e breve, e veremos o que acontece.

— Ainda não aconteceu nada. — Raider, um grande e ossudo ex-mercenário, se remexeu perigosamente em seu assento. — E não vai acontecer até que Sam faça seu movimento. Estamos enfrentando alguém muito preparado para enfiar o pé pelas mãos até que o deixe furioso. Eu digo que o deixemos furioso.

Heather deu uma olhada com o cenho franzido ao homem grande. Raider não era seu verdadeiro nome, e ele não estava com a equipe há tempo suficiente para que ela o conhecesse muito bem. Seus olhos negros eram frios; sua expressão, na maioria das vezes, carente de emoção ou sentimento. Mas em ocasiões, como agora, captava uma preguiçosa ponta de humor nas comissuras de seus lábios quando olhava para Tara.

— O que sugere, Raider, uma orgia ao estilo August no centro da cidade? — burlou-se Tara com frieza.

— Só se Heather estiver no meio dela. — Deu de ombros. — Mas isso me parece exagero, Tara. O caçador tem, de algum modo, um contato naquela casa. Ele saberá se ela o está fodendo.

Heather se ruborizou e amaldiçoou a labareda de excitação que se acendeu, rápida e furiosa, em seu corpo ao pensar em Sam. Ele tinha evitado cuidadosamente “os momentos familiares”, tal como Tara os tinha qualificado, vários meses antes, até a noite passada. Mas afastar-se deles, ao que parecia, somente o deixou mais escuro, mais crispado, mais perigoso.

— Minha irmã não está sendo alcovitada para esta missão. — Espetou Tara, cheia de fúria.

— Já está bem, Tara. — Disse Heather suavemente, virando-se para sua irmã. — O pior é que ele tem razão. Estes pequenos passeios não fazem outra coisa além de nos enervar, a elas e a mim. — Estava farta de ir às compras, cansada da tensão e do marcado medo nos olhares de Marly e Sarah enquanto estavam fora.

Ela olhou para Raider, e por um segundo, captou uma borda de selvagem falta de piedade em seus olhos. Só Rick e Tara pareciam conhecer o homem muito bem, mas havia momentos em que sua vacuidade a aterrorizava.

— Até que tenhamos algo melhor, isto é o que há. — Informou-lhes, sem piedade, Tara. — Se você não gosta de seguir ordens, Raider, pode recolher e se mandar a qualquer momento. Ninguém te obriga a ficar aqui.

A tensão se condensou imediatamente. Raider se estirou devagar, ficando em pé enquanto os outros seis agentes na estadia o olhavam com cautela.

— Sim, alguém o faz, Tara. — Grunhiu com voz mortal. — Mas me ocuparei dela quando for o momento adequado. Me avisem quando estiverem preparados para partir.

Saiu irado da sala. Não se movia rápido, não pisava com força. Nunca ouvia uma pegada, era condenadamente silencioso. E isto era ainda mais aterrador pelo completo silêncio. A porta fez clique silenciosamente atrás dele, antes que todos os olhos se voltassem para Tara.

— Sobreviverá. — Deu de ombros como se fosse indiferente, mas Heather viu a preocupação que iluminou seus claros olhos verdes.

— Esse moço vai se soltar da correia um dia. Quando o fizer, vai se armar a de São Quintín. — Bret Austin, o empregado de August que se uniu uns meses antes ao grupo, sacudiu a cabeça com cautela. — Eu não o perderia de vista.

— Não tem algo que vigiar? — Admoestou-o Tara franzindo o cenho.

Um descuidado sorriso se enviou na cara do vaqueiro enquanto seus olhos cor avelã se acendiam com a risada.

— Demônios! As vacas não são tão divertidas. Não posso ficar por aqui e olhar algo mais?

— O espetáculo acabou. — Grunhiu Tara. — Está aqui para os pormenores da casa. Assegure-se de manter esses condenados homens aqui na casa, Bret. Se nos seguirem, frustrarão o objetivo.

Bret fez uma careta.

— É uma boa coisa que Rick me promettesse trabalho, quando Cade me jogar na rua. Porque, maldição, ao final é o que fará. Mantê-lo em casa. — Soprou. — Isto é como mandar manter a mamãe urso em sua guarida enquanto tortura seus filhotes.

Tara revirou os olhos.

— Ao menos me avise se partirem. Estavam de acordo. Uma saída mais. Não nos deixe sem nos avisar.

— Farei isso. — Ele assentiu com a cabeça brevemente, embora Heather duvidasse seriamente que ele fosse contra Cade August em último extremo. Demônios, até Rick vacilou antes de elevar-se contra o irmão mais velho.

— E você. — Vaiou Tara, enquanto os homens desfilavam para fora da sala. — Permaneça fora do quarto de Sam August.

Heather arqueou a sobrancelha lentamente.

— Não é minha babá, Tara.

— Não, sou sua irmã, e te digo que os homens August são mais do que você pode aguentar. Pare de brincar com fogo e concentre-se em seu trabalho.

— Sam August é meu trabalho. — Disse ela suavemente. — Não fingirei que não sinto carinho por ele. Principalmente para você.

Ela compreendia a preocupação de Tara, conhecia as escuras experiências do passado de sua irmã, que alimentavam sua preocupação.

— Deus, Heather, ainda não aprendeu quão perigoso é isto? — Grunhiu Tara. — Ficaré marcada para sempre. A morte é permanente. Teve da primeira vez, agora afaste-se.

— Pare, Tara. — Heather encarou a irmã lentamente, metendo as mãos nos bolsos dos jeans ante a necessidade que, apesar de tudo, sentia de abraçar à outra mulher. Podia ver a dor de Tara, os fantasmas que a perseguiram. — Não pode me proteger disto, e não pode me ordenar que me afaste dele como se fosse uma criança.

— Posso te despedir. — Espetou com fúria.

— Então me despeça. — Heather deu de ombros. — Não partirei, e de qualquer modo, não permanecerei mais afastada de Sam do que ele me mantém.

A expressão de sua irmã se esticou, apertando seus lábios em uma fria e desumana linha.

— Ele quer te compartilhar, Heather. — disse Tara, tensa. — Quer saber como é isso? Realmente quer saber como é isso sem amor? Você acha que o ama. Acha que ele te ama. Mas não o faz. O amor não se apresenta assim. Isso é sexo. Isso é luxúria. Ponto.

Esto era o estilo de vida de Tara. Ela o tinha vivido com seu marido antes que Rick a tivesse afastado disso. Ela tinha se deitado entre o homem que odiava e o homem que teve piedade dela, e Heather sabia que isto quase a tinha destruído. Contudo, agora que não havia nenhuma possibilidade de emoção, nenhuma possibilidade de encaminhamento, era o estilo de vida sexual que aceitava em vez de recusar.

Heather sabia da destruição que poderia esperá-la com os August. Conhecia a dor, a traição, a perda do amor próprio que se originava de tal relação. Tinha visto com sua irmã, Rick e o irmão deste, Carl, antes do acidente de Carl e sua morte.

— Não é a mesma coisa. — Sussurrou, sabendo que sua irmã não podia vê-lo, que não podia olhar além de seu próprio passado para ver a realidade destes homens. — Não sei de que forma é diferente, Tara, mas sei que é. E não vou discutir com você. Não quero compartilhar Sam, e não quero ser mais que um abraço e um beijinho na bochecha para esses irmãos. Mas não o abandonarei dessa maneira. Não me afastarei enquanto algum bastardo estiver tentando destruí-

lo. Não o farei. Nem sequer por você. — Os olhos de Tara faiscaram com fúria, e Heather soube que a explosão era iminente. Por sorte, a porta se abriu de repente ao mesmo tempo.

— Hora de ir, gata selvagem. — A voz escura de Raider fazia jogo com a sombra negra que projetava sobre o chão. — Rick acaba de nos convocar, todo mundo em seu posto. Hora de ir às compras.

— Tenho que me trocar. — Heather sacudiu a cabeça quando deu uma olhada a sua irmã, vendo o conflito entre a cólera e o medo em sua face. — Me dê meia hora e estarei de volta.

Não esperou um comentário ou uma negativa, mas girou sobre seus calcanhares e passou junto a Raider, depressa, enquanto ele se afastava. Ela tremeu quando olhou de esguelha seu rosto. Frio, duro. Ele a olhou com um bordo de aço que era quase temível, mas o modo que olhava para Tara deveria tê-la apavorado. Heather ficou mais que surpreendida pelo fato de que isso não acontecia.

CAPÍTULO 3

O caçador observou à mulher, seus bonitos traços cheios de humor, enquanto sorria às outras duas que estavam vendo vitrines com ela. Era uma beleza, assim como as demais. Seu comprido cabelo avermelhado caía por suas costas como uma chama viva, quase roçando seus curvilíneos e esbeltos quadris. Era miúda, quase diminuta, delicadamente constituída e parecia um desses bonitos duendes que se encontram nos contos de fadas.

Estava vestida com um leve vestido de verão de linho, que mal que cobria suas coxas. Uma roupa tão escandalosa. Evidentemente a lição que tinha recebido no mês passado não a tinha impressionado sobre quão sérios eram seus pecados. Estava tentando aqueles homens, inclusive mais do que Marly e Sarah faziam.

Enquanto estivesse com esses homens August, ela balançaria seus curvilíneos quadris, ria e paqueraria com eles o tempo todo. Era uma Jezebel, e sabia. Uma tentação de cabelo flamejante, que arrastava os homens a suas perversões. Depois, o último limite seria violado, e algo deveria ser feito.

Ela parou, levantando um elegante pé para ajustar a correia de sua sandália. Tão bonita. Sua pele era suave, como a seda. Vê-la trazia a mente os suaves contornos de sua bonita vagina; a pequena fenda que a separava era incrivelmente suave. Suave e marcada com a prova de sua rebelde sensualidade. Agora levava o sinal da tentação ali, na mesma carne que tentava os simples mortais a superar os limites de seu próprio controle.

O suave montículo tinha sido quebrado pela faca, e as cicatrizes que deixou nunca seriam esquecidas. As finas cicatrizes, quase invisíveis, que ela levaria para sempre. Cicatrizes que qualquer homem que a tocasse sentiria, saberia, e portanto, reconheceria como quão tentadora era.

As outras duas mulheres não eram mais que uma irritação menor. Marly deveria ter atuado melhor, é obvio. Era um anjo, tão doce e encantadora, tão tentadora e pura antes que os bastardos a corrompessem com suas depravações. Sarah era maior, supostamente mais sábia, mas tinha sido impossível desfazer-se dela com eficácia.

Tinha sido impossível matá-la. Mas o desejo de matar não tinha estado realmente ali. Nenhum deles queria escutar, esse era o problema. Era como se as advertências do passado tivessem sido completamente esquecidas, passadas por cima e ignoradas. As palavras de sabedoria tinham sido desprezadas, e todos os sonhos destruídos. Com um golpe... um golpe desumano e poderoso... o bastardo tinha tomado tudo isto, e nunca voltaria.

Mas então, uma idéia começou a formar-se. Talvez o plano estivesse sendo executado de modo incorreto. Castigar inocentes pelos delitos dos culpados. O castigo deveria ir ao único que cometia o delito. Aquele que se recusava a entender. Recusava saber qual era seu lugar e seus delitos. Com cada delito vem o castigo, e ele já tinha cometido o delito fundamental.

Pela primeira vez em meses, um verdadeiro plano começou a se formar. As mulheres eram puras e inocentes. Faziam o que as mulheres deveriam fazer, render-se a quem elas acreditavam que eram seus legítimos professores. Não sabiam. Benditos fossem seus corações, não eram conscientes do demônio que as profanava. Eram muito doces, seus corações eram muito ternos para ver ou entender semelhante mal.

O conhecimento estava claro agora. Os olhos se estreitaram, os punhos se apertaram enquanto as mulheres caminhavam para vitrine seguinte, a loja que mostrava seus artigos com adornos. Estavam sendo corrompidas, e isto devia parar.

Um momento de distração apareceu enquanto um forte bruto começava a avançar para as mulheres. O homem, o ex-marido de Sarah, era uma lamentável desculpa de homem. Incapaz de controlar a sua mulher ou a sua casa.

O homem parou. Era óbvio que o que dizia estava afetando às mulheres. Elas se moveram para afastar-se, mas o bastardo estendeu a mão, agarrando o braço de Sarah, aproximando-a a ele. A pequena duende ruiva o tinha feito cair no chão com um murro, estava disposta a deixá-lo fugir, mas não esperava que o bastardo chutasse suas delicadas pernas. Caiu, mas ela não era frágil nem estava disposta a render-se. Levantou-se outra vez e foi para ele quando outro homem se aproximou.

Do outro lado da rua, a porta de uma caminhonete escura de vidros pintados abriu-se de repente, e um homem correu através da rua. Sam. Empurrou as costas dela, sua mão indo para a garganta de Tate enquanto o outro homem retorcia o braço de Sarah. Tate a deixou ir rapidamente, as mãos arranhando os dedos de Sam, os olhos se sobressaindo de sua cabeça enquanto era jogado contra a parede do edifício.

As mulheres estavam gritando, a ruiva estava puxando o braço de Sam, olhando a rua nervosamente enquanto se ouvia o som de sirenes. O demônio recusou-se a escutar durante longos segundos. Disse algo a Tate, um grunhido retorcendo seus lábios, um segundo antes que o jogasse na calçada como o lixo que era. Tate não pôde fazer nada mais que cair antes que o carro do xerife dobrasse a rua.

E olhando o espetáculo, uma idéia começou a girar. Não seria difícil de fazer. Sam estava furioso, e todos conheciam seu caráter, seus instintos possessivos. Isto funcionaria. O Corruptor seria destruído e enviado para longe, e as mulheres seriam outra vez puras e sem manchas. Os outros dois homens, embora exatamente tão culpados, murchariam sem o único pelo que lutavam com tanta força para proteger. Sam era o catalisador, o Corruptor, o Demônio. E devia ser destruído.

CAPÍTULO 4

—Droga Sam! O que estava tentando fazer? — Heather entrou no quarto de Sam, furiosa, depois encontrar finalmente um momento livre para lhe chamar a atenção por sua violência em uma rua pública. Parou abruptamente.

Talvez devesse ter batido, pensou. Depois, deu-se uma patada mental. Demônios, não! Isso teria sido um engano até maior. Qualquer possibilidade de pegar Sam August nu valia a pena. O homem era uma obra de arte. Era tudo o que havia de bom.

Sam girou da penteadeira onde estava mexendo. Sua boca secou, depois babou, quando viu seu corpo duro e bronzeado. Não havia nenhuma marca branca, e que a condenassem se havia algum indício de que usasse uma cabine de raios UVA. Parecia um índio. Pele escura, dura e músculos ainda mais duros debaixo. Músculos que se ondulavam e tentavam, e que lhe faziam desejar passar suas mãos sobre eles.

Seus olhos baixaram para os quadris. Não podia evitá-lo. Viu-o enrijecer completa e maravilhosamente em questão de segundos. Era como um caule duro e grosso elevando-se do meio de suas coxas. A cabeça era ampla, com forma de ameixa, e tentadora, cheia de veias e evidentemente grossa. A visão a fez muito consciente de sua própria feminilidade, da necessidade de lhe sentir empurrando dentro dela, tomando-a, fodendo-a com duras e violentas estocadas.

— Demônios, Heather! Por que sempre entra sem bater? — Grunhiu, alcançando uma calça de moletom de sua cômoda, vestindo-a bruscamente sobre suas longas e muito musculosas pernas.

— Tem uma ereção? — Perguntou, enquanto lutava por controlar sua respiração e seu pesar quando tampou a visão.

Sam murmurou algo tão baixo que ela não pôde entender, mas parecia bastante bravo com ela. Dirigi-lhe um escuro olhar.

— Por que está chutando meu traseiro agora?

Ela fechou a porta de repente, apoiando as mãos nos quadris enquanto o olhava irritada.

— Não o fazia. — ironizou — Mas agora que mencionou...

— Esquece o que mencionei. — Grunhiu, a exasperação enchendo sua voz.

— Hoje? Na cidade? — Recordou ela, ignorando a sugestão. — Que demônios estava fazendo, tentando matar aquele bastardo na rua? Quer ir para a prisão? Vai acabar ali, sabe, se apresar as coisas.

Ela observou como sua mandíbula se esticava, a fúria atravessava sua expressão enquanto seus olhos se obscureciam.

— Deixe-me em paz. — Grunhiu. — Porque quando saí, esta com humor para matar. Ele era um tema conveniente para treinamento. — O olhar desaprovador dela o fez sacudir a cabeça, irritado. — Não se preocupe, Heather. Tate não quer me enfrentar, e você sabe.

O tom de sua voz, a expressão dura, mostrava o homem cuidadosamente oculto sob o exterior risonho. Rick e Tara pensavam que Cade era o único com quem teriam que se preocupar, mas Heather sempre soubera que o exterior indolente e risonho de Sam sustentava um núcleo de aço duro e frio.

— Sam, essa não é a questão. — Negou furiosamente com a cabeça. — Droga! Estávamos ali por uma razão. Se continuar saindo das sombras, nunca vamos fazer sair o condenado caçador, para que nossos homens possam apanhá-lo.

Uma semana de compras, vestir-se com a roupa mais refinada e brincar de debutante estava acabando com seus nervos. Marly e Sarah estavam irritando-se vendo continuamente vitrines, e Cade e Brock estavam tão condenadamente nervosos por deixá-las sair sozinhas, que pareciam gatos enjaulados.

— Heather, não ficarei quieto nem permitirei que algum bastardo abuse de você, de Sarah ou de Marly. Que demônios queria que eu fizesse? — Voltou-se para ela com incredulidade. — Acha que simplesmente ia ficar ali parado, e deixá-lo te mandar ao inferno a golpes?

O que a fez pensar que ele seria sensato neste assunto? Não o tinha feito em todo o tempo, desde que o conhecia.

— Eu teria cuidado dele. — Grunhiu ela.

— Sim, eu vi. — Estalou ele. — O bastardo te deu um chute, Heather. Olhe a fodida contusão em sua perna. Deixa de me torrar o saco por tentar pará-lo.

Não tinha que olhá-lo, ela o sentia. Mas não era nenhuma tola. Sabido o que vinha a seguir, e o que podia parecer com qualquer que o tivesse visto.

— Não precisava de sua ajuda. . — Disse — Tínhamos um plano, Sam...

— Era um plano estúpido. — Grunhiu enquanto se atirava na cama, olhando-a através de suas pesadas pálpebras e os repentinamente sensuais olhos. O que era o que acontecia com os homens August, que qualquer tipo de confrontação com as mulheres produzia essa reação? Não, ela quis retificar isso quando seu coração saltou. Eles só reagiam dessa maneira com "suas" mulheres.

— Venha aqui. — Ele acariciou o colchão. — Verei se posso encontrar algo mais que me possa tocar.

Ela franziu o cenho quando olhou para a porta, então se voltou para Sam.

— Estou de serviço. Tara me daria um chute no traseiro. Além disso, estou cansada de brincar com você. Não é mais que um provocador.

Suas provocações a deixaram em tal estado de excitação. que estava a ponto de deixar ela e os outros guarda-costas loucos com suas mudanças de humor. Podia tratá-la agora como a sua amante, mas sabia muito bem que não estava a ponto de fodê-la.

— Feche a porta com a chave. Deixe-me beijar o machucado de sua perna. — Tentou-a com um suave e sedutor grunhido.

Heather mordeu o lábio enquanto dava uma olhada à porta outra vez. Ultimamente, Tara parecia uma urso com uma pata ferida gravemente. Se pegasse Heather jogando quando deveria estar trabalhando, haveria sérias conseqüências. E Tara saberia que ela estava jogando. Cada vez que Sam a tocava, excitava-a ou simplesmente a deixava desejosa, seu humor se ficava tão irritável que estava transformando-se em uma brincadeira corrente entre o grupo designado ao rancho.

— Vamos, eu te desafio. — Suavemente, brincando, impulsionava-a a unir-se a suas travessuras. — Vem aqui, carinho, me deixe beijar sua ferida. — As palavras eram infantis, a voz e a expressão eram puro pecado. Ele a tentava e sabia muito bem disso.

— Não há nenhuma possibilidade, Sam. — respondeu — Muita conversa e nada de ação.

O ar pareceu espessar-se com seu desafio.

Ele franziu o cenho.

— Não é agradável que me chamem de provocador, Heather.

Ela cruzou os braços sobre os seios.

— Está negando, Sam?

Ele deu de ombros, seu olhar era ameaçador, transbordante de intensidade, tão sexual como de cólera.

— Estou tentando te proteger, Heather.

Sacudiu a cabeça, uma sensação de desespero se estendendo sobre ela.

— Encontre alguém mais com quem brincar, Sam. — Respondeu bruscamente, vendo a surpresa, depois o calor que se estendia sobre sua face. — Estou cansada disso. E se não puder agüentá-lo, a próxima vez que tratemos de fazer sair a esse bastardo, nos deixe fazer nosso trabalho em vez de se colocar no meio. Não arranquei a cabeça de Tate por uma razão. E você deveria ter tido o suficiente bom-senso para sabê-lo.

Ela virou e saiu, dando uma portada, com a cólera e a excitação misturando em seu corpo até que pareceu um vulcão a ponto de explodir. Foi a seu próprio quarto e fechou de repente a porta.

Fechou com chave furiosamente, depois se dirigiu à porta que unia seu quarto com o de Sam. Também passou chave ali.

Era o momento de usar seu Pocket Rocket2, pensou enquanto abria a gaveta de sua cômoda e recolhia o pequeno estimulador de clitóris a pilhas. Antes que a excitação a deixasse louca, antes que lhe rogasse que a fodesse. Precisava de alívio, embora fosse sem seu toque. Precisava da força e o calor de seu corpo. E o necessitava agora.

Tirou a calcinha e o leve vestido de verão, e tirou de um chute os sapatos, deitando-se na cama enquanto gemia de agonia. Sua vagina estava palpitando, e pulsando. Sam a estava deixando louca.

Girou o controle do pequeno vibrador, movendo-o devagar sobre os lábios nus de sua vagina, enquanto seus dedos se moviam na sensível abertura. Estava muito quente, muito desesperada para ir devagar. Inundou dois dedos tão profundamente dentro de sua vagina quente como pôde, movendo o vibrador sobre o clitóris.

Seus quadris se moveram, um gemido estrangulado saiu de sua garganta enquanto movia os dedos pela espessa nata de seus sucos internos. Imaginou Sam, seus dedos movendo-se dentro dela, sua língua em seu clitóris, o fôlego quente e duro enquanto a lambia, colocando seu clitoris na boca ou empurrando a língua profundamente dentro de sua vagina.

Seus dedos estenderam a lubrificação natural de seu corpo para trás, ao longo da franzida abertura do ânus. Não pôde deter o gemido de necessidade quando o dedo do meio perfurou brandamente a abertura anal.

Recordou a única vez que Sam a havia tocado ali. A única vez que sua boca se moveu sobre sua sensível vagina, seus dedos invadindo-a enquanto um duro e comprido dedo empurrava em seu ânus.

Invadida por ambas as partes, seu corpo se sacudiu. Seus olhos estavam fortemente fechados, seu corpo estremecendo-se enquanto movia os dedos em seu interior, conduzindo seu prazer mais alto e mais profundo. A forte vibração do pequeno e poderoso dispositivo em seu clitóris fez chegar sua liberação rápida e forte.

Mordeu o lábio, gemendo, seus quadris apertando convulsivamente seus dedos quando o prazer correu por ela, explodindo através de seu clitóris, por sua faminta vagina e ressoando ao longo de seu corpo.

Heather não se incomodou em tentar respirar através da pequena explosão. Deixou-a atravessá-la, levá-la longe até que seu clitóris protestou pela forte estimulação do dispositivo a pilhas. O tirou enquanto tirava seus dedos das duas entradas de seu corpo. Ainda vibrava e embora o pior da extrema excitação se aliviasse, não estava de maneira nenhuma satisfeita. Olhou ao teto, ignorando as lágrimas, e amaldiçoou o destino e à realidade. Em seus sonhos era Sam que a tomava, embora parecesse que isso nunca iria acontecer.

Sam contemplou o teto, a excitação e a cólera correndo por seu corpo enquanto lutava para não fazer caso da ereção que o atormenta. Droga! Isto não funcionava, não com Heather na sua casa todo o dia, tentando-o, sua risada e seu sorriso atormentando-o de maneiras que forçavam seu autocontrole até o limite.

Recordava-se a encontrando na noite do ataque. Inconsciente, nua, com o sangue manchando suas pernas das navalhadas feitas sobre seu montículo. Um tinha chegado perigosamente perto de seu sensível clitóris. Magro, pouco profundo, mas apesar de tudo devastador.

Sua mão baixou, passando sob a cintura do moletom, agarrando seu membro. Ele podia sentir suas próprias cicatrizes. A cicatriz era fina, mas ainda agora, doze anos mais tarde, sentia-a

com facilidade. As linhas entrecruzavam a cabeça, a vara, seu escroto. A marca de um louco. A vingança de um louco.

Fechou os olhos, as vagas visões do pesadelo perfilando-se depois das pálpebras fechadas enquanto o batimento de seu coração aumentava e seu estômago se apertava tenso. As lembranças estavam ali, tão perto...

O discordante timbrado do telefone junto a ele tirou-o das visões do passado que se formavam. Com uma maldição em seus lábios, voltou-se e desprende o telefone.

— O que? — grunhiu.

— Você gosta de foder seus irmãos, August? — A voz de Mark Tate atravessou a linha. Sem fôlego, quase assustado enquanto falava. — Tem duas horas para vir a minha casa ou envio estas fotos que tenho a cada jornal e fiscal do país. Interessantes fotos de um homem morto.

Sam ficou quieto. Uma neblina de dor e fúria candente cresceu em suas tripas.

— É um homem morto. — sussurrou.

A linha se desconectou.

CAPÍTULO 5

Havia sangue por toda parte. Como se seu pior pesadelo tivesse criado vida. O fedor da morte era como um golpe no peito, tomando seu fôlego, roubando o ar de seus pulmões. Sam não podia fazer nada mais que olhar fixamente aquele horror. Mark Tate estava jogado na pequena e sórdida sala de estar de sua casa móvel, seu golpeado corpo quase transformado em uma polpa sangrenta. Era Mark, sabia que era, mas os traços eram quase irreconhecíveis, os membros estavam torcidos, partes de carne e sangue salpicando paredes e mobiliário por igual.

Sam balançou cabeça, lutando por respirar. Tinha visto a mesma brutalidade antes, e sentiu a violência abrasando seu corpo. Tremeu, febril e ainda gelado quando as lembranças e a realidade colidiram, e por um momento, a cena esteve sobreposta com aquelas outras.

Eu o matei, Sam, Cade gritava furiosamente em sua mente, a expressão selvagem e dominante. Ouviu? Está morto. Eu o matei. O sangue tinha manchado a ambos, a sala de suas lembranças emprestava a sujeira e agonia, e a um aterrador aroma de morte. Como o que havia aqui.

Eu o matei, Sam. A voz do Cade ressonava outra vez a seu redor.

Mas Sam tinha querido matá-lo. Matá-lo tão desesperadamente, que ainda hoje, doze anos depois, sonhava com isso. Sentia os ossos quebrando-se sob seus potentes punhos, o sangue salpicando e um grito afogado de morte em seus ouvidos.

Sacudiu a cabeça, piscando. Ainda assim não podia obrigar-se a mover-se. Tudo o que podia fazer era permanecer ali, a porta aberta atrás dele, contemplando o ensangüentado corpo e os sinais de uma dolorosa morte. O horror desta morte não estava em sua consciência, embora a anterior sim.

— Sam, recue até a porta. — A voz fria e autoritária do xerife o devolveu à realidade.

Sam congelou, o medo cintilou por sua mente durante um momento. Os punhos apertados, a mente acesa em uma resposta básica de sobrevivência antes que fosse capaz de dominá-la.

— Sam, estou apontando para você.

Sam olhou para trás devagar, sentindo como sua cara empalidecia. Não tinha ouvido a chegada dos veículos, não tinha visto as luzes intermitentes que agora lhe cegavam, nem tinha ouvido nenhuma das sirenes que soavam. Mas agora estavam ali. Três unidades do xerife, cinco homens com armas apontando a suas costas.

Virou devagar, com cuidado de manter os braços à vista. Filho de puta! Podia sentir o pânico que começava a lhe afligir. Havia um morto no reboque detrás dele. Um homem que ele tinha jurado matar um pouco antes aquele mesmo dia. Um homem que todo mundo sabia que detestava. Suas mãos tremeram. Maldição.

— Josh, acabei de chegar. — Tragou o apertado nó de sua garganta, e lutou contra a voz insidiosa que o advertia que ninguém acreditaria. Olhou suas mãos. Estavam limpas. Com arranhões, mas não ensangüentadas, e os arranhões já estavam se curando. — Não há sangue em minhas mãos, Josh. Simplesmente acabei de chegar.

Joshua Martinez se manteve firme, a pistola de polícia apontando para seu coração. Sam sentiu a fria dentada da realidade e o conhecimento de que, no momento, não podia fazer nada salvo suar.

— Recue, Sam. — Aconselhou Josh, com a ameaça ressonando em sua voz. — Mantenha as mãos onde possa as ver.

Sam tomou uma inalação profunda e difícil. Que Deus o ajudasse, não sabia se poderia deixar que Josh o algemassem, só podia rezar para que ele não quisesse fazê-lo. Recuou lentamente, lutando contra um horror que tinha jurado nunca visitar outra vez.

Seguiu as ordens de Josh explicitamente, apoiando-se contra o carro do xerife enquanto o revistavam, respondendo as curtas perguntas de Josh com uma voz enganosamente tranqüila. Estava tudo, menos tranqüilo.

— Não vou te algemar, Sam. — Disse Josh em voz baixa, enquanto recuava. —. Embora tenha que te prender. Vai dificultar isso?

Sam tragou fortemente, assentindo com um breve movimento de cabeça.

— Chamarei Cade...

— Não. — Pediu com brutalidade. — Não fiz isso, Josh. Não transtorne a minha família. Entea nesse reboque e tudo o que encontrará são meus rastros na porta e na luz. Tinha acabado de chegar. Juro, homem. Não tem nenhum sentido desgostar a minha família.

Não tinha nenhum sentido piorar os pesadelos.

Josh abriu a porta. Sam se armou de coragem quando vislumbrou a jaula de aço onde estava sendo obrigado a entrar voluntariamente. Entrou, sua mente gritando que corresse, que se escondesse, que escapasse da jaula. Seus punhos se apertaram e a respiração começou a entrecortar-se. Entrar na parte posterior do carro patrulha do xerife não era a decisão mais difícil que tinha tido que tomar em sua vida, mas estava entre as dez primeiras.

A porta se fechou de repente atrás dele. Aspirou bruscamente, fechando os olhos em um intento de deixar fora a realidade de que o estavam prendendo. Deixou fora os sons que o rodeavam, as luzes intermitentes e o conhecimento do que poderia vir. Em troca, pensou nela. Heather.

Estaria dormindo pacificamente na casa do rancho, seu comprido cabelo vermelho rodeando como um halo sua cabeça, sua face ruborizada e malditamente inocente. Teria posto algum daquelas pequenas e sedutoras camisolas com o que a tinha visto outra noite?, perguntou-se. Com certeza que sim, convenceu-se. Seda, é obvio... Talvez aquela verde. O corpete de seda e encaixe que a fazia luzir tão condenadamente bonita. Seus olhos, cintilando como esmeraldas e tentando-o, seu sorriso meloso, prometendo os mais doces segredos.

Querido Deus, nunca deveria ter saído essa noite. Deveria ter ignorado Tate quando o chamou, em vez de deixar a casa como um tolo. Este não tinha sido um dos movimentos mais inteligentes que tinha feito em sua vida.

Não tinha desaparecido durante muito tempo, assegurou-se. Tinha falado com Cade e Rick antes de deixar a casa, embora eles não soubessem aonde ia. Tinha vindo diretamente aqui, não

tinha parado em nenhuma parte. Passou as mãos sobre a face, enojado com o fino e frio suor que limpou de seu rosto.

Deus, isto não podia estar acontecendo.

Heather. Seu nome era um mantra que sussurrava em sua mente. Pele de seda, e beijos quentes; algo que também lhe negava. Fez uma careta. Algo que se negava a si mesmo.

— Sam? — Josh abriu a porta do lado do condutor e se deslizou no carro. — Tenho que te prender, companheiro. — Deu a volta, olhando fixamente através das grades com seus sombrios olhos marrons. — Vai levar um momento empoeirar os rastros digitais e outras coisas do tipo. É uma confusão de mil demônios o que há aí dentro.

— Josh. — Sam estremeceu com o som áspero de sua própria voz. — Não fiz isso. Só me deixe ir para casa. Estarei ali se me necessitar. Prometo.

Josh suspirou, sacudindo a cabeça enquanto fechava sua porta.

— Um dos rapazes trará sua caminhonete. Teremos que registrá-la, e deixar que o investigador termine seu trabalho. Tenho que te prender até então, Sam. Não tenho outra opção.

Prendê-lo. Em uma cela. Podia sentir o suor caindo por sua cara, por seu corpo. Demônios, iria direto ao inferno!

— Pode chamar Cade do escritório...

— Maldição! Não preciso de Cade. — Cuspiu Sam, depois esticou o corpo para controlar-se. Controle. Não sobreviveria sem ele. — Lamento, Josh. — Passou os dedos cansadamente por seu cabelo enquanto Josh o olhava, sua expressão clínica, sem emoção. — Não é todo o dia se vê algo assim.

Mas esta não tinha sido a primeira vez que ele tinha visto tanto sangue, tampouco. Não era o primeiro corpo quebrado e mutilado, os primeiros ossos quebrados, nem o sangue fluindo. As náuseas brotavam de seu interior enquanto as imagens dispersas revoavam por sua mente.

— Demônios! Não, não é todo o dia. — Grunhiu Josh, girando-se. — Esperemos que tenham as coisas resolvidas para amanhã.

Sam rezou para que as tivessem resolvidas antes disso.

CAPÍTULO 6

Era uma jaula. Uma cela. As barras o rodeavam, encerrando-o, os pesadelos se enroscavam à borda da realidade, e faziam com que o suor empapasse seu corpo e sua roupa. Uma jaula. Barras que estavam fechadas com chave. Era incapaz de escapar, incapaz de fugir do monstro que o estava destruindo lentamente.

Sam sacudiu a cabeça, lutando contra as imagens do pesadelo, do sentido de irrealidade que o rodeava. Apertou os punhos. Agora era mais velho, mais forte, e um inferno muito mais perigoso do que o tinha sido então. Além disso, este era a prisão do condado, não o porão da mansão de algum bastardo. Aqui havia janelas.

Ficou de pé e deu alguns passos, tentando ignorar as barras tanto como podia. Dirigiu a vista para o estacionamento enquanto passava os dedos pelo cabelo úmido. Droga! Tinha que sair daqui. Podia sentir sua garganta fechando-se e o terror rugindo na borda de sua mente.

Secou a testa, fazendo uma careta ante o frio suor que molhava suas mãos. Podia senti-lo ao longo de seu corpo. As costas. O peito. Lutou para escapar do medo. Maldição, não era nenhum menino. Poderia dirigir isto. O xerife Martinez comprovaria que as coisas eram exatamente como Sam lhe havia dito, e o soltaria.

Mas e se as provas não o demonstrassem? Aquele insidioso pensamento estremeceu sua mente. Seu estômago se alterou, caindo no terror ante essa idéia. Que Deus o ajudasse, não poderia permanecer aqui durante muito mais tempo.

Não vai a nenhuma parte, moço. O fantasma de seus pesadelos ressonou em seu cérebro. Teve uma oportunidade, pequeno Sam... Ofereci-lhe isso, e não a agarrou. Sam sacudiu a cabeça. Suas lembranças mais bem guardadas escorregavam, diabolicamente, através do véu que freqüentemente as escondia. Não queria que escapassem, não queria recordar a atormentadora e escura dor daqueles meses em que ele e seus irmãos tinham sido mantidos cativos.

Está tudo bem, Sam. Eu o matei. Eu o matei, Sam. Recorda-o. Recorda, Sam. A voz de Cade era selvagem, determinada. O sangue os rodeava, mas nada disso tinha quebrado Cade. As mãos de Sam estavam manchadas de sangue. Seu corpo nu, quase esfolado até os ossos, entrecruzado por atrozes hematomas e profundos cortes. Doía-lhe. Deus, doía tanto, e havia tanto sangue.

Sacudiu a cabeça. Acabou, Sam. Eu o matei. Deixa-o ir. Acabou. A voz de Cade era insistente enquanto usava o tom que os irmãos mais jovens sabiam que não tolerava negativas.

Derrubou-se na cama da cela, segurando a cabeça entre as mãos enquanto lutava contra a chicotada das lembranças que eram tão brutais como a vara que uma vez tinha sido usada contra eles. Não recordava tudo. Nunca o fazia. As violações que recordava. As drogas, alucinadas horas nas que tinham sido obrigados a...

A bílis se elevou em sua garganta. Tinha gritado aquela primeira vez. Todos o tinham feito. E o bastardo riu. Mofando-se enquanto os obrigava a fazer mal uns aos outros. Tragou com força e dificuldade. Tinha-os destruído de maneiras que nunca poderia ter imaginado. Inclusive sua morte não tinha parado o horror.

Deus! Desejava que Martínez se apressasse. Maldição! Quanto tempo levava empoeirar aquele lugar de merda e tirar as impressões digitais? Deveria ser condenadamente fácil o saber que só tinha chegado até ali.

Não tinha nem idéia de como Mark Tate tinha encontrado finalmente sua justa recompensa, mas não era mais do que merecia. Não que Sam não tivesse matado o bastardo se tivesse tido a possibilidade. Apertou as mãos enquanto as pousava nos joelhos. Abrindo os olhos, olhou para seus punhos, como se pertencessem a outro alguém. Durante um instante, gotejaram sangue... dele e de alguém mais. Então sacudiu a cabeça e o sangue se foi. Tudo o que via eram as pálidas e finas linhas que cruzavam o dorso de suas amplas e ásperas mãos. Entrecruzavam-se daqui para lá em um desenho de horror. Um aviso. Uma assinatura do diabo. As mesmas cicatrizes pequenas e finas como teia de aranhas cobriam outras partes de seu corpo. Partes sensíveis, muito sensíveis.

Aspirou com força e profundamente. Se não saísse daqui, ia ficar completamente louco.

— Sam. — O xerife Martinez entrou na área das celas, deixando a porta principal aberta enquanto se aproximava.

Sam levantou a cabeça lentamente, lutando para controlar-se diante do outro homem. Josh Martinez tinha ido à escola com os irmãos August, conhecia-os como ninguém mais os conhecia, supunha Sam. Mas o outro homem não tinha nem idéia do inferno pelo que estava passando agora mesmo.

— Me deixe sair daqui, Josh. — disse com voz rouca. — Não matei esse bastardo. Sabe que não o fiz.

— Os forenses não encontraram nenhum rastro seu, ou seja, quem é que chamou e denunciou o assassinato não se apresentou. Vou te deixar ir, mas te aconselho a conseguir um advogado, cara. — Abriu a porta, as chaves tilintavam, burlando-se de Sam e das nebulosas lembranças que gemiam em sua mente.

Sam lutou para não tremer quando se levantou da cama e deixou a cela. O ar na área das celas era opressivo, espesso e ameaçador.

— Não necessito nenhum fodido advogado. — Respondeu abruptamente Sam, cruzando rapidamente pela porta. — Já lhe disse, não o fiz.

Não que o bastardo não merecesse morrer, pensou Sam vingativamente. Mark Tate tinha sido um desperdício de carne humana.

— Isto não é bom o bastante, Sam. — Josh fechou de repente a porta externa atrás deles, seguindo Sam através do pequeno escritório do xerife, enquanto se dirigia rapidamente para a saída. Precisava de ar, e Por Deus, necessitava-o agora.

— Terá que ser. — Sam virou, ignorando a frustração que vislumbrou na cara do xerife. — Eu não estava lá, Josh. — Mas sabia que teria matado o bastardo se tivesse tido a oportunidade.

— Envolver um homem é mais fácil do que pensa, Sam. — Advertiu Josh, suavemente. — Tome cuidado e não deixe que ninguém lhe faça isso. Se seus rastros tivessem estado em uma só coisa daquela sala, teria tido que te prender.

Sam respirou fundo.

— Coincidências. — resmungou.

Josh sacudiu a cabeça devagar, seus olhos marrons se estreitaram, pensativos.

— Não acredito. Comprovei eu mesmo. Alguém tomou muito cuidado para fazer parecer que estava ali. E muito cuidado para fazer a cena tão sangrenta como fosse possível.

O estômago do Sam se revolveu. Recordava o sangue, maldição. Muito sangue.

— Entretanto, o bastardo ofereceu resistência. De maneira nenhuma teria podido lutar contra ele sem ao menos alguma contusão. Assim, vou deixar você ir. Mas vigie seu traseiro. — Advertiu de novo. — Da próxima vez, pode ser que não seja tão sortudo.

Sam assentiu bruscamente antes de lançar-se pela porta. Se não saísse da sufocante atmosfera do escritório do Xerife, ia envergonhar a si mesmo vomitando no encerado chão da entrada.

Fora, o sol brilhava sobre ele com abrasadora intensidade enquanto se dirigia com rápidas pernadas para sua caminhonete. Filhos da puta. O departamento do xerife a tinha revistado, sabia. Seus punhos se fecharam ao pensá-lo. A porta não estava trancada, as chaves penduravam-se no contato. Sam saltou ao Explorer negro de quatro portas e girou a chave furiosamente. O motor arrancou imediatamente e se largou a toda velocidade do estacionamento se não tivesse recordado sua carteira. Josh ainda a tinha, depositada no escritório junto com as chaves que tinha pego.

Fez uma careta. Deixando o veículo em marcha, saltou e correu para a porta outra vez. Talvez pudesse conseguir que Josh simplesmente a aproximasse da porta. Estava começando a subir as escadas quando uma explosão estremeceu a terra, lançando-o pelo ar com uma rajada de calor que lhe tirou o fôlego.

Sam golpeou o chão com força, o ombro se chocando contra o pavimento, a cabeça raspou contra uma parede enquanto a luz se apagava. Seu último pensamento foi rogar que sua caminhonete não tivesse saído muito maltratada. Droga, acabava de comprá-la.

CAPÍTULO 7

— Sam, a este passo, vai bater meu recorde de permanências no hospital em um ano. — Brincou Marly quando se sentaram na parte detrás da limusine, dirigindo-se de volta do rancho vários dias mais tarde.

A caminhonete estava destruída. O explosivo tinha funcionado mal, por outro lado... Sam fez uma careta. Um August torrado servia para dar prazer ao bastardo que com toda probabilidade tinha estado olhando todo o espetáculo.

Sam sorriu com seu habitual e temerário sorriso, deliberadamente. Não havia nada que dizer. Nem sequer a Marly. Mark Tate estava morto, sua caminhonete estava destruída, e segundo Cade, tinham perdido mais de quarenta cabeças de gado a noite anterior, nas mãos de algum maníaco que as tinha liquidado uma a uma antes que Rick e seus homens pudessem fazer algo para detê-lo.

Doze fodidos guarda-costas e ninguém podia apanhar o filho da puta. Simplesmente, não fazia sentido para ele.

— Sam, por que não ligou para casa quando estava naquela prisão de merda? — A voz de Cade que o tirou de seus pensamentos.

O tom era sombrio e zangado. Sam examinou a cara de seu irmão e viu a fúria refletida ali. Deu de ombros.

— Sou um menino grande agora, Cade. Posso cuidar de mim mesmo.

O sangue cobria suas mãos. Baixou o olhar a suas mãos quando a visão surgiu em sua mente. Nada de sangue, só as cicatrizes.

— Passou toda a noite em uma cela e não teve o bom-senso de chamar a sua família? — Perguntou Cade, bruscamente. — Que inferno está acontecendo com você ultimamente?

Sam podia ouvir o eco dos pesadelos de Cade em sua voz. Uma cela. A dor, a raiva, e a risada de um louco.

— Não preciso que seja meu protetor, Cade. — Sam quase estremeceu com o som de sua própria voz, mas uma fria e oculta parte de sua alma, de repente, endureceu-se, fazendo-se claramente visível.

Os olhos de Cade cintilaram, chapeados pela fúria. A expressão endurecida e o grande corpo tenso, enquanto Marly os olhava, confusa.

— Sam, estávamos preocupados. — A suave reprimenda de Marly doeu em sua consciência.

Passou as mãos pelo rosto, sacudindo a cabeça, enquanto tentava aquietar os demônios que lutavam dentro dele.

— Sinto muito. — respondeu — Foi uma semana infernal.

— Sam. — Sentiu-a mover-se e seus braços a rodearam instintivamente enquanto subia em seu colo.

Oh, Deus. Ele tremeu, sentindo o calor, o suave peso que se abraçava contra seu peito. Abriu os olhos, olhando diretamente aos de seu irmão. Não havia ciúmes, nem cólera porque ela estivesse em seus braços. Cade olhou a sua amante com luxúria mesclada com a cólera que sentia para ele, por ele. Uma luxúria que Sam sentia por ela. Uma luxúria que sentia pela amante de Brock, Sarah. As necessidades e desejos que ambos os homens, ele sabia, compartilhavam pela mulher que Sam tinha que reclamar ainda para si... Heather.

No momento, Marly estava em seus braços, e como sempre, os demônios se apaziguaram, embora seu coração ainda doesse. Doía por ele, por Cade e Brock, e por Marly. Sentiu seus lábios no pescoço, tão relaxantes e suaves, tão quentes e doces como o seriam para seu irmão.

— Marly. — Tragando fortemente, as mãos dele se apertaram contra a cintura dela, enquanto se movia para sentar-se escarranchado sobre seu corpo.

O guichê à prova de som estava levantado entre a parte traseira e a dianteira da limusine. O desenho especial de cada compartimento permitia aos irmãos manter sua intimidade dos guarda-costas adiante.

— Sam. — Ela segurou suas faces entre as mãos.

Seus azuis olhos eram amplos, insondáveis e cheios de amor. Ela conhecia suas necessidades. Sabia dos escuros demônios, os pesadelos, a cólera e o medo que enchia a todos eles. E ele quis gritar de agonia. Não deveria ser seu assunto aliviar sua dor. E ainda assim ela o fazia. Que Deus o ajudasse, mas realmente isto o aliviava. Aliviava sua alma.

Apoiou a cabeça contra o respaldo do assento, sentindo o movimento de seus lábios sobre o pescoço, seus dedos lhe abrindo a camisa. As mãos dele se apertavam em sua cintura enquanto a língua lhe acariciava a veia que palpitava na garganta. Seus dentes o raspavam, disparando sua tensão arterial.

Então ela se moveu mais abaixo, sua boca tirando as horríveis lembranças que palpitavam em seu cérebro, apagando o horror de seus próprios gritos. Os pequenos gemidos dela, suas mãos quentes o tocando. Olhou para Cade, enquanto sentia que seu jeans estava sendo aberto.

O outro homem estava olhando a sua amante com turvos olhos cinzas. A desgraçada raiva de suas próprias lembranças se foi, substituída por luxúria e amor. Sam sepultou as mãos na espessa longitude do cabelo de Marly enquanto ela abria seus jeans, liberando a grossa longitude de seu pênis.

Seu corpo se sacudiu.

— Droga. Marly. — Sua boca se fechou sobre a palpitante cabeça com úmida excitação, amamentando com pressão.

Viu o gesto de Cade, observando a erótica visão. Sam baixou o olhar para Marly, vendo-a ajoelhar-se entre suas coxas, trabalhando com a boca sobre o escuro eixo de seu pênis. Calor, pressão, golpes úmidos de um incrível prazer sensual.

— Está me matando. — Disse com voz entrecortada a seu irmão, enquanto ela puxava a cintura de seu jeans.

Marly gemeu ao redor de seu pênis, levando a cabeça a sua garganta antes de retirar-se e baixar sobre ele outra vez. O relâmpago chispou em sua carne, o golpe de sua língua, a delicada raspagem de seus dentes, exatamente da maneira em que gostava. E durante um momento houve paz.

Ele levantou os quadris, ajudando-a a arrastar o jeans por suas coxas, os lábios dela nunca soltando seu pênis, embora sua mão, quente e tentadora, começasse a jogar sensualmente com seu escroto.

— Ela mata a todos nós. — Sussurrou Cade.

Não havia ciúmes, nenhum sentimento de cólera ou relutância. O prazer se formava em redemoinhos ao redor deles, esquentando o interior do fechado espaço, lhes umedecendo a pele com o calor da paixão, apesar da constante quebra de onda de ar fresco dos condutos do ar condicionado sob o assento.

Sam contemplou então como Cade se movia. Suas mãos foram ao zíper do curto vestido dela. O som de sua abertura esticou os músculos de Sam. Pensar no que vinha quase estava acabando com seu controle. Seu pênis se sacudiu, derramando uma pequena gota de sua semente na ambiciosa boca de Marly.

Ela gemeu, seus lábios acalmando, a língua vibrando, provando a pele sensível da glândula. Ele estremeceu, suas mãos apertaram o cabelo de Marly enquanto Cade baixava os suspensórios de seus ombros, tirando o vestido que usava.

— Vem aqui, bebê. — Sussurrou Cade acaloradamente, enquanto a separava do sensual banquete que estava fazendo no pênis de Sam.

A perda do prazer foi quase uma dor física. Ele agarrou sua desesperada carne, acariciando devagar enquanto olhava como Cade despia à pequena tigresa. Ela sorriu, um sensual sorriso de

prazer quando o vestido foi tirado de seu corpo, deixando-a só com a calcinha cor meia-noite que levava sobre sua vagina depilada.

A boca de Sam babava. Não esperou a Cade, estendeu a mão, afastando o pedaço de tecido de seu corpo, enquanto Cade a mantinha segura entre suas coxas, as costas arqueadas contra seu peito. No momento em que a calcinha caiu no chão, Sam estendeu suas coxas, ficou de joelhos diante dela, sepultando a boca na empapada vagina.

O suave e quente mel recebeu seu íntimo beijo quando sua língua se inundou dentro. Ela estremeceu, lançando um grito de prazer enquanto levantava as pernas, colocando-as sobre seus ombros enquanto ele e Cade a mantinham suspensa entre eles.

Ela estava gritando ritmicamente o nome de Cade, e quando Sam elevou a vista, pôde ver os dedos ásperos e varonis que brincavam e acariciavam seus largos mamilos, as mãos cavadas sobre os cheios montículos de seus seios. Lambeu sua vagina, fodendo com uma língua enquanto suas mãos agarravam e separavam as bochechas de seu traseiro. Ela se retorceu contra sua boca quando seus dedos encontraram a ampla base do lubrificado plugue inserido em seu ânus. Estava pronta para eles. Ela sabia, queria lhe dar o presente de sua paixão, o alívio que vinha com isso.

— Cade. Não posso esperar. — Estava desesperado por empurrar dentro dela, por sentir o quente e apertado agarre por seu quente e proibido canal.

Só isto apagava a agonia da lembrança da dor. Ser agradado no que lhes tinha sido tirado com dor.

— Venha aqui, carinho. — Cade se recostou com no assento da limusine, sentando Marly sobre ele enquanto as pernas de lhe abraçavam os quadris.

E Sam olhou. Olhou quando o grosso pênis que brotava do tecido aberto dos jeans de Cade, beijava a pequena entrada da apertada e gotejante vagina de Marly. Estava aberta para ele, como uma pequena e ambiciosa boca, separando-se para a ampla extensão da cabeça de seu pênis.

Sam estava quase tremendo de entusiasmo enquanto pinçava na pequena gaveta, debaixo de um dos assentos. Ali, encontrou o tubo de lubrificante que sempre estava a mão. Recusando afastar os olhos do espetáculo de Marly, que estava sendo tomada lentamente, centímetro a centímetro enquanto gemia de prazer, lutou com o plugue, espremendo o suave gel em sua mão e começou a acariciar sua carne quente com ele.

Deixou cair o tubo na gaveta, depois estendeu a mão, agarrando a base do plugue enquanto Cade pressionava o último centímetro em sua estirada vagina. Ela lançou um grito quando ele deslizou o dispositivo por seu traseiro. Este também caiu esquecido no chão enquanto se colocava atrás dela.

Olhou... não podia evitá-lo. Olhou enquanto seu pênis se apertava contra a estreita abertura de seu ânus. A cabeça se mexeu. Ele estava tremendo, a antecipação do prazer era quase suficiente para lhe enviar direto para sua liberação.

— Sam! — Marly gritou seu nome enquanto ele começava a entrar nela.

Devagar. Oh, Deus, tão lento. Olhou enquanto seu lubrificado pênis estirava os músculos apertados ao entrar nela. O calor chamuscou sua carne quando os músculos se fecharam ao redor de seu pênis. Tremeu com o feroz estalo de prazer, lutando para controlar-se. Queria tomá-la devagar, suave... gemeu ante o fracasso. Seu pênis se introduziu, profundamente e com força, dentro do túnel sedoso e ardente como lava de seu ânus, enquanto ela gritava de prazer e dor.

Ouviu o gemido de Cade, e soube que sua vagina agarrava a vara de seu irmão, se apertando até um ponto quase doloroso. O suor gotejou ao longo de sua testa e desceu por suas costas. Retirou-se e começou a empurrar nas profundidades apertadas de seu traseiro. Debaixo, Cade agarrou os quadris dela, sua vara empurrando com força e profundamente dentro de sua vagina, em perfeita sincronia com o eixo que acariciava seu reto.

Marly estava quase gritando agora seus nomes. Retorcida entre eles, pedindo a Cade o orgasmo que se construía dentro dela.

— Sim. — Sussurrou Sam, a voz áspera. — Goza, Marly. Goza, bebê. Aperta mais o meu pau.

Sam quase estava gemendo, o prazer era extremo. Necessitava-a para gozar. Precisava sentir seu orgasmo ondulando através de sua vagina, apertando mais seus músculos. Sentiu que os golpes de Cade se intensificam através da magra parede de carne que separava os invadidos canais. Ele igualou o ritmo, sentindo-a esticar-se, sentindo ondular as paredes de seu ânus, tremer. Então, com uma quebra de onda de força, os músculos dela frearam sua carne enquanto gritava sua liberação. Cade estava gritando, golpeando profundamente dentro dela, mantendo-a perto. Então Sam já não pôde conter-se. Empurrou duro e rápido. Uma vez, depois outra, enquanto as abrasadoras ondas de calor corriam desde seu estômago, a suas costas, e através de seu pênis.

Explodiu enquanto se impulsionava dentro dela. Empurrando com força e rápido, inclusive enquanto seu pênis fazia erupção, jorando seu sêmen nas profundidades complacentes e ambiciosas de seu traseiro. As sensações acrescentadas, agonizantes por sua intensidade, empurraram sua liberação mais alto quando se sepultou, profundo e duro uma última vez. Seu corpo estremeceu enquanto ela se esticava outra vez. Estava tremendo e chorando, sustentada sobre Cade enquanto lentamente voltava para a terra.

Lutando para respirar, Sam se deslizou dela, olhando como sua semente danificava a cremosa e perfeita pele de pêssego de seu pequeno buraco. Estremecendo-se, tirou uma pequena toalha de outra gaveta sob o assento, e suavemente a limpou.

Cade estava quieto sepultado dentro dela, a voz suave e relaxante, enquanto a acalmava. A intensidade de seus orgasmos, quando estava com os irmãos, freqüentemente a lançava na inconsciência. Ela o odiava, e poderia ficar de mal humor durante dias por isso. Por sorte, Cade parecia ter encontrado uma cura.

Sam caiu em seu assento outra vez, respirando profundamente. A culpa persistia em seu interior, um medo de que estivesse machucando-a, mais que amando à pequena mulher que tinha conhecido fazia tanto tempo. Mas agora estava tranquilo. Aquele duro e frio núcleo de raiva e ódio, que freqüentemente sentia crescer dentro dele, descongelou-se, no momento.

A suave risada de Marly atraiu seu olhar para o casal de novo. Cade tinha saído e posto seu jeans, e estava ajudando agora a Marly a vestir-se uma vez mais. Sussurrava-lhe suavemente enquanto ela sorria de prazer, de felicidade. Seu irmão, uma vez duro e amargurado, absorvido pelos pesadelos do passado, suavizou-se sob o carinho de Marly e sua aceitação. Como todos eles o faziam de algum jeito.

O mesmo acontecia com Brock. Sarah aliviava seus demônios. Ela o curava com amor e o acalmava com a risada, e embora Sam nunca se sentisse excluído, mantinha-se à margem.

CAPÍTULO 8

Heather soube, quando viu o trio descer da parte posterior da limusine, o que tinha acontecido durante a viagem do hospital. Analisou a expressão de Sam com cuidado, observando um alívio da tensão que tinha estado crescendo durante sua permanência no hospital. Seus olhos não estavam frios nem duros, sua face não parecia esculpida em pedra, nem perigosa. Parecia preparado para organizar alguma travessura outra vez, até que a viu.

Ela viu como a animação se dissipava. A tristeza cintilou em seus olhos, e a pena. Mas não a culpa. É obvio, não havia nenhuma razão para que se sentisse culpado. Não eram amantes, nem

sequer eram amigos. Apesar do calor sexual que crescia entre eles, não a havia tocado desde antes do ataque, quase dois meses atrás. Não a havia tocado, e não parecia ter pressa para fazê-lo. Mas, sim, havia tocado às mulheres de seus irmãos.

O ciúme gritava em seu interior. Seus dedos se apertaram com a necessidade de ficar como uma fera com ele. Seu peito doía pelas lágrimas que recusava derramar.

— Não pode mudá-lo, Heather. — Tara se situou atrás dela, observando enquanto o trio falava depois de sair da limusine.

— Não disse que queira fazê-lo, Tara. — Disse, suavemente. Embora soubesse que sim, queria que mudasse. Queria ele, de coração, corpo e alma, do mesmo modo em que ele poderia tê-la, se o admitisse.

Tara não respondeu enquanto os três caminhavam para o alpendre. Estavam flanqueados pelos dois guarda-costas que tinham ido na limusine, com as armas preparadas.

— Isto me deixa doente, Tara. — Disse Cade, quando a porta se fechou atrás deles. — Tenho um maldito rancho que levar.

Tara suspirou enquanto Heather observava Sam dar uma olhada ao redor da casa. Havia pouca intimidade agora dentro do enorme rancho.

— Estamos nisso, Cade. — Prometeu Tara com voz firme, embora absolutamente conciliatória. — Rick deveria estar de volta esta noite com a informação que procurava, assim esperamos ter respostas logo.

— Vou subir. — A voz de Sam rompeu através do começo de outra acalorada discussão sobre as medidas preventivas ao redor do rancho e da família August.

Heather sabia que todos eles começavam a irritar-se sob as restrições, e a tensão de esperar a um maldito fantasma que golpeava quando menos o esperavam.

— Ainda não, Sam. — Heather observou enquanto Tara o bloqueava.

— Pare. — A mal controlada violência no tom do Sam a parou em seco.

Heather olhou surpreendida, enquanto a expressão de Sam se endurecia, os olhos se voltaram frios e tristes.

— Sam, tenho que saber que demônios aconteceu. — argumentou Tara.

— Então chame o xerife. — Grunhiu ele, movendo-se diante dela. — Necessito uma ducha e uma fodida sesta. Não um molho de perguntas às quais já respondi.

Ele a ultrapassou. Quando sua irmã foi pará-lo outra vez, Heather pôs sua mão no braço da mulher, lhe advertindo.

— Deixe-o ir, Tara. Agora não é o momento adequado.

Tara se voltou para eles, seu olhar ia de Cade a Heather.

— Como demônios acha que vou proteger seu traseiro? — espetou ela — Vaga ao redor a todas as horas da noite, recusa-se levar os guarda-costas com ele, e recusa-se a responder perguntas. Onde nos deixa isto, Cade?

Todos estavam preocupados com Sam. Durante os meses passados, a escura cólera, mal vislumbrada em seus olhos cinza, estava crescendo. Estava mais tenso do que tinha estado nunca, e mais zangado.

Cade virou-se para Heather, em seus olhos cinzentos se formando redemoinhos de preocupação e a raiva.

— Você é única que pode parar isto, Heather.

Os olhos de Heather se abriram de par em par. Como infernos achava que podia parar algo disso?

— Maldição, Cade! — Gritou Tara então, levantando a voz. — Não tente colocá-la neste enredo.

— É sua decisão, Tara. — grunhiu ele furiosamente — Deixe de bancar babá, isso não vai ajudar em nada.

— E droga, aos homens August em alguma exaltada orgia o fará? — Sua voz estava elevando-se, a cólera surgindo através dela.

— Merda, Tara, fecha o fodido bico! — Soltou Heather, movendo-se entre os dois combatentes. — Isto não é assunto seu, é um assunto entre Sam e eu, e ele não me quer aqui. Assim, a questão não é discutível.

A cabeça de Cade virou bruscamente, os penetrantes olhos, cheios de cínica brincadeira.

— Está louca, Heather? Não há nada que Sam queira mais neste mundo que te amar. Não se faça a tola a estas alturas.

Heather tomou uma profunda inspiração para serenar-se.

— Então é malditamente bom negando-o. Mas de qualquer modo, isto está fora de questão. — Olhou a Marly, vendo o brilho de humor nos olhos da outra mulher, o modo em que olhava a Cade e a Tara como se fossem crianças, discutindo sobre um brinquedo querido. A mulher nunca deixava de assombrá-la.

— Heather tem razão. — Disse Marly firmemente, colocando a mão sobre o musculoso braço de Cade. — Sam tem que resolver isto por si mesmo, e também o fará Heather. Todas as discussões do mundo não mudarão isso, Cade.

Ele passou os dedos pelo grosso cabelo negro.

— Maldição, Marly, ele vai conseguir se matar.

O escuro medo que palpitava na voz de Cade pareceu encher o saguão inteiro. O vínculo que os homens compartilhavam era muito mais profundo que qualquer relação entre irmãos que Heather tivesse visto.

— Falarei com ele, Cade. — prometeu Heather. Quando Tara ia protestar, levantou sua mão e fez um brusco movimento da cabeça. — Isto não é assunto seu, Tara. É meu e de Sam.

— Maldição! — Tara deu a volta e saiu pisando com força da casa, o som de suas botas ressonava fortemente no chão de madeira, fazendo Heather tremer. Tara só fazia isso quando estava realmente com raiva.

— Heather, Sam está sendo muito imprudente. — Soltou Cade, sua voz rouca pela preocupação. — Não importa o que ele diga, tenta permanecer o mais perto possível dele. Pare de permitir que escape de você.

— Cade, não posso obrigar a Sam a fazer nada. — Disse firmemente, enquanto passava os dedos de ambas as mãos por seu cabelo. — Ele não me quer perto.

— Ele quer, Heather. — Marly virou para ela, seus olhos azuis suaves e conhecedores. — Esse é o problema. Sam te quer desesperadamente.

Heather soprou.

— E como sabe isso?

— Porque é seu nome que ele grita enquanto goza nela. — Grunhiu Cade, enquanto Marly rolava os olhos com exasperação. — Maldição, Marly, não tem nenhum sentido andar pisando em ovos. Se ela não souber já, então nunca o fará.

— Tampouco tem nenhum sentido ser grosseiro. — Indicou Marly, lhe franzindo o cenho com um toque de aço que surpreendeu a Heather.

Cade fez uma careta enquanto colocava as mãos nos bolsos dos jeans e apartava o olhar durante vários segundos. Quando seu olhar voltou, era mais suave, desculpando-se.

— Sinto muito. — suspirou ele — Marly tem razão, não há nenhuma desculpa para isso.

— Cade, só porque sou consciente de seu estilo de vida, não significa que esteja de acordo com isso. — Heather cruzou os braços sobre seus seios, olhando-o com curiosidade.

Ela tinha sido mais que consciente da especulação nas expressões de Cade e Brock, nas poucas vezes que os pegou observando-a. Não era luxúria, não no sentido normal. Era difícil explicá-lo. Uma emoção formada de redemoinhos em seus olhos, definitivamente afeiçoado, mas ainda assim, algo indefinido.

A luxúria sexual poderia ter entendido. Via-o freqüentemente quando cada homem olhava a sua respectiva amante. Mas essa emoção sem nome também estava ali quando eles tocavam, ou olhavam às amantes dos outros. A emoção que Cade sentia por Sarah, que Brock sentia por Marly, e agora, esse mesmo olhar estava sendo compartilhado com Heather. Era confuso, e freqüentemente a mantinha acordada muito tempo de noite, enquanto tentava defini-la.

— Sua aprovação não é o que estamos pedindo, Heather. — A voz de Marly se esfriou, erguendo a cabeça orgulhosamente. — Pedimos para que fique mais perto de Sam. Que tente diminuir sua imprudência. Não finja que não o quer, exatamente como ele não pode fingir que não te quer. Apenas... lhe dê algo, além dos demônios, no que concentrar-se, se realmente o ama quanto suspeito que o faz.

Heather respirou fundo, seus lábios apertando-se irritados enquanto enfrentava Marly. Raramente via a outra mulher algo menos que tranqüila e sorridente. Esta mostra de maturidade sutilmente temperada que vislumbrava nela era uma surpresa.

— E se estiver errada, Marly? — Perguntou suavemente, olhando nos olhos azul escuro que a contemplavam com frieza. — E se isto não for mais que luxúria? Então o que?

Marly sorriu, sua expressão se suavizou, seus olhos se esquentaram com compaixão.

— Conhecemos Sam, Heather. Não será fácil de lidar, porque se preocupa com você. Quase posso garantir que não me engano.

— Quase. — Heather sacudiu sua cabeça bruscamente. — Não posso acreditar que esteja a ponto de confiar meu coração a um "quase".

CAPÍTULO 9

Heather bateu na porta de Sam suavemente, antes de girar a maçaneta e abri-la devagar.

— Sam? — Entrou no quarto, caminhando devagar enquanto o via de pé na janela, olhando fixamente à distância, o corpo tenso, enquanto ela parava silenciosamente e o olhava.

Seus olhares se encontraram no vidro a prova de balas. O dele mascarado e sombrio, o dela tranqüilo e inquisitivo. Queria ir para ele, tocá-lo, ajudá-lo.

— Não deveria estar aqui. — grunhiu — Não estava de serviço esta noite?

Ela mordeu o lábio, lutando contra a dor que suas palavras lhe causavam.

— Lembra quando estava acostumado a se mover silenciosamente, e me encontrar em qualquer lugar em que Rick tivesse me colocado? — Disse suavemente, permitindo que a dor soasse por sua voz. — O que aconteceu com aquilo, Sam? Fomos amigos. Durante um tempo.

Sempre ria quando a encontrava, porque tinha conseguido escapular de Rick e seus homens. Então zombava, aquelas espessas pestanas baixavam sensualmente quando via seu rubor e seus mamilos endurecendo-se.

— A primeira vez que ele atacou, pensamos que o caçador era o padrasto de Marly. — Disse ele, suavemente. — Quando Jack Jennings tentou agarrá-la, nunca consideramos suas declarações de que alguém mais se pôs em contato com ele, e lhe disse como encontrar Marly. Não pudemos encontrar a Anna, assim assumimos que finalmente a tinha encontrado, e que logo veio atrás de Marly. Pensávamos que estávamos seguros, que o passado não podia nos tocar nunca mais. — Ele

se voltou então, enfiando as mãos nos bolsos de seu jeans, a expressão marcada por anos de amargura.

— Nós o encontraremos, Sam. — Prometeu em voz baixa. — Há três agências diferentes que trabalham nisto, sem mencionar à polícia. Agarraremos ele.

Ele respirou fundo.

— Quando Brock foi atrás de Sarah, descobrimos que o caçador não tinha sido pego, depois de tudo. — seguiu — Mas de qualquer modo, rezamos para que nosso passado não estivesse alcançando essas duas mulheres mais do que já o fazia. Pensamos que pudéssemos sobreviver, que pudéssemos agarrá-lo. — Tragou fortemente. — Pensei que eu tivesse uma possibilidade, o direito de amar, Heather, até que ele te atacou.

Heather cruzou os braços sobre os seios, e soltou um profundo suspiro. Lutava contra as lágrimas, contra a dor cegadora que sentia cada vez que via as brutais lembranças nos olhos de Sam.

— Sam, ele logo colocará os pés pelas...

Ele negou com a cabeça, o cinismo deslizando-se por sua cara, seu olhar endurecendo-se.

— Ao final, ele o fará. Quando o fizer, será um homem morto. Mas, e aí? Heather, e se ele te matar? Ou te mutilar tão terrivelmente, que nunca mais possa confrontar a vida, ou amar da mesma maneira?

Era um risco que ela estava correndo, e a aterrorizava. Conhecia bastante a história dos August para saber o que eles tinham suportado. Intermináveis meses de dor e brutalidade. Um inferno ao qual a maior parte dos homens talvez nunca ivesse sobrevivido.

— Isso é rejeitar-se, Sam. — Sussurrou tristemente. — Sabe que agora não vai deter-se. Não importa se me ama ou me odeia, se me fode ou me insulta. O bastardo me verá como sua fraqueza. Ainda estou em perigo.

Ele estremeceu. Um movimento duro e brusco que o transpassou enquanto se afastava dela.

— Não conversa mais comigo. — Disse ela finalmente, momentos mais tarde, quando ele continuou sem falar. — Sinto falta disso, Sam. Simplesmente falar com você.

Moveu-se para ele, observando como a olhava, vendo a agri-doce excitação que brilhava em seus olhos. Estava furioso. Podia vê-lo em cada tensa linha de seu corpo. Furioso pelo perigo em que se encontrava sua família, furioso por seu desejo para ela. Sabia muito bem. Sabia que o calor e o fogo que atravessavam seu corpo também atravessavam o dele.

— Não há nada do que falar, Heather. — Disse entre dentes, fechando as cortinas da janela antes de voltar-se para ela. — Que demônios deveria dizer, neném? O que quer que eu faça? Talvez, só um fodido talvez, se eu ficar longe de você, ele não voltará a te fazer mal. — Sua voz estava afogada. — Tem alguma idéia do que isso me fez, te vendo sangrar assim, depois ver as cicatrizes que ele deixou em você?

— Bom, não foi exatamente um picnic para mim, Sam. — A ira em sua voz emparelhava a dele, estava segura disso. — Mas realmente pensa que se esconder disso vai ajudar em algo? Está passeando por esta maldita casa como um animal, grunhindo a todo mundo, e preparado para lutar em qualquer oportunidade. Como isto ajuda?

— E o que sugere que eu faça? — perguntou amargamente — Crê que transar com você vai parar isto, Heather? Que me transforme em um pequeno e dócil gatinho que possa acariciar e abraçar quando precisar? Maldição! Em que espécie de estranho conto de fadas está vivendo?

A raiva dele cortou através dela como uma faca, cortando sua alma, ferindo-a não com suas palavras, mas com a dor que enrugava sua expressão.

— Definitivamente, não no seu! — gritou ela — Porque o seu não é mais que uma maldita festa de auto-compaixão, e um montão de quentes e amargos olhares. Vai conseguir se matar, Sam.

Morrer. O bastardo vai te matar, e matará a sua família com sua morte. É isso o que realmente quer?

Ele se imobilizou, os músculos de sua mandíbula movendo-se furiosamente enquanto lhe devolvia o olhar.

— Te manter a salvo não é uma maldita festa de auto-compaixão. — grunhiu.

— E sua família? — espetou — Se mandou daqui a outra noite, e recusou-se dizer a alguém aonde estava indo, e caiu direito em um assassinato. Isso não é próprio de um homem cujo único pensamento é proteger a sua família.

Algo passou através de seus olhos. Depois se foi. Estava mantendo algum tipo de conhecimento oculto. Durante o ano passado, Heather tinha chegado a conhecer Sam melhor do que ele era consciente. Sabia quando estava escondendo algo, quando estava lutando contra seus próprios desejos, e quando estava mentindo. Estava escondendo algo, algo importante.

— O que aconteceu, Sam? — Perguntou, receosamente. — O que disse Tate quando o chamou?

Seu olhar era ameaçador, absorta, enquanto a olhava.

— Sam?

— Ele só me pediu que nos encontrássemos. — Cruzou os braços sobre o peito, desafiando-a a demonstrar outra coisa.

— Está mentindo, Sam. — Isto quebrava seu coração, porque o tinha visto esconder-se de outros, mas nunca dela. Não até agora. — O que aconteceu?

— Heather. — A suavidade de sua voz vinha de seu peito, lutando por necessidade, por medo.

Olhou-a silenciosamente enquanto se aproximava dela. Alto e grande e tão atraente que quase a hipnotizava. E triste. Tão triste que lhe rasgava a alma. parou diante dela, seus dedos se estiraram para tocar-lhe a face, e ela viu o pequeno rubor de excitação que acendia seu rosto.

— Sam, o que aconteceu? — Estava assustando-a, aterrorizando-a com sua imprudência.

— Nada que possa ferir ti ou a mim, coração. Nunca mais. — prometeu — Não pode fazer mal a ninguém agora. E não posso dizer que não esteja contente de ver desaparecer seu traseiro. Mas tem razão, foi estúpido sair correndo assim. Não acontecerá outra vez.

Ela começou a perguntar algo mais, suas suspeitas assentando-se apertadas e fortes em seu estômago, quando um brusco golpe soou na porta.

— Sam, precisamos de você aqui fora. — Chamou Tara, com impaciência. — E se Heather estiver com você, diga que se supõe que ela está de serviço, não entretendo aos residentes da casa.

Sam franziu o cenho para a porta.

— Um dia — suspirou — Vou dar a essa mulher algo sobre o que queixar-se. — Cruzou o olhar dela outra vez e sacudiu a cabeça. — Bom, carinho, seu canguru te encontrou. Devemos ir também.

Heather o seguiu fora do quarto, mas nada podia sossegar o frio calafrio da premonição. A sensação de que o que fosse que ele estava escondendo era mais importante do que inclusive ele sabia.

CAPÍTULO 10

Algumas horas mais tarde, a casa estava em alerta com a chegada do helicóptero de Rick à pista de aterrissagem dos August. A família se reuniu ao redor da grande mesa da sala de jantar,

onde as mulheres se sentaram em um tenso silêncio, e os homens com uma ameaçadora ira que deixou a todos com os nervos à flor da pele.

Heather ficou apoiada contra a parede em frente de onde Sam se sentou, observando-o de perto. Sua expressão era hermética, um fio de violência mal contido brilhando em seus olhos uma vez mais.

A investigação sobre a família do homem que tinha torturado aos três irmãos não lhes caiu bem. Especialmente Cade estava furioso com isso. O bastardo estava morto, tinha-lhes informado ele. Não tinha sentido tentar ressuscitar ao maldito fantasma. Mas Rick, assim como Tara e Heather, acreditavam que tudo estava conectado. A carta que Marly tinha recebido depois do segundo atentado fracassado contra a vida de Sarah o provava, mesmo os irmãos não querendo enfrentar isso. O estilo poético da carta a preocupava e afetava. Seu amigo Greg freqüentemente lhe tinha deixado cartas escritas nesse estilo.

Marly insistiu que Greg nunca teria tentado machucá-la. Que nunca teria sido capaz de tirar essas fotos enquanto esteve no racho no ano anterior, e Sam inclinava-se a estar de acordo. Greg era um apaixonado juvenzinho, mas não era um caçador, nem um assassino. Para assegurar-se disso, Cade tentava em segredo mudar sua bolsa para uma universidade do Leste, onde um dos homens de Rick fazia amizade com o jovem. Não tinha saído do local após, o que o eliminava como suspeito.

— Vejam, meninos e meninas, levamos vantagem. — Rick entrou na sala de jantar levando uma grossa pasta de papel em uma mão. Em seu quadril, levava segura a pistola, uma medida cautelar que todos os guarda-costas tinham tomado depois da morte de Mark Tate.

— Rick. — Cade se levantou. — Faremos isto no escritório.

— Nem sonhando! — Marly se levantou, a cólera vibrando através de sua voz. — Isto envolve a todos nós, Cade.

A família estava levantando-se agora, a expressão das mulheres de protesto e fúria, a dos irmãos sombria e selvagem. Rick enfrentou ao grupo, sua cara mostrava extenuação, os olhos seu pesar.

— Marly. — Heather observava enquanto Sam tocava o braço de Marly, atraindo sua atenção de volta dele. — Cade te contará os detalhes mais tarde. Deixe-nos ocupar disto, por agora, Munchkin.

Heather não pôde ver bem a expressão de Sam para saber o que Marly viu ali. Sua face se esticou de dor, e seus olhos se encheram de lágrimas. Voltou-se para Cade, cuja expressão Heather podia ver claramente. Um homem atormentado, torturado. Ele ainda não podia olhar sua amante na cara.

— Cade. Amo você. — Sussurrou Marly intensamente, e se Heather tinha duvidado alguma vez do amor da mulher pelo áspero rancheiro, não o duvidou mais. — Não pode esconder isto para sempre.

A voz de Marly estava repleta de dor, ira e impotência. Tocou a face de Cade de maneira calma, consciente de que todo mundo observava a demonstração. Quando Cade baixou o olhar para Marly, o coração de Heather se comprimiu de dor por ele. As emoções eram sombrias, e tanta dor lhe rompeu o coração. Perguntou-se como Marly agüentava a dor.

— Ainda não. — Negou com a cabeça, a amargura de sua fúria ecoando em sua voz. — Ainda não, Marly.

— Certo. — assentiu ela, a voz baixando e a expressão tensa pela ira. — Quando estiver preparado para confiar em mim, Cade, faça-me saber. Talvez ainda esteja pronta para escutar.

Ela ignorou o protesto na voz dele enquanto abandonava a mesa e saía rapidamente da sala. Heather não podia dizer que censurava do todo à outra mulher.

— Falarei com ela. — sussurrou Sarah, elevando o olhar enquanto Brock se inclinava para ela. Seus braços a envolveram em um forte abraço, os lábios lhe pressionaram a testa enquanto sua face retorcia de dor.

— Obrigado, carinho. — sussurrou Brock tão baixo que Heather apenas o ouviu, apesar do fato de que estava a poucos passos dele. — Subirei quando acabarmos.

Quando a soltou, tocou-lhe o cabelo, depois a observou enquanto dava a volta e se encaminhava para as escadas.

— Já podemos começar? — perguntou Rick, deixando a pasta sobre a mesa.

— Ainda não. — Sam respirou profundamente. — Ela também sai. — Inclinando a cabeça em direção a Heather.

Os olhos dela se entrecerraram.

— Sam, Heather faz parte do corpo de segurança. — espetou Rick — Isso é informação que precisa saber para proteger seu traseiro.

Ela cruzou os braços sobre o seio, voltando o olhar para ele desafiando-o.

— Não sou nada seu, lembra-se? — recordou sua anterior dedução.

As mãos dele agarraram o respaldo da cadeira em que Marly se sentou, tornando-se quase brancas pela força que fazia.

— Não importa. — grunhiu — Ela sai, Rick.

— ouderia ir, mas não mudará nada. — A voz de Rick foi firme, a expressão gélida. — Não esconderei esta informação. Isto a afeta, não só por seu trabalho, mas também devido ao fato de que sua vida está agora em mais perigo que a do resto de vocês. Negaria a informação que poderia mantê-la a salvo?

Deixou cair a bomba com a facilidade das palavras, mas o eco das implicações ressoou a por toda a sala. Sam empalideceu, mas todos os olhos estavam agora voltados para Heather.

— Por quê? — espetou Cade, voltando-se rapidamente para Rick.

— Reginald Robert Jennings. É o irmão de Jack Jennings, e ambos os homens são meio-irmãos de Jedediah Marcelle, o homem que assassinou, Cade. Reginald Robert é o pai biológico de Marly.

O silêncio, espesso e completamente estarrecedor encheu a sala durante compridos segundos.

— Não. — A voz de Cade era furiosa, devastadora em sua ira.

— Alguém fez o impossível para esconder os registros. Havia até falsos registros gravados no sistema de informações, por isso estivemos confusos durante tanto tempo. Requereu uma busca física. — Rick abriu a pasta e a empurrou para Cade. — Tenho os registros de nascimento, a licença de casamento, o registro do divórcio, tudo. Algumas coisas estavam bastante habilmente escondidas. Alguém queria o nome de Reginald Robert apagado de qualquer registro público. Penso que é quem está escrevendo a Marly, e acredito que é o que está agora espreitando à família. Se isso for certo, então a vida de Heather não valerá uma merda se não for apanhado.

O fio brutal e frio de sua voz assegurou a ela quão sério estava.

— Obrigado, Rick. — Espetou, o temor a atravessando como um relâmpago.

Rick suspirou bruscamente.

— Está obcecado com Sam. — disse ele — Não posso imaginar por que. Esperaria que estivesse obcecado com o Cade, por causa de Marly e o fato de que Cade foi quem matou seu irmão. Em vez disso, culpa a Sam. Acredito que é por causa de sua posição social, assim como também a vida de seu irmão, concluída pela fixação de Marcelle em Sam.

— Basta. — A voz de Sam soou como um copo quebrado.

Rick afastou o olhar, mas logo voltou, sua expressão foi constante, fria e impessoal.

— Os serventes mexericam, e parece que houve alguns que desconfiaram do que estava acontecendo naquele porão. — Continuou, ignorando a forma em que o homem começava a mover-se perigosamente, os músculos avultando-se, como se estivesse se preparando para o ataque.

— Consegui rastrear um, e fazê-lo falar. Era o que lhes levava as comidas, que lhes injetava as drogas...

— Basta. — Cade sacudiu a cabeça, as mãos fechando-se em punhos nos bolsos de seu jeans.

— Reginald foi durante algum tempo à universidade de medicina. — continuou Rick — Era especialista com um bisturi. As cicatrizes que Sam leva provam que quem fez o trabalho, sabia o que estava fazendo. Assim como as de Heather.

Heather observou Sam. Ele estremecia com cada palavra, a violenta negação em sua expressão. Sentiu seu coração romper-se por ele. Não podia permanecer aqui, sabendo que escutar cada palavra que saía da boca de Rick estava destruindo-o ainda mais porque ela estava escutando. Porque ela sabia.

— Basta — sussurrou ela, levantando uma mão para deter Rick.

Então todo mundo se voltou para ela.

— Sam — sussurrou seu nome, as lágrimas caindo de seus olhos enquanto via a insuportável vergonha na expressão dele. — Acredito que também preciso ir falar com Marly. Vai me contar o necessário para me manter com vida?

Ela estava pondo sua vida nas mãos dele; algo que nunca se atreveu a fazer com ninguém. Ele piscou surpreso, aliviado.

— Contarei. — Tragou com dificuldade.

— Heather — a voz da Tara estava coberta de protesto — Te informarei...

— Não. — Heather negou com a cabeça. — Sam pode me informar. Ele sabe o que preciso saber e o que pode esperar até que esteja preparado.

Não deu tempo a Sam para responder, ou a Tara para protestar. Saiu da sala, a dor ecoando através de seu corpo; por si mesma, por Sam, e por seus irmãos. Permaneciam ali, juntos, mas distantes. Como se escudos invisíveis os separassem, recusando permitir que se unissem, para enfrentar ao passado como uma unidade.

Era consciente de muitos dos detalhes. Dolorosos, horrendos. Rick falou sem disfarces quando detalhou os perigos que enfrentariam. Eram três homens afortunados de estarem vivos, de ser capazes de funcionar normalmente, e um deles tinha cometido um assassinato.

Homens tão horivelmente maltratados, que a única conexão de uns com outros eram os vínculos sexuais que compartilhavam com as mulheres dos outros. Fortes, formais, homens decentes cujas únicas faltas eram suas necessidades sexuais e a lealdade entre eles. E esses homens estavam sendo espreitados, possivelmente por alguém que tinha ajudado o monstro que tentou destruí-los. Queria destruí-los porque Sam tinha rejeitado a relação homossexual que o abusador tinha desejado.

As drogas que lhes tinham sido injetadas tinham ajudado ao abusador a obrigá-los a violar-se mutuamente. Os vínculos normais entre irmãos e a confiança tinham sido destruídos de forma que Heather só podia imaginar.

Seu estômago se revolveu com o doentio entendimento do que Sam tinha sofrido. A culpa e a dor com a qual vivia foi de repente mais real para ela do que nunca. Seus sentimentos por ele, entretanto, em vez de empanar-se ante tal conhecimento, só estavam aumentando. E em aumento, enfrentou a amarga compreensão de que havia novas escolhas que também tinha que fazer.

CAPÍTULO 11

— Vão tentar esconder-se de nós para sempre. — Marly bufou de cólera, furiosamente, enquanto Heather a observava passear pelo quarto.

Seu cabelo comprido caía em cachos sobre as costas, sussurrando contra os quadris enquanto caminhava irada pelo quarto.

— Não podem esconder-se muito mais, Marly. — Sarah se recostou na cadeira que tinha tomado a um lado do quarto.

— Não é como se eu ignorasse o que aconteceu. — espetou Marly, passando-os dedos pelo cabelo, enquanto parecia apertar os dentes de dor. — Maldição, Sarah! Ele me trata como se ainda fosse uma menina.

Nem por indício, pensou Heather sarcasticamente. Tinha sido o bastante desafortunada para entrar na cozinha procurando café uma manhã, só para encontrar Cade com o membro profundamente enterrado entre as coxas de sua amante enquanto a inclinava sobre a pia.

— Parece não estar de acordo. — espetou Marly enquanto se voltava para ela.

Heather a observou com curiosidade antes de dar de ombros.

— Ele não te trata como uma menina.

Os olhos de Marly se entrecerraram até que só pôde vislumbrar uma lasca de um azul brilhante.

— Como o chamaria?

— Ele acredita que está te protegendo. — Assinalou Heather.

— Sou consciente disso, Heather. — suspirou então Marly, sentando-se na cama com cansaço.

— É a única razão pela qual não chuto seu traseiro agora.

Heather lutou com o sorriso que queria aparecer em seus lábios ante o pensamento da diminuta e delicada Marly tentando chutar o traseiro do grande Cade August. Seria um espetáculo interessante... uma lição de futilidade, pensou com humor.

— Sam tem razão, seu senso de humor é retorcido. Isso não é para ser divertido. — acusou-a Marly, com o cenho franzido.

Heather só pôde sacudir a cabeça.

— Por que não ficou? — perguntou-lhe então Sarah. — Ao menos podia nos informar mais tarde o que tinham falado.

— Pareço sua espiã? — queixou-se Heather — Não poderia lhes dizer nada.

— É obvio que poderia. — Marly agitou a mão descuidadamente. — É totalmente consciente de que esses homens só se estão machucando a eles mesmos, Heather. Precisamos saber o que está acontecendo.

— Sei que ter sequer a uma de nós ali embaixo, enquanto Rick está dissecando seu orgulho, não é uma boa idéia. — respondeu — Até que livre Sam dessa idéia que tem de me compartilhar com seus irmãos, sou um ponto fraco para todos eles.

— E você acha que pode fazer isso? — Sarah se reclinou em sua cadeira e observou Heather, enquanto ela se sentava na borda do sofá. — Liberá-lo dessa idéia?

Heather franziu o cenho. As outras mulheres estavam sendo sarcásticas, mais que ligeiramente divertidas, o que lhe crispava os nervos.

— Sarah, vocês duas estão aceitando completamente essas relações por comodidade. — disse ela com cautela.

— É obvio que o aceitamos. — Marly deu de ombros. — Heather, temos o sonho de toda mulher. Três homens que vivem, e quero dizer vivem, para nosso prazer e comodidade. Amam-

nos completamente, aceitam nossos estados de ânimo e desfrutam de nossas diferenças. Quem não aceitaria?

— Marly, seu amante fode a outra mulher. — Heather se sentiu tão indefesa fazendo frente a estas duas mulheres, como quando Sam tentou lhe explicar sua idéia.

— E o meu fode a ela. — respondeu Sarah — A ninguém mais, Heather, e só porque faz parte de Cade. Esses homens não são como outros irmãos e sei que é duro de aceitar. Mas tem que entender; eles são quem são. Não pode mudá-los. Ele poderia parar para te agradar, porque te ama, mas essa necessidade estará ali e só aumentará. Se não puder aceitá-lo, então tem que se manter tão longe de Sam como é possível.

Heather ficou de pé, em uma quebra de onda de ira.

— Amo-o, Sarah. E sei que ele me ama. Posso sentir; posso ver.

— E ainda vem para mim ou a Marly quando nos necessita. — Sua voz era suave, a expressão compassiva. — Não posso rejeitá-lo mais do que poderia rejeitar a Brock. Machucaria a todos ao fazê-lo. Como se encaixa isto agora em sua percepção do amor?

A confusão a invadiu. Nunca tinha discutido com elas das relações com seus homens, tinha-o evitado em cada ocasião que teve. Agora isso era impossível de ignorar, e encontrou-se desejando ter ficado escada abaixo em vez disto.

— Só precisa curar-se. — sussurrou com desespero.

— Não, Heather, precisa confrontá-lo — disse Marly então — Sam não confrontou o passado, não o recorda e se nega a enfrentá-lo. Quando o fizer, estará curado. Mas não mudará. Até certo ponto, Cade e Brock enfrentaram o que aconteceu. É doloroso e, às vezes, embora esporadicamente, os pesadelos ainda estão ali. Mas não mudou essa necessidade em seu interior.

— Os homens tomarão o que lhes permitam. — Heather podia sentir a seu corpo tremer com uma rajada de energia nervosa. — Vocês o permitem.

Sarah suspirou enquanto negava com a cabeça.

— Se fosse algum outro homem, estaria de acordo com você. — Olhou fixa e sobriamente ao teto. — Mark era meu ex-marido, Heather, e fodia qualquer coisa que pudesse abrir as pernas para ele. Mas Brock não é assim. — Heather observava enquanto ela baixava a cabeça de novo, seus dourados olhos marrons absortos e penetrantes. — Brock me ama; sou seu coração e sua alma. Mas também ama Marly e até você, porque Cade e Sam o fazem. Não estão separados como outros irmãos, Heather. Uma parte deles, uma parte muito intrínseca e espiritual desses homens, está tão estreitamente vinculada que nunca poderá separá-los. Se o tentar, machucará a todos.

— E já sofreram o bastante. — A voz de Marly tinha uma ponta de advertência.

— Ou talvez as duas simplesmente detestem perder o afeto e a relação que têm com cada um desses homens. — Expressou a suspeita que tinha tido durante meses.

— Heather. — Sarah manteve a mão em alto quando Marly tentou falar. — Entendo que esteja magoada, e até zangada. Também estive por um tempo, assim como Marly. Magoadas porque não o entendíamos, mas crescemos até o ponto de entender estes três homens. Não é uma vida que qualquer mulher possa levar. O egoísmo e a possessividade não funcionarão aqui. E poderá ver, se aceitar a Sam pelo que é, que não há necessidade disso. Mas é algo que deve aceitar sozinha.

Havia tal compaixão, tal compreensão no tom de Sarah, que a garganta de Heather se esticou de emoção. Não poderia acusar essas duas mulheres de não amar a seus próprios amantes, mas sabia que também amavam a cada um dos outros, assim como a Sam. Sacudiu a cabeça, combatendo suas emoções, seu sentido do que estava certo e o que estava errado, e se encontrou com o que ainda não tinha respostas.

— Heather, Sam te ama. — disse Marly em voz baixa. — Sei que o faz. Sei que você é tudo o que ele quer, tudo o que precisa para liberar a dor que o conduz. Sem você, Sarah e eu... — Parecia ter dificuldade com as palavras — É como precisar de água e em vez disso receber um refresco. Alivia-se de momento, mas a sede continua ali e é um sentimento profundo.

— Se me quisesse, seria suficiente. — sussurrou, lutando contra as lágrimas, enquanto cruzava os braços protetoramente sob o coração. — Tem que me querer o suficiente.

— Ou talvez você tenha que lhe querer o suficiente. — Sarah disse, docemente. — Imagino os demônios com os quais Sam vive. Marly e eu suspeitamos que não foi Cade quem matou o bastardo, e sim, Sam. Se isso for verdade, Heather, então isso significa que Cade e Brock sabem, e o protegem disso por alguma razão. O coração de Sam é mais suave, mais terno que o dos outros dois. É o que traz cachorrinhos extraviados para casa, inclusive agora. Que se faz de Papai Noel, em cada Natal, para as famílias do condado que não têm dinheiro para seus filhos. Que faz o necessário para aliviar outros quando os demônios estão no pior. Não mudará Sam, Heather. Mas você, e só você, poderia muito bem destruí-lo.

E como se acha que viveria com isto? A pressão emocional, assim como seus próprios sentimentos, retorciam-se e lutavam em seu interior, até que sentiu as afiadas garras de sua falta de respostas. Olhou a ambas as mulheres, vendo cólera, mas também sua compaixão e compreensão. Elas sabiam como lutava, como brigava. Podia vê-lo em seus olhos, em sua aceitação dos homens que amavam.

— Como podem fazê-lo? — sussurrou — Entrar em um cômodo e saber que o homem que amam está fazendo sexo com outra mulher?

— Não simplesmente outra mulher, Heather. — Marly inclinou para frente, sua expressão sincera e amável. — Uma irmã. E sei que não é simples luxúria. Ele faz parte de Brock. Sua alma está unida tão forte com a de seus irmãos, que ele ama e precisa de Sarah, não tão intensamente, mas tão autêntico como Brock o faz. E é o mesmo para Brock e para Sam, Heather.

— Observamos-os, Heather. — então falou Sarah. — Quanto mais Sam se aproxima de você, mais se incrementa a atração instintiva de Brock e Cade para você. É instinto, porque se conhecem tanto entre eles... formam parte um dos outros. E nada do que você, eu ou Marly possamos fazer mudará isso. E se quiser a verdade, essa parte não quereria mudá-la. Porque também amo Sam e Cade. Fazem parte de mim. Não tão intensamente como Brock, mas ainda assim, fazem parte de mim.

Heather olhou para Marly. Ela assentia lentamente com a cabeça, sua expressão mostrando seu acordo, sua aceitação dos homens e o amor que tinha por todos eles.

— Não acredito que possa fazer isso. — sussurrou.

— Heather, Sam te guiará através disto. Saberá quando está bem e quando é necessário. E então, só então, realmente poderá tomar a decisão.

— E tampouco diga que não lhe atraem. — espetou então Marly — Vi sua cara quando entrou na cozinha conosco. Ele te atraem, Heather, e espero que esteja agradecida de ser a vida de Sam, porque é a única fodida maneira de que te deixe se aproximar a um quilômetro de Cade.

Havia um sorriso em sua face, mas Heather soube que queria dizer cada palavra.

— Esta família está louca. — recostou-se no sofá pesadamente, inclinando a cabeça para trás, fechando os olhos e sacudindo a cabeça ante a impossibilidade da situação. — Cada um de vocês esta completamente louco.

CAPÍTULO 12

Heather deu a Sam várias horas para encontrá-la. Muito depois que a reunião com o Rick terminou, e os outros homens se retiraram para seus quartos com suas mulheres, Sam ainda não tinha aparecido. Sussurrados gritos de alívio sexual atravessavam as grossas paredes de seus quartos, fluindo para o quarto dela. Entretanto, os homens estavam separados. Não estavam compartilhando, não estavam alternando uns com outros, e Heather sentiu uma vaga advertência diante esse conhecimento. Uma incômoda sensação de tormenta iminente com o potencial para destruí-los a todos.

A preocupação ficou tão intensa que finalmente abandonou seu quarto e foi em busca de Sam. Sabia que não tinha ido para seu quarto. Teria ouvido se o tivesse feito.

— Heather — Rick foi para a entrada enquanto ela descia pelas escadas.

Ele estava postado na porta principal, observando a noite das largas e tintas janelas ao lado da porta.

— Viu Sam, Rick? — perguntou Heather em voz baixa, esperando que Tara não estivesse por aí. Sua irmã se tornara tão superprotetora que começava a lhe crispar os nervos.

— Na sala de jogos. Tem certeza que quer ir para buscá-lo? — perguntou Rick amavelmente.

— Está com um humor perigoso, Heather.

Ela passou os dedos pelo cabelo, lambendo-os lábios nervosamente.

— Não deveria estar sozinho.

— Tem sua família. — ele argumentou baixinho. — Irá a eles quando o necessitar.

Ela negou com a cabeça e sorriu tristemente.

— Não se deu conta, Rick? Raramente o faz. Tenho certeza que na limusine foi só a segunda vez que fez sexo desde que vim para cá. É perigoso porque está só.

— Heather — Ele fez uma careta tensa — Tara está preocupada por isso. E eu também. Não acredito que esteja preparada para ser o que Sam precisa.

— Talvez não. — Negou com a cabeça, recordando sua conversa anterior com Sarah e Marly. As lágrimas ardiam em seus olhos, porque era a única pergunta que ela não podia responder. Poderia conseguir? — Mas tampouco posso deixá-lo assim, Rick. Está quebrando meu coração.

Ele a observou, seus olhos marrons, escuros e intensos, antes de assentir com a cabeça abruptamente e dar a ela um desses pequenos e tímidos sorrisos com o que ganhou seu carinho anos atrás.

— Então é um homem com sorte.

— Desejo que ele o veja desta maneira. — disse com resignação. — Obrigado Rick.

Afastou-se dele, juntando as beiras de seu longo roupão, enquanto caminhava através da casa para a entrada do porão. E ali encontrou Sam, só, o ar carregado da violência que o envolvia mais forte que nunca.

— Sabe, está preocupando a sua família. — Heather entrou no salão de jogos, um grande salão disposto com quase cada diversão que um homem poderia desejar.

Uma mesa de bilhar de tamanho regulamentar no centro da primeira parte da área da sala. Mais longe na ampla área havia máquinas de Arcade, uma tela grande de televisão, um bar no canto do fundo, e uns poucos espaços de conversa disseminadas formadas com sofás curvos e uma cadeira ou duas. Os móveis eram amplos e cômodos, o tapete sob seus pés era grosso e luxuoso, e na tênue luz projetada por dois únicos spots, Sam estava de pé, recolhendo as bolas de bilhar com um ar de aborrecido desprezo.

Estava se escondendo ali, pensou ela. Com o peito nu, vestido com uma calça de moletom azul escuro, os pés descalços. Sexy como o inferno, e tão tentador como o pecado, enquanto a observava com aquele olhar entrecerrado e meditabundo que fazia ferver o sangue.

Ele se endireitou, apoiando-se contra a mesa de bilhar, enquanto a observando-a entrar no salão com os olhos entrecerrados. Sua face de ossos fortes estava enrugada de pesar, seus olhos cinza azulados obscurecidos pelo cansaço, e com uma sombra de horror que lhe rompeu o coração. Sabia que os pesadelos estavam piorando para ele. Ouvia-o todas as noites, quando despertava com um grunhido mortal ecoando no som de sua voz: “Morre, filho da puta!”

Perguntava se ele sabia que gritava. Sabia da raiva, o horror, a insuportável dor que fazia eco em sua voz?

— Minha família não tem nada melhor a fazer que preocupar-se. — Finalmente deu de ombros. Os músculos ondebaram sob seus largos ombros quando lhe deu as costas, a pele bronzeada resplandecia sob a tênue luz, lustrosa e tensa, tentando-a para tocá-la.

— Então eles podem preocupar-se com você, certo? — perguntou em voz baixa enquanto parava em um canto da mesa de bilhar, observando enquanto ele substituía o taco.

Ele suspirou profundamente, ainda de costas, olhando fixamente os tacos de bilhar como se exercessem alguma fascinação sobre ele.

— Estou bem. — deu de ombros, virando-se para ela, sua expressão cuidadosamente composta, um temerário sorriso formando-se em seus lábios. — Estão preocupados que eu saia outra vez da casa.

— Faria isso? — Arqueou uma sobrancelha inquisitivamente. — Sair de casa outra vez?

Um sorriso torcido inclinou seus lábios, tão masculino e tentador que quase perdeu o fato de que não lhe alcançou os olhos.

— Prometi que não o faria. — Posou a mão sobre seu coração. — Não me escutou?

Heather soprou.

— Na realidade, disse, e cito textualmente: “Que se fodam, Cade, apodrecerei aqui se isto for o que quer”, fim da fita.

Ele grunhiu. Ela se perguntava se tinha a intenção de fazer o soar som como risada.

— O mesmo. — arranhou o queixo — Só palavras diferentes.

Heather sorriu amplamente, observando quando agarrou uma bola branca, depois a enviou rodando pela mesa até um dos buracos.

— Cade pareceu menos que agradecido pelas palavras. — disse ela enquanto caminhava além da mesa de bilhar, dirigindo-se para um dos amplos sofás de em frente, no outro lado.

Enquanto caminhava, sentiu o longo robe acariciando seus pés nus, e sabia que Sam estava observando-a. Podia sentir seu olhar sobre ela, abrasando-a com sua paixão. Aconchegou-se no sofá antes de elevar o olhar para ele com o que esperava que fosse uma expressão inocente. Entretanto, danificou-se pelo rubor fluorescente em suas bochechas. Era impossível não se dar conta do volume sob as calças. Sam ostentava uma ereção bastante grande para lhe fazer água a boca, e o coração martelava na excitação de sua apertada vagina.

Sam clareou garganta, afastando-se dela.

— Cade não agradece um montão de coisas. — Grunhiu, golpeando as bolas de bilhar da mesa como se isso fosse a missão de sua vida.

Não estava nervoso. Não acreditava ter visto nunca Sam nervoso, mas agora parecia indeciso sobre ela, como se de alguma forma o ameaçasse mais que nunca.

— Há alguma coisa que preciso saber dessa reunião? — perguntou ela finalmente.

Observou-o apertar a mandíbula, a forma em que seus passos vacilaram como se precisasse evadir-se da realidade, esconder-se dos acontecimentos ao redor deles.

— Sempre a mesma merda — por último deu de ombros — O bastardo me quer porque seu meio-irmão era um depravado filho da puta, e porque ele não é muito melhor. Marly está quase destrocada porque Cade recusa lhe explicar o que acontece. Cade não fala com nenhum de nós

porque as lágrimas de Marly lhe partem a alma, ao menos o que fica dela. E aqui estou eu. — Estendeu os braços como em um convite. — Uma vez mais a razão pela qual meus irmãos estão sendo destruídos.

Desejava tocá-lo, abraçá-lo, mas seu olhar lhe advertia que ele nunca o permitiria. O frio e duro núcleo que os preocupava a todos estava aumentando.

— Sam, quer que eu vá embora? — perguntou baixinho, enquanto ele levantava a cabeça para olhá-la. — Que deixe o rancho e você?

As mãos dele estavam escoradas na mesa de bilhar, o cabelo descabelado caía sobre sua testa com desenvoltura. Seus olhos eram francos, sua expressão quieta e calma.

— Quero que fique — disse em voz baixa — Muito. Heather, sou a pessoa errada para estar perto de você. Deveria saber a estas horas. As cicatrizes que esse bastardo te deixou deveriam ser suficientes para te convencer disto.

Seus olhos eram uma mistura de tristeza, luxúria e fúria crispada.

Ela inclinou a cabeça, observando-o com curiosidade.

— Minha vagina não é feia, Sam — disse irritada — Não tem que agir tão estranho por esses pequenos sinais.

Ela ainda recordava o olhar na cara dele quando irrompeu em seu quarto um mês atrás, puxou para cima a camisola, sua face empalidecendo diante a visão da carne viva de sua vagina. Os cortes ainda estavam abertos, não precisaram de pontos, mas demoraram para sarar, e eram extremamente sensíveis.

Ele franziu o cenho.

— Age como se a visão deles seja o que me incomodou. — Resmungou, lançando a última bola através da mesa. — Maldição, Heather, ele te feriu. Te feriu por minha culpa. Deveria estar aterrada de estar na mesma casa comigo. Demônios, todos deveriam estar.

A cólera encheu a área, o ar se espessou com a tensão, com a fúria.

— Por que, Sam? — perguntou ela em voz baixa. — Não foi você quem me feriu.

— Fez isso por minha culpa. — Colocou as mãos na mesa, agarrando a borda até que ela pôde ver seus dedos empalidecer com a força que exercia. — Ele fez isso, Heather, porque acredita que me importa. Entende isso?

Heather deu de ombros. O fio de violência que formava redemoinhos no ar ao redor dele estava implorando para ser desviado. Desviado ou liberado. Teve o pressentimento de que se fosse liberado, então nenhum deles sairia ileso disso.

— Acredito que agora só está enojado pelas cicatrizes. — Deu de ombros. — O que acontece, Sam, está assustado de que alguém esteja mais ferido que você de algum jeito?

Era um jogo perigoso o que levava nas mãos, e Heather sabia. A sexualidade de Sam era mais intensa, mais profunda, mais brusca que a dos outros homens, e as lembranças daquele tempo sempre a acendiam mais quente. As lembranças daquele tempo em que Sam lhe tinha permitido aproximar-se eram brutalmente vívidos. Ainda recordava as mãos dele em seu cabelo, lhe puxando o cabelo, enquanto fodia sua boca com largas e lentas estocadas de seu grosso pênis.

A carne muito venosa e agreste de seu pênis quase tinha machucado seus lábios. As cicatrizes eram mais grosas que as suas, requerendo um toque duro para lhe dar a sensação que necessitava para o orgasmo. Seus dentes o tinham arranhado enquanto ele gritava, ofegando.

Oh, sim, Heather. Assim, neném. Justo assim. Deus sim! Ele quase a tinha estrangulado quando empurrou seu pênis além de seus dentes e acariciou sua língua, enquanto explodia em sua boca. Seu sêmen se lançou garganta abaixo, salgado, escuro e masculino. Talvez devesse ter devolvido o favor. Talvez ele tivesse enterrado sua ainda dura carne entre suas coxas úmidas se então não tivessem sido tão rudemente interrompidos.

— Pare, Heather. — grunhiu.

— Parar o que? — Ela franziu o cenho, ainda perdida nas lembranças de seu toque, seu sabor.

— Pare de recordar meu pênis em sua boca. — espetou furiosamente — É bastante mau que eu não possa esquecê-lo.

E, obviamente, seu pênis tampouco esquecera, se o material íngreme do moletom fosse alguma indicação.

— Talvez fosse mais fácil de esquecer se tivesse conseguido me devolver o favor, em vez de preocupar-se com minha virgindade. — Assinalou ela com zombadora calma. — Foi bem grosseiro de sua parte, Sam.

Ele a olhou boquiaberto, os olhos completamente abertos, evidentemente surpreso de que lhe repreendesse sobre algo no que se tomava tanta força para esquecer. Não é que lhe tivesse deixado esquecê-lo.

— Heather, é consciente de que foi atacada por sua relação comigo. Não? — espetou-lhe, a voz cheia de fúria. — Tem um desejo de morrer que eu não saiba?

Os olhos dele se obscureceram, suas bochechas ruborizando-se de cólera.

Heather se recostou no sofá, os olhos centrados nele.

— Sou sua fraqueza. Pensa que isso vai mudar, embora não me toque, Sam?

Observou a respiração dele acelerar, se era de luxúria ou de cólera, não estava certa.

— Não tenho uma fraqueza. — ele resmungou.

— Oh, verdade? — perguntou com um toque de diversão zombadora — Imagino que seja por isso que seu pau esteja mais duro que um carvalho seco, menos de seis horas depois de um pouco de sexo na limusine com seu irmão e sua amante. O que aconteceu, Sam, Cade ficou ambicioso e não te deixou tê-la?

Estava pressionando-o, e sabia. Mas estava farta da contínua charada que levavam entre as mãos. Ela era tão prisioneira desse maldito caçador como ele, e estava se fartando disso.

— Cade não é ambicioso no que concerne a seus irmãos, Heather. — Sua voz baixou, mas não houve dissimulação no sarcasmo de seu tom. — Tome cuidado, ou simplesmente poderia averiguar o quanto nós gostamos de compartilhar.

— Oh, yupi! Um desafio. — Sorriu amplamente, como se não estivessem falando sobre ela em meio a uma orgia dos August. — Vamos ver qual de nós é mais forte, Sam? Pode me fazer desejar o compartilhar? Ou em vez disso te transformarei em um ambicioso?

Observou-o enquanto se endireitava. Agora não fez nada para esconder a ereção sob o moletom. Era descaradamente óbvia.

— Ah, neném, a cobiça será o menor de seus problemas. — Disse-lhe então, suavemente, perigosamente.

O coração dela se acelerou de excitação, o sangue pulsando por suas veias quando ele começou a avançar para ela.

— Sou uma pessoa muito ambiciosa, Sam. E você? — ficou quieta, entretanto a adrenalina corria por seu corpo, exigindo ação.

— Poderia ser. — Mas ele não soou tão seguro. Não parecia tão seguro. — Mas pode dirigir o convite, Heather?

Podia? Sem dúvida, alguma esperava que , porque sabia o que desejava.

— Sam, posso dirigir qualquer coisa que queira oferecer. — Tara sempre a tinha advertido que chegaria o dia em que sua boca a meteria em mais problemas dos que podia dirigir. Heather tinha o pressentimento que esse dia tinha chegado.

CAPÍTULO 13

Ela não tinha nem idéia de quão desesperadamente a desejava, pensou Sam, enquanto observava a deliberada provocação em seus olhos. Desafiava-o como se fosse um jogo, como se não houvesse vítimas nem dor envolta. Mas havia, e ele sabia. Enfrentava-se diariamente com Marly e Sarah. O conhecimento do que eles estavam fazendo a essas belas e carinhosas mulheres destroçava sua alma.

Entretanto, aqui sentada, desafiava-o, como se o desafio pudesse ser revogado tão facilmente como dizer as palavras. Ela tinha estado no lar dos August como guarda-costas o tempo suficiente para perceber os sutis indícios do que o desafio e uma provocação sexual lhes provocavam. Sarah e Marly, em brincadeira, os desafiavam diariamente, mantendo-os centrados no aqui e agora, em vez de no passado. E as provocações sempre acendiam sua sexualidade, sua necessidade de dominá-las sexualmente, de reafirmar seu controle sensual.

Cruzou os braços sobre o peito, apoiando-se contra a borda da mesa de bilhar e observou-a. Seus olhos verdes estavam escuros pela excitação, seus mamilos alcançando seu ponto gélido sob a seda da comprida camisola e o leve tecido. Podia vê-los claramente definidos, duros pontinhos tentando sua fome.

— Por que ainda é virgem? — A pergunta o atormentava. Precisava uma resposta, precisava saber por que parecia tão disposta a entregar a ele o que nenhum outro homem tinha tomado nunca.

Ela apoiou o braço na parte traseira do sofá, descansando a cabeça na mão enquanto o observava com curiosidade.

— Nunca estive com um homem porque nunca encontrei um que me deixasse a metade mais quente que um bom livro erótico, e inclusive melhor que um brinquedo. — Não era a resposta que ele esperava.

Ele fechou os olhos brevemente como se reunisse forças.

— Brinquedo? — perguntou em voz baixa, o corpo tenso, o pênis sacudindo-se sob o moletom, como se tentasse cortar o tecido para ir para ela.

— Talvez, brinquedos. — Deu de ombros, um amplo sorriso em sua boca. — Está escandalizado, Sam? Disse que tinha um vibrador.

— Que espécie de brinquedos? — Agora sua imaginação o estava matando.

Ela encolheu os magros ombros, levantando-os, elevando seus seios contra a malha que os cobria enquanto o observava com mais diversão que com o medo que ele pensava que deveria sentir.

— Toda espécie de brinquedos, Sam. — disse em voz baixa — Tecnicamente sou uma virgem, fisicamente não.

As sobrancelhas dele instantaneamente formaram um cenho franzido.

— Não havia me dito isto antes. — grunhiu.

— Faria alguma diferença? — perguntou, com voz rouca — De qualquer forma, o que te importa? Deixou bastante claro que não tinha intenção de se deitar comigo.

Sam podia sentir seu corpo quase tremendo de excitação. Sua imaginação se tornou selvagem, imaginando-a estendida sobre sua cama, as pernas abertas para ele enquanto utilizava um dos consoladores especiais que ele podia comprar. Movendo-o dentro e fora de sua vagina depilada, acariciando a si mesma, gemendo...

— Droga. — Exalou com força, cravando os olhos nela, acusadoramente. — Por que está me contando isto agora?

— Porque você perguntou. — Seu sorriso foi uma provocação em si mesmo.

Seu pênis estava tão duro que doía. Mais duro do que ele nunca recordava ter estado na vida. As mãos ardiam por tocá-la, sua boca babava com a necessidade de saboreá-la.

— Heather — Fechou os olhos, lutando contra seus desejos, sua sexualidade — Não quero te ferir.

Seus apetites sexuais agora se enfureceram. Ela tinha jogado gasolina em um fogo já em chamas, quase fora de controle. Quando não lhe respondeu, abriu os olhos. Ela estava observando, inocente e sedutora, enquanto ele lutava por controlar-se. As pestanas dela desceram sobre seus olhos, uma sexy e ardilosa manobra que rompeu sua determinação.

Antes que pudesse convencer outra vez a si mesmo de que tão desastrosas conseqüências poderia haver, foi para ela. Vislumbrou a surpresa em sua face um instante antes que a lançasse sobre o sofá, mantendo-a segura de barriga para baixo enquanto puxava a barra da camisola sobre o traseiro nu.

Querido Deus! Uma mão segurou seus ombros para baixo, enquanto ele ficava em cima de suas pernas, segurando-as. Os quadris dela estavam levantados, as bochechas de traseiro apertadas, toda perfeição cremosa e turgente. Bem arredondados e cheios globos de beleza.

— Fique quieta. — Grunhiu, enquanto ela corcoveava contra ele outra vez.

Para reforçar a ordem, sua mão aterrisou firmemente em uma das pálidas bochechas, avermelhando a carne ligeiramente com um toque de advertência. Ficou quieta, mas ele ouviu a forte inspiração, sentiu tremer seu corpo.

— Não tem nem idéia do que desejo, Heather. — Resmungou, suas mãos acariciando sobre a sedosa carne de seu traseiro uma vez mais. — Acha que está preparada para mim. Acha que o que ouviste sobre mim, Marly e Sarah é quem sou, o que pode esperar. Está enganada, neném... muito, muito enganada.

Esbofeteou seu traseiro de novo, com suficiente força para avermelhar e fazê-la gemer, confusa, lutando por separar o prazer da dor.

— Sam — disse, gemendo seu nome, sua voz inquisitiva, escandalizada.

— Quero te amarrar. — Sussurrou, ficando agora sobre ela, colocando seu pênis coberto de roupa na fenda de seu traseiro. — Quero vê-la estendida em minha cama, com correias de couro te mantendo no lugar enquanto te mostro prazeres que nunca imaginou que existiam. Indefesa. A minha mercê. Gritando para mim enquanto te levo a lugares, Heather, lugares que nunca imaginou que existiam.

Rebolou contra ele, as bochechas de seu traseiro flexionando-se ao redor da ereção que os dividia.

— Sim, me aperte exatamente assim, neném. — Sussurrou em sua orelha, apanhando seus pulsos em na mão, segurando-a no sofá com sua força. — Assim é como me apertará quando enterrar meu pênis em seu traseiro. Justo assim, Heather, enquanto grita, porque não saberá se é prazer ou dor.

A mão livre se moveu sob seus quadris, abrindo espaço entre suas coxas enquanto ela corcoveava contra ele, ofegando, mas sem rejeitá-lo. Maldição, deveria estar gritando de medo. Em vez disso, que o céu o ajudasse, seus dedos encontraram a quente e escorregadia umidade, a necessidade espessa e açucarada que se acumulava na estreita abertura de sua vagina.

— Sam, você é um provocador. — Acusou bruscamente, acaloradamente.

Ele ficou quieto, os quadris pressionando forte sobre ela.

— Um provocador? — Não podia acreditar que ela havia dito isso.

— Um maldito provocador — gemeu — Tire essas calças e me foda, ou sai de cima de mim! Sam riu roucamente.

— Acha que é tão fácil, Heather? — perguntou sedosamente, seus dedos raspando sobre seu inchado clitóris. Ela estremeceu debaixo dele, recuperando o fôlego.

— Oh, está perto. — Sorriu amplamente em seu pescoço, os dentes mordiscando a delicada pele dali. — Pobrezinha. Seus brinquedos podem fazer isso por você, Heather?

Agarrou seu clitóris entre o polegar e o indicador, delicadamente, e com cautela, começou um suave movimento de ordenha sobre o pequeno e sensível broto.

— Oh, Meu Deus! — sacudiu-se em seu agarre, um involuntário estremecimento tão perto do orgasmo que ele pensou seria atormentador.

Continuou com o movimento. A quantidade justa de pressão para deixá-la louca, nunca o suficiente para fazê-la chegar ao clímax. Agora podia sentir seus sucos fluindo, soube que sua vagina estaria contraindo-se desesperadamente.

— Prepare-se, neném — ele sussurrou, sabendo que o clímax, embora intenso e poderoso, só a deixaria faminta por mais.

Seus dedos raspavam o clitóris, ordenhando-o, acariciando-o. Sentiu-a esticar, as coxas apertadas, sua calda de açúcar fluindo, logo seu grito estrangulado rompeu o silêncio do salão de jogos enquanto corcoveava em seus braços. Os quadris dela se retorciam, amassando seu clitóris mais forte contra seus dedos, enquanto o clímax rasgava seu corpo.

Ela estava lutando para respirar, tremendo nos efeitos secundários de sua liberação enquanto ele a segurava mais perto, sua mão cavando o quente montículo entre suas coxas.

— Me escute. — grunhiu, sua voz crispada, desesperada de luxúria, bombeando duro e rápido através de seu corpo. — Me escute bem, Heather. Quando tomá-la, não serei indulgente com sua inocência, ou sua necessidade de romantismo. Estou viajando por um limite que me aterroriza. Assim, não há maneira no inferno de que vá ser fácil para você. Fica condenadamente longe de mim, neném, ou muito bem poderia te machucar.

Saltou longe dela, saindo a pernasadas da sala e correndo escada acima. Rezou para que ela não visse a úmida mancha em suas calças, a prova de seu próprio clímax enquanto ela estalava debaixo dele. Algo que nunca antes lhe tinha acontecido. Algo que o assustou quase tanto como os pesadelos lhe aguardando.

CAPÍTULO 14

A manhã seguinte amanheceu muito brilhante, e muito rápido. Vestida com uns Levi's curtos e uma camiseta que mal que roçava seu jeans ao quadril, Heather desceu as escadas. As sapatilhas esportivas que usava não fizeram nenhum ruído ao caminhar pelo tapete, por isso era bastante fácil ouvir os sons que vinham da sala familiar. Tinha aprendido a assegurar-se de que não entrava em um momento inoportuno naquela sala.

Quando caminhou pelo saguão, notou que a porta estava aberta e os sons da casa chegavam da cozinha. Por sorte não eram gemidos, a não ser o murmúrio de vozes masculinas. O que significava que a cafeteira estava ligada. Ninguém fazia o café como o faziam os irmãos August.

Abrindo a porta, parou e esteve condenadamente perto de girar sobre seus passos e deixar a cozinha imediatamente. Sam estava apoiado no balcão com Brock e Sarah. Sarah estava segura contra o peito de Brock enquanto a cabeça de Sam se elevava do que era obviamente um prolongado beijo.

Cade sentava-se na mesa, olhando-os, e seu olhar se voltou agudo e clínico, enquanto observava agora Heather.

— Bom dia, Heather. — Ele levantou sua xícara de café em uma saudação, enquanto Sam se movia com desenvoltura e tomava um tigela do armário. Sarah e Brock foram à mesa enquanto Sam enchia a xícara e a passava a ela.

— Meninos, levantaram cedo. — Comentou ela, lutando contra o ciúmes enquanto aceitava a taça. — Onde está Marly?

— Ainda dormindo. — A voz de Cade tinha um suave murmúrio de satisfação masculina. Claramente todos aqueles gemidos e suspiros poucas horas antes tinham saído de seu quarto. Os August tinham muita testosterona, isso era tudo o que acontecia.

— Beba seu café. — Sam lhe deu a xícara enquanto a empurrava para a mesa. — Trarei alguma salsicha e bolachas.

— Meninos, não comem nada mais pela manhã? — Franziu o cenho, perguntando o que teriam contra do presunto com ovos e molho, e seu estômago protestou de fome.

— Isso requereria um cozinheiro. — Declarou Cade firmemente. — E não quero nenhum cozinheiro ou governanta.

— Isso significaria boa comida. — Indicou ela — Algo além de sanduíches e sopa, ou filés, salsichas e bolachas.

— Não temos tempo de cozinhar. — Cade negou com a cabeça.

Heather olhou para Sarah. Por que demônios não estavam cozinhando ela e Marly?

— Não me olhe, mal posso ferver sopa. E Marly é pior. — Ela riu enquanto se sentava de lado em sua cadeira, as costas apoiada contra o peito de Brock.

— O que faz quando está cansada de sopa, sanduíches e filés? — Sacudiu a cabeça, desconcertada. Sentia-se como se fosse morrer de fome.

— Saímos. — Cade deu de ombros. — Em geral, isto é o que há. Lembre-me que mate a esse bastardo duas vezes pelas comidas que nos estamos perdendo.

A morte gelava suas palavras. Heather deu a volta devagar, vendo a ameaça fria e dura de sua voz.

— Não matará ninguém, Cade. Nós o agarraremos, e o prenderemos. Simples assim.

— Bonito mundo de sonho no que vive, Heather! — Apoiou seus cotovelos na mesa e a olhou, malicioso. — Acha que o deixarei viver depois de lhe pôr as mãos em cima? Deu um tiro na Sarah, marcou-a. Morrerá por isso.

Ela se voltou para Sam, e viu o mesmo frio propósito em sua cara, logo também na do Brock.

— Isso é assassinato, Cade — sussurrou.

— Não será o primeiro, Heather — declarou enquanto se levantava — E sabe disso.

Ele deu a volta na mesa, depois parou atrás dela. Antes que pudesse pensar, antes que pudesse afastar-se, ele se inclinou, pousando um beijo em sua bochecha.

— Tenho que ir. Tenho muito trabalho a fazer. — Então se aproximou de Sarah, repetiu a carícia e deixou a conzinha.

Heather captou o olhar preocupado da outra mulher quando olhou para ela, procurando uma reação. Uma reação que a salvou de olhar muito profundamente quando a porta traseira se abriu.

— Temos companhia, moços. Sarah, seu irmão está em pé de guerra outra vez.

— Oh, demônios! — Sarah se levantou, olhou para Brock e depois para Sam. — Se algum de vocês bater em meu irmão hoje, eu os devolverei.

Heather piscou depois se dirigiu a Sam.

— Por que bateria em seu irmão?

Sam deu de ombros.

— Verá quando o conhecer.

Dillon Carlyle era magnífico. Com um abundante cabelo castanho escuro que caía para baixo do pescoço, e aveludados olhos verdes em uma tez escura que estava condenadamente perto de ser perfeita para um homem. Uma mandíbula forte, maçãs do rosto altas, e lábios sensualmente firmes, ela apostava que não estava faltando mulheres esforçando-se por consegui-lo.

Nesse momento, aquela magnífica cara estava franzida em um cenho colérico, e seu corpo de mais de metro oitenta estava tenso enquanto enfrentava aos August.

— Droga, Cade, que demônios está acontecendo? Volto de férias para me encontrar que esse caçador de merda ainda está por aí, e a ninguém ocorreu me chamar? — Sua profunda voz retumbou através do saguão, enquanto a porta se fechava de repente atrás dele. — O mínimo que podia fazer era me chamar.

Antes que alguém pudesse lhe parar, seu punho retrocedeu e se estrelava energicamente contra a mandíbula de Brock, que ricocheteou contra a parede, enquanto Sarah gritava e saltava para seu irmão, lhe protegendo da ira de quatro guarda-costas. O maior dos quais era Rick, que parecia preparado a responder violentamente.

— Diga que fiquem quietos, Cade. — Gritou ela, pendurando-se no pescoço de Dillon enquanto ele tentava soltá-la. — Não permita que batam nele.

— Droga, Sarah — amaldiçoou Dillon — Afaste-se, assim poderei lhe chutar o traseiro.

— Imbecil! — Ela lhe deu um chute na canela, fazendo-o cair contra a parede — Quer suicidar-se e eu não sabia?

— Droga, Sarah, deixe-o ir. — Brock estava rindo, embora o sangue do lábio, que se inchava rapidamente, não parecesse muito divertido.

Ele agarrou a cintura de sua amante, e com a ajuda de Dillon, afastou-a para longe de seu corpo. Dillon estava preparado, seus olhos entrecerrados enquanto observava os irmãos August.

— Faça as malas, Sarah, e venha para casa comigo, onde estará a salvo — grunhiu agressivamente.

— Não acredito, Carlyle — grunhiu Brock — Esquece e tome algo. Desfrute de sua visita a Sarah e depois vai para casa. Sozinho. Da mesma maneira que chegou.

— Dillon, está causando problemas outra vez? — Marly entrou na refrega nesse momento, a voz divertida e os olhos brilhantes enquanto entrava no saguão. Vestida com cômodos jeans e camiseta, parecia uma pícara adolescente mais que uma mulher adulta.

— Marly, tão bonita como sempre. — Suspirou ele. Heather notou que a maioria dos homens suspirava com um pouco nostalgia quando viam Marly.

— Obrigado, Dillon. — Ela se meteu entre os braços de Cade e enviou a Heather um olhar de advertência.

O que? Ela franziu o cenho lhe perguntando.

Marly elevou a vista por cima de sua cabeça, para Sam. Heather deu uma olhada para trás, logo se moveu rapidamente para colocar-se diante dele, perto. Ele parecia preparado para matar. Imediatamente seus braços a rodearam, e ela quase riu da instintiva resposta. Se deixassem de lado toda a questão a respeito de compartilhar, os August poderiam ser muito mais que atraentes.

— Não vou a parte alguma, Dillon. — Disse Sarah com um ponto de exasperação. — Agora, por que é que está aqui realmente, porque ambos sabemos que sabia que não ia partir com você.

— Onde está a bebida que me prometeram? — Girou-se e se encaminhou para o estúdio de Cade depois de lhe lançar um olhar intencionado.

— Mantenha a sua gente aqui fora, Rick. — Ordenou Cade, dirigindo-se ao estúdio atrás de Dillon.

— Cade. — Rick o parou enquanto se deslocava para passar. — Não me oculte informações, cara. Não podemos te proteger, ou capturar esse caçador se começar a me esconder coisas.

Os olhos de Cade se estreitaram.

— Minha família é minha vida, Rick — espetou — Terá tudo o que precise saber, prometo isso. Mas algumas coisas simplesmente não são de sua maldita incumbência. — cuspiu antes de entrar no estúdio.

Heather permaneceu tranqüila. Sam a conduziu para o estúdio e ela não se opôs. Dillon parecia um homem com uma missão, e evidentemente sua irmã não era toda a missão.

— Falei com o xerife. — Dillon verteu uma forte bebida enquanto a porta se fechava atrás de Sam e Heather. — Me inteirei sobre Tate e a explosão. Mas o que eles não sabem, e um de meus peões me disse, é que Tate tinha um amigo. Eles não estão seguros de quem seja. Um que sabia um montão sobre sua família, e a situação aqui. Um que prometeu a Tate alguma informação interessante.

— Como sabe disso? — perguntou Cade, a voz sombria, advertindo.

— Tate gostava de falar quando bebia, Cade. Disse a um montão de gente que teria algumas fotos interessantes. Fotos dos August... — Fez uma pausa, sua mandíbula se fechou com força enquanto olhava por volta de sua irmã. — Fotos explícitas doze anos atrás.

A tensão aumentou na sala.

— Se as tivesse, o xerife as teria encontrado. — Indicou Cade com lógica enquanto olhava os outros na sala. — Quem quer que esteja por trás disso, estava usando o filho da puta.

— Mas disse a um montão de homens, Cade. Homens que não se importariam em vê-lo cair. E fez alusão a que a pessoa com a informação estava bem sob seus narizes.

A queda de um alfinete teria ressoado na sala, do espesso que era o silêncio, enquanto todos os olhos se voltavam para Heather.

— Não. — Ela negou com a cabeça, sentindo seu cabelo sussurrar contra o peito de Sam enquanto seus braços a rodeavam outra vez. — Rick escolheu um por um desta equipe. Tem que ser um dos vaqueiros.

— Poderia ser qualquer um. — murmurou Cade.

— Cade, Rick tem que saber. — Disse firmemente Heather, enquanto ele a olhava atentamente. — Se houver uma possibilidade de que seja um de seus homens, ele precisa saber.

Ele exalou um profundo e duro fôlego, antes de assentir com a cabeça repentinamente.

— Tem razão. Mas só Rick, Heather. É melhor se preparar para passar mais tempo com Sam de que passou até agora.

CAPÍTULO 15

Eles dirigiam um rancho. As cercas precisavam ser reparadas, o gado tinha que ser movido, os cavalos precisavam ser ferrados e os estábulos, limpos. O feno estava sendo embalado para ser empilhado dentro dos celeiros e outros mil detalhes que deviam ser tomados em conta. Os dias passavam sem notícias, e sem nenhum relatório a respeito de forasteiros ou acontecimentos de algum jeito estranhos. Sam estava perdendo a paciência e o controle. Heather estava condenadamente perto dele a cada segundo do dia, e Rick o vigiava como um falcão. A pressão estava começando a fazer rachaduras em todos eles. Estava dirigindo seus ataques contra Cade e Brock, e se segurava para não fazer o mesmo com Heather. Precisava tanto dela. A dor por tocá-la, por saboreá-la, estava a ponto de deixá-lo louco.

Sam sabia que Cade e Brock estavam irritados com as restrições que também lhes obrigavam a permanecer dentro da casa. Todos eles estavam condenadamente cansados de continuar confinados, embora fosse na cômoda casa, e esperando algo que nunca chegava. Sam sabia que se não escapasse de tudo isto, iria explodir. Tinha que sair onde pudesse sentir a brisa, o gosto da liberdade. Onde não fosse açoitado por pesadelos, ou excitado pelo estimulante aroma de Heather.

Os pesadelos que os visitavam, todos eles, estavam piorando para ele. Realmente não os recordava, mas o terror que o enchia quando despertava estava condenadamente perto de ser tão forte como o daquela primeira violação...

Estremeceu, colocando umas grossas luvas de couro enquanto fechava a mente a esses pensamentos. Sacudiu a cabeça com força, depois entrecerrou os olhos quando se deu conta de que já não estava sozinho nos estábulos. Girou a cabeça devagar, e ali estava ela.

Droga, estivera rezando para poder evitá-la. Ao menos hoje. Estava vestida com cômodos jeans com o que era obviamente um par de viseiras de menino atados ao redor de seus magros quadris, um colete de cor canela e botas gastas. Queria despi-la e fodê-la até que não pudesse tentá-lo mais. Perguntou-se se poderia tomá-la alguma vez o suficiente para alcançar esse ponto.

— Diga a Rick que atribua a algum outro. — Disse bruscamente enquanto ela pegava um par de luvas de fino couro de seu bolso traseiro e começava a colocá-las.

— Não se preocupe, vaqueiro, sei como selar meu próprio cavalo, e como montá-lo. — Ela sorriu descaradamente. — Estou bem de viseira? Sempre quis pôr um par.

Ela parecia condenadamente bem somente com as viseiras. Entrecerrou os olhos, imaginando-o, imaginando-a, nua exceto pelas viseiras e seu pênis cravando-se entre suas coxas. Apertou os dentes, lutando por controlar-se.

— Use-as em outra parte. — Resmungou, apertando a cilha da sela de seu cavalo. — Não tenho tempo para te esperar, Heather.

— Pois bem, melhor, garotão. — Ela passeou com indiferença até um dos compartimentos, soltando a porta e colhendo com um arnês ao cavalo que continha. — Hoje sou seu canguru, pastelzinho. Cavalga longe de mim, e um dos rapazes porá um tranqüilizador em seu traseiro. Cade já lhes deu permissão, com certeza.

Ele grunhiu furioso. Como se não estivesse a par do que Cade havia ordenado. Maldição, não era um menino pequeno para ser protegido pelos outros dois, e estava ficando doente por ser tratado como um. Era dois anos mais jovem que Cade, mas não tinha dois anos.

Começou a falar quando a viu conectar o pequeno botão do intercomunicador em sua cabeça, introduzir o diminuto alto-falante no ouvido, e estender o microfone por sua face.

— Dois para montar, quem está no controle? — Sua voz era baixa enquanto provava o dispositivo. Dirigiu um olhar com um brilho pícaro nos olhos. — Oh, menino. Minha irmã está brincando de cão de guarda conosco. Com isso, acaba-se a diversão, vaqueiro.

Sam cruzou os braços sobre o peito, entrecerrando os olhos enquanto a observava revisar a arma, o carregador, e as reposições que introduziu em seu alforje. A pistola automática foi introduzida na pistoleira atrás de seu quadril, e além disso, ela estaria escutando qualquer ordem que chegasse através desse condenado intercomunicador.

— Diga a Tara que atribua a outro. — Disse outra vez, com voz mais alta esta vez. — Agora! Ela revirou os olhos enquanto apertava a sela e a provava experimentalmente.

— Deixe-a, Sam. — Sacudiu a cabeça enquanto elevava a vista para ele. — Sou parte desta equipe, goste você ou não.

— Estupendo, então seja parte da equipe em algum outro lugar. — Sustentou a brida de seu cavalo com um apertado punho enquanto ela montava.

Sentia luxúria e raiva em parte iguais retumbando por seu corpo. Ela parecia uma chama viva em ascensão na garupa daquele maldito cavalo. Um objetivo preparado para o psicopata que o espreitava.

— Não cavalgarei com você. — Disse em voz baixa. Não a poria em perigo. Não podia.

Ela inclinou a cabeça enquanto o olhava. Seus olhos verdes eram maliciosos, sua expressão inquisitiva.

— Dúvida de minha capacidade, Sam?

Duvidar dela? Ele não duvidava o mínimo de que ela era a coisa mais doce, mais suave que havia tocado alguma vez em sua vida. Aquele calor dela, sua paixão, era a coisa mais difícil no mundo que resistir. Não a destruiria antes que isto tivesse terminado. Mas que o condenassem se a conduzia para as mãos de um louco.

Ele não respondeu. Não podia responder. Queria gritar, uivar de fúria pela injustiça que ele confrontava. Não podia fazê-lo tampouco. Lançou um olhar à porta aberta do estábulo, recordando sua necessidade de cheirar a liberdade. Não valia a pena o possível sacrifício. Sua obstinada determinação tinha condenado seus irmãos ao inferno, não permitiria que acontecesse o mesmo com Heather.

Sacudiu a cabeça com desalento enquanto desencilhava seus arreios. Pobre Rusty. Aplaudiu a garupa do ruano. O garanhão estava ansioso por correr, igual a Sam.

— Sam? — perguntou voz suave dela.

— Não te colocarei em perigo. — Lançou a sela e a manta em cima do porta e devolveu o cavalo a sua casinha.

Ela suspirou com impaciência atrás dele.

— Sam, não pode sair sozinho. Sabe disso. Esqueceu o que aconteceu da última vez que fez isso?

Os punhos dele se apertaram enquanto fechava a porta do estábulo.

— Sim, Heather. — Disse furiosamente, dando a volta devagar. — Algo muito fácil de se esquecer...

A cena surgiu em sua mente, mas não era Tate, era Marcelle. O sangue coloriu sua visão enquanto a violência atravessava seu corpo durante um duro e comprido segundo. Podia sentir que seus músculos se esticavam, que seus punhos se apertavam como se defendendo contra a fúria de uma lembrança que nunca se revelava totalmente.

— Sinto muito, Sam. — Ela desmontou, a face pálida, os olhos feridos enquanto o olhava. — Encontrarei alguém mais para que monte a cavalo com você.....

Ele a deteve. Antes de se dar conta, tinha segurado pelo braço, puxando ela até que a teve pressionada contra o tabique que separava os cubículos, as pulsos magros imobilizados pelas mãos dele e estiradas em cima da cabeça. Olhou-a, respirando com dificuldade, a raiva e o desejo queimando através de seu corpo em igual medida.

— Não entende. — Grunhiu com aspereza. — Me escute, Heather. Pelo amor de Deus, por mim, me escute. Permanece longe de mim. Por favor. Não quero te machucar, não quero ser a causa de sua dor.

Ela se contorceu contra ele, os quadris pressionando mais perto, o estômago dela amortecendo a raivosa dureza atrás do tecido de suas calças. Ele lutava por controlar-se, seus músculos se esticaram, endurecendo-se quando ela o olhou daqueles sábios, embora inocentes, olhos.

— Quanto tempo mais vai cair na auto-compaixão, Sam? — perguntou finalmente, e a suavidade de sua voz parecia ácido em uma ferida aberta — Quanto tempo mais o deixará destruir sua vida?

Olhou-a sem piscar, lutando contra a cólera esmagadora que o fazia querer fazer mal, controlar.

— Enquanto isto dure, Heather, até que o aroma de sangue e sêmen misturados saia de minha puta cabeça! — cuspiu por fim — Tire-o, neném, e depois falaremos disso.

Afastou-se dela, sabendo que se não o fizesse, poderia não ser capaz mais tarde. Os olhos dela estavam alagados de lágrimas, sua face pálida pela tensão e a dor quando o olhou, e ele não podia agüentá-lo. Não podia suportar olhar em seus olhos, sabendo que ela via quem era, o que era. Sabendo que em um momento de descuido, em um momento de aturdida paixão, poderia colocá-la a mercê de um louco outra vez.

Tirou o chapéu da cabeça e passou os dedos da outra mão violentamente pelo cabelo. Não havia nada que odiasse mais que esse sentimento se elevando dentro dele. A cólera ardente e a dor. A vergonha. Isto nunca deixava de provocar a necessidade de conectar e aliviar o doloroso vazio dentro de sua alma. A necessidade de tocar, saborear e ouvir os gritos de prazer. Mas não era a Marly ou a Sarah a quem ele tinha que ouvir. Era Heather.

CAPÍTULO 16

— Cade, está retornando ao interior. — Disse Heather em seu intercomunicador, enquanto Sam retornava indignado ao rancho. Preocupava-lhe a intensidade em seus olhos cinza azulados, a fúria que esticava seu corpo.

Deixava-se levar pela ira e era fácil ver que o próximo estalo poderia ser mais do que qualquer um deles queria confrontar. Apesar de sua jovialidade, o núcleo sombrio e escuro que ela vislumbrava em sua alma parecia ainda mais perigoso.

— Obrigado, Heather. Nos encarregaremos dele. — Sua voz foi misteriosamente empoando de pena, a ira e a preocupação se misturando em uma inquietante beberagem que rasgou o coração dela. Três homens, cada um marcado a sua maneira e lutando por sobreviver. Aterrorizava-a, perguntava-se seriam capazes de lutar para sair desta.

E isso a machucava. Sabia como acabavam tais episódios. A abrasadora paixão dos gritos femininos enquanto os irmãos August se uniam em uma orgia de intensidade sexual com elas. Entretanto, Sam não parecia tomar parte tão freqüentemente como o fazia no passado, sabia que ao menos tinha tomado parte nessa maldita limusine. O perigo que os rodeava só incrementava o fio de luxúria que brilhava nos olhos dos homens continuamente.

Eram tremendamente sexuais, e mais que um pouco dominantes. E embora Sam parecesse mais brincalhão que enérgico, podia ver o núcleo dessa escura sexualidade ficando mais óbvia. Quanto mais próximo estava o perigo, mais parecia intensificar-se esse fio.

O caçador vinha seguindo cada um de seus movimentos, estava se aproximando. Várias tentativas foram feitas para violar a casa. Cada um tinha passado despercebido para qualquer dos investigadores até muito tempo depois, então tinha sido muito tarde para ver alguém. O bastardo conhecia o rancho muito bem para o gosto de qualquer um.

Teclou o enlace para abrir o canal, escutando com distante atenção o bate-papo entre os investigadores enquanto desencilhava seu cavalo e o levava de volta ao estábulo. Acariciou a larga cabeça do animal, olhando fixamente seus tranqüilos olhos marrons enquanto a tristeza a invadia.

— Está ficando pior. — Brock entrou nos estábulos, seus olhos tão parecidos com os do Sam sossegados e tristes, enquanto Heather segurava a porta fechada do estábulo e voltava-se para ele.

Heather o observou enquanto ele entrava para o frio e escurecido interior. Contemplou-a de perto, seus olhos pensativos, a forma em que controlava seu corpo sugeria que era um homem com uma missão da que não estava completamente convencido.

— Não podemos permiti-lo montar só, Brock. — Heather negou com a cabeça, sabendo que Sam necessitava da solidão do campo aberto para ajudar a sossegar os demônios bramando em seu interior. Uma solidão que agora poderia ser fatal.

Recordou o passado, quando foram chamados da primeira vez para proteger Marly. Sam freqüentemente escapulia da casa, dando longas caminhadas ou montando várias milhas para refugiar-se na lacuna sombreada pelas árvores, onde freqüentemente se sentava e só olhava fixamente a água. Não tinha podido fazê-lo ultimamente, e estar confinado parecia que só incitava seu temperamento.

— Estou de acordo com você nisso, Heather. — Suspirou bruscamente, enterrando as mãos nos bolsos de suas calças, enquanto a observava com expressão interrogativa. — Não estou pedindo a ninguém que o permita.

Para seu gosto, ele se parecia muito a Sam. Os marcados e quase selvagens planos de seu rosto refletiam, entretanto, uma tranqüila aceitação do mundo, mais que a esmerada jovialidade ou a alternada e enfurecida pena que refletia Sam. De todos os homens, Brock parecia aceitar melhor o passado, aceitar mais o que todos eles eram.

Desejava poder encontrar um pouco da confiança que ele levava sobre seus ombros. No momento se sentia perdida, insegura. Estava lutando não só por sua vida, mas também pela vida do homem que não queria amá-la, embora o fizesse.

— O que foi? — Perguntou Heather com o cenho franzido. Brock obviamente tinha algo na cabeça, e ainda estava hesitando abordar o assunto, fosse o que fosse. De qualquer maneira, tinha o pressentimento de que realmente não queria ouvi-lo.

— Por que ainda não foi para você? — perguntou ele em voz baixa, a cabeça inclinada enquanto a contemplava com expressão inquisitiva.

— Para que? — tinha a sensação de que sabia exatamente para que, mas não ia deixar este homem colocar o nariz em seus assuntos sem brigar.

Ele também parecia saber. Observava-a com cumplicidade.

— Você sabe para quê — grunhiu — Ele deseja tanto transar com você, que isso esquentava o ar ao redor de ambos, Heather. Não finja que não sabe.

Heather sentiu um curioso revoar de nervos na boca do estômago. Não havia grande luxúria em seus olhos como havia nos de Sam, mas havia uma sensação de antecipação, de espera. Estava-lhe perguntando sobre Sam, mas ambos eram conscientes do que todos eles esperavam uma vez Sam tomasse.

— Isso não é assunto seu, Brock. — Negou com a cabeça. Não precisava dos outros dois irmãos complicando sua vida nesse momento. Sua vida, ou seu coração.

Ele soprou com brutalidade, voltando a cabeça enquanto olhava fixamente as sombras dos estábulos. Os braços cruzados sobre o peito, seu corpo duro rigidamente ereto, como se parecesse estar pensando no que deveria dizer. Sua expressão era pensativa, preocupada, parecendo escolher as palavras cuidadosamente.

— Concerne a todos, Heather. — Ele disse, por fim, em voz baixa. — Não só a mim e a Cade, mas também a Marly e a Sarah. Todos o amamos. Vê-lo assim é... — Fez uma pausa a contra gosto. — É muito duro para todos nós.

Ela podia vê-lo. Tinha-o visto constantemente. As relações entre os homens eram curiosas. Compartilhando tudo, fosse no trabalho, diversão ou prazer. Entretanto, nunca juntos. Por um momento, perguntou-se se a estranha relação que compartilhavam com suas mulheres era devido

às tendências ou desejos de estar com o outro sexualmente. Mas pelo que tinha observado, estudando acontecimentos e interações, sabia que não era o caso.

Heather acreditava que tinham tido tendência às relações que agora compartilhavam. Os horrores e os pesadelos do passado tinham forçado a necessidade desse vínculo mais próximo, apesar das crenças morais. O abuso e a luta por sobreviver juntos os tinha aproximado, mais inclusive do que eles pensavam nesse momento. Era uma aproximação que ia além de qualquer sentimento de ciúmes entre irmãos. Tinham afastado tais emoções de um lado, o que lhes permitia os extremos sexuais que agora praticavam.

— E acha eu que tenho que arrumar isto? — perguntou finalmente, exasperada e um pouco irritada. De repente, todo mundo estava olhando para ela, para arrumar os problemas que tinha esta família. Não podia ver um acerto à vista em nenhuma parte.

Ele trocou de posição com nervosismo, atravessando-a com um olhar que a fez dar um passo atrás. Intenso, ardente, cheio de convicção.

— Ele te ama, Heather. Sei que sim. E você sabe no que implica isso.

Sua voz conduzia um fio duro e conhecedor. Não ia deixá-la andar com rodeios sobre a implicação com a família, se ela aceitasse a relação com o Sam. Condenados homens. Os August tinham que ser os varões mais teimosos, teimosos e difíceis de tratar que tinha tido a desgraça de conhecer.

— Então é que agora está tentando conseguir seu pedaço do pastel? — espetou ela, franzindo o cenho. Esses homens estavam pondo a prova sua paciência de muitas formas, mas isto, pisar no terreno de seu gêmeo, era muito inclusive para seus normalmente moderados nervos.

Ele fez uma careta impaciente.

— Não seja tola, Heather. — Grunhiu, a indignação marcada em sua voz, surpreendendo-a pela veemência de seu tom. — Não é sobre conseguir um pedaço de algo. É sobre Sam. É sobre acalmar a ira que cresce em seu interior antes que o destrua.

— Maldição, Brock, só Sam pode fazê-lo. — Heather negou com a cabeça, surpreendida, e não pela primeira vez, sobre a insistência dos homens sobre acalmar a ira de Sam, e no processo, a cura. — Ele tem direito de estar zangado. Direito de odiar tudo o que aconteceu e está acontecendo agora. Não pode esperar que ele brinque como de costume sobre isto.

— Ouça-me, maldição! — grunhiu, sua própria ira saindo à superfície então, assombrando-a. Poucas vezes tinha visto Brock zangado. — Não quer a Sam assim, Heather. Nenhum de nós o quer. Não solucionará nada. Não fará nada mais que destruí-lo.

Desconcertada pelo surpreendente desdobramento, Heather só pôde observá-lo, com os olhos entrecerrados, e a suspeita fazendo vibrar seu peito com um tamborilo de advertência.

— Ou curá-lo. — Propôs cuidadosamente. — Por que não quer Sam alterado, Brock? Você não está alterado? Está aceitando esta coisa do caçador sem preocupação, nenhuma pinga de cólera?

Os lábios dele apertaram-se, o músculo ao lado da bochecha palpitava enquanto ele obviamente lutava com seu próprio sentido de impotente frustração.

— Me escute, Heather. Há coisas que não pode entender. Coisas que não quer compreender, e sem dúvida alguma não quer que Sam pense nela.

— E acha que devo detê-lo, como? — Ela sacudiu a cabeça, estendendo as mãos frente a ele enquanto o observava com frustrante raiva. — Acha que fodendo com ele o distrairei de pensar?

— Se tiver que fazê-lo. — resmungou então, mais suavemente. — Se o amar, Heather, como acredito que o faz, deveria fazê-lo sem importar o que custar.

A fluida sensação de temor crescendo em seu interior não podia ser ignorada.

— O que é o que não me está contando, Brock? — Cruzou os braços sob os seios, observando-o, impaciente e colericamente.

Ele afastou o olhar, e Heather poderia ter jurado que apanhou um brilho de culpa em seu olhar.

— Nada que possa te ajudar — finalmente suspirou.

— Agora mesmo, algo ajudaria. Sam não me quer...

— Isso é uma panaquice. — Sua mão cortou o ar impaciente. — Sam te quer tanto que não pode caminhar pela ereção que leva. Isso não tem nada que ver com a luxúria, Heather, e tudo com seus sentimentos para você.

— Não posso fazer que venha a minha cama, Brock. — Suspirou com desalento. — E maldição se não o tentei.

— Heather...

— Brock, basta. — A sombra da ampla forma de Sam penetrou pela entrada do estábulo.

A cabeça de Heather se inclinou rapidamente, seus olhos bem abertos ante o tom duro e frio da voz de Sam. Brock se moveu rapidamente, seu corpo repentinamente à defensiva, preparado.

— Sam — Brock negou com a cabeça outra vez.

— Não preciso sua ajuda mais do que preciso a de Cade. — A voz do Sam era baixa, espessa, com uma pontada de candente raiva. — Nem tampouco preciso um alcoviteiro.

Heather estremeceu

— Me toma por uma puta pelo trabalho de um alcoviteiro, Sam. Não está insultando só a seu irmão aqui.

Seu olhar a atravessou, e embora não pôde ver seus olhos pela penetrante luz do sol atrás dele, pôde sentir a intensidade neles. Por um momento lamentou atrair sua atenção para ela.

— Não diga tolices — grunhiu ele, entretanto o autodomínio em sua voz lhe provocou um estremecimento.

— Estamos preocupados, Sam... — começou Brock.

— Brock, deixe estar... — interrompeu Heather, sabendo que tentaria suavizar o acontecimento anterior, para acalmar a cólera de Sam.

— Maldição, não sou um maldito osso pelo que vocês dois briguem — espetou entrando no estábulo — O que quer, Brock? Um chiste simpático, ou que tal outra brincadeira? Deixa de fingir que o mundo está bem quando sabemos condenadamente bem que não.

Fúria reprimida, agonia, necessidade. Todas elas refletidas em sua voz. O coração de Heather se partiu enquanto o observava, e quando deu uma olhada para Brock, soube que também estava partido o dele. A expressão do Sam era sombria, sua face marcada com a fúria e a dor. E Heather teve o terrível e doloroso pressentimento de que quando saísse à superfície, nenhum deles ficaria ileso.

Brock passou os dedos pelo cabelo enquanto dava uma olhada a ela. Heather só pôde negar com a cabeça. Não ia ajudar. Cedo ou tarde, deveriam dar-se conta de que Sam já não precisava do amparo deles, tudo o que precisava era seu apoio.

— Vou deixá-los sozinhos. — Ela se dirigiu para a entrada.

— É uma merda. Por que acha que voltei? — Sam a agarrou pelo braço quando ia passar por ele. — Por você, Heather, não por meu intrometido irmão.

— Sam — Brock deu um passo adiante para protegê-la.

Heather observou enquanto a cabeça de Sam esquadrihava os arredores, a expressão dura, definida pelos anos de dor que todos eles tinham sofrido.

— Está zangado. Deveria se acalmar...

O sorriso que cruzou o rosto de Sam fez pouco para acalmar o tremor nervoso que revoava através do corpo de Heather.

— Acha que a machucaria, Brock? — Sua voz era sedosa e suave, mas todos ouviram quão corrente rasgava baixo ela. Estava pressionando seu irmão, e Heather se perguntou por que.

— Faria-o, Sam? — perguntou Brock quedamente.

Sam negou com a cabeça. Enquanto Heather observava, a fúria desaparecia e uma desolada tristeza relampejou. Ela podia ver o sentimento de traição em sua expressão, o conhecimento de que por alguma razão, ele não era de confiança.

— Nunca machuquei Marly e Sarah, Brock. Nenhuma vez. Por que demônios acredita que machucaria a Heather?

CAPÍTULO 17

— Droga! — O rosto de Brock se retorceu com sua própria dor, a maldição escorregando entre seus dentes com um tom fortemente tingido de auto-repugnância. — Droga, Sam! Sei que não lhe faria mal fisicamente. Não é por seu corpo que estou preocupado. Merda, não deveria fazê-la chorar tampouco. Isto já é suficientemente mal.

Sam olhou a seu irmão, vendo a verdade, o fato de que Brock sabia que nunca faria realmente mal a Heather. Durante um momento, todo seu corpo se retorceu de agonia, e cheirou o sangue, a morte, e se perguntou... Sacudiu a cabeça, tentando afastar a escura dor que o percorria por dentro. As mulheres eram tudo o que importava. Sua risada, sua felicidade. Essa felicidade alimentava a de Cade e a de Brock, e de algum jeito, a sua própria. Suas lágrimas faziam ressurgir os demônios, que estalavam com famintas mandíbulas e vorazes dentes em forma de pesadelos que nenhum deles podia evitar.

Respirou fundo, ignorando a incrédula expressão de Heather ante a explicação de Brock. Ela não entendia, e ele se perguntou como Marly e Sarah podiam fazê-lo.

— Sarah está te procurando. — Suspirou Sam finalmente, cansado até a medula, saturado pela mistura de emoções às que agora mesmo não encontrava nem pé nem cabeça.

Seu gêmeo mudou de direção, olhando para Heather como se tentasse passar uma mensagem. Tranqüilize Sam. Proteja Sam. Sabia de cor, e agora fazia trinca em seu orgulho, quando antes nunca o tinha feito.

— Vá, Brock — cuspiu — Não me encha o saco mais do que já estou. Por favor.

Brock blasfemou. Um som resmungado, ainda mais violento pelo fato de soar tão tranqüilo. Saiu do celeiro, tal como Sam sabia que tinha feito ele mesmo antes, deixando-o só com Heather.

Voltou-se para ela, olhando-a em silêncio enquanto ela permanecia de pé sob seu atento olhar. Devolvia-lhe o olhar diretamente, sem alterar-se. Seus olhos verdes estavam escuros pela tristeza... tristeza por ele. Respirou com força. Tanto como ele, queria sua risada e sua felicidade, que o condenassem se agora mesmo não se sentia como um farsante.

Cade e Brock o necessitavam. Ver Sarah e Marly realmente felizes os fazia felizes. Aliviava seus corações, e em algum grau, aliviava as sombras que freqüentavam seus olhares. Mas Sam, ele tinha mitigado seus demônios com a felicidade de seus irmãos, e durante um muito breve tempo tinha pensado que poderia alcançar a sua própria com esta mulher.

— Sempre foram tão protetores? — perguntou ela finalmente em voz baixa, colocando as mãos nos bolsos traseiros com nervosismo.

A camisa se estirou sobre os transbordantes montículos de seus seios, fazendo que as mãos picassem por tocá-los. Sua última ereção nem sequer tinha tido tempo de aplacar-se quando ouviu que Brock estava se dirigindo aos estábulos e teve que retornar. Agora, palpitava sob seu jeans com uma demanda imperativa que o deixava quase louco.

— Sim — respondeu finalmente, lutando por controlar-se.

— É duro de agüentar não? — Ela inclinou a cabeça olhando-o, tentando entendê-lo.

Maldição, não queria nem necessitava seu entendimento.

— Volta para a casa? — assinalou de uma vez, ignorando sua pergunta.

Ela se apoiou contra o marco de uma casinha, observando-o com aquele olhar. O que dizia que ela sabia, que ela se ocuparia. O que lhe dessem! Ele não queria isto.

— A casa às vezes está muito lotada. — deu de ombros finalmente — De fato, eu mesma estive escapulindo um pouco. — Sorriu abertamente, como se o segredo tivesse importância. Tinha, mas que o condenassem se admitisse.

— Por quê? — perguntou por fim quando ela não disse nada mais.

Seu olhar nunca abandonou à sua.

— Porque não posso suportar escutar os outros juntos. Aterrorizada de que vá a uma delas outra vez, em vez da mim.

Ele queria bater em algo. Seus punhos se apertaram ante a nua vulnerabilidade de seu olhar, a necessidade, doce e quente, que brilhava em seus olhos. Necessidade que sabia estava deixando uma doce e quente nata ao longo dos lábios de sua vagina. Sua boca babava. Queria, não, tinha que prová-la. Sentir o suave suco que corria de sua vagina em sua língua, em seus dedos.

— Não faz muito caso de advertências, não é, neném? — Grunhiu, perguntando o que seria necessário para espantá-la, para lhe fazer ver exatamente quão perigoso ele poderia ser para ela. Droga! Se o escalpelo de um louco não o tinha feito, que demônios o faria?

Os lábios dela se elevaram em um sorriso. Um pequeno, triste e sábio sorriso.

— Se seu pau não estivesse tentando abrir caminho em seu jeans, poderia emprestar mais atenção a seus protestos, Sam.

Ele cruzou os braços sobre o peito, seus olhos se estreitaram nela.

— Que demônios te fez tão condenadamente ousada? — ladrou — O que aconteceu com os doces e pequenos rubores que lhe saíam faz um ano?

Ela levantou uma sobrancelha. Só isso, uma simples retroceder, como fazia Marly quando sabia algo que eles não sabiam e não queria contá-lo.

Ela deu de ombro, um gesto que recordava um desafio.

— Você me molha mais que os brinquedos. — Sua resposta o deixou aniquilado.

Sam apertou os dentes, lutando por controlar-se.

— Mas não me atirarei em você outra vez, Sam. Não sou uma puta, e estou segura de que não quero mimar seus sentimentos como todos parecem querer fazer.

— Mimar meus sentimentos? — grunhiu, sabendo que era o que faziam, mas odiava admiti-lo.

— Sim, mimam seus sentimentos — disse em voz baixa — Acariciam você, fazem você rir, fomentam suas travessuras e suas brincadeiras, enquanto tentam te deixar fingir que não acontece nada de errado em seu interior. E tenta estar de acordo. Porque os faz sorrir. Porque alivia sua dor.

— Psicologia barata — soprou — Justo o que preciso, uma aspirante a psicóloga.

— Não sou uma psicóloga, Sam. — Negou lentamente com a cabeça. — Fiz uma parte de sua vida há um ano. Éramos amigos antes que me tocasse. Mas uma vez que me tocou, fui tua, e você sabia. Sabia, Sam, e seguiu adiante.

— Você é virgem. — disse, obrigando-se a guardar a distância entre eles para não tocá-la. — Maldição, Heather, o que quero te fazer é ilegal em todos os estados do país e está me puteando porque não lhe farei isso.

— Burro. — Sua voz se fez mais profunda então, sua própria cólera surgindo. — Não vou discutir isto com você, Sam. É um covarde, esse é seu problema. Está aterrorizado de sentir carinho por alguém ou por algo que poderia te chegar muito fundo. Muito assustado do que te faço sentir para estender a mão pelo que quer.

— Quer que estenda a mão, Heather? — Seu controle quebrou. A acusação dela, sua necessidade, a verdade de sua declaração, tudo isso o golpeou onde mais lhe doía. Em seu coração. Em sua alma.

Moveu-se antes de querer fazê-lo realmente. Ao lado dela, uma casinha vazia esperava e para ali a arrastou. Fechou bruscamente a porta, empurrando-a contra o quarteirão, vendo o brilho excitado que enchia seus olhos.

Uma mão a agarrou pela parte traseira da cabeça enquanto seus lábios se abateram sobre os dela. Não teve em conta nenhum rastro de inocência que ela pudesse ter. Não fez concessão alguma ao necessitado gemido que escapou de sua garganta. Sua língua entrou, forçando a boca dela, lambendo sobre lábios de seda, gemendo pela fome de seu sabor.

Sua outra mão rasgou os botões de seu jeans. Seu pênis estava raivoso, o sangue bombeava forte e rápido pela sensível malha, até que esteve mais duro do que podia recordar ter estado em sua vida. Heather estava arqueada para ele, sua cabeça caiu para trás, seus lábios se abriram aos dele, a língua se enroscou com a sua. E ele não podia menos que recordar. Recordar a sensação daquela boca quente chupando seu pênis, seus dentes e sua língua torturando-o, atormentando-o.

— Está me matando — ofegou, enquanto beliscava seus lábios, sua ereção estirando-se em sua mão ao mesmo tempo em que lutava contra os impulsos que alagavam seu corpo.

Levaria horas, dias, por Deus, semanas para fodê-la de todas as maneiras em que a queria. Em que a necessitava. E não podia esperar. Não podia agüentar a pressão explodindo em sua mente, rasgando seu corpo.

— Sinto muito. — odiava a si mesmo. Odiava as necessidades que se rasgavam através dele, transformando-o em pouco mais que um animal no cio. E ainda assim não podia deter-se. Não podia controlar a urgência, a necessidade de liberar-se, não só do esperma que aumentava em suas bolas, mas também da agonia em sua alma.

— Sam! — Seu grito de desejo transtornava seus sentidos.

Agarrou a trança da parte de trás de sua cabeça, seus olhos encarando os dela enquanto exercia pressão, jogando-a no chão enquanto agarrava o grosso caule de seu pênis na mão.

— Preciso te foder — sussurrou desesperadamente enquanto a via ficar de joelhos — Preciso te foder, Heather, até que esteja me gritando que pare.

— Nunca. — Sua voz soava estrangulada. Então, lambeu os lábios. Um lento e ofegante varrido de sua língua que umedeceu as sedosas curvas, as preparando para ele, para seu pênis.

Ela não esperou que pressionasse a protuberante cabeça de seu pênis contra seus lábios. Abriam-se, mas era sua língua, um quente chicote de ardente calor, o que chamuscava sua carne, o que lhe fez gritar quando provou a parte oculta da grossa cabeça, acariciando a ultra-sensível carne sem cicatrizes com o fogo úmido de sua língua.

Contemplou-a, olhou a rosada carne lhe tocar um instante antes de que seus lábios tocassem a cabeça protuberante, então lentamente, que Deus o ajudasse, tão lentamente envolveu a cabeça enquanto seus dentes arranhavam a torcida ponta.

Sam agarrou a trança de sua cabeça, aproximando-a, olhando-a, observando-a enquanto os olhos dela quase se fechavam de prazer. Prazer? Ele tremeu. Esta não era a mulher de seu irmão,

tomando-o devido a seu amor por outro homem. Esta era a sua. Sua mulher, tomando seu pênis na boca, e amando-o.

Ele pressionou sua carne mais profundo, contemplando seus lábios estender-se, sua pequena boca de pinhão envolvendo-o enquanto a sentia gemer contra a palpitante cabeça.

— Ah, Heather — sussurrou, pressionando seu pênis mais forte entre os lábios, afundando-se nas profundidades aveludadas de sua boca enquanto seus dentes arranhavam, a língua se enroscava e a pequena e suave boca o chupava avidamente.

Ela gemeu outra vez, o som vibrando na carne dele enquanto se detinha na entrada de sua estreita garganta. Ela não estava tomando o suficiente. As mãos dele se apertaram em seu cabelo outra vez, ouvindo seu gemido, um gemido que falava de necessidade, mais que de dor.

— Me chupe, Heather, mais forte. — Sussurrou, balançando-se na borda de uma luxúria tão aguda, tão desesperada, que se perguntou se sobreviveria. — Chupa meu pau, neném. Me dê o que necessito.

Ele se retirou, a umidade brilhava na carne que ela tinha sustentado dentro de sua boca, enquanto seus dentes e sua língua o acariciavam outra vez. Um delicado formigamento próximo à dor lhe produzia fortes estremecimentos de prazer percorriam seu corpo.

Foder sua boca era delicioso. Olhar, vê-la enquanto envolvia seu pênis em sua boca era o paraíso. Empurrou outra vez, sentindo-a apertar, chupar, sua língua um quente tição enquanto gemia ao redor da carne torcida.

— Tenho que te foder. — Estava quase louco. O controle não era nada mais que uma lembrança enquanto lhe agarrava a cabeça com ambas as mãos, sentindo as mãos dela fechar-se ao redor de seu pênis, frescas e sedosas mãos, um contraste erótico com a boca quente como o inferno lhe chupando avidamente a cabeça.

Sustentou sua cabeça, fodendo sua carne na sugante boca, grunhindo de prazer, lutando contra ele mesmo, lutando contra as necessidades que se retorciam através de seu corpo. Não queria tomá-la assim. Queria-a suave e fácil, mas Deus o ajudasse, quando ia a ela, tudo que podia fazer era receber. Receber como recebia agora, fodendo em sua boca uma e outra vez, sentindo sua semente ferver no escroto enquanto se esticava, seu pênis pulsando e palpitando.

Uma das mãos dela se moveu, introduzindo-se entre suas coxas, então suas unhas raspavam. Raspavam a carne marcada e quase insensível. Raspavam sobre sua pele, um doloroso prazer que chamuscou seu pênis, disparou-se por sua coluna e destruiu qualquer possibilidade de atrasar a liberação que se formava dentro de suas bolas.

Ouviu seu próprio grito rompendo a calma dos estábulos. Empurrou com força, sepultando-se tão profundamente dentro de sua boca como sua mão, apertada com o passar do caule, permitiu. Uma vez. Duas vezes. O fogo passou como um raio por seu corpo, viajando à base de sua coluna, depois retornou a seu transbordante pênis.

Não podia conter sua liberação.

— Heather. Tome. Tome tudo, neném.

Suas costas se arquearam enquanto se fazia em pedacinhos. Sentiu o forte e veloz jorro de sua semente erupcionar na ponta de seu pênis. Alagando a boca dela, disparando a sua garganta enquanto ela sugava e tragava, enquanto seus lábios apertavam seu pênis, que se sacudia com cada forte erupção em sua boca.

Segurou sua cabeça, a liberação enroscando-se por seu corpo enquanto ela continuava amamentando sua carne ainda dura. Não era o bastante. Deus o ajudasse, nunca conseguiria o suficiente dela.

Retirou-se, olhando-a, vendo o fogo frágil em seus olhos, seus lábios inchados, e soube que era um homem morto. Um homem morto porque não podia deixá-la ir. Porque sabia que podia ser ferida, e que facilmente poderia morrer, e sabia que isto o mataria.

— Vou comer primeiro o seu traseiro. — Grunhiu, resistente a deixá-la meter-se em algo sem saber o que lhe estava esperando. — Vou te amarrar, Heather, porque tenho que vê-la, te ouvir e te controlar, mais que outra coisa. E foderei seu traseiro até que esteja gritando pela liberação, até que suplique. E não pararei aí. Vou foder você até que não possa se mover, e depois vou foder ainda mais. Porque esperei um maldito e longo tempo, e lutei muito forte para ficar condenadamente longe de você.

Ele a pôs de pé, vendo seus olhos arregalarem-se enquanto ele falava. Inclinou-se perto, olhando fixamente sua aturdida expressão, seu pênis ainda palpitando por ela, ainda tão duro que doía.

— E depois, Heather, finalmente, quando não puder agüentar mais a pressão, quando os demônios parecerem serpentes enroscando-se em minhas tripas, golpeando como facas em meus pesadelos, então te compartilharei. Olharei. Segurarei você, Heather, enquanto Cade te fode. Enquanto Brock te fode. Quando gritar e suplicar para gozar, porque é importante para mim. Tão importante para mim, tão parte de mim, que não terei nenhuma opção. Nenhuma opção, Heather, porque isto é o que somos. Isto é quem sou. E reze a Deus para que ambos sobrevivamos a isso.

Abotoou os jeans enquanto falava. Preparou-se ao ver que seus olhos se estreitavam e o fogo cintilava nas profundidades verdes. Mas antes que ela pudesse blasfemar, antes de que pudesse o acusar de ser o vil e depravado monstro que ele sabia que era, ele deu a volta e saiu dos estábulos. Ela não tinha nem idéia do que tinha posto em andamento. Não tinha nem idéia das necessidades que continha, nem sequer sua família. Mas descobriria. E descobriria esta noite.

CAPÍTULO 18

A porta principal se fechou de repente. Cade, Sam e Brock viraram em uníssono para encontrar-se com a fúria de Heather dirigida a todos eles enquanto parava no saguão. Estava enfurecida. Seu corpo palpitava de excitação e raiva. Bombeava por sua corrente sanguínea, esticava seus músculos e acabava com seu autocontrole.

— Heather — Os olhos de Sam eram sombrios enquanto a olhavam, cheios de dor e desculpas. Ela tampouco queria ver isso. Não se importava se estava ferido, não se preocuparia com as feridas de sua alma. Que a condenassem se permitia feri-la mais.

Avançou em volta dos três homens, os olhos entrecerrados, a respiração apressada como seu coração que corria no peito. Condenado fosse! Tinha passado um ano lutando contra seu retraimento com ela, um ano lutando contra suas próprias necessidades e tentando entendê-lo melhor. Não havia entendimento possível ante semelhante teimosia masculina.

— Isto me supera. — Endireitou os ombros, a mandíbula esticando-se enquanto via a sensualidade latente que enchia a expressão de Sam, e começava a alcançar seu ponto máximo no olhar dos outros dois homens. — Vocês três estão simplesmente um pouco mais consentidos do que considero aceitável.

— Heather — O tom do Sam era de advertência e seu corpo, tenso.

— Vai me amarrar, garotão? — espetou — E me diga, quem te ajudará nessa pequena tarefa? Estes dois?

Seu tom era mais que insultante. O interesse que enchia os olhos dos homens era exasperante.

— Não pensei que precisasse de ajuda — disse ele suavemente, seu olhar vagando sobre o corpo dela — Sou um pouco mais forte que você, doçura.

O mesmo tom de sua voz fazia que sua matriz tremesse de luxúria quase com tanta força como tremia o resto de seu corpo com a cólera.

Ela soprou.

— E um pouco mais burro também, mas não entraremos em detalhes. — Voltou a vista para seus irmãos. — Alguma vez vocês três se cansaram de viver através de seus pênis?

Surpresa e assombro encheram suas expressões.

— É suficiente — avisou Sam, seus próprios olhos se estreitando enquanto a cólera começava a nublar a preguiçosa sensualidade que tinha enchido seu olhar.

— Estava informando a seus irmãos de seus projetos? — Seus punhos se apertaram — Lhes disse o forte que gozou em minha boca, Sam? Como me abandonou sentada no puto feno com apenas uma advertência do que estava por vir? — lançou a acusação em sua cara — Que demônios te possuiu, carinho, para acreditar que sou tão fraca que simplesmente agacharia a cabeça e me submeteria a seus planos?

Estava gritando e pouco se importava uma merda quem a ouvisse. Contemplou Cade, enquanto este olhava para o teto como pedindo forças antes de lançar a Sam um olhar acusador. Brock sacudia a cabeça e contemplava o chão, embora pudesse ter jurado que escondia um sorriso. Sam cruzou os braços sobre o peito amplo, e embora ao ver, fazia sua boca encher de água, estava tão zangada que preferia lhe dar um chute antes de o foder agora.

— Talvez tenha sido esse pequeno brilho de excitação em seus olhos quando te disse o que ia acontecer — ele grunhiu em resposta — O que esta acontecendo, Heather? Não podia esperar até esta noite?

— O que acontece, Sam? Tem que atar a suas mulheres para se assegurar de que elas não podem tocar esse sangrento coração que tem?

Os braços dele se afastaram devagar de seu peito, os punhos apertando-se enquanto a contemplava com zangada surpresa.

— Sam, que demônios você fez? — vaiou Cade, com uma mistura de divertida resignação e irritação.

— Nada que seja assunto seu — grunhiu.

Heather levantou uma sobrancelha zombeteiramente.

— Nada que seja assunto dele? Bem, Sam, você o incluiu nas próximas atrações. Embora tenha se esquecido de me pedir permissão — espetou — Digam-me, meninos, é uma prerrogativa August fugir e deixar a suas companheiras sentadas na merda com nada mais que vazias advertências?

Cade blasfemou, sua expressão cintilando com culpa. Brock suspirou pesadamente e sacudiu a cabeça.

— É essa veia de dominação masculina que parece ter tão desenvolvida. — Sarah desceu as curvadas escadas, seu olhar se dirigiu a Brock, cálida pelo amor e lembranças, antes de lançar um sorriso a Heather. — Vejo que Sam fez sua estampagem habitual em uma mulher.

— Droga! Pensei que ela gostasse, na hora — resmungou Sam a Brock enquanto o outro homem sacudia a cabeça, obviamente lutando por agüentar a risada.

— Eu amo você, Sam. — Tranqüilizou-o Sarah, com um paciente sorriso. — Mas te conheço muito bem.

Heather a olhou quando parou junto a Brock, seu cabelo loiro escuro fazia um bonito contraste com o escuro de Brock, provocando uma bela imagem. O braço dele a rodeou, e Heather

vislumbrou em seus olhos o amor esmagador que o enchia. Isto nunca deixava de assombrá-la, as relações que se desenvolveram dentro desta família.

Cade e Sam a olharam com carinho enquanto Brock colocava um beijo em sua testa. A cabeça dela encontrou seu ombro, fazendo perfeita sua altura, na opinião de Heather, para seu alto marido. Marly era vários centímetros mais baixa e de pé chegava à altura do peito de Cade.

— Preciso de uma ducha. Com licença. — Heather não podia reprovar sua luxúria aos irmãos enquanto Sarah estivesse perto. Era muito estranho. A dinâmica dentro desta família era inquietante, no melhor dos casos.

— Heather — A voz de Sarah a chamou enquanto rodeava a família.

Heather parou, observando à outra mulher com receio.

— Da próxima vez que Sam obtenha prazer e não te devolva o favor, seria o momento oportuno para lhe mostrar o que podem fazer os dentes de verdade. — Disse suavemente enquanto tocava o canto de seu próprio lábio, e Heather sentiu arder seu rosto de envergonhada fúria.

Lançou um acusador olhar ao ofensor, enquanto estendia uma mão, tocando o canto de seus lábios e sentiu uma pequena parte da evidência do prazer dele. Sentiu-se sacudida e tremula, e tão zangada, que agora poderia lhe dar um tiro sem nenhum remorso.

— Já sabe — disse, olhando-o fixamente nos olhos, ignorando a escura indireta de remorso no olhar dele — É uma coisa boa que me paguem por proteger o seu traseiro. Por que se não, economizaria o problema ao caçador e te mataria eu mesma.

Deu-lhe um empurrão, e subiu rapidamente os degraus enquanto ouvia Sam amaldiçoar com violenta paixão. Uma ducha, definitivamente, pensou. Uma fria. Uma muito fria. Se não esfriasse as chamas de cólera que queimavam no fundo de seu estômago, podia muito bem o matar de todos os modos.

Sarah encontrou Marly estirada comodamente ao lado da piscina, seu fino corpo vestido com calzinha azul escuro de seu traje de banho, embora a parte superior tivesse desaparecido. Marly era quase hedonista em sua adoração ao sol, à água e seus amantes. Nos meses passados, desde que Sarah a conhecia, tinha aprendido as enormes profundidades do amor de Marly, assim como sua maturidade para alguém tão jovem.

Aceitar o estilo de vida que os irmãos August compartilhavam não tinha sido fácil para Sarah. Se não tivesse sido pela aprovação de Marly desse estilo de vida, e dela, Sarah sabia que nunca teria passado da transição. Amava Brock, mais do que teria imaginado possível alguma vez, e embora ele a tivesse ajudado a entender as necessidades de seu próprio corpo, tinha sido Marly que lhe tinha ajudado a entender e solucionar a confusão que vinha com isso. Sua aceitação e como entendia os irmãos nunca deixava de assombrar a Sarah.

— Não teme que os guarda-costas dêem uma olhada? — Sarah sentou no final de uma das redes, olhando enquanto Marly lhe sorria abertamente.

Entrecerrando as pálpebras contra os brilhantes raios do sol, seus olhos se abriram enquanto a diversão brilhava em seus olhos azul escuro.

— Não, Cade os mataria. — Sua voz era preguiçosa, adormecida.

Sarah elevou a vista para a colina depois da piscina. Brock havia dito que o caçador se escondeu uma vez ali, tirando fotos de Marly e espiando-a. A base daquela pequena colina agora estava fortemente protegida com uma equipe dos melhores homens de Rick durante o dia. Cães especialmente treinados vagavam pela área do pino, e mantinham seguro o topo, para que não fosse usada outra vez com esse objetivo.

Sarah suspirou, depois virou para Marly.

— Sam copiou uma página do livro de Cade. Embora em vez do celeiro, usou os estábulos.
— disse em voz baixa.

Marly estava tranqüila, embora sua sobrançelha se franzisse enquanto se sentava na rede. Puxando um robe de seda sobre o respaldo da cadeira, deslizando-se nele com lentidão.

— O que aconteceu? — perguntou finalmente.

Sarah passou os dedos pelo cabelo e soprou com brutalidade.

— Quando ela irrompeu na casa, estava mais louca que uma cabra e se enfrentou aos três.

Marly fez uma careta.

— Sam não deveria ter feito isso — suspirou — Isto vai deixar a todos eles na borda.

Já estavam todos na borda.

— Desejam-na, Marly.

Marly suspirou, apoiando o cotovelo no joelho e o queixo na palma da mão.

— Magoa você? — perguntou suavemente.

Sarah suspirou.

— Não, não me magoa... — parou, perguntando-se o que sentia realmente, incapaz de lhe pôr um nome — Não sei, possivelmente me desgosta. Não era tão mal na semana passada, mas quanto mais se aproxima Sam dela, mais se aproxima Brock.

— Isso é uma resposta. — A suave risada de Marly fez sorrir abertamente Sarah, mostrando seu acordo — Sei como se sente agora, de algum jeito. Mas também sei como se sente Heather. E Sam não está facilitando. Mantém-na excitada e sem satisfação à vista.

O olhar de Marly se iluminou. Sarah franziu o cenho. A outra mulher tinha em sua face esse olhar de tramar algo. O que preocupava os homens durante noites em branco quando a viam.

— O que está tramando? — perguntou Sarah com receio.

— Sei que ela tem brinquedos — Sorriu com ar conspirador — Mas só foi capaz de trazer um. — indicou.

— Foi? — Sarah elevou as sobrançelhas, perguntando-se como demônios conseguia Marly a informação que freqüentemente tinha.

— Bem, recorda, até seu ataque, e posterior volta aqui diretamente do hospital, não usou muito a casa, certo? — Marly cruzou suas pernas, o jeito de senhora elegante, se as pessoas descontassem a conversa que tinha.

— Bem, posso ver por que só um brinquedo. — Sarah assentiu, depois franziu o cenho outra vez enquanto sacudia sua cabeça. Tinha que perguntar. — Que espécie de brinquedo?

Marly sorriu cheia de diversão.

— Pensei que nunca perguntaria. Só trouxe o Pocket Rocket5. Pequeno, leve, fácil de esconder, mas realmente não muito prático para a pressão que suporta agora.

Sarah assentiu, embora tivesse vontade de sacudir a cabeça com assombro.

— Como sabe isto?

— Oh, ouvi ela e Tara discutir, quando Tara a pegou tentando pedir algo por internet no computador portátil da companhia. — Marly deu de ombros, seus lábios se curvaram em um sorriso. — Agora, bem, temos todas essas coisas que os homens nos compraram faz uns meses, apodrecendo-se ainda em suas caixas. Digo que lhe demos alguns dos presentes, já que Sam está sendo tão miserável em agradá-la até agora.

Aquele travesso olhar se devia pouco à natureza doce de Marly. O olhar significava problemas para qualquer dos irmãos com o que decidisse meter-se nesse momento.

— Não sei, Marly. Sam já está bastante mal agora. — Mas igual a Marly, Sarah pensava que precisava ser sacudido só um pouquinho mais. Aquela escuridão de Sam tinha que ser acalmada, ou liberada, não estava segura do que.

— Então, Heather pode pô-lo pior. — Marly levantou a sobrancelha em tom zombador. — Com um pouco de ajuda de nossa parte, é óbvio.

CAPÍTULO 19

Esperar por ele! Heather lançou a nota que ele tinha rabiscado em seu travesseiro e depois saiu rapidamente do quarto. Sua cólera tinha aumentado com o passar do dia. A autocrática ordem de Sam e seus irmãos, dando por certo que iria de bom grado a seus braços, tinha ferido em seu orgulho mais do que queria confessar.

Sam parecia pensar que porque ele o queria, as coisas automaticamente fossem como o dissesse. Ela não pensava assim. Embora tivesse que admitir que realmente queria esperá-lo ali. Que tivesse deixado dominá-la de boa vontade, lhe permitir fazer algo que sua pequena mente pervertida pudesse idear. O assunto de compartilhar, entretanto, era muito. A confusão que criava dentro dela causava mais noites sem dormir do que queria confessar.

As poucas confrontações com seus irmãos a tinham enchido de emoções contraditórias. Começava a sentir-se atraída por eles, e o odiava. Seus sonhos estavam sendo corrompidos com imagens nebulosas dos três irmãos, seus lábios e mãos tocando-a, possuindo-a, enquanto seus grossos pênis empurravam em seu inexperiente corpo.

Tremeu enquanto deslizava no escuro silêncio da noite. Os irmãos se pareciam muito a Sam. Eram muito parecidos, e ainda assim no fundo diferentes. Eram bondosos com Marly e Sarah. Muito indulgentes, em sua opinião. Ao ritmo que iam as coisas, teria que ser a única que cozinhasse naquela maldita casa antes de sucumbir ao desespero. Começava a ter vontade de algo mais que a magra ração que lhe ofereciam. Uma garota ao final se cansava de só sopa e sanduíches.

Moveu-se lentamente pela área da piscina até que alcançou a posição que lhe tinha sido atribuída para essa noite. Uma rede tinha sido colocada sob várias árvores densamente povoadas, a seu lado pôs um par de binóculos de visão noturna para poder observar a alta colina que havia atrás da casa. Havia provas de que tinha havido movimento no longínquo limite a noite anterior, embora ninguém estivesse certo se era humano ou animal. Para curar-se em saúde, Rick queria que alguém vigiasse a área que oferecia o acesso a casa.

Pessoalmente, Heather pensava que umas toneladas de dinamite e um par de escavadoras poderiam ter feito melhor o trabalho. Derruba-o, neném, e fim do problema. Assentiu com a cabeça para ela mesma enquanto sentava no final da rede, suspirando cansadamente quando a guarda-costas atribuída até sua chegada se moveu de seu posto ao outro extremo.

— A noite está tranqüila. — A voz da Helena era suave, reflexiva. — Eu adoro noites como esta.

A outra mulher era mais velha, mas agradável de uma maneira tranqüila. Heather a tinha visto fazer de mãe dos outros agentes durante meses. Inclusive tinha ouvido Helena cozinhar para a equipe no barracão. Caralho, estava começando a se desesperar.

— Sim. É formosa. — Concordou finalmente. — Também te dá bastante espaço para pensar.

Um sorrisinho suave acompanhou a suas palavras.

— Ouvi que um dos moços August dizia a mesma coisa. Sammy, acredito. Disse a Rick que precisava de espaço para pensar na noite que o pegaram tentando escapar.

Heather sorriu com satisfação. Sam não gostaria de saber que o apodo era contagioso.

— Com um pouco de sorte, poderemos mantê-lo confinado um pouco mais. — Riu entre dentes, então mais séria acrescentou. — Entretanto, mostra-se mais inquieto.

— Sim, é o selvagem do grupo — Helena riu — Tara destrambelha contra ele diariamente.

— Quando não está amaldiçoando a Raider, quer dizer. — Heather sacudiu a cabeça. Tara e o outro agente pareciam estar em desacordo mais freqüentemente que em harmonia.

— É melhor que Rick se desfaça dele — suspirou Helena — Está de olho em Tara, olhe e verá. Ele significa problemas. Sempre se movendo furtivamente ao redor, e vigiando a todos além dos August. Esse moço é muito intrometido.

A outra mulher parecia exasperada com as palhaçadas de Raider, mas o comentário fez que Heather se parasse para pensar. Isto era o primeiro que ouvia de algum dos outros agentes que não se referisse a seu trabalho. Especialmente Raider. Com a informação que Dillon lhes tinha dado, não pintava nada bem para o outro agente.

— Raider sempre foi diferente. — Murmurou Heather, acrescentando uma nota mental para falar sobre isso com o Rick.

— Sim, é estranho, estou de acordo. — Deu de ombros. — Bem, vou para a parte da frente. Rick me quer aí durante umas horas enquanto se encarrega de algumas coisas na caminhonete. Falarei com você mais tarde.

— Até mais tarde, Helena. — Heather se despediu com a cabeça, seus pensamentos ainda em Raider.

Não tinha suspeitado de que não fizesse seu trabalho, mas quando pensava nisso, tinha que admitir que parecia mais sigiloso que de costume, mais silencioso, mais sombrio do que tinha sido quando o conheceu. O que não teria parecido possível então, mas Heather tinha que admitir que era verdade. Raider parecia mais zangado agora, mais que só meditabundamente tranqüilo.

Suspirou profundamente. Não podia imaginar que um de seus agentes era realmente a pessoa que espreitava os August. Raider tinha estado com seus "assuntos pessoais" durante o problema com Marly e Sarah, mas tinha estado com eles durante a atribuição de Stewart, e durante esse tempo Marly tinha estado em casa, e poderia haver-se encontrado com ela.

Mordiscou a unha pensativamente. Se fosse Raider, então pegá-lo não seria fácil. Seria condenadamente difícil. Era inteligente, mais inteligente que a maior parte dos outros agentes, e com vários anos de treinamento como SEAL em suas costas. Este era um dos motivos pelos que Rick o tinha contratado quando veio à agência. Raider era condenadamente inteligente, e bom no que fazia. As operações encobertas tinham sido sua especialidade, com particular ênfase nos assassinatos. Estremeceu de temor. Se fosse ele, então seus problemas acabavam de multiplicar. Não seria fácil de apanhar, e ela conhecia Rick e Tara. Confiavam nele, confiavam muito nele para o curto tempo em que o conheciam.

Respirou profundamente, depois mordiscou o lábio inferior enquanto recolhia os binóculos de visão noturna e os levava aos olhos. Dirigindo as lentes à colina no exterior da área da piscina, examinou-a com cuidado. Este era o único ponto fraco da propriedade. O único lugar no que poderia esconder-se e olhar, esperar a oportunidade, a possibilidade perfeita de obter um disparo limpo.

As portas e janelas da casa agora tinham o último em vidros a prova de balas, mas ainda havia artilharia que poderia penetrá-los. Nada era a toda prova. E o bastardo queria Sam. Seu coração encolheu. Poderia suportar se algo lhe acontecesse? Se o tirassem dela para sempre?

Não poderia. Amava-o, sem ter em conta as complicações que isso trazia e as noites que passava angustiando-se por isso. Amava-o. Agora se tão somente pudesse ajudar a curá-lo, e de algum modo, de algum jeito, lhe amar o suficiente para lhe ajudar a deixar o passado ir, e às amantes de seus irmãos.

“Realmente pretendia estar aqui como ordenou. Satisfazer cada um de seus desejos é, certamente, meu mais fervente desejo. Desgraçadamente, tive que me ausentar. Embora esteja certa de que pode encontrar outras maneiras de se entreter. Se não encontrar nada mais, use sua mão!”

Não era fácil passar por cima do sarcasmo da carta. Os olhos de Sam se estreitaram quando um sorriso involuntário estirou seus lábios. Levou o papel perfumado ao nariz, inalou e fechou os olhos quando a nostalgia, e a quente e abrasadora luxúria se arrastaram sobre ele.

Wind Song 6. Tinham passado muitos, muitos anos desde que tinha cheirado aquele aroma em particular. Droga! Tinha passado ainda mais desde que tinha ouvido falar dele. O aroma de seu perfume enviou um raio de agridoce desejo através de sua alma. Tinha sido um adolescente a última vez que o tinha cheirado. E nada impressionado com o romantismo do aroma. Agora, afetava-o, como poucas coisas lhe tinham afetado nos últimos anos.

Dobrou a carta com cuidado, tomando uma última e prolongada inspiração dela, depois a meteu no bolso traseiro de seu jeans. Olhou ao redor do quarto com olhos entrecerrados. É obvio, não ia deixar que escapasse com isso.

Usar sua mão! Soprou silenciosamente. Estivera usando sua condenada mão muito freqüentemente nos últimos meses. A lembrança dos estábulos, Heather de joelhos, seu pênis perfurando sua boca. Bom, em duas ocasiões não tinha usado sua mão, e não ia usar agora. A primeira fazia meses, sob os raios da lua cheia, quando ela tinha beijado a fundo seu corpo. Tara, é obvio, aproximou-se deles tão somente uns segundos depois de ter disparado sua liberação na garganta de Heather. A fúria, e a desilusão de Heather, tinham sido intensas no pesado silêncio da noite.

Olhou ao redor do quarto, perguntando-se onde demônios poderia estar. Sabia que tinha subido aqui depois do jantar. Sabia que devia ter encontrado a bolsa de papel marrom que ele tinha deixado, com instruções muito completas do que fazer e como o esperar. Obviamente, não o estava levando a sério.

Mas o faria, assegurou-se. Logo que a encontrasse, aprenderia exatamente o sério que era. Deu a volta e saiu a pernadas do quarto. Fechando a porta com cuidado atrás dele, deu uma olhada no vestibulo. O resto da família estava na sala de estar, desfrutando do estranho filme que levavam tempo vendo. Tinha-os visto fazia apenas dez minutos, e Heather não estava com eles.

Desceu a escada, determinado a comprová-lo outra vez de qualquer jeito, só para estar seguro. Não estava lá. Cade e Brock tinham a suas mulheres tombadas nos sofás com eles, olhando a tela piscar silenciosamente. Marly parecia rendida e dormindo. Sarah não parecia muito mais acordada. Usavam umas camisolas curtas de seda, seus roupões formando um atoleiro no chão. Teve a condenadamente a boa idéia de que seus irmãos já tinham satisfeito sua própria furiosa fome antes. Onde demônios, blasfemou silenciosamente, poderia estar?

Caminhou para a porta principal, tomando cuidado de apagar a luz do saguão antes de sair ao alpendre dianteiro.

— Sam — Rick surgiu das sombras do extremo mais longínquo do alpendre enquanto Sam atravessava os arbustos de pinheiro que tinham sido plantados diante do amplo heliporto meses antes para ocultá-lo.

— Onde está? — Não tinha tempo para argumentar ou rodear o arbusto. Seu pênis era um ferro furioso sob seu jeans, seu sangue palpitava de necessidade.

Rick se esticou, seu musculoso corpo em alerta imediato.

— Está de serviço. O que significa que não tem tempo para brincar. — disse Rick.

Sam franziu o cenho.

— Este rancho paga seu fodido salário e eu digo que esta noite está livre.

Agora sua voz era exatamente tão áspera como a de Rick. Havia poucas coisas que tivesse necessitado em toda sua vida como necessitava de Heather agora.

— Não me aporrinhe, Sam — grunhiu Rick — Ela é parte da equipe. Necessito-a para trabalhar às vezes, sabe.

Sam passou os dedos agitadamente pelo cabelo. Rick não era só um empregado, era um amigo. O que fazia toda situação muito mais difícil.

— Droga, Rick! Necessito-a. — Lutou contra a cansada vulnerabilidade de sua própria alma. — Se afastou de mim porque estava furiosa. Agora me diga onde está ou irei procurá-la.

O silêncio se espessou entre eles. Inclusive na fraca luz da lua, Sam podia ver a impaciência de Rick, sua indecisão.

— É uma ameaça para si mesmo — grunhiu finalmente — Está no interior, perto da piscina. Está em reserva, se por acaso for necessário.

— Pois então, assegure-se de que não seja. — Resmungou Sam, girando sobre seus calcanhares e caminhando com o passar do amplo alpendre que rodeava a casa.

No canto traseiro, uma alta parede de pedra protegia a área da piscina e o jardim traseiro. Elevava-se por cima de sua cabeça e assegurava a área dos olhos dos trabalhadores do rancho. Cade tinha ordenado que a construísse quando Marly tinha apenas dezesseis anos, e se deu conta que a área se enchia de homens quando ela usava a piscina.

Deslizou silenciosamente pela entrada, movendo-se ao passar do alpendre traseiro, seu olhar vagando ao redor da área enquanto a buscava. O sangue estava palpitando por seu corpo, endurecendo seu pênis mais à frente do ponto que considerava suportável.

Encontrou-a uns momentos mais tarde. Uma das largas e acolchoadas redes de madeira tinham sido posta sob o refúgio de várias árvores de escassa folhagem. Estava deitada sobre ela, um braço jogado por cima de sua cabeça enquanto o observava aproximar-se dela.

Os jeans se ajustavam a seus quadris, coxas, e esbeltas pernas. E a fraca luz da lua que se filtrava através das árvores, pôde ver a excitação e o desejo em seu olhar. Seu flamejante cabelo vermelho fluía ao redor dela, seu olhar esmeralda acariciando o fogo que rugia pela corrente sanguínea dele elevando-o a uma altura maior.

Parou ao pé da rede, descendo o olhar para ela, morrendo por dentro por sua necessidade dela.

— Não está esperando por mim.

Observou-a enquanto descruzava as pernas, depois quando inclinou a cabeça para lhe olhar em tom zombador.

— Deveria sentir vergonha. — Seu tom sustentava um indulgente sarcasmo, o que fez que os dentes lhe chiarem enquanto lutava com sua própria paciência.

Ela tinha estado com eles o tempo suficiente para saber o que os fazia um desafio sexual. Como aumentava sua excitação, fazia a necessidade tão aguda, tão imperativa que parecia um demônio rodando dentro deles.

— Está bem, pequena. — Sorriu terrivelmente. — Te encontrei. Deveria ter sabido que o faria.

Ela levantou-se sobre os cotovelos, a posição destacava seus seios, a elegante linha das costelas e seu estômago.

— Sam, bombom — disse com exagerada paciência — Estou de serviço. Não tenho tempo para foder com você esta noite.

— Está fora de serviço — grunhiu — Por Deus, trabalha para mim! Eu dito quando está de serviço e quando não está.

Arqueou a sobrancelha enquanto Sam apertava os dentes ante a deliberada brincadeira do movimento.

— Pois me despeça. — Deu de ombros. — É tão mal quanto me expor umas férias para deixar este condenado rancho.

Ele apertou os punhos. O aroma de Wind Song e mulher circulavam pelo ar, deixando-o fraco, fazendo-o necessitar.

— Por que faz isto? — grunhiu, contendo-se, determinado a manter o controle pelo que estava lutando tão desesperadamente.

— Porque não sou sua marionete, Sam, tampouco aceito ordens muito bem. Se acostume isso, pequeno, porque “total” nunca foi um adjetivo que me encaixasse muito bem.

— Obstinada e teimosa, talvez — espetou, respirando com dificuldade. — Me empurra muito longe, Heather. Mais longe do que teria pensado possível. Continue assim, e farei mal a nós dois.

Sua risada era suave e cheia de sedosa diversão, sorrindo e iluminando a escuridão ao redor dela.

— Fique calmo, meu coração. Realmente tem facilidade para o romance, Sam. Faz com que meu coração pulse excitado para ouvir suas doces tolices. — Seu tom de voz o cravava. Estava zangada, não, retificou... estava furiosa. Ainda.

— Não sou um homem fácil. — Sussurrou. — A risada e as brincadeiras, Heather, foram-se. Não posso encontrá-las nunca mais. E nunca houve muito romance, pequena.

— Pobre Sam — Havia uma definida falta de compaixão em sua voz agora. — Por que não me ponho de joelhos e chupo você até te deixar seco outra vez, em recompensa? Isso ajudaria?

Ele estreitou os olhos. A lembrança dela de joelhos, seu pênis empurrando em sua boca quente, tinha a seu pênis movendo-se nervosamente de necessidade.

— Ajudaria uma desculpa? — ele perguntou com curiosidade.

— Diria a sério? — ela perguntou maliciosamente.

Ele suspirou profundamente enquanto se aproximava, parando junto a seus ombros, depois se encurvou ao lado da rede.

— Provavelmente não. — Sorriu abertamente enquanto os olhos de Heather brilhavam de ira. — Foi uma visão linda, Heather, e quente como o inferno. Ver sua boca movendo-se sobre mim, me deixando louco.

Ela soprou.

— Estou certa de que era, Sam. Pena que você não goste de devolver o favor.

Os lábios dele se apertaram enquanto um gesto de pena cintilava através de sua cara.

— Se colocar minha língua dentro de você, meu pênis a seguirá não muito mais tarde. — Ele advertiu. — Te quero muito.

— De verdade? É estranho, não me sinto tão desejada, assim não acredito que me incomode em acreditá-lo. Olhe, vá ver se pode convencer Marly ou Sarah. Talvez elas estejam dispostas a estar de acordo com seus sentimentos esta noite.

Sam estremeceu. Droga, estava mais que louca!

— O que você quer, Heather? — perguntou em voz baixa, pesaroso. Entendia por que estava desgostosa, sabia que a tinha empurrado quando não deveria tê-lo feito, sabia que seus próprios demônios a estavam afugentando dele.

Os olhos dela se abriram com exagerada surpresa.

— O que te faz pensar que quero algo? Eu estava aqui fora, me ocupando de meus próprios assuntos. Você é o único que se intrometeu.

O jardim estava escuro, mas a luz da lua cheia era suficiente para ver os duros picos de seus seios sob a camisa. Sua respiração era mais difícil, e ela parecia mais que um pouco agitada quando levantou seu olhar devagar para o seu.

— Desejo-te tanto que estou tremendo. — Sacudiu a cabeça, mais que um pouco divertido por sua própria falta de controle. — Com certeza isto conta para algo. Não?

Ela deu de ombros, olhando-o atentamente.

— Não muito esta noite, Sam — disse com tranqüilidade. — Tenta de novo amanhã. Talvez só tenha que pensar nisso durante um momento.

Seus olhos se estreitaram ao olhá-la. Provocava-o e a condenada sabia bem. Olhou para a rede. A especial constituição, como a maioria das coisas no lar dos August, era ampla e feita para a comodidade. Antes que Heather pudesse captar sua intenção, antes que ele pudesse pensar muito, moveu-se rapidamente. Antes que ela pudesse fazer algo mais que dar um grito afogado, imobilizou seu corpo sobre o grosso acolchoado, os cotovelos sustentando seu peso, afastando-o do seio de Heather, suas pernas separando as dela enquanto se colocava rapidamente entre elas.

— E o que acontece se te ajudo a decidir? — espetou, então e baixou a cabeça.

Sam queria que seu beijo fosse enérgico. Para lhe mostrar, para lhe demonstrar, sua afirmação de que só poderia fazer mal a ambos com seu desejo por ela. Mas no momento em que seus lábios encontraram as curvas suaves como pétalas dos dela, vacilou. Manteve-a quieta, sua língua lhe acariciou a comissura dos lábios fechados, enquanto baixava o olhar a seus olhos abertos. Golpeou delicadamente a suaves curva com as suas próprias, acariciou-as com a língua, lutando contra a compulsão de devorar com avareza enquanto degustava o sabor dela.

Um pequeno gemido de desejo saiu dela enquanto suas pálpebras baixavam parcialmente, sensualmente, um segundo antes que separasse os lábios o suficiente para permitir a entrada da língua dele. Sam não pôde deter o gemido que vibrou em seu próprio peito. Não pôde parar a necessidade que queimava em suas vísceras como um inferno, que ameaçava propagando-se através de seus sentidos.

Ela era calor, suave e sedoso desejo. Seus lábios se abriram para ele com vacilante cautela, tanta como a que teve em seu primeiro beijo. Uma tímida aceitação que punha o corpo dele esticado de luxúria. Seu pênis palpitou com imperativa demanda, inclusive enquanto lutava contra sua insistência.

— Heather — Sussurrou seu nome enquanto bebia a sorvos de seus lábios, depois acariciou o interior de sua boca uma vez mais.

As mãos dele se separaram das dela quando a necessidade de tocá-la venceu à necessidade de dominá-la. Sua pele era tão suave, tão sedosa e lisa. Queria senti-la contra as pontas dos dedos, desfrutar de sua resposta ante ele. E ela estava respondendo.

As coxas dela se apertaram contra as suas. Seus quadris se sacudiram contra os dele, cravando sua vagina contra a longitude de sua ereção enquanto a língua de Sam acariciava a sua, seus lábios bebiam a sorvos dos dela, enquanto ele gemia pelo sabor erótico que ali encontrou.

Antes sequer de compreender sua intenção de fazê-lo, tinha tirado sua camisa da cintura das calças, e sua palma estava deslizando por sua cintura, seus dedos tremiam pela necessidade de cavar a mão sobre o aumentado montículo de seu seio. Seus mamilos estavam duros, ele sabia que estariam quentes, sabia que ela gritaria quando capturasse um entre o polegar e o indicador.

Suas unhas arranharam a pele através do tecido de sua camisa, enquanto girava os quadris firmemente contra sua vagina. Podia sentir seu calor através de ambos os pares de jeans, e a necessidade de afundar-se dentro dela quase o estava deixando louco.

— Poderia te comer inteira, aqui mesmo. — Espetou, os lábios se movendo por sua garganta, a mão cavando sobre o seio e os dedos agarrando um mamilo, ordenhando e acariciando o duro

ponto enquanto um gemido estrangulado saía da garganta dela. — Me faz perder todo bom-senso quando estou perto de você, Heather.

— Que bom-senso? — Sua voz era rasgada e desigual, quando se arqueou para ele, o pescoço inclinado enquanto a língua de Sam rastelava sobre sua clavícula.

Sam não pôde deixar de sorrir. A língua afiada dela era letal. Mas ele tinha suas próprias armas. Moveu-se para trás, expondo seu seio enquanto se movia para ele, sua boca babava ao pensar no prazer estava por vir.

Heather lutou para respirar quando os lábios cobriram o inchado mamilo. O calor chamecou sua pele, lhe acariciando o mamilo enquanto a boca se amamentava firmemente do montículo, sua mão tomava, os dedos acariciavam a parte eroticamente oculta. Arqueou-se para ele, um gemido quebrado sussurrando de sua garganta.

— Alguém pode nos ver — murmurou Heather entrecortadamente — Ouça...

— Mmm. — Evidentemente, o pensamento não o incomodava. Então recordou a quem se estava dirigindo. Sam. O mesmo homem que torturava seu corpo com as necessidades que o atravessavam, era o homem que queria compartilhá-la, olhar enquanto seus irmãos a tomavam.

Seus dentes raspavam um sensível mamilo enquanto o pensamento a queimava. Não podia deter a desesperada tensão de sua matriz, como um suave golpe em seu estômago, enquanto essa imagem vagava por sua mente.

— Desejo-te. — Os lábios dele pressionavam a parte baixa de seu seio enquanto suas mãos se moviam ao fechamento dos jeans dela. — Te necessito, Heather. Necessito-te mais que ao ar que respiro.

E ela não tinha a força para negar-se a ele. Não agora, não enquanto o fogo da excitação que ele tinha criado se vertia por seu corpo. Como se seu sangue fosse lava e suas terminações nervosas receptores do calor que só o fazia arder mais brilhante.

Seu jeans se soltaram. Heather olhou para Sam enquanto ofegava em busca de fôlego, uma escura sensualidade em sua expressão, a intenção em seus olhos escuros. Sua cabeça baixou outra vez enquanto beijava seu estômago, seu liso abdômen, as mãos puxando os jeans e calcinhas, descendo por suas coxas com provocadoras carícias de sua mão ao longo da pele.

Ela estava tremendo quando ele exalou um sopro de ar através de sua ardente vagina, depois estremeceu enquanto terminava de lhe tirar a roupa.

— Quero te provar — grunhiu — Te lambe como um suave e quente chocolate, Heather.

Ele deixou cair o jeans e as calcinhas no chão, um segundo antes de mover-se entre suas coxas, estendendo-as devagar enquanto dirigia os olhos para ela.

— Sam — Mal podia falar enquanto lutava por respirar. — Alguém pode nos ver...

— Me olhe te lambendo, te fodendo com minha língua, extraíndo o paradisíaco líquido de seu corpo, Heather. Deixe-os olhar, pequena. Deixe-os ver o quanto você fica bonita quando goza para mim.

Seus quadris sacudiram, elevando-se da rede, quando a língua dele golpeou a fenda de seus lábios interiores e depois lambia rodeando seu aumentado clitóris. O fôlego entupiu no peito, depois foi liberado com um gemido crescente. Uma suave chama, a língua dele era como um serpenteante fogo enquanto lambia e explorava sua empapada vagina.

Ele lambeu ao redor de seu clitóris, brincando com ele em sua boca durante um segundo menos do que teria necessitado para culminar, depois lambeu para baixo outra vez, antes que suas fortes mãos levantassem os quadris dela e sua língua se inundasse dentro de sua apertada vagina.

Podia ouvir o molhado som da sucção em sua vagina, extraíndo a nata de seu corpo enquanto era substituída por mais. Suas mãos agarraram os braços da rede enquanto se retorcia

contra a boca dele, lutando por mais. Necessitava-o mais profundo, mais duro, lambendo-a até a matriz.

Sorvia ruidosamente de sua vagina, seus lábios açoitando enquanto a liberava, depois sua língua inundando-se outra vez. As mãos dele se moveram a suas nádegas, mantendo-a aberta enquanto seus dedos estendiam o delicado montículo, uma deliciosa pressão situando-se na franzida entrada de seu ânus.

Ela retorceu-se em seu agarre, necessitando mais. Sua vagina estremeceu ao redor de sua língua, seu clitóris pulsando, palpitando enquanto os dedos dele foram a seus mamilos para aliviar a acalorada dor dali. Esticou-se ligeiramente, mordendo o lábio inferior enquanto dava um gemido de crescente êxtase.

— Tão bom, Heather. — Sua voz alagou seus sentidos. — Como um doce, pequena. Como quente e doce chocolate.

Sua língua se inundou profundamente, a ponta de seu nariz se enterrou contra seu clitóris, golpeando-o, acariciando-o. Heather ofegou, perdeu a respiração, mas quando a explosão resultante a golpeou não pôde conter o baixo e afogado gemido que saiu de seus lábios.

Seu corpo se esticou, sua vagina convulsionava enquanto o prazer passava sobre ela em asfixiantes feixes de sensação. Sam estava cantarolando enquanto a lambia, sorvia-a, fodia-a com a língua através dos agudos estalos de delicioso prazer, até que se tornou atrás com um gemido, as mãos indo a seu próprio jeans.

— Gritará para mim desta vez. — Sussurrou. — E todos saberão que é minha, Heather. Minha.

Faltava um centímetro para liberar seu pênis para tomá-la quando a árvore atrás deles explodiu, orvalhando partes de madeira enquanto soava o primeiro disparo.

CAPÍTULO 21

Rodaram da rede em um matagal de extremidades e violentas maldições, quando a bala pegou na árvore no mesmo ângulo em que se encontrava a cabeça de Sam, se não tivesse estado descendendo pelo corpo dela. Heather agarrou seu jeans, amaldiçoando enquanto empurrava a Sam atrás do refúgio das árvores, debatendo-se com o pouco cooperativo tecido jeans.

— Maldição! — Heather amaldiçoava enquanto tirava sua pistola de baixo da rede. Lutou com Sam, amaldiçoando enquanto ele cobria suas costas, segurando-a fortemente contra a casca da árvore. Merda, ele estava tentando protegê-la.

Supunha-se que era ela a que o protegia.

Tirou seu intercomunicador do bolso traseiro dos jeans, levando-o rapidamente para sua orelha enquanto podiam ouvir exaltadas vozes dos agentes correndo apressadamente para a piscina.

— Rick, maldição, onde demônios está? Sam está comigo e recebemos um disparo.

Elevadas vozes começaram a encher a noite enquanto os guarda-costas se apressavam ao local da piscina. Mais tiros desconhecidos foram disparados, mas nenhum devolvido quando os homens correram para rodear Sam, enquanto o ruído de um helicóptero levantando-se do pátio dianteiro cortava através do estrondo dos uivos.

— Contente August. Coloca seu traseiro na casa. — A voz da Tara foi cortante enquanto gritava ordens aos guarda-costas que pululavam ao redor deles. — Maldição! Se conseguirem te acertar chutarei seus traseiros.

— O helicóptero está no ar — gritou Rick — Fica aquieto até que saibamos de onde diabos está chegando. Maldição, como demônios está fazendo isso?

Heather lutou com Sam enquanto ele a pressionava mais contra a árvore, seu corpo um peso pesado atrás dela, um efetivo escudo entre ela e qualquer bala que pudesse atravessar a escuridão. Os outros agentes os rodearam, com as armas desencapadas, observando na escuridão com os óculos de visão noturna pregados nos rostos.

— Fica quieta! — ele grunhiu quando ela brigou com ele.

— Maldição! Supõe-se que eu estou protegendo você! — exclamou entre dentes — Deixe-me mover!

— Me escute. — Sua voz era áspera, a ferocidade refletindo-se tão severamente em seu tom que automaticamente ficou quieta. — Não receberá uma bala por mim, Heather. Entendeu? Não se colocará na minha frente, não tentará me proteger, ou que Deus me ajude, vou me assegurar de que lamente isso.

Depois desapareceu.

— Sam! — Ela gritou seu nome enquanto ele se afastava e começava a abrir caminho pelo pequeno jardim. Os guarda-costas o rodearam enquanto ia para a casa, tentando lhe proporcionar um corpo de amparo a seu redor.

Os agentes abriram caminho para manter-se a seu redor, onde podiam protegê-lo enquanto ele os empurrava violentamente a um lado. Heather apoiou as mãos nos quadris e observou a cara furiosa dele, respirando com alívio quando entrou no relativo amparo da casa.

— O filho da puta vai conseguir que lhe matem. — Rick resmungou — Eu não lhe disse isso, Heather?

Ela deu de ombros, lutando com o rápido batimento de seu coração. Assegurou-se de que a camisa estivesse bem posta quando enfrentou seu chefe, agradecendo haver conseguido colocar as calças. Só Deus sabia onde estavam as calcinhas.

— Serve de alguma coisa dizer algo? — espetou, enquanto guardava de novo a arma na capa. Deu uma olhada sobre o muro que rodeava a piscina, comprovou o avanço do helicóptero, enquanto as brilhantes luzes varriam a colina traseira da casa. — Onde estão esses malditos cães? Pensava que estavam patrulhando a colina de atrás.

— Não na escuridão. — Rick negou com a cabeça com força. — É muito perigoso para os animais e para os homens. Seria muitíssimo mais fácil se pudesse manter o traseiro de Sam na casa.

— Eu? — A incredulidade sacudiu seu corpo. — Que demônios faz pensar a todo mundo que esse homem me escuta?

— A segue a todos os lados como um maldito macho no cio. — Ele espetou — Não finja que não o faz. A partir de agora, está de serviço na casa, sem exceções.

Heather negou com a cabeça desesperadamente.

— Esquece. Sabe o que acontece ali de noite, Rick. Mataria a todo mundo. Nunca poderia manter a mente no trabalho.

Por alguma razão, os August pensavam que o salão era o lugar para foder, em vez de seus quartos. Ela evitava essa sala custasse o que custasse. Evitava qualquer quarto exceto o seu até que todo mundo se retirava a noite.

— Faz também o que o resto faz. — Disse ele então. — Reúna-se aos outros na cozinha para um café, ou estacione seu traseiro na porta principal ou traseira. Não me importa uma merda onde, mas mantenha seu traseiro na casa. Se esse bastardo consegue matar o burro, Cade nos matará.

— Então por que simplesmente não vou e me fodo por isso? — O sarcasmo salpicava sua voz. — Demônios, Rick, isso resolveria tudo, não?

— Muito certo. E não é como se não estivesse morrendo por fazê-lo. — Enfrentou-a, a cólera esticando seu corpo enquanto os guarda-costas davam voltas ao redor deles, e o helicóptero continuava a busca na colina atrás da casa. — Não me importa o caralho como te mantenha na casa, maldição, mas simplesmente o faça, droga!

Ela teria respondido com brutalidade. Teria lhe dito onde demônios podia colocar suas ordens, se não estivesse tão indignado enquanto ela abria a boca para o atacar. Um grunhido de frustração abriu passo entre seus lábios enquanto se continha com muita dificuldade de chutar com fúria.

— Maldição, Heather, não posso acreditar que não queira proteger o belo corpo do August. — A diversão ecoou na voz feminina enquanto uma risada afogada alcançava seus ouvidos.

Heather se voltou outra vez enquanto observava Helena aproximar-se. Ainda estava respirando com dificuldade, o suor brilhando em sua face, enquanto seus olhos azuis a contemplavam com uma alegre faísca.

Heather negou com a cabeça enquanto respirava profunda e cansadamente.

— Os homens deveriam estar proibidos — espetou — Perdoe-me, Helena, vou ver se posso averiguar se alguém, em algum lado, tem alguma idéia de que demônios aconteceu com a segurança esta noite.

Não que Heather tivesse muitas esperanças de obter respostas nesse ponto. Tudo o que tinha eram perguntas. A menos importante das quais, era como demônios o caçador tinha alcançado essa maldita colina sem ser descoberto. E acaso tinha estado na colina? Essa bala tinha estado muito perto, a pontaria muito precisa. Tudo isto não tinha sentido.

CAPÍTULO 22

Heather não podia esquecer a confrontação com Sam na noite anterior, na área da piscina, ou o caçador e como facilmente uma bala poderia ter destruído a sua cabeça. Calafrios percorriam seu corpo cada vez que pensava nisso, e sabia, além de toda dúvida que se Sam fosse assassinado, então a família August estaria irreparavelmente danificada. Até que todos confrontassem o passado, não haveria verdadeira cura para nenhum deles.

Em seu modo de pensar, os três homens tinham formado, juntos, um vínculo excepcional, um que Sam tinha negado, exceto uma vez nos meses passados. Não tinha ido às mulheres de seus irmãos, e sua obsessiva fúria só se intensificou.

A conversa da noite anterior entre ela e Sam a fez suspeitar em relação aos outros. Tinha notado durante meses o que eram capazes de fazer os outros homens para proteger Sam, mantendo as lembranças cuidadosamente escondidas. Pensara que era sido uma forma de compaixão. Suas próprias lembranças eram brutalmente claras, acreditava ela. Tinha acreditado que eles não queriam isso para ele. Mas agora sabia que tinha que aprofundar muito mais.

Sabia que Sam não possuía muitas lembranças do tempo passado confinado no porão de seu abusador. Ele sabia o que tinha ocorrido, sabia da dor, e recordava claramente as primeiras semanas ali. Mas depois disso, ela sabia que muitos dos acontecimentos eram confusos.

Cade não tinha sido muito comunicativo com Rick sobre os atuais acontecimentos. As notas nos arquivos de Rick, disponíveis para ela no dia seguinte, mostraram um incrível montão de frustração em relação à informação que lhe deu. Tinha tomado quase um ano seguir o rastro de qualquer um que pudesse ter conhecido ou visto os acontecimentos que ocorreram naquele verão. E tinha requerido ainda mais tempo rastrear o desaparecido irmão do Jennings.

O velho criado de Marcelle, que Rick tinha rastreado, proporcionara informação sobre as drogas que Marcelle tinha usado com os homens. Drogas potentes que sustentavam uma ereção durante horas, inclusive durante dias e dias. Mantendo seus pênis em um estado de boa disposição, sem importar o estado de suas mentes. Eram jovens, Brock e Sam ainda adolescentes, Cade mal tinha vinte anos. No momento em que sua virilidade era o mais importante, tinham sido despojados dela.

Reginal Robert Jennings, o homem suspeito de ameaçar à família, tinha tentado seguir os passos de seu irmão na carreira de medicina, mas tinha sido incapaz de ter êxito. Marcelle mesmo tinha sido um membro muito respeitado da comunidade médica durante décadas, antes de uma aposentadoria antecipada sob uma nuvem de suspeitas que surgiu em seus últimos anos. Suspeita de drogar vários de seus pacientes masculinos e abusar deles. Rick tinha encontrado os homens que fizeram as primeiras queixas, e se inteirou que tinham sido generosamente recompensados para retirar suas declarações. Mas não trocaram as histórias que tinham que contar, ou as difusas, drogadas e nebulosas lembranças de abuso.

As suspeitas de perversões sexuais não tinham diminuído, então. No inverno anterior a que os irmãos tinham sido enviados a seu rancho, Marcelle tinha visitado um doutor em Madison por um nariz quebrado, um maçã do rosto fraturada e fortes machucados. O resultado da fúria de Sam, depois que o bastardo entrou em seu quarto durante uma visita ao rancho August.

Cade soubera o que aconteceu, mas quando seu pai lhes ordenou ir ao rancho de Marcelle para aprender uma nova técnica boiadeira, seu pai tinha assegurado aos meninos que podiam partir no momento em que qualquer indecência fosse sugerida. O velho Joe August tinha jurado que o sustento do racho dependia dessas novas técnicas. As únicas técnicas disponíveis para aprender, entretanto, tinham sido essas de dor e tortura, pensou Heather quando por fim fechou o último dos arquivos de Rick.

O informe do criado sobre esses dias eram aterradores. Os gritos que se filtravam do porão, as tremendas quantidades de sangue às vezes derramadas, foram informadas com asco. Como médico, Marcelle tinha sabido até onde podia abusar de seus corpos e mantê-los com vida, e os tinha empurrado a seus limites. Especialmente a Sam. Sempre tinha sido pior para Sam.

Os arquivos sobre Raider que tinha conseguido desenterrar não lhe tinham dado nenhum indício ou período, para reear do outro homem capaz de ter uma razão para querer machucar os August. Russel "Raider" Kincaid era conhecido por sua lealdade, suas habilidades, e sua determinação por terminar o trabalho. Considerando seus créditos, não podia evitar acreditar que se ele queria a Sam morto, então Sam estaria morto.

Heather tamborilou ligeiramente com as unhas contra a mesa em que estava sentada, enquanto olhava fixamente fora do RV7 que a Agência estava utilizando no Rancho August. Quebras de onda de calor se elevavam fora da comodidade do ar condicionado do trailer. Os cavalos dormitavam sob a sombra de várias árvores grandes, enquanto o gado jazia em pequenos grupos com o passar do sombreado riacho que percorria o pasto.

Era a última hora da tarde, e o rancho se acomodou enquanto o calor aumentava no exterior. O último verão no Texas fora abrasador, e este não parecia ser diferente.

Aspirou esgotada e cansadamente enquanto negava com a cabeça. A partir dali, aonde iria? perguntou-se. Obedecer cada ordem sexual dele não combinava com ela. Especialmente essas da nota que lhe tinha deixado sobre o travesseiro, quando se deslizou em seu quarto durante o dia. Bufou. As instruções eram explícitas, as razões claramente explicadas.

Um plugue inflável para o traseiro tinha acompanhado a nota. Como preparar seu corpo para ele e mantê-lo no ponto para aceitar seus prazeres. Negou com a cabeça zombeteiramente. Marly e Sarah realmente agüentavam esses disparates? Uma temperada ducha anal, um tubo de

lubrificante, instruções de como usar o plugue para o traseiro, cada quanto, durante quanto tempo, quando preparar... A total arrogância a surpreendia. Mas a profundidade da força que tinha tirado para sobreviver, inclusive nestes extremos, oprimiu-lhe o coração.

— Sam está retornando, Heather. — A voz de Rick foi suave no intercomunicador de sua orelha. — Tem mais vinte minutos.

Heather tinha sido relutante a revisar os arquivos em um momento em que Sam podia estar procurando-a, possivelmente inclusive surpreendendo-a nisso. Ainda recordava a vergonha que flamejou em seus olhos depois de que Rick havia tornado de Utah e começou a dizer seu relatório.

As expressões dos três homens tinham sido frias, sem emoção, mas em seus olhos se formaram redemoinhos de vergonha, culpa e dor recordada. Tinha sido mais do que ela podia suportar. E às vezes se perguntava como Marly e Sarah se mantinham firmes sob a pressão.

— Vou voltar para dentro, Rick. — Ela disse enquanto reagrupava os arquivos e os guardava de volta na caixa de segurança que Rick usava.

Fechou a caixa e a empurrou de volta sob o banco, antes de abandonar o trailer e fechar a porta atrás dela. Rick encontrou-se com ela na parte dianteira do veículo, seus olhos marrons escuro interrogativos.

— Encontrou o que estava procurando?

Ela tampou o comunicador, cortando o som dos outros membros do grupo.

— Não — suspirou — Só mais pergunta.

— Olhe, pode conseguir que algum deles te responda, Heather — disse em voz baixa — Isto está alargando-se muito tempo. A este passo, Jennings poderia atacar e facilmente nos pegar despreparados, devido ao puro aborrecimento, exatamente como fez ontem à noite. Os homens estão cansando de brincar de vaqueiros, e os August estão malditamente cansados de estar confinados na casa. Necessitamos mais informação se queremos avançar.

— A menos que Jennings arruíne tudo — ela assinalou.

— A menos que o faça — assentiu Rick — O que poderia ser em qualquer momento, ou daqui a um ano.

— Ou a cada vez que imaginar que Sam me tomou. — Disse ela em voz baixa. — Que ele é feliz.

A tensão aumentou entre eles quando a implicação abriu os olhos de Rick completamente.

— Não! — Agarrou-lhe o braço com firmeza, olhando-a fixamente com uma insinuação de cólera. — Marly e Sarah mal escaparam do bastardo, Heather, e sabe por experiência própria, exatamente o sério que é. Não ponha a si mesma no caminho do mal.

— Já estou, Rick — ela recordou desoladamente — Jennings acredita que tem tempo. Acredita que Sam está sofrendo e ele está celebrando. Isto o consola, não o arruinará. Planejará cuidadosa e meticulosamente até que elimine Sam. Não podemos permitir isso.

Heather podia sentir o conhecimento aumentando dentro dela. Não iria atrás de ninguém, não a sério, enquanto Sam sofresse. Tinha que estar convencido de que Sam já não estava pagando por qualquer crime que ele imaginava que Sam tinha cometido.

— O que tem em mente? — perguntou Rick cuidadosamente.

— Ainda não estou certa. Me dê um pouco mais de tempo, e o deixarei saber disso. — Separou-se dele quando os August montando a cavalo entraram no pátio do rancho.

Seus olhos se encontraram com os de Sam através da distância e seu corpo formigou com a consciência.

— Qualquer coisa que for, esteja malditamente segura de me faz saber isso — espetou Rick — Não aja precipitadamente, Heather. Tara e Sam me matariam se algo acontecesse com você agora.

— Prometo, tomarei cuidado. — Afastou-se dele, consciente dos olhos de Sam seguindo-a, mas não só os de Sam. A paixão combinada dos três homens, observando-a, esperando-a, seguiu-a ao interior da casa.

CAPÍTULO 23

O olhar de Sam atravessou Rick enquanto Heather desaparecia no interior da casa. Podia sentir a tensão do outro homem, a suspeita em seu olhar. Desmontando, dirigiu o cavalo aos estábulos, ignorando Cade e Brock enquanto eles o observavam com curiosidade. Estavam tensos, tinham-no estado durante dias, e isto só estava aumentando. Sabia a causa e lhes daria o bem-vindo ao alívio. Precisava do alívio, a liberação da ardente conscientizada dentro de seu próprio corpo. A evasão das brutais lembranças, as sombras retorcidas, o saber que essa evasão do inferno do passado estava a ponto de ser contraproducente.

— Odeio revisar as cercas. — Resmungou Brock, enquanto lançava sua sela sobre o cabide e entregava o cavalo às capacitadas mãos de um dos trabalhadores do rancho.

— Alguém tem que fazê-lo — grunhiu Cade enquanto fazia o mesmo e começava a desabotoar as viseiras de couro que usava sobre os jeans.

— Temos trabalhadores, Cade. — Recordou Brock laconicamente enquanto se tirava suas próprias viseiras.

Sam podia sentir a tensão aumentando entre os dois homens, e isso esticava seu próprio corpo. Sentia as necessidades dando voltas entre eles. Os efeitos de ignorar o passado, e a necessidade de entender o futuro. A fadiga descansava nos ombros de todos, mas isto só servia para intensificar as necessidades em vez de enfraquecê-las. Intensificava sua própria agressividade sexual, sua necessidade de sentir os estremecidos e eróticos gritos derramados por Sarah ou Marly enquanto tremiam de paixão.

— Está ficando preguiçoso, Brock — soltou Cade — Toda esta situação na casa está te deixando mole. Sobreviverá.

Sam desabotoou suas próprias viseiras e as pendurou em um gancho acessível. Estava silencioso, mas tinha agradecido pelo trabalho físico para variar. Uma oportunidade de afastar-se da casa, de aliviar a batalha liberada entre ele e Heather. Fez uma careta. Não, a briga não era com Heather; era entre sua excitação sexual e sua consciência, o qual era inclusive pior.

— Maldição Cade, é perigoso sair assim. — Grunhiu Brock, por último. — Deixamos as mulheres sozinhas. O que acontece se o bastardo atacar enquanto estamos fora?

— Não irá atrás das mulheres. — Sam elevou a cabeça, observando-os enquanto falava em voz baixa. — Por agora, estão a salvo.

Observou as expressões tensas de seus irmãos.

— E não está fazendo as coisas nada fáceis, Sam — disse Cade, de mau humor — Deixa de dar voltas ao redor da casa como um urso com uma pata machucada. Faça algo a respeito antes que nos deixe todos loucos.

Sam os encarou, consciente da crescente tensão aumentando entre eles. Tinha estado aí antes, sabia, mas não se deu conta, realmente não o tinha notado até agora. Era uma fúria, uma fúria contínua e desumana que estava aumentando. Mas não para outros. Sam não sentia fúria para os outros dois homens, e soube que não estava furioso com eles.

Arrastava-se através deles, constantemente aumentando em força até que eles se desafogavam com os gritos e o alívio sexual que se derramava dos corpos das mulheres que

compartilhavam. Então se aplacava. Dissipando-se durante um tempo antes de começar a aumentar outra vez.

— Não posso — respondeu ao final da demanda do Cade — Sabe que não posso, Cade.

Deu-lhes as costas, conduzindo o cavalo a seu estábulo, lhe subministrando advenha e água. Podia sentir seu corpo esticando-se, necessitando. Na parte mais escondida de sua mente, quase podia ouvir Heather gritando sua liberação para eles três. Era um pensamento tentador, mas um que sabia nunca ia acontecer. Não podia, não queria pô-la em perigo de novo.

Depois dele, Cade e Brock estavam calados. Não era a primeira vez que tinha rejeitado participar, mas sabia que chegaria o momento em que não seria capaz de negar-se mais.

— Ela sabe, Sam — espetou Cade.

Sam assentiu com a cabeça. Ela sabia, mas não havia maneira de que pudesse entendê-lo. Demônios, às vezes nem ele mesmo podia entendê-lo, e agora, durante meses tinha estado lutando por lhe encontrar sentido.

— Eu sei, Cade. — Deu de ombros, e deu a volta encaminhando-se para a casa, e com um pouco de sorte a uma ducha fria. — Sou mais que consciente de que Heather sabe.

Enquanto se afastava de seus irmãos, as lembranças continuavam retornando à primeira vez, a primeira vez que ele e seus irmãos tinham compartilhado uma mulher. Não foi depois do abuso, e sim antes. Vários meses antes que Joe os tivesse enviado a Utah. Cade estava um pouco bêbado essa noite, e sua namorada era mais que fácil. Todos tinham se banhado nus em uma das lacunas afastada vários quilômetros do rancho. Uma noite afastados do desumano e amargurado velho louco que chamavam pai.

Muita cerveja e os hormônios alterados tinham provocado o compartilhamento. Mas Sam recordava o depois, mais que nenhuma outra coisa. Algo tinha mudado dentro deles. Sempre tinham estado unidos, mas depois disto, o vínculo se fez mais profundo, mais forte. Então, quando o inferno desse verão se acabou, tinha estado ali para uni-los de novo.

Sam recordou o desolado isolamento daqueles dias, antes que Cade trouxesse a primeira mulher para casa. Asseguraram-se de não tocar-se nunca uns aos outros, tão aterrorizados que inclusive o toque mais pequeno lhes trazia de volta a dor que tinham sido forçados a infligir-se entre eles. Não é que alguma vez o tivessem esquecido. Sempre estivera ali.

Tirou o chapéu de um puxão enquanto entrava na casa, lançando um suspiro de alívio quando o ar frio se deslizou sobre seu superaquecido corpo. A maioria das noites custava a dormir, e se sentia cansado até os ossos. Cansado, excitado e exasperado, uma má combinação. Enquanto fechava a porta, Sarah chegou das escadas, olhando para a porta com curiosidade.

— Brock já vem? — Ia vestida com uma dessas saias curtas de gaze que ficavam tão condenadamente bem com suas longas pernas bronzeadas. Um top cor de pêssego combinando que realçava a cor mel dos bronzeados ombros e pescoço.

— Sim, virá logo. — Suas mãos se apertaram na asa de seu chapéu. Com toda essa doce suavidade, Sarah era uma gata selvagem, e ele podia usar a agressividade agora mesmo. As unhas dela cravando-se nele, seus dentes o mordiscando.

— Sam, está tudo bem? — Caminhou para ele relaxada e comodamente. Não houve vacilação nem relutância quando se tombou em seus braços. Não houve temor. E isso nunca deixava de assombrá-lo.

— Legal! Estou acalorado e suarento, carinho. — Depositou um beijo em seus sorridentes lábios. — Preciso de uma ducha antes que te suje.

— Parece tão triste Sam. — Seu olhar era compassivo e um pouco excitado enquanto se separava dele. — Tudo está bem?

— Tudo está bem carinho. — Tentou sorrir, mas a expressão dela não mudou. — Se quiser a verdade, morro por te foder, mas no meio do vestibulo poderia não ser o lugar indicado para isto.

— Mentiroso — sussurrou — Vai atrás dessa ardente e pequena ruiva que escapou para seu quarto para usar seu Pocket Rocket9 antes que entrasse.

Sam piscou surpreso.

— Como sabe? — Lançou um olhar às escadas, perguntando-se se poderia apanhá-la em flagrante. Maldição, daria tudo pra ver isso.

— Sam, carinho, sou uma mulher — riu enquanto dava tapinhas no peito dele, o consolando. — Além disso, de algum jeito, Marly descobriu que era o único brinquedo que a pobrezinha possuía. Pensamos em lhe dar algumas das coisas novas que vocês, moços, pediram.

O corpo do Sam se esticou.

— O Coelho — sussurrou — Dê o Coelho para ela. — Falava do excepcionalmente potente consolador que vibrava, rodava e acariciava profundamente no interior da vagina, enquanto as suaves orelhas vibravam contra o clitóris. Ambas as sensações levavam a loucura Sarah e Marly. — Faz isto por mim, Sarah, e estarei em dívida com você.

Os olhos dela se abriram de surpresa.

— Não sei, Sam, poderia ser um pouco avançado para ela... — sua voz soou indecisa.

— Sarah, dê o Coelho para ela — ele disse desesperadamente, lutando por manter sob controle sua excitação, sua necessidade. — Faz isto por mim.

— Sam. — Negou com a cabeça, confusa. — Por que não a satisfaz você mesmo? A mulher precisa de um homem, não uma arca de brinquedos.

Ele também o necessitava. Que Deus o ajudasse, ele o desejava, mais que nada, e o aterrorizava a morte. O pensamento de machucá-la, de ser a causa de que fosse ferida, era mais do que podia suportar. Seus irmãos tinham estado malditamente perto de ser destruídos por sua culpa. O que aconteceria se fodido caçador machucasse Heather de forma similar... mais do que já tinha sido ferida? E mesmo assim, não podia conter suas necessidades. Não podia conter ao menos uma pequena parte do prazer que zumbia por seu corpo ante o pensamento de Heather e esses brinquedos.

— Sarah. — Agarrou-lhe o braço imperativamente, enquanto seu pênis se engrossava e pulsava sob seu jeans. — Faz isto por mim. Prometa-me.

Ela o observou, inclinando a cabeça enquanto mantinha o olhar.

— Não pode lutar para sempre, Sam. — Disse, enfim, em voz baixa. — Pode lhe dar todos os brinquedos do mundo, mas não estará satisfeito até que você mesmo a tome. Sabe disso.

— Preciso disso, Sarah. — Sua voz era tão baixa. — Mais do que imagina. Não os aceitará de mim, mas o fará se vier de você. Faz isto por mim. Por favor.

Ela suspirou profundamente enquanto assentia com a cabeça.

— Farei, Sam.

Ele fechou os olhos e quando os abriu poderia ter jurado que captou um brilho de diversão nos olhos dela antes que fosse rapidamente ocultado.

— Ficarei te devendo. — Grunhiu, incapaz de sossegar o pensamento de que talvez, só talvez, apanharia Heather em flagrante usando os íntimos aparelhos.

Sua mão percorreu a parte exterior da coxa, enquanto se inclinava para diante, lhe dando um prolongado beijo antes de se afastar.

— Brock está hoje como um urso. Fode-o e assim deixará de me incomodar. — Sorriu abertamente. — Agora vou tomar um banho. Verei você mais tarde.

Afastou-se rapidamente dela antes que seus desejos pudessem vencê-lo. Subiu com grandes e rápidos passos pelas escadas para seu quarto, e a uma ducha fria que rogava que acalmasse o calor de seu corpo.

— Está nas últimas. — Marly entrou da soleira do estúdio, um enorme sorriso dividia sua cara enquanto dava uma olhada para a parede das escadas.

— Shh, Brock e Cade estarão aqui em um minuto. — Sarah estava tendo problemas para sossegar sua risada. — Os levaremos a ela esta tarde. Só se assegure também de que Cade sabe o que estamos fazendo. Os três estão me deixando louca.

Marly assentiu com a cabeça, seus olhos azuis cheios de tal risada travessa que a fazia parecer mais uma adolescente que uma adulta.

— Marly, considerou o fato que estamos fazendo uma armadilha deliberadamente para que a fodam Cade e Brock? — Sarah de repente sacudiu a cabeça ante tal pensamento. — Se alguém me houvesse dito que eu ia aceitar algo assim, não o teria acreditado.

Estar com os três irmãos ela mesma, e vê-los inter-atuar, o conhecimento de que não era sexual a não ser verdadeiro amor, tinha aliviado qualquer sentimento de ciúmes que houvesse sentido. Brock freqüentemente fazia sexo com Marly, só ou com os outros dois presente, cada vez que a necessidade estava ali. Assim como Cade e Sam foram a Sarah quando o necessitavam. A especial relação que se desenvolvia entre eles freqüentemente a surpreendia. Tinha três amantes, e os amava a todos, mas Brock tinha sua alma, assim como sabia que tinha a dele.

Marly assentiu com a cabeça, seus alvoroçados cachos negros se balançavam nos quadris.

— Amamo-os. — Por último, deu de ombros. — Assim como eles nos amam. Não poderia imaginar nada mais agora, Sarah. — Sarah admitiu que ela tampouco podia. Saber que Brock estava com Marly já não lhe causava ciúmes nem dor. Não era mais que um abraço, um beijo na face. Era compartilhar o vínculo que tinha com seus irmãos e com ela.

— Bem, então vamos lhe dar os presentes. — Sorriu amplamente, mais que um pouco curiosa sobre as reações que teriam os homens da casa. Sentia-se um pouco travessa, um pouco nervosa, mas que a condenassem se não estava esperando-o com impaciência.

CAPÍTULO 24

— A Serpente? — Heather piscou para o cuidadosamente envolto brinquedo para adultos. A cor púrpura escura já era bastante má. Tinha quase dezoito centímetros, magro e extremamente flexível. Quase quatro centímetros de cabeça, e no meio do flexível dispositivo, parecia haver um pequeno motor metálico.

— O que faz? — sussurrou enquanto olhava fixamente para Marly e a Sarah, temerosa de falar muito alto se por acaso alguém a ouvia.

Marly riu com delicadeza.

— Vibra — sussurrou em resposta, seus olhos completamente abertos com divertido atrevimento.

Heather tragou nervosamente.

— Vibra?

— Uh huh. — Assentiram ambas as mulheres.

— Por quê? — perguntou então, franzindo o cenho enquanto a observavam com espera.

— Por que vibra? — Sarah a olhou, surpreendida.

— Não. — Disse Heather lentamente. — Por que estão me dando isto?

Sarah e Marly se olharam a uma para a outra, antes que Marly suspirasse profundamente.

— Porque às vezes Sam precisa de um empurrãozinho para se dar conta do quão burro que pode ser. — Sorriu. — Além disso, vai te aliviar até que ele recupere o bom-senso.

— Oh, recuperará o bom-senso? — perguntou com curiosidade, sem acreditar de verdade. — Estranho, não vi nenhuma prova disso. — Deixou com cuidado o empacotado brinquedo na cama.

— Oh, temos mais. — Sarah rebuscou na bolsa que tinha levado ao quarto.

— Mais? — Heather recuou um passo, perguntando-se que demônios iam tirar desta vez.

— O Coelho — explicou Marly enquanto lhe estendia a caixa.

Heather olhou fixamente escandalizada.

— Garotas têm algo com os animais, não?

Marly suspirou enquanto revirava os olhos.

— Heather, se não quiser os brinquedos, não nos sentiremos ofendidas.

E ela não o estaria. Heather viu a compreensão, a compaixão nos olhos da mulher mais jovem enquanto permanecia frente a ela. Exalou profundamente e sentou aos pés da cama, mantendo uma prudente distancia entre ela e a erótica “serpente”.

— Não esperava isto, senhoras. — Tentou sorrir enquanto, com naturalidade, elas arrastavam as cadeiras de um lado do quarto mais perto da cama.

— Tampouco é algo que estivéssemos esperando exatamente. — Sarah relaxou na cadeira de alto respaldo, as mãos pendurando ligeiramente na borda dos descansos dos braços. — Esta situação é única, Heather, como você sabe. Sam também é importante para nós.

Então a suspeita a invadiu.

— Têm medo de que tente afastar a Sam de vocês duas? — perguntou.

A falta de decoro da conversa era quase ridícula.

Marly sorriu abertamente. Um sorriso de tal confiança, tão encantadora segurança, que Heather se sentiu vagamente envergonhada dela mesma.

— Heather, Sam sempre formará parte de nós, inclusive se nunca mais nos tocar. Algo que o faça feliz, que alivie as sombras de seus olhos, isso é o que nos deixará feliz. Isso não é sobre sexo. De maneira nenhuma.

Heather sacudiu a cabeça.

— Me perdoe, Marly, se considerar quão ridícula está ficando toda esta situação. É consciente de que Cade quer me foder. Não? — Um pingo de irritação atravessou sua voz, apesar de seus intentos por mantê-lo encoberto.

— Heather... — Marly parou e olhou para o Sarah em busca de ajuda.

Sarah moveu a cabeça negando enquanto uma leve risada escapava de sua garganta.

— Eu não. Você verá se pode explicá-lo.

— Sou muito consciente, Heather, que Cade quer te foder. — Respondeu Marly em voz baixa.

Heather estava surpreendida de que não houvesse ciúmes nem aborrecimento em suas palavras. Observou às duas mulheres, a confusão aumentando dentro dela até que já não pôde agüentar mais.

— Marly, ele é seu amante — sussurrou Heather — Se que o ama, por que o permite?

A cabeça de Marly se inclinou enquanto voltava o olhar para o Heather com curiosidade.

— Sabe que transo com Sam. Viu-nos sair da limusine, e soube o que fiz, Heather. Ainda assim, não estava cheia de fúria. Por quê?

— Não há um compromisso entre nós. — Ela negou com a cabeça, levantando-se, recusando-se a admitir o que Marly estava mostrando.

— Mas você o ama, e não pode negar — apontou Marly — Vi em seu rosto, Heather. Sabia. Sabia e por um breve instante o ciúme flamejou, mas algo o apagou. Por quê?

Heather negou com a cabeça. Não podia responder a isso. Não queria respondê-lo.

— Não estamos aqui para te convencer de nada, Heather — se defendeu Sarah — Não temos intenções de tentar te convencer de maneira nenhuma. Trouxemos-lhe os brinquedos por duas razões. Uma, porque sabemos que tem que estar condenadamente excitada. Dois, porque a idéia de que os tenha deixará Sam louco de necessidade. Há poucas coisas que o deixe mais louco que os brinquedos.

Heather se voltou para elas, colocando as mãos nos bolsos dos jeans com nervosismo, enquanto as observava. Estavam relaxadas, amistosas. Observavam-na com compreensão, com simpatia.

— Amo-o — admitiu, sacudindo a cabeça — Mas não implorarei.

— Não tem que fazê-lo, Heather. — Disse Marly com amabilidade. — Sam está igualmente apaixonado por você. Mas isso o fere profundamente. Quando o caçador te atacou, pôs cicatrizes em você que recordam a Sam, quando pensa nelas, sua crença de que por sua culpa foi atacada. Até que se desligue do passado, até que todos eles o façam, essa dor sempre estará ali.

— Então, porque o uso do compartilhar? — Heather encurvou os ombros, lutando com o estremecimento que lhe percorria as costas ao pensar nisso.

— O compartilhar. — Marly franziu o cenho pensativamente. — Não acredito que isso mude em algum momento, Heather. Se alguma vez os visse juntos, compartilhando, compreenderia o que quero dizer. São uma extensão uns dos outros, assim como lhe digo isso. Cada um de seus pensamentos centrado em qualquer de nós com a que estejam. Cada toque, cada beijo, feito para nosso prazer, nossa satisfação. Não acredito que isto seja a causa da dor. Mas acredito, entretanto, que alivia a dor.

Não era mais do que acreditava Heather.

— São muito parecidos — resmungou.

— Em alguns aspectos — esteve de acordo Sarah — Em outros, são completamente diferentes. Amo Brock com todo meu coração e minha alma, Heather. Não poderia suportar o perdê-lo. Mas também amo Sam e Cade. Vai crescendo quando você não se dá conta, e chegam a ser uma parte de você até quando tenta se separar deles. Não pode evitá-lo. Não pode lutar com homens que não desejam nada mais que sua segurança, sua felicidade e seu prazer.

— Poderiam querer fidelidade — disse em voz baixa.

— Mas a temos, Heather. — A voz de Marly era baixa, embora cheia de convicção. — Temos sua completa fidelidade. Cade e Brock não a desejariam se Sam não te amasse. Forma parte de Sam, assim também forma parte deles. Isso não é enganar, é amor.

— É uma desculpa — suspirou com cansaço.

As duas mulheres se olharam a uma à outra, depois ficaram de pé.

— Os brinquedos são um presente. Sem motivo oculto, Heather — disse Marly, enquanto devolviam as cadeiras a seu lugar perto da janela. — Use-os ou jogue-os fora. Entretanto, provocar Sam com eles seria malditamente efetivo. — Sorriu amplamente. — Se alguma vez precisa falar conosco, sabe onde estamos.

— Heather. — Sarah se voltou para ela. — Pense. É nossa desculpa? Ou está tentando julgar algo que a convenção e a moralidade lhe ensinaram que está errado? Pense nisso a sério, e depois vem e me conte onde está a desculpa.

Heather olhou fixamente os brinquedos depois de que as duas mulheres saíram. Caminhava de um lado para outro em seu quarto, inquieta e preocupada, até que sentiu como se estivesse a ponto de ficar louca por isso. Abriu os brinquedos e inseriu as baterias requeridas que também tinham deixado. Lavou-os, olhou-os, mas não os usou. Queria fazê-lo. Sua vagina se apertava diante desse pensamento, porque sabia condenadamente bem que Sam escutaria o característico zumbido através do fino painel da porta.

À diferença das paredes e as portas exteriores do quarto, a porta de comunicação estava condenadamente perto de ser tão fina como o papel. Podia-se escutar tudo através dela. Ele escutaria, e saberia.

Viria para ela? Ela o quereria? Sua necessidade corria ao mesmo nível que seu orgulho, até que mal pôde suportar a pressão. Foi um alívio ir finalmente jantar. Até que chegou ali. Sam a olhou acaloradamente. É obvio, ele teria escutado os brinquedos enquanto ela os segurava, sentindo a vibração sob o flexível látex que envolvia os motores.

A conversa fluiu ao redor da mesa do jantar enquanto Rick, Cade e Brock discutiam sobre a falta de pistas do caçador, e o perto que esteve da área da piscina na noite anterior. Sarah e Marly discutiam sobre seus encontros do dia seguinte, e provocavam aos homens sempre que a oportunidade se apresentava. Sam estava calado. Heather estava em silêncio.

Depois que o jantar terminou, a família se retirou à sala familiar, e Heather escapou para a escura cozinha. Uma cafeteira a esperava ali, e uma noite solitariamente escura se estendia diante dela.

Enviou uma oração silenciosa de que se as diversões familiares ocorressem na outra sala, eles pelo menos tivessem misericórdia e baixassem o ruído um pouco. Estava a ponto de perder os nervos, e seu nível de excitação estava chegando ao ponto de ebulição. Se não fizesse algo logo para aliviar a crescente pressão de sua vagina, então ia explodir. O único problema era que não estava segura de como fazer isso. Seu Rocket Pocket12 só parecia transformar a situação em mais desesperada, e por sua experiência prévia com os vibradores, duvidava que os consoladores, não importava o muito que se meneassem e se retorcessem, ajudassem-na.

Silenciosamente inspecionou as fechaduras da porta traseira e as da janela da cozinha, depois se assegurou de que as escuras cortinas reforçadas com borracha estivessem completamente fechadas. O incidente um mês atrás, quando os vidros a prova de bala se fez em pedacinhos, tinha-os aterrorizado a todos, Heather sabia. Agora não davam oportunidades.

Razoavelmente segura de que a cozinha era segura, acendeu uma pequena luz sobre a pia depois de assegurar as cortinas ali e preparou uma xícara de café forte. Uma poltrona reclinável estava no canto mais afastado da cozinha, um cômodo lugar de descanso para quem vigiasse a porta traseira. Em vez de se sentar nele, apoiou-se contra o mostrador da cozinha e bebeu a goles seu café enquanto folheava uma das revistas de gado que tinha sido deixada ali.

Olhou sobre seu ombro quando escutou o som da porta ao abrir. Quando começou a dar a volta, uma grande mão masculina aplaudiu seu traseiro afetuosamente enquanto a enorme silhueta passava a seu lado.

— Me perdoe.

Ela se voltou enquanto Cade procurava uma taça de café na parte alta do armário sobre sua cabeça.

Seu corpo grande e musculoso a tinha fixada contra o mostrador, enquanto seus quadris se apertavam intimamente na parte mais baixa do abdômen dela. Ali podia sentir facilmente a clara percepção de um grosso, e completamente ereto pênis.

— O café está recém feito? — Sua voz profunda era um áspero grunhido ao lhe dirigir um ardente olhar enquanto se afastava dela.

Ela não sabia se lhe chutar o traseiro ou gritar.

— Não prove minha paciência, Cade — espetou em seu lugar — Está extremamente baixa neste momento.

Ele se serviu de café, depois se apoiou contra o mostrador enquanto a olhava. Seus olhos eram cinzas, não cinza azulados como os dos gêmeos. Sua face era mais dura, mais cinzelada e tinha traços de obstinação. Não sorria tanto como o faziam os outros, mas com o passar dos meses, Heather tinha observado como as sombras em seus olhos pareciam esclarecer-se.

— A sua não é a única — grunhiu ele — Sam caminha de um lado ao outro como um gato enjaulado.

Ela estreitou seus olhos perigosamente.

— Não estará sugerindo de novo que o foda.

Teve a clara impressão de que o olhar que ele estava dirigindo a ela era tudo o que podia fazer para não revirar os olhos com exasperação.

— Não ia sugerir nada parecido. Quando ele já não possa dirigir a pressão, encarregará-se disso. — Deu de ombros.

— Isso que significa? — perguntou ela enquanto lutava para não chinar os dentes.

Os lábios dele desenharam um sorriso.

— Isso significa, Heather, que espero que tenha estado praticando com esse plugue que sei que ele te deixou, porque pode apostar que desejará tê-lo feito.

A surpresa se derramou através de seu corpo.

— O que acontece com vocês, homens, e o sexo anal? — espetou-lhe furiosamente. — Pessoalmente, eu acredito que essa é só uma saída. Não é algo exatamente natural. E por que infernos sempre estou discutindo isto com você? — vaiou, perguntando se finalmente também ela estava perdendo o juízo — Estão me deixando louca. — Não ia reconhecer que o tinha feito em efeito, e que inclusive agora, estava usando o pequeno dispositivo.

Ele riu entre dentes. O som era rico e quente, e cheio de excitação. Olhou-a com aqueles olhos ardentes dele, a face desenhava linhas de sensualidade, e isso quase a fez fugir. Sabia, perguntou, podia dizer de algum modo, que ela estava usando o plugue que seu irmão lhe tinha dado?

— Acostumará a nós com o tempo. — Ele assegurou, e ela se perguntou se ele tinha alguma idéia do perto que estava de atirar a todos eles.

— Por que está aqui? — perguntou com exagerada paciência — Não deveria estar fazendo a coisa familiar ou algo assim?

O calor da excitação pareceu cintilar com mais brilho em seus olhos.

— Marly queria relaxar esta noite. Ela já foi à cama.

Isso não respondia a sua pergunta.

— E Sarah? — interrogou, perguntando se agora a outra mulher estava desfrutando de do ardente toque de Sam.

— Sarah também — sorriu abertamente —. Ela e Brock acabam de subir.

— Onde está Sam? — Não pôde conter a pergunta que deslizou de seus lábios.

Ele se apoiou mais perto enquanto deixava a xícara na pia atrás dela, mas não se apartou quando terminou. Estava perto, tão perto que ela podia cheirar a limpa essência masculina de seu corpo, tão parecida com a de Sam. Podia fechar os olhos, e quase convencer-se a si mesma...

— Sam está na sala familiar, vendo televisão — sussurrou, os lábios muito perto dos seus, seu pesado corpo muito quente, muito tentador.

— Pare. — Exalou uma entrecortada respiração enquanto se afastava dele. — Está tentando me seduzir.

Os olhos dele se abriram de par em par enquanto se endireitava.

— Na realidade, só estava paquerando um pouco. — Seus lábios desenharam uma ligeira careta. — Devo estar envelhecendo, ou estou ficando sem prática.

— É um perito. — Espetou enquanto se afastava dele.

— Parece assustada. — Ele franziu o cenho. — Acha que vou machucar você, Heather? Ou tomar algo de você que não queira me dar?

Ela negou com a cabeça, lutando contra os impossíveis e traidores desejos que se enroscavam em seu útero. Sua vagina jorrava de necessidade, contraindo-se pela excitação enquanto ele a olhava ameaçadoramente.

— Não. — Sua respiração era áspera, e sabia que ele podia ver os desejos que a arrastavam.

— Nem sequer tentarei te tocar sem sua permissão, Heather — prometeu, e o dizia a sério. Podia vê-lo em seus olhos. — Isto não funciona desse modo, sabe.

— Sam o enviou? — Queria parecer furiosa, mas sabia que só soava necessitada. Malditos fossem. Todos eles. O que estavam fazendo com seu corpo, a seu coração, deveria ser ilegal. Podia ver a necessidade nos olhos dele, sua excitação, sua resposta emocional, e isso estava rasgando-a. Ele não era Sam. Ela amava a Sam. Não seus irmãos.

Mas seus seios estavam inchando-se, seus mamilos erguidos, e entre suas coxas, seu clitóris estava pulsando pela extraordinária excitação que se vertia através de seu corpo.

— Marly e Sarah levaram os brinquedos hoje? — perguntou finalmente com curiosidade, lançando seu corpo além de escandalizada confusão.

A cara de Heather ruborizou. Sabia que todo seu corpo devia ser agora de uma perfeita cor vermelha.

— Isso não é de sua conta. — Disse sufocada. — Jesus, Cade. Não existe nenhum tipo de privacidade nesta condenada casa?

Ela cruzou os braços sobre seus seios, rezando por esconder o desesperado endurecimento de seus mamilos.

— Se precisa descobrir como se usa posso lhe ajudar — ele ofereceu.

Heather engasgou com uma estrangulada maldição quando ele se aproximou um pouco mais. Perguntou-se se ele podia ver o vapor que devia estar saindo de sua vagina.

— Estou segura que posso descobri-lo — ofegou finalmente — Vá olhar televisão ou o que seja. — Deu-lhe as costas e teria posto a distância da cozinha entre eles, se ele não houvesse passado o braço suavemente ao redor da cintura.

Não exercia pressão, mas ela era tão condenadamente frágil que ele não teve que fazê-lo. Lutou para respirar enquanto sentia sua ereção contra a parte baixa de suas costas, e os lábios dele em seu pescoço.

— Primeiro empurra-o dentro de você, Heather. Depois alinha essas pequenas orelhas para segurar seus clitóris entre elas. Quando o ligar, o vibrador se moverá e dobrará dentro de você como se girasse em pequenos círculos. As pequenas pérolas da base giram e golpeiam ao redor, estimulando sua tenra abertura e abrindo-a, e as orelhas? — Seus dentes roçaram o pescoço — Essas pequenas orelhas pulsam e massageiam seu clitóris, enquanto seus quadris se retorcem e se sacudem, te aproximando do orgasmo.

A mão dele puxou sua camiseta para tirá-la do jeans quando a porta se abriu de novo e Sam entrou devagar na cozinha. Heather sussurrou seu nome, aterrada agora, apanhada por seu irmão e as eróticas palavras que se derramavam de sua boca, enquanto ele levantava a camiseta do

abdômen, e Sam, que observava tudo, com seus olhos que se obscureciam, suas calças de moletom se elevavam com sua própria ereção enquanto observava as mãos de seu irmão.

Mãos que arrastaram sua camiseta ao comprido de seu corpo até que os cheios montículos de seus seios encontraram o ar fresco da tênue iluminada cozinha. Estava lutando para respirar, seus olhos entrelaçados com os de Sam, uma súplica em seus lábios, mas era incapaz de forçar para fora as palavras.

As mãos de Cade embalaram os seios enquanto Sam se aproximava um pouco mais.

— O vibrador te foderá lenta e suavemente, estirando sua apertada vagina, Heather — continuou Cade — Não é tão grande como somos nós, ou tão largo, mas conseguirá te preparar. Quando chegar ao clímax, seu corpo se apertará, a sensação arrastando através de seu útero...

— Oh, meu Deus. — arqueou-se enquanto a cabeça de Sam descia por volta de um dos amadurecidos seios que Cade estava embalando e o dirigindo para sua boca.

Estava indefesa, capturada, apanhada pela sensualidade do ato, enquanto a boca de Sam cobria o quente e ansioso pico, a língua roçando o mamilo enquanto sua boca começava um firme movimento de sucção. As mãos dela subiram até a cabeça de Sam, sem estar segura de empurrá-lo para longe ou puxá-lo mais perto. Mas foi incapaz de fazer nada. Ele agarrou suas mãos, as apanhando com uma das suas, enquanto os dedos da outra foram para os jeans dela.

Os gemidos dela invadiram a cozinha quando os dedos dele abriram os botões.

— Pense, Heather. — Sussurrou Cade sensualmente, sua voz grossa e áspera. — Depois disso, Sam superará sua obstinação, e te colocará de barriga para baixo. — As mãos de Sam penetraram pela abertura de seu jeans. — E terá esse Coelho apanhado dentro de você. — Os dedos de Sam roçaram seu inchado clitóris. — E enquanto estiver te fodendo agradável e suavemente, ele empurrará seu pau em seu apertado traseiro, fazendo que as sensações se multipliquem... — Ela gritou desesperada quando Sam empurrou dois dedos profundamente dentro de sua úmida vagina.

Ela se fez em pedacinhos. O orgasmo que rompia através de seu corpo a fez ficar nas pontas dos pés, enquanto os dedos dele se retorciam dentro dela, com a boca sobre seu seio, a língua voando sobre seu firme mamilo. A cozinha se obscureceu, seus olhos se nublaram, seu corpo sacudindo e estremecendo enquanto a explosão sacudia cada célula de seu interior.

Apanhada entre os dois homens enquanto suas mãos a tocavam, os lábios em sua pele, o fogo correndo através de suas veias, só pôde gritar o nome de Sam. Tremeu, seu corpo estremeceu espasmodicamente. Sentia como sua liberação se derramava sobre seus dedos enquanto suas pernas se apertavam, sua vagina ordenhava os dedos que a fodiam, lhe fazendo perder o julgamento.

Quando tudo terminou, eram os braços de Sam os que a puxavam para perto, seus lábios lhe sussurravam frases consoladoras ao ouvido, suas mãos percorriam gentilmente as costas.

— Venha para mim, Heather, quando estiver pronta. — Grunhiu, sua voz dura, tensa por sua própria excitação insatisfeita. — Mas não espere até que seja condenadamente tarde, ou poderia ser eu quem vou por ti. E quando o fizer, poderia estar fora de controle.

Guiou-a para a poltrona reclinável, e a sentou gentilmente enquanto beijava seus lábios. Uma suave, e terna carícia, antes de voltar-se e sair lentamente da cozinha. Heather pestanejou, depois olhou fixamente Cade que estava parado perto da porta oscilante.

— É seu presente para dar, Heather. Ele não lhe tirará isso. Mas poderia conseguir em troca um inferno muito pior do que nunca acreditou ser possível.

As três da manhã era um inferno de hora, pensou Heather enquanto subia cansadamente as escadas. Depois de que Sam e Cade tivessem deixado a cozinha, a noite tinha estado tranqüila, deixando-a refletir sobre os acontecimentos que tinham destruído muitas de suas crenças e lhe permitindo lutar contra o conhecimento interior de que ela era um caso perdido pelo que a Sam e a seus irmãos concernia.

Conhecia a história dos homens, sabia dos abusos que tinham sofrido, e agora sofria pelo Sam. Mas havia algo tão escuro e solitário dentro dele. Sacudiu a cabeça; não podia lidar com isso. Algo estava rodando dentro dele que quase a assustava. Como se lutasse contra si mesmo tanto como contra o passado.

Passou cansadamente os dedos pelo cabelo e passeou pelo quarto, fechando a porta atrás de si. Deu uma olhada à porta do outro lado do quarto. Conduzia ao quarto de Sam. Interconectando os quartos.

Permaneceu de pé e contemplou a porta. Não estava fechada como a tinha deixado antes. Estava bastante aberta como para que ela soubesse que a oferta estava ali. Contemplou-a sombriamente, perguntando se atreveria.

Lambeu os lábios e sacudiu a cabeça cansadamente. Burro! Não estava pondo nada fácil. Faz isto, faz aquilo. Como se ela não tivesse nem idéia, e não estivesse o mais mínimo preparada para ele. Soprou silenciosamente. Tinha sabido durante meses o que estava chegando, e tinha lutado para preparar-se para isso. Marly e Sarah tinham ajudado um pouco. Aquelas duas mulheres a assombravam.

Despiu-se, seus olhos fechando-se enquanto tirava os jeans, sentindo o plugue anal que tinha inserido antes, enquanto seus músculos se apertavam ao redor dele. O sentimento erótico e peralta de ter posto o dispositivo quase deixara louca na cozinha, com os dois homens.

Heather se perguntou o que ele teria pensado, o que teria feito se tivesse sabido que o que tinha ameaçado fazer, já o tinha feito ela mesma. Sacudindo a cabeça ao pensá-lo, dirigiu-se ao banheiro e o tirou. A sensual sensação do plugue deslizando-se por seu estirado ânus fez palpitar sua vagina. Fechou os olhos, perguntando-se como se sentiria Sam, seu pênis pulsando, abrindo caminho dentro e fora dela como tinha ameaçado inumeráveis vezes.

Lavou o dispositivo, sorrindo um pouco pesarosa enquanto deixava o banheiro e se dirigia à cômoda. Guardou o artigo e se dirigiu para a cama. Então parou, franzindo o cenho, desconcertada.

— Não... — O som chegou outra vez, um gemido de dor, de raiva.

Heather tremeu. A voz de Sam soava rasgada, enfurecida, cheia de incredulidade enquanto lutava contra os pesadelos outra vez. Seu corpo se esticou enquanto girava para a porta. Sabia o que aconteceria. Ele revirava e gritaria, tirando o mesmo do sonho e saindo da casa depois. Rick teria que rastrear, buscar, de outra maneira poderia escapar e dirigir-se para a escuridão através do campo.

Vestiu o robe, movendo-se rapidamente para a porta.

— Tanto sangue... — A voz dele soava forçada, atormentada, enquanto atravessava a entrada.
— Oh Deus! Cade, o que eu fiz? O que eu fiz Cade?... Não... Não, Cade... NÃO!

Retorceu-se na cama; as mantas afastada a chutes para longe de seu corpo nu enquanto lutava com quaisquer que fossem os demônios que freqüentavam seus pesadelos.

— Muito sangue... — lançou um grito outra vez — OH Deus! Isto dói Cade...

Retorceu, sua voz rugia, lutando com as lembranças, com o horror do passado.

— Cade... muito sangue... — gritou as palavras outra vez.

Heather se aproximou da cama, a luz do abajur de noite era fraca, mas ofegou de horror pelo que viu. Cicatrizes, cicatrizes inimagináveis marcavam seu corpo desde seu abdômen até suas coxas. Finas erosões, entrecruzando-se. Tragou fortemente, perguntando o que poderia o haver talhado tão profundamente, e ainda assim com semelhante precisão para deixar tais cicatrizes. Havia visto nu antes, mas nunca assim, quando estava indefeso. E compreendeu que, embora nunca tivesse tentado esconder sua ereção dela, sempre tinha procurado que as cicatrizes não estivessem tão visíveis.

— Não! — Golpeou a cama. — Não, burro. Eu o fiz, eu o fiz...

Heather lançou um grito, tornando-se atrás quando ele se levantou da cama, sua mão agarrou seu pulso e a aproximou dele.

— Sam? — Ela lançou um grito quando seus olhos, quase negros pela dor e o choque olharam os dela.

A mão de Sam apertou seu pulso enquanto ele piscava, a transpiração cobria seu corpo, enquanto o ar ao redor deles se espessava com a tensão. Heather estremeceu quando o olhou, perguntando como demônios tinha permanecido cordato com a força dos pesadelos obcecando-o.

— Sam. — Ela estendeu a mão livre para tocar sua face.

— Não. — Ele agarrou seu pulso, segurando-a longe dele, olhando-a fixamente como se não estivesse certo por que ela estava ali, ou o que queria.

— Estava tendo um pesadelo. — Tragou fortemente, lambendo seus lábios com a nervosa consciência do calor sexual que começava a aumentar na expressão dele.

Sentiu que seus seios ficavam pesados, inchando-se enquanto o olhar de Sam ia a eles. Sua face ruborizou quando os mamilos se endureceram sob seu olhar, sentindo seu interesse inclusive através da fresca seda de seu roupão. Seu corpo ruborizou, sua vagina esquentando-se e umedecendo-se.

— Heather — As mãos do Sam esticaram em seus pulso — Sinto muito.

— Sam? — Viu a resolução encher sua expressão, triste e quente, desesperada.

A tensão sexual os envolveu, e quando o olhar dela desceu a seu ventre viu o inchaço de seu pênis, engrossando-se diante de seus olhos. Tentou tirar os pulsos de seu agarre, de repente nervosa, insegura. Sam era muito perigoso depois dos pesadelos, e embora nunca soubera que tivesse feito mal a Marly ou a Sarah quando os pesadelos reviravam em seu interior, sabia que sua sexualidade estava em seu nível mais alto.

— Preciso-te. — Sua voz era rouca, faminta e ainda sombreada pelo horror.

— Sam — ela ofegou seu nome quando a puxou para a cama, liberando um de seus pulsos o suficiente para transferi-la para a outra mão enquanto liberava o frouxo nó de seu roupão.

Puxou-a para seu colo e ela lutou para equilibrar-se. O robe quase foi rasgado de seu corpo enquanto ele estirava a mão para a mesinha de noite, pinçando em uma gaveta enquanto Heather lutava para afastar-se dele.

— Não — Sua mão se afastou contra a parte baixa das costas dela. — Fique quieta. Pelo amor de Deus, fique quieta, Heather. Por favor.

Lutou contra ele. Não estava assustada, mas sim recusava a render-se ao que ele necessitava. Todos se rendiam ao que Sam necessitava. Mimavam-no e consentiam, e tentavam aliviar as lembranças e os pesadelos que só cresciam com os anos.

Heather recusava-se mimar, ou render-se. Sabia que tomar não seria fácil. Sabia o que queria, o que necessitava e sabia a dura cavalgada que receberia no trato. Mas estava decidida a romper a raiva que crescia na alma dele. Se tinha que lutar contra ele para fazê-lo, então por Deus que lutaria.

Empurrava contra a cama, lutando para ficar de joelhos, quando a mão dele aterrissou na bochecha de seu traseiro. Heather se paralisou pelo choque. Não em choque pelo que ele tinha feito, mas sim pelo brilho de prazer que a golpeou mais agudamente que sua mão.

— Fique quieta. — Sam se moveu, colocando-a sobre o estômago na cama.

Antes de que pudesse lutar para afastar-se e fazer algo mais que ficar de joelhos, ele estava ali. Suas mãos a agarraram pelos pulsos, as estirando até que pôde atar primeiro uma e depois a outra aos pesados postes da cama com as sujeições de couro que obviamente ele havia trazido de volta para seu quarto.

As largas correias com suas munhequeiras foram presas rapidamente, e os estrangulados gritos de ultraje dela faziam pouco por lhe desalentar enquanto Sam se dirigia a seus pés. O entusiasmo corria por seu corpo, embora ela lutasse contra ele, empurrasse-o, lutando para impedi-lo de reter suas pernas também. Não se renderia. Não se entregaria. Apesar de suas pouco entusiastas lutas, ele conseguiu segurar as restrições de couro em seus tornozelos e as atar aos postes aos pés da cama.

Depois sua mão foi entre suas coxas. Ela lançou um grito quando os dedos dele deslizaram pelas dobras de sua vagina, recolhendo a espessa nata que fluía dela. A prova de que estava excitada; de que o que Sam estava fazendo era o mais emocionante que tinha acontecido na vida.

Só havia a suficiente folga nas correias que retinham seus tornozelos para permitir elevar os quadris. Apertou-se mais contra o colchão, lutando por escapar de seus dedos enquanto ouvia a respiração dele, áspera e pesada atrás dela.

— Disse-lhe isso, afaste-se depois dos pesadelos, Heather. — Sua voz soava entrecortada, ofegando enquanto se inclinava sobre ela. — Te avisei isso, e você veio.

— Deixe-me ir, Sam. — Sacudiu-se enquanto sentia seu pênis empurrando entre suas coxas.

— Não conseguirá o que quer desta maneira.

— Verdade? — Seus lábios estavam no ouvido dela, respirando pesadamente, enquanto se moviam para seu pescoço.

Lutou contra o insidioso prazer enquanto ele beijava a pele sensível entre o ombro e o pescoço.

— Necessito-te. — Lambeu sua pele, sua mão lhe acariciando o flanco, acariciando as curvas de seus seios. — Te necessito, Heather. Mais do que imagina.

Os olhos dela seguiram ao braço dele enquanto o estendia a seu flanco, abrindo-os como pratos quando ele agarrou o tubo de lubrificante da mesinha de noite.

— Sam. — Lutou contra as restrições, sabendo o que ia acontecer, de repente nervosa e preocupada com sua capacidade de aceitar a invasão.

Enquanto ele recuava, sua mão livre deslizou sobre as costas dela, pela curva de seu traseiro, depois para dentro, mais perto, movendo-se inexoravelmente em volta da entrada de seu ânus.

CAPÍTULO 27

Sam estava a ponto de perder o juízo e sabia. Como sempre, os pesadelos, brumosos e incertos, deixavam-no desestabilizado, lutando por algo ao que aferrar-se, algo para lutar contra os demônios que o rondavam. E de repente, em meio do pesadelo, estava Heather. Cheirando a romance e desejo, suave, acetinada e cálida, tentando-o além do que seu frágil controle podia suportar.

Baixou o olhar para ela, observando seu traseiro flexionado, enquanto lutava contra as restrições, escutando seus sussurrados lamentos, sabendo que a excitação os enchia. Podia cheirar seu calor como uma chuva de meia noite, senti-lo fluir desde sua pequena vagina abaixo. Mas agora necessitava muito mais. Necessitava algo mais escuro, mais erótico, uma aceitação, uma submissão que só podia vir de um ato.

Abriu de repente a tampa do tubo de lubrificante, e lubrificou uma grande quantidade de seus dedos. Depois, com a outra mão, separou suas nádegas enquanto estendia seus joelhos, forçando-os sob as coxas dela, obrigando-a a levantar as curvas suaves de seu traseiro mais perto dele.

Olhou fixamente a pequena entrada, surpreso. Estava avermelhada, ligeiramente relaxada, mostrando a evidência de ter sido estirada recentemente durante algo mais que uns poucos segundos. Ela tinha estado usando um plugue. Tragou saliva com dificuldade. Deus Santo, tinha-o levado mais cedo e ele não o tinha notado?

Observou, extasiado, enquanto seus próprios dedos se moviam pela flexível entrada.

— Sam... — Seu lamento era de relutante excitação quando o gel refrescante tocou a acalorada área.

— Tão bonito. — Sua própria voz era gutural, apenas podia controlar sua luxúria enquanto se esforçava por prepará-la com delicadeza.

Se ela tivesse se afastado dele, se tivesse feito algo mais que gemer seu nome e empurrar para trás contra seus dedos invasores, então poderia ter-se detido, poderia ter detido a vertiginosa perda de controle que se levantava através dele.

Mas só pôde olhar, torturado, enquanto empurrava dois dedos contra o pequeno casulo. Abriu-o, estendendo-o reticentemente enquanto ela corcoveava contra ele como se apartasse, ofegando, clamando seu nome.

Seu pênis era grosso e duro, pulsando em crescente demanda enquanto ela se retorcia sob seu toque.

— Não, não lute contra mim. — Continuou seus movimentos, observando, a boca enchia de água, enquanto seus dedos se enterravam nas apertadas, tão condenadamente apertadas, profundidades de seu ânus.

Ela se apertou contra ele, os músculos lutando por aceitar a intrusão enquanto ele se retirava, depois pressionava mais profundo. Ela se revolveu, esticando-se contra ele, mas tomando-o enquanto ele trabalhava com seus dedos dentro do ardente calor de seu traseiro.

Com a outra mão, colocou torpemente mais lubrificante do tubo, sobre a grossa longitude de seu pênis. Quando uma longa linha do espesso e fresco gel tinha sido aplicada, jogou o tubo a um lado. Esfregou o gel sobre seu pênis enquanto observava, sem afastar nunca os olhos da visão de sua tenra entrada traseira abrindo-se ao redor de seus dedos, enquanto a fodia lentamente com eles.

— Sam, está me matando. — Estava lutando por respirar, sua voz frágil pela excitação e o incrível desejo. Desejava-o, desejava sua posse. Só a ele. Esta não era Marly ou Sarah, quem tomava pelas necessidades de seus irmãos; esta era Heather, quem tomava por ela mesma.

— Sente o bom que é, Heather — sussurrou ele desesperadamente — Proibido e quente, com só um toque de dor, só o suficiente forte para te permitir saber que está viva, e o que necessita. — Empurrou seus dedos mais profundo, observando como o aceitava, seu corpo se estremecia enquanto o prazer ondeava sobre ele.

Quando os retirou, adicionou um terceiro dedo. Ela gritou enquanto ele os empurrava em seu interior. Seu traseiro se estirou e ele grunhiu, imaginando o afeto dos músculos ao redor de seu pênis enquanto a tomava. Ela deu um puxão como fosse separar-se dele, os quadris

sacudindo-se, as coxas tremendo enquanto lutava contra ele. Mas tomou. Fodeu-a lenta e suavemente com seus dedos, imaginando, sabendo o delicioso prazer que vinha.

Seguro de que estava preparada, sabendo que tinha que esperar um momento mais poderia perder todo o sentido de controle, retirou seus dedos, liberando-se dela enquanto suas mãos a agarravam pelos quadris, mantendo-a quieta enquanto se ajoelhava atrás dela.

— Preciso disto — grunhiu ele — Primeiro isto, Heather. — Seu pênis fez pressão em sua preparada abertura.

— Por quê? — gritou ela — Diga-me por quê, Sam.

Ele sacudiu a cabeça, lutando com a resposta. Não podia lhe responder, não podia transmitir a necessidade com palavras. Em seu lugar, observou. Observou como sua ereção pressionava contra o pequeno buraco, forçando-o a florescer ao abrir-se, a esticar-se para tomar a torcida cabeça.

— Sam. — O medo em sua voz o deteve de repente. — Sam, por favor não me machuque.

Oh Deus, não. Não, não me machuque.... Sam agitou a cabeça, lutando contra as retorcidos pesadelos que procuravam liberar-se.

Olhou-a, viu como seu apertado buraco se abria facilmente, estirando-se ao redor dele.

— Não te machucarei — disse ele quase sem fôlego. Não podia feri-la. Se a ferisse, que sentido tinha? Tinha que substituir as horrendas lembranças com prazer, só então se aliviava. Só então recuperaria o controle que necessitava tão desesperadamente.

— Sam, por quê? — abriu-se mais, e Sam fez uma careta enquanto a metade da cabeça se enterrava dentro dela. Estava quente, tão condenadamente quente e rodeada que tudo o que desejou fazer foi cravar-se tão profundo e tão duro dentro dela como podia. As cicatrizes na cabeça e eixo de seu membro faziam pouco por atenuar o prazer que era encontrado em um quente e apertado ânus. A dentada dos apertados músculos sobre sua carne era delicioso, as sensações muito escandalosamente excitantes para ser negadas.

— Pare, neném. — Agarrou seus quadris enquanto ela tentava afastar-se dele outra vez. — Por favor, por favor, Heather. Fica quieta.

— Por quê? — Ela conseguiu sacudir-se a um lado, escapando da invasão que ele tinha começado.

— Não. — Trouxe-a de volta de um puxão, mantendo-a quieta enquanto empurrava de novo para diante. — Maldição, Heather, você deseja isso. Sei que sim.

— Quero saber por que. — Suas costas se arquearam quando ele empurrou a ardente cabeça de seu pênis dentro de seu traseiro com um desesperado movimento de seus quadris.

Ele chiou os dentes, sentindo como perdia o controle.

— Pare. — Deu-lhe uma palmada no traseiro enquanto ela se sacudia de novo, quase liberando-se dele. Observou como os músculos dela se retorciam pela pequena carícia aguda e escutou seu ofego de prazer. — Por favor, Deus, Heather. Por favor. Toma o prazer, neném. Toma-o, assim eu posso me esquecer da dor.

As palavras que saíram da boca dele penetraram em seu cérebro. A comoção disso destruiu qualquer rastro de controle que ele poderia haver possuído. Um lamento esmigalhado, carregado de dor e raiva, saiu expulso de seu peito enquanto se incrustava dentro do ânus dela. Duro e profundo. O calor instantâneo, como fogo em seu pênis, apertou-se ao redor dele, acariciando-o enquanto ela gritava debaixo dele, lutando por aceitar a completa e grossa longitude de seu pênis enterrada em suas tenras profundidades.

As costas dela se arquearam e a cabeça se sacudiu, enquanto as longas mechas de seu cabelo ondeavam sobre suas costas.

— Sam... — Ele sabia que o áspero som vibrava com o surpreendente prazer e dor de sua entrada.

A sombria e primitiva luxúria se disparou através das veias dele enquanto ela tomava. O grito dela foi de intensa excitação. O ponto onde tudo se elevava, misturando-se e ardendo de calor. Não podia deter-se, não podia conter sua necessidade. Ele inclinou-se para trás olhando como seu pênis se liberava do apertado buraco estirado dela, depois empurrou duro e profundo. Uma e outra vez. Observava como a carne dela se estirava por ele, escutava seus gritos ecoando ao redor dele, e se sentia no céu e no inferno por sua aceitação.

Depois se inclinou sobre ela; perdida a razão, só prazer, só o calor candente de seu traseiro aferrando seu pênis, significava algo. Os quadris dele se moveram enquanto impulsionava sua ereção dentro dela, empurrando através da sensível malha, sentindo-o esticar-se, esticando-se para aferrar ao invasor que tomava tão rudemente.

Ele estava gemendo enquanto seus empurrões se tornavam mais duros, mais rápidos. Podia escutar Heather gritando debaixo dele, clamando seu nome, lhe suplicando, pressionando-se contra ele enquanto a fodia com duras e furiosas estocadas. Pulsou, pulsou. Colocou apressadamente a mão debaixo dos quadris dela, os trementes dedos encontraram o duro e inchado nó de seu clitóris, enquanto começava a aprofundar suas estocadas.

Os quadris dela estavam sacudindo-se, fodendo-o por sua vez, enquanto o suave xarope que fluía de sua vagina cobria os dedos dele e seu clitóris. Ela estava tomando-o, amando-o, aceitando-o. A luxúria arranhou seus flancos então, o escroto apertando-se pela excitação, e enquanto acariciava o clitóris de Heather, sentiu o clímax que se rasgava inesperadamente através do corpo dela.

Um uivo desgarrou de sua garganta enquanto a agarrava pelos quadris, ficou sobre ela e começou a fodê-la com vigorosas estocadas. Não podia deter-se, não podia controlar a poderosa luxúria que bulia através de seu pênis. Quando seu clímax chegou, foi como uma candente morte. Raios se rasgaram através de seu pênis e seu corpo, enquanto se enterrava uma última vez nas apertadas profundidades do ânus dela e sentia como sua semente explodia da ponta de sua ereção.

Um pulso explosivo depois de outro se rasgou através de seu corpo enquanto o ânus dela se apertava a seu redor com cada jorro liberado. Os músculos dela morderam seu pênis, ordenhando-o, sugando a semente até que só pôde cair contra ela, estremecendo-se com cada chicotada de ardente prazer, ofegando para respirar, e compreendendo que com cada ofego apagado soltava o nome dela.

Um longo tempo depois encontrou forças para afastar-se, para observar com aturdido prazer como seu pênis ainda ereto, retirava-se do tenro e bem fodido traseiro dela. O pequeno buraco agora estava coberto com a nata dele. O corpo dela o sustentava em seu interior, aceitando-o, uma parte dele se mantinha dentro dela, ao menos por agora.

Ela ainda estava caída contra o colchão, a respiração laboriosa, seu pequeno corpo estremecendo-se enquanto lhe tirava as amaras dos pulsos e os tornozelos que a tinham segurado na cama. Suas mãos acariciaram os frágeis pulsos, passando a mão sobre a pele que as acolchoadas algemas tinham mantido aprisionada. Estavam ligeiramente avermelhadas, prova de que ela tinha lutado contra as restrições, tinha lutado por ser livre. Livre dele? Ou livre para tocá-lo? A amargura queimou sua alma quando compreendeu que tinha medo de conhecer a resposta.

Enquanto ela ficava ali, dirigiu-se para o banheiro, molhando um pano e limpando-se, antes de molhar outro e retornar ao quarto.

Ela ainda estava ali, a transpiração cobria seu corpo quando sentou a seu lado. Suas mãos eram ternas enquanto a limpava, doía-lhe o coração de arrependimento quando vislumbrou as ligeiras manchas que agora tingiam suas nádegas e seus esbeltos quadris.

Agitou a cabeça, lutando contra a raiva que parecia construir-se só agora. Levantou-se da cama, recolheu de um puxão suas calças e saiu correndo do quarto. Que Deus o ajudasse, tinha machucado ela. Tinha que tê-la machucado.

— Sam. — Sua voz surpreendida e ligeiramente zangada o seguiu do quarto. A áspera confusão que enchia seu nome quando o chamou, insistindo-o para dar a volta, a retornar para ela. Mas não podia. Não podia olhar seu rosto, não podia enfrentar a possibilidade do ódio, a possibilidade de que finalmente tivesse cruzado a linha que o tinha aterrorizado durante anos.

As vozes palpitarão em sua cabeça, a lembrança do cheiro do sangue invadindo-o, enquanto seus punhos se apertavam e os remanescentes de terror se aferravam as bordas de sua mente. Desceu correndo as escadas, puxou a porta para abri-la, e ignorou a surpreendida voz do guarda-costas enquanto se internava na noite.

CAPÍTULO 28

— Filho de uma cadela. — Heather ficou de pé, recolhendo seu robe do chão e colocando os braços rapidamente através dele, enquanto escutava a porta principal fechando-se de repente. — O matarei. Juro Por Deus que desta vez, matarei-o eu mesma.

A raiva crescia em seu interior, misturando-se com uma excitação tão desesperada, tão quente, que podia sentir os sucos de sua vagina gotejando em suas coxas. Ele a tinha deixado de novo. Tinha deixado seu corpo revirando em chamas, tão condenadamente quente que sentia como se sua vagina estivesse explodindo pela necessidade.

Correu para seu quarto, passou a mão na arma em sua cômoda e depois saiu correndo pela porta. Chiou os dentes quando se encontrou com Cade e Brock no corredor, mal vestidos, suas expressões preocupadas enquanto se dirigiam para as escadas.

— Heather — Cade a segurou pelo braço quando ela passou a seu lado. — Que demônios aconteceu?

Sua cara estava marcada com a aflição e dor. Em seus olhos viu as mesmas sombras, desoladoras e escuras, que enchiam os de Sam.

— Ele não te precisa! — Solto ela, sabendo o que acontecia usualmente depois dos pesadelos, a luxúria e a quebradiça dor dos três homens tomando forma, juntando-se e lutando por encontrar alívio no corpo de suas mulheres. Juntos. Sempre juntos, como se compartilhando a luxúria, pudessem aliviar as lembranças da dor.

— Sabe bem, Heather. — Marly estava de pé na porta do quarto, observando como ela confrontava os dois irmãos. — Viu suficiente para compreender que é o que ele precisa.

— Não. — Sua mão cortou através do ar enquanto se afastava de Cade. — Ele não precisa de sua ajuda. Não é um menino.

— Maldito inferno, não sabe o que está fazendo. — A voz do Cade era se desesperada, sua expressão tensa e feroz quando a olhou.

— Pare de tentar protegê-lo, Cade. — Heather enfrentou ao homem mais velho, vendo tanto de Sam nele que sua excitação só se incrementou. Sabia condenadamente bem o que eles acreditavam que aliviaria o horror que dominava a Sam. Sabia o que queriam e como aconteceria. Mas que a condenassem se ia acontecer esta noite. — Você o está matando, não pode vê-lo? — Sua voz se elevou enquanto lutava por fazê-lo entender. Por obter que todos eles entendessem. — Estão mimando-o, lhe dando o que precisa para esconder-se de algo que o faz sofrer. Ele tem que

enfrentá-lo, e precisa enfrentá-lo agora, antes que esse maldito caçador consiga aproximar-se dele mais do que já o faz.

Cade empalideceu. Olhou-o, surpreendida, repentinamente aterrada enquanto perdia a cor na cara e o recuo enchia sua expressão.

— Me escute. — Agarrou-a pelo braço de novo, arrastando-a mais perto enquanto a olhava fixamente, o feroz olhar, ardia em sua demanda. — Não quer isto, Heather. Não quer fazê-lo recordar, entende-me? Sam não recorda os malditos detalhes. Sonha com isso, sabe o que aconteceu, mas não o recorda, e Por Deus não permitirei que o obrigue a fazê-lo.

Os olhos de Heather se abriram de par em par enquanto sua própria fúria ardia.

— Que demônios te faz pensar que ele pode sobreviver assim, Cade? — gritou, recuando, afastando seu braço do agarre — Quanto tempo acha que pode resistir ao veneno que se está estendendo em sua mente? Pelo amor de Deus, não sabe algo mais que tentar suprimir essas lembranças?

Mas eles não sabiam do que falava. Viu nas faces de Cade e Brock, da mesma maneira em que viu a confusão nas faces de Marly e Sarah.

— Meu Deus — sussurrou — O fomentaram. Todos estes anos, animaram-no a esconder-se. Ajudaram que esse monstro se inflamasse em sua mente como um maldito câncer.

A incredulidade a invadiu. Sacudiu a cabeça, afastando-se deles, aterrada de que agora Sam enfrentasse a algo ao que nunca poderia sobreviver. Escondeu-se da dor durante uma década. Lutado contra as lembranças, e a cura que necessitava para lhe dar sentido à vida que vivia agora. Que era pelo que sempre parecia tão amargurado, tão incapaz de aceitar que Marly ou Sarah pudessem encontrar prazer no abraço dos três homens.

— O que fizeram? — levou uma mão à frente, agitando a cabeça enquanto olhava fixamente para Cade e Brock, e depois para Marly. — O que lhe fizeram, Marly?

A compaixão e a preocupação marcavam os traços sonolentos da outra mulher.

— O que tenha sido preciso, Heather, foi feito para protegê-lo quando ele precisava de amparo. Disso não há dúvida.

— Marly — sussurrou — Teve que me amarrar. Teve que me dominar para assegurar-se de que não me machucaria. — Estava tremendo de raiva por sua própria dor. — Nem sequer pôde tomar normalmente. Teve que foder meu traseiro para assegurar-se de que me controlava, que podia controlar a si mesmo. É essa o maldito amparo de vocês?

Estava tremendo com as implicações do que Sam enfrentava agora. A dor surgiu através de seu corpo, esmagando seu desejo, esmagando seus sentidos. Como tinha suportado a dor que ela sabia que ele tinha enfrentado? Como tinha conseguido ficar cordato todos estes anos, lutando com as lembranças, lutando com essa verdade que estava dentro de suas lembranças? Uma verdade que agora o estava destruindo lentamente.

— Sam não te machucará... — Brock negou com a cabeça — O encontraremos...

— Um inferno que o farão. — Pegou a arma em sua mão fortemente. — Se forem atrás dele, atirarei eu mesma. — Sua garganta se sentia rota pela emoção que a abrasava, enrouquecia sua voz e agitava seu corpo.

— Demônios — Cade lançou um amargo olhar antes que seus músculos se esticassem e começasse a andar para as escadas.

— Não acredito. — Antes que ele pudesse detê-la, antes que Heather fosse consciente de suas próprias intenções, pôs-se diante dele, pondo seu arrebatado corpo contra o seu, a ponta de sua arma pressionando forte e decididamente sob sua mandíbula.

Heather não sabia quem estava mais surpreso pela ação, ela ou os homens. Cade a olhou fixamente com arrogante fúria, os olhos entrecerrados, o corpo firme e furioso enquanto Marly gritava atrás dele.

— Está jogando um jogo muito perigoso — advertiu ele escuramente, seu pênis se apertava contra a plaina superfície de seu estômago. — Um jogo muito perigoso, Heather.

Ela grunhiu em sua cara.

— Ele é meu, Cade. Todo meu, e que me condenem se for permitir que continuem o ajudando a esconder-se mais tempo. Ele não vai me usar como se fosse um maldito deficiente emocional. E não vai usar a vocês tampouco.

Os olhos dele se estreitaram.

— Vai atrás dele então — a desafiou rudemente — Continue, Heather. Olhe se pode resistir a sua dor. Olhe se seu coração pode tomar o que lutamos tanto por aliviar nele. E te prometo, que chegará o dia no que pagará por me apontar com uma arma.

A ameaça poderia ter pesado mais se seu pênis não tivesse estado tão grosso e duro contra seu abdômen. Ela torceu os lábios no que sentia era um sorriso de selvagem burla.

— Sabe, Marly — Heather sorriu desdenhosamente — Só um August poderia ter uma ereção com uma arma apertada sob sua mandíbula. Toma seu amante e fode-o, antes que tenha que matá-lo.

Então saltou para trás para afastar-se dele, girando sobre seus calcanhares e correndo a curta distância para as escadas. Estava farta dos homens August, o orgulho August e os demônios dos August. Estava até o cocuruto, tinha tido suficiente. Sam não tinha feito mais que provocá-la até transpassar os limites que qualquer mulher podia controlar durante quase dois anos. Levando-a até a borda, só para lhe negar a liberação que ela sabia que estava esperando a poucos segundos de onde ele se detinha.

Sim, nem que tivesse que segurar a maldita pistola em sua garganta, ele ia fode-la e o ia fazer corretamente. Estava cansada de sua auto-compaixão e de seus escuros demônios, e estava determinada a forçá-lo além deles. Os irmãos podiam ver seu amparo como uma forma de aliviar a dor de Sam, mas ela o via de forma diferente. Via o homem que lutava por sobreviver, por encontrar um sentido a suas necessidades, a seus desejos. Um homem que amava os que estavam a seu redor, mas que ainda não tinha idéia de como demonstrá-lo.

Um homem que a amava, e se negava a admiti-lo. Que a condenassem se lhe ia permitir negá-lo mais tempo.

CAPÍTULO 29

A porta principal se fechou de repente atrás dela.

— Onde está? — Rick estava no alpendre, a agitação esticava cada linha de seu corpo enquanto dava a volta para ela.

— Vocês dois estão me deixando condenadamente louco — espetou — Que demônios está acontecendo?

Ela o atravessou com um furioso olhar.

— Vou tirar o problema do caçador e vou matar o bastardo eu mesma. Justo depois de que exploda os malditos miolos. Agora me diga onde foi.

Rick retrocedeu enquanto a mão em que ela levava a arma se crispava.

— Heather — clareou garganta, mas ela ainda sentia uma borda de humor em sua voz — Talvez devesse me dar a arma primeiro.

— Onde. Está. Ele. — Seus dentes estavam apertados, a fúria e a luxúria crescendo a parte iguais através de seu corpo.

Rick soltou uma áspera inspiração.

— Maldição, Heather, só te peço que não mate o estúpido bastardo. Não receberemos se morrer.

— Onde? — Estava cansada de discutir com homens teimosos.

— Dirigiu-se para o celeiro. Embora esteja descalço, assim não espero que monte nenhum cavalo. Brigaria com qualquer um que o siga, Heather. E parecia o suficientemente furioso para golpear a alguém.

— Ele é um problema preparado para explodir — soprou com fúria — Espero algo.

Afastou-se do alpendre.

— Uh, Heather está um pouco despida — assinalou Rick.

— Muito vestida — grunhiu ela — Mas me ocuparei disso quando o encontrar.

Felizmente, tinha pensado em deslizar os pés nas sapatilhas que faziam par com o robe. As finas solas de borracha protegiam seus pés do concreto do atalho e da área de áspera terra que estava em frente do celeiro e os estábulos. Aproximou-se furtivamente através da distância, determinada a acabar com isto de uma vez por todas. Estava pronta para fazer as malas e abandonar o rancho permanentemente. Doente de morrer pela conspiração e o véu de segredos que unia os irmãos.

Eles podiam lutar com seus passados sempre que quisessem. Não era uma senhorita que desmaiava com qualquer coisa. Infernos, tinha estado intrigada com Sam e seus irmãos desde o começo. Mas era Sam quem fazia arder seu corpo. Era Sam quem a mantinha nesse estado de preparação luxuriosa que impedia que mantivesse sua mente posta em seu trabalho, ou em seu próprio amparo, e muito menos no dele. Era uma linha perigosa a que estava pisando. Introduziu-se no interior do celeiro, parando quando viu a tênue luz atrás da pilha de feno na parte traseira. Seguiu-a, escutando cuidadosamente o movimento do feno, uma maldição afogada. Moveu-se intencionalmente ao redor das altas pilhas de feno, depois o olhou com frieza enquanto ele elevava o olhar para ela da áspera cama que tinha feito no espesso feno solto que tinha atrás.

Uma lanterna de pilhas iluminava a área. Uma manta grossa estava estendida sobre a grama seca, perfeitamente alinhados para fazer com eles uma cômoda cama.

— Fazendo um buraco? — Espetou ela enquanto o olhava furiosamente.

— Volta para casa, Heather. — Franziu o cenho para ela ferozmente, e sim, parecia o bastante furioso para lhe dar uma surra, mas Por Deus, se ela não se sentia muitíssimo mais furiosa agora mesmo.

— Tire esse moleto. — Empurrou as palavras através de seus apertados dentes, seu corpo tão quente, tão desesperado pela liberação que apenas podia pensar coerentemente.

As escuras sobranceiras dele se arquearam surpreendidas, piscou diante da arma que estava em sua mão. Heather não lhe deu tempo para fazer nenhum comentário, ou para rejeitá-la. Embora o treinamento pudesse ser prático, pensou enquanto se movia rapidamente. Antes que ele pudesse fazer outra coisa mais que ofegar, ela já tinha montado sobre seu firme abdômen, sua vagina molhada embutida contra seus apertados músculos, a arma estava posta debaixo de seu queixo, igual a tinha feito com Cade. Estava condenadamente perto de enlouquecer o suficiente para apertar o gatilho, e a diversão que subitamente brilhou nos olhos dele não fez nada para aplacá-la.

— Tire o moleto — ladrou ela.

— Você travou essa arma? — perguntou ele, arqueando a sobrancelha enquanto seus quadris se levantavam e suas mãos se moviam.

— Que trava? — espetou, soltando uma dura respiração enquanto o abdômen dele se esticava mais, ondulando-se sob seu inchado clitóris.

— Está brincando com fogo — ele advertiu enquanto deslizava o moletom por seus quadris, depois o tirou das pernas até que ela se precaveu de que as calças estavam separadas de seu duro corpo.

— Estou tão condenadamente quente que sou o maldito fogo. — Ladrou ela, tragando saliva fortemente enquanto se movia lentamente para trás, até que sentiu a ponta nua de seu torcido pênis empurrando entre a fenda de seu traseiro.

— Heather — Suas mãos agarraram as arredondadas curvas do traseiro enquanto ela se contorcia contra a torcida cabeça de sua ereção. — Neném, por favor. — Sua voz a deteve.

Ela podia sentir os sucos de sua vagina gotejando em seu firme abdômen, seu pênis empurrando nela. Deteve-se, descendo o olhar para ele, morrendo por mover-se, para pôr sua carne dura alinhada com sua faminta vagina.

Quando seu olhar clareou, viu a arma colocada sob a mandíbula dele, a rasgada emoção na face de Sam. Deus Santo, o que estava fazendo? Choramou, baixando a arma para depois jogá-la a um lado.

— Empurrou-me para violá-lo — disse a ele furiosamente, com as mãos asseguradas sobre o peito dele. — Te juro Por Deus, Sam, que se não apagar este fogo...

— Heather — Uma mão se elevou de seu traseiro, seus dedos envolveram suavemente atrás das mechas de seu cabelo enquanto a acariciava na face.

Sua expressão era sombria, embora seus olhos estivessem acesos com uma luxúria que ardia nas profundidades cinza azuladas.

— Assim não — sussurrou, sua mão tremia — Te machucarei... Maldição!

Ela se moveu, não querendo escutar mais protestos, nem mais desculpas. Empurrou-se sobre o grosso pênis, tomando a torcida cabeça, sentindo-a passar através da entrada de sua vagina, estirando-a, afundando-se nela enquanto seus músculos tremiam em protesto.

Parou para se ajustar, depois olhou assombrada enquanto os olhos dele se obscureciam, como sua expressão se transformava. As pálpebras dele baixaram enquanto uma expressão de prazer, sensual, luxurioso e totalmente avassalador, invadia seu rosto.

— Maldição — grunhiu ele, os dedos enredando-se em seu cabelo, a outra mão agarrou seu quadril — Está tão apertada, Heather. Tão fodidamente apertada...

Só a grossa ponta estava enterrada dentro dela, mas Heather podia sentir seus músculos embainhando-o, ordenhando-o, lutando por atraí-lo. Necessitava-o duro e profundo, precisava sentir o pequeno puxão de prazer/dor que a enviaria voando para o êxtase.

Depois gritou quando ele se moveu. Um suave desdobramento de poder enquanto se movia, colocando-a de costas, e sem perder em nenhum momento a penetração de seu corpo. Estava debaixo dele, olhando-o fixamente enquanto se levantava entre as coxas e os joelhos dele a estendiam, abrindo-a para ele enquanto baixava o olhar para onde sua carne separava sua vagina aberta.

— Eu a adverti. — Sussurrou ele. — Eu tentei, Heather. Tentei te proteger. — Negou com a cabeça, fazendo uma careta enquanto seu pênis pulsava dentro dela.

— Não preciso que me proteja, preciso que me foda. Agora, Sam.

A respiração dela se precipitava de sua garganta enquanto seu pênis deslizava de repente dentro de sua vagina. Cada duro, quente, grosso... — Oh, Deus, tão grosso — centímetro rompia

através do pequeno canal que nunca tinha conhecido outra invasão que os finos vibradores que usava irregularmente.

Cada músculo de seu corpo gritou em protesto. Sua cabeça se agitou, seus quadris corcoveando contra o corpo dele enquanto golpeava sua pélvis no inchado nó de seu clitóris.

— Está tão apertada, Heather. — A voz dele retumbou de sua garganta enquanto ficava quieto dentro dela. — Tão apertada que posso sentir sua vagina sugando cada centímetro de meu pau.

A mão dele descansou sobre seu estômago, sobre suas costelas, suas mãos finalmente embalaram os seios dela enquanto seus dedos agarravam os duros mamilos que os coroavam. Heather estava aturdida, lutando contra o conhecimento de que só um fino fio separava o prazer da dor, e que no momento era o pênis de Sam a que a mantinha precariamente nele.

Podia sentir sua vagina apertando-o. Para obrigá-lo a sair, ou para obrigá-lo a ficar? Cada onda ao redor de sua grossa carne era um sensual torvelinho de sensação que esteve a ponto de ser quase orgástico quando ele golpeou mais profundo dentro dela.

— Sam. — Sua cabeça se agitou contra a manta quando ele empurrou os joelhos mais perto sob as coxas dela, dirigindo-a bruscamente para a lança grossa que perfurava sua tenra carne.

— Você gosta, Heather? — sussurrou sensualmente — Você está tão apertada que é quase doloroso sobre meu pau. Me queimando, Heather. Sua quente e molhada vagina está me queimando vivo.

Ela choramingou em protesto quando o sentiu recuar. Suas mãos agarraram seus braços; os dedos dele apertaram seus mamilos. Seus olhos se abriram, olhando-o fixamente a face quando ele massageou os pequenos picos firmemente. O fogo mordeu seus mamilos, a agonia reverberou através de sua vagina quando ele se retirou novamente até que só a cabeça de seu membro a penetrava.

Sua face estava tensa, seus olhos ardiam enquanto olhava para onde sua carne se encontrava com a dela.

— Está tão molhada para mim, Heather. — Parecia assombrado, como se nunca tivesse esperado que ela o precisasse tão desesperadamente como ele precisava dela.

— Sam, por favor. — Arqueou-se para ele, tentando empurrar seu pênis mais profundamente dentro das ardentes profundidades de sua vagina. Estava ardendo, tão ansiosa, tão desesperada para pôr fim a incrível excitação, que se sentia como se fosse uivar sua demanda.

— Calma. — As mãos dele pressionaram contra seu abdômen. — Calma, Heather, só se deite aí, neném. Só fique aí e me deixe te demonstrar o quanto que desejei este doce corpinho seu.

Empurrou, fazendo uma careta quando ela se estirou em torno dele. As coxas de Heather tremeram, dolorida, enquanto lutava por tomá-lo mais profundo, mais duro.

— Mais forte — sussurrou — Mais forte agora, Sam.

— Shh neném. — A mão deslocou de seus seios, agarrando os quadris enquanto controlava os desesperados empurrões contra ele. — Lento e suave, neném.

Começou a mover-se dentro dela, com longas estocadas lentas que a abriram, estirando-a com deliciosa paciência. Seus músculos protestaram pela grossa intrusão tanto como lhe deram a boas-vindas. Terminações nervosas que nunca tinha sabido que possuía gritaram pela sensação.

Sentia a empapada transpiração de sua carne, sentia sua vagina contraíndo-se ao redor de sua ereção, derramando mais desses deslizantes sucos que lubrificavam o apertado canal para sua invasão. Uma e outra vez. Sem sequer lhe dar a totalidade de sua longitude, mas torturando-a com meias estocadas que perfuravam sua malha vaginal, separando-a, rasgando-a com o prazer/dor, e a ameaça da dura e brutal estocada que ela sabia que necessitava para enviá-la para a borda.

E Heather não tinha desejo de ser torturada. Meses, meses de agonizante excitação e de desejo iam chegar a seu final. Seus calcanhares fecharam sobre os quadris dele, dando o agarre que precisava para empurrar-se para o lento empalamento.

Gritou quando ele enterrou até o punho, uma maldição mordaz saiu dos lábios dele enquanto suas mãos se esticavam sobre os quadris dela.

— Não — grunhiu — Por favor, Heather.

Ela se cravou contra ele, a sensação destroçando o corpo, penetrando seu útero enquanto sentia a liberação crescendo dentro dela.

— Pare. — Ficou sobre ela, mantendo-a quieta, suas mãos agarraram as suas, as segurando sobre a manta enquanto seus quadris empurravam profundo e duro contra ela, imobilizando os seus movimentos. — Me escute, Heather. Meu controle está pendendo por um fio, maldição. Não me faça te ferir.

— Se não me foder vou atirar em você — gritou desesperadamente, apertando seus músculos vaginais sobre ele, ordenhando-o, sugando-o mais profundamente em seu interior.

Heather sentia como seus músculos agrupados, as mãos dele apertadas em seus quadris enquanto um áspero lamento se rasgava de sua garganta. Seus olhos se arregalaram enquanto ele começava a mover-se, um grito afogado rasgou dela quando ele se retirou e começou a esmurrar seu corpo com duras e potentes estocadas.

Ele era grosso. Tão foddidamente grosso e duro que rasgou sua inexperiente vagina com cada duro e brutal empurrão. Mas não era dor, era um prazer misturado com um duro puxão, a poderosa dominação, os duros empurrões desenfreados que a conduziram para seu primeiro orgasmo.

Seu corpo esticou, sua vagina se contraiu e estremeceu em sua liberação com tal violência, com tal demolidora sensação que só pôde choramingar, suas unhas cravando-se nos ombros dele, seu corpo sacudindo-se e estremecendo enquanto a chicotada de sensação rasgava através de seu útero, seus seios e sua vagina, empapando-os a ambos com o excesso de fluido que derramou por seu apertado canal.

Tara tinha assegurado que a primeira vez não durava muito para os homens. Que inclusive uma hora depois, a segunda vez, esse vigor não sempre era seu forte. Derreteu-se debaixo de Sam, esperando o final. Esperando que ele se esticasse, e derramasse sua semente dentro dela. Mas não o fez.

Ele segurou seus quadris com mais força, gemendo contra sua orelha enquanto sua vagina se apertava muito mais sobre sua pisoteante ereção. Duros empurrões na carne torcida. Os músculos esticados pelo orgasmo estavam sendo acariciados sem parar, com dureza, sem conceder trégua à sensibilidade que flamejava entre eles.

— Sam... Sam... — Cantorolou seu nome, desesperada agora ao sentir como a sensação se construía de novo, mais dura, mais profunda, quase dolorosa em sua intensidade.

Agitou-se debaixo dele, lutando para escapar, para afastar-se da intensidade do sentimento, do prazer que estava muito próximo à dor, da explosão que sabia a destruiria, reconstruiria-a, ligaria-a a ele de uma forma da que nunca poderia escapar.

— Não! — gritou a palavra, empurrando os ombros dele, desesperada para escapar dele, de escapar da vinculação que a aterrava. Amava-o, mas que Deus a ajudasse, isto era algo que não poderia dirigir.

— Não lute contra mim! — Sua voz era um grunhido, um primitivo, e feroz som enquanto ela lutava debaixo dele. — Não, maldição. Não, não lute contra mim.

Ela lutou, corcoveando contra seu corpo, arranhando suas mãos, desesperada para escapar da etérea e desconhecida emoção, tanto como do violento prazer que se construía em seu interior.

— Maldição! — Ele se retirou, e por um momento, só um momento, ela foi livre.

Até que ele a jogou sobre seu estômago, agarrando suas pernas entre as dele enquanto suas mãos seguravam seus quadris, levantando-a. Montou-a, empurrando nela duro e rápido enquanto seus sucos jorravam entre eles.

— Sam — gritou seu nome enquanto lutava, mas não houve nenhuma liberação. Sua vagina vibrou e se esticou muito mais sobre ele, ardendo e pulsando e antes que pudesse controlar a sensação, esta rasgou através dela com uma força que perfurou sua alma.

— Sim — gritou ele quando ela se esticou muito mais, a explosão de sua liberação se renovou, rasgando uma e outra vez sobre ela enquanto sua vagina explodia ao redor dele.

O som da molhada e sugante carne enchia o silêncio do celeiro enquanto seu testículo batiam em seus inchado clitoris, acendendo-a, explorando ao mesmo tempo que as contrações rasgavam a sua vagina. A sensibilidade cresceu, mas os empurrões nunca diminuíram. Seu pênis parecia ficar mais grosso, mais duro dentro dela, suas brutais estocadas a levaram mais alto. Então sua mão deslizou ao longo de seu traseiro, estendendo suas nádegas desesperadamente, e dois dedos, lubrificados com seus sucos vaginais penetraram seu traseiro.

Heather perdeu o juízo. Não havia outra maneira de descrever a explosão que a rasgou. Doeu o empalamento de seu tenro ânus. Não de uma maneira desagradável e brutal, mas se de uma forma que fazia que o prazer se elevasse mais, esticasse sua vagina, atravessasse sua mente, e destruía o sentido de si mesma. Não pôde deter o esmigalhado lamento que saiu de sua garganta, ou as explosões que rasgaram seu útero.

Atrás dela, Sam empurrou seus dedos mais profundamente, penetrando sua vagina, duro, rápido. Uma vez. Duas vezes. O lamento dele se uniu ao seu enquanto ela sentia seu sêmen disparando com força e quente dentro de sua apertada e sugante vagina. Isso a lançou mais alto, ativou a explosão uma vez mais até que seu corpo foi sacudido pelo brutal estremecimento, suas coxas se empaparam pelo duro roçar de sua própria nata no profundo do interior de sua tremente carne.

Ela caiu. Seu pênis ainda continuava pulsando dentro dela, os jorros de sua liberação a enchiam, brotando de seu corpo enquanto seus dedos se sacudiam dentro de seu ânus. Ela estremeceu de novo, o prazer interminável reverberava através de seu corpo até que se sentiu à deriva. Vagando. O esgotamento se fechou sobre ela. A emoção desesperada, a brutal satisfação tomou até a última borda de sua consciência, liberando-a da confusão assim como do conhecimento. O conhecimento de que nunca seria livre agora. Que para sempre, Sam seria o dono de sua alma.

CAPÍTULO 30

— Ela luta contra isso, como Marly. — A voz de Cade não surpreendeu a Sam enquanto se separava do exausto corpo de Heather, a mão percorrendo a perfeita curva de seu traseiro enquanto se afastava.

Jogou o robe sobre seu corpo nu, sabendo que estaria doída e zangada se permitisse que Cade a visse, sabendo que ele estava olhando. Tinha suspeitado que um de seus irmãos estava atrás dele. Sempre sabia. Sempre o soubera. Assim como eles sabiam quando ele estava olhando, captando a sensualidade de qualquer ato no estivessem envolvidos, penetrando no conhecimento que não havia ciúmes nem cobiça no que a outro concernia.

— Sabia que o faria. — Manteve sua voz calma enquanto ficava de pé, pegando as calças de moletom e colocando as pernas nelas. — Sempre soube que o faria.

Era independente e apaixonada. Não havia nada como Heather cheia de raiva. Quando tinha vindo sobre seu corpo, a boca dessa maldita arma quase cortando seu oxigênio, ele tinha ficado mais grosso, mais duro do que podia recordar ter estado jamais. Ela estava cansada de esperar, cansada de desejar, e sua agressão o tinha posto em chamas.

Passou os dedos pelo cabelo antes de desabar no feno ao lado dela. Apoiou as costas contra uma bola de feno e a olhou em silêncio enquanto Cade baixava aos pés da cama provisória e olhava fixamente para Sam.

— Sente-se melhor? — Sua voz era cuidadosamente tranqüila.

— Estou bem, Cade. — Deu de ombros; não ia falar com Cade dos pesadelos, o sangue e a morte.

Eu o fiz, Sam! Matei-o! Sam olhou as mãos de Cade. Não recordava ver sangue nelas. Mas recordava ver o sangue, espesso e brilhante, manchando a ele mesmo.

Deteve o tremor que queria arrastar-se por seu corpo. Estava esgotado, consumido emocional e fisicamente, a agressividade que tinha rugido por seu corpo tinha passado através dele pela luxúria e a necessidade de Heather.

Encontrou o penetrante olhar de Cade e dirigiu a seu irmão o sorriso torcido que sabia que Cade necessitava. Era bom nisso, pensou amargamente. Aliviar os temores de seus irmãos, aliviando suas consciências, seus próprios demônios.

Cade lançou um olhar a Heather.

— Ela é dura de cortar. — Cabeceou para ela. — Pôs uma arma sob meu queixo esta noite, Sam. Não queira deixá-la zangada com muita frequência.

Sam grunhiu e deu uma olhada ao redor. Encontrou a arma ao lado do ombro dela e a levantou com cautela.

— Filha da puta... — exalou suavemente enquanto manipulava a trava. — O tinha martelado e preparado, também. Teve a maldita coisa sob meu queixo ao mesmo tempo que estava trabalhando sua vagina sobre mim. — Sacudiu a cabeça e colocou a arma com cuidado fora do caminho.

A cara de Cade refletia sua própria surpresa, depois sacudiu a cabeça, os lábios inclinando-se em uma careta.

— Disse que só um August teria uma ereção com uma arma sob o queixo. Talvez tivesse razão.

— Sim. — Sam tentou rir, queria, mas a risada não viria.

Olhou Cade de perto, vendo a tensão na face de seu irmão, a preocupação em seus olhos.

— Sam? — perguntou Cade em voz baixa.

Sam engoliu um xingamento. Seus irmãos tinham passado doze anos tentando lhe proteger, aliviar sua dor, o horror do que lhes tinha acontecido naquele sujo porão. Suas próprias lembranças disso estavam longínquas, como se tivesse sido um sonho, mas ultimamente, ultimamente tinham sido mais claros, voltando com uma vingança e aumentados pelo cheiro da morte.

— O que aconteceu naquela noite? A noite que ele morreu. — Não tinha querido dizer as palavras, mas retumbaram de seu peito enquanto seu corpo se esticava ante a injustiça de recordar a Cade esses horríveis dias.

Olhou Cade retraindo-se dentro de si mesmo. Os olhos gelados, esfriando-se, sua expressão sem emoção.

— É melhor esquecer, Sam. — Replicou. — Eu disse isso.

Sam apoiou a cabeça contra o feno, olhando Cade, seu coração rompendo-se por todos eles.

— Mas não se esqueceu — disse em voz baixa — Ainda despertamos sacudidos pelos pesadelos e nunca falamos deles. Castigamos às mulheres que nos amam o bastante para tolerar nossas perversões e mesmo assim, nunca falamos disso. Nenhum de vocês me perguntou por que o bastardo me odiava tanto. Ou por que os castigou junto comigo.

— Não tem sentido discuti-lo — grunhiu Cade, ficando de pé inquietamente — Deixa-o ir, Sam.

— Não, Cade. — Ficou de pé também, encarado seu irmão sobre a forma indefesa e nua da amante que acabava de tomar. A amante que compartilharia finalmente. A necessidade estava ali, elevando-se dentro dele, para ver Heather entre os três, gritando de prazer, lhes rogando. A todos. — Temos que discuti-lo. Recordo coisas...

— Esquece. — Cade sacudiu a cabeça desesperadamente. — O que seja que tenta recordar Sam, esquece. Acabou.

Recordava bem o tom de voz. Não admitia negativas nem argumentos. Mas Sam já não era um menino e Cade já não era a palavra final em qualquer de suas vidas. Em um instante se deu conta de como ele e Brock tinham dado a Cade o que necessitava naquele momento. Controle. Eles seguiram sua liderança, fizeram o que ele dizia, e deixaram-se guiar através dos horríveis dias depois da morte do monstro. Tinha matado por eles, não é? Tinha feito, com os punhos nus, defendendo-se contra a faca esgrimida pelo psicopata que os tinha tido indefesos. Mas as mãos de Cade não estavam marcadas. Não as de Cade, mas se as de Sam.

— Não acabou, Cade. — Olhou fixamente seu irmão, nos olhos, vendo a dor e a vergonha que ardia na alma do outro homem. — Não acabou porque ainda não o aceitamos.

— Errado. — A voz do Cade era dura, temperada com aço, quente pela fúria. — Está errado, Sam. O bastardo está morto e nós ainda vivos, assim acabou.

— E algum fodido maníaco está tentando destruir todo outra vez. — A voz de Sam se elevou por sua própria ira, sua própria dor. — Cada fodida parte disso, Cade. Tirará de nós se puder, e se for capturado, contará ao mundo. Conterá como fomos retidos, como fomos violados e como fomos forçados a foder-nos uns aos outros, maldição. Não podemos nos esconder disto nunca mais.

Olhou o rosto pálido de Cade enquanto a fúria obscurecia seu olhar. Os punhos de Cade se apertaram ao lado do corpo e disse, grunhindo com uma violência que Sam não tinha visto nele em anos.

— Então o matarei fodidamente quando for capturado. — Cuspiu com fúria. — Porque estarei maldito se nos vejo destruídos outra vez.

A surpresa emudeceu Sam durante compridos momentos enquanto olhava fixamente nos olhos de Cade e via a violência, o compromisso de proteger tudo pelo que tinham lutado tão duro por construir durante suas vidas.

— Por quê? — Perguntou Sam suavemente, incapaz de tirar sensação de que havia mais, muito mais que Cade estava protegendo. — Foi em defesa própria. Passaram-se doze anos, e seria a palavra de um louco contra a nossa. Por que matá-lo? Por que não encará-lo nós mesmos, Cade, e tratar disso?

— Porque acabou, droga. Esquece, Sam. Eu o matei. Matei o sujo bastardo e nunca respirará outra vez. Esquece.

Esquece, Sam, enquanto enxugava as mãos com as de Sam, passando o sangue delas para as suas e mostrando a Sam. Eu o matei, Sam. Eu o fiz. Esquece. Só esquece, Sam.

Sam sacudiu a cabeça enquanto a imagem irrompia diante de seus olhos. Ali, depois se foi, mas não esquecida. Piscou. Pensava que tinha recordado. Cade com as mãos envoltas da garganta

do bastardo enquanto ele cortava nelas com um escalpelo, mas não era Cade, de repente era Sam. Depois Cade. Depois Sam.

— Droga! — disse bruscamente, sacudindo a cabeça para clarear as lembranças, memórias de sonho. — Me diga que fodida coisa aconteceu. Me diga, Cade, para que possa recordar.

— Matei-o. E o farei outra vez se tiver que fazê-lo, Sam. Farei tudo para nos proteger desta vez. Desta vez não falharei. — A voz de Cade era um som quebrado e irregular de dor enquanto virava e saía a pernadas do celeiro.

— Maldição. — Sam girou, batendo o punho na bola de feno atrás dele, a força tão extrema que as bolas tremeram, estremeceram enquanto sua mão ricocheteava.

Respirava pesadamente enquanto lutava por controlar-se, lutava por dar sentido às brumosas lembranças que o assaltavam a vontade.

— O bastardo nos destruirá outra vez — sussurrou para si mesmo, ouvindo seu rouco sussurro enquanto o ar se assentava a seu redor — E uma vez mais, a culpa é minha. Toda minha culpa.

CAPÍTULO 31

Fingir o sono nunca tinha sido um dos pontos fortes de Heather. Mas só tinha fingido que dormia e escutava a discussão de Cade e Sam. Depois que o irmão maior saiu, Sam se rompeu, o raivoso grito fez que seu coração se rompesse de dor. As sombras em seus olhos, os escuros pesadelos, tudo tinha sentido agora. E enquanto estava ali tombada, deixando-se levar pelo esgotamento e a preocupação, uma horrível suspeita começou a florescer dentro de sua mente. Podia sentir as sementes de conhecimento maturar e o odiava. Odiava a verdade que sabia estava sendo oculta ao homem que amava. Uma verdade que ela mesma não queria confrontar.

Finalmente, depois de uns longos momentos, ouviu-o suspirar e mover-se. Quase deu um pulo pela surpresa quando lhe envolveu o robe, virou-a e a pegou em seus braços. Força e calor a rodearam. Segurança. Estava a salvo. Nunca antes tinha conhecido o bastante esta sensação nos braços de ninguém, especialmente nos de um homem. Os homens estavam geralmente interessados em escapar pelo que tinha visto em outras relações. A ternura era somente um suborno para consegui-lo, rapidamente esquecido quando o fim tinha sido obtido.

Mas ele era terno. Cuidadoso para ocultar sua nudez, para segurá-la em braços nos que faltava a áspera dominação de seu abraço sexual. Não é que se atrevesse a protestar por esse abraço. Apesar do esgotamento e as persistentes dores em seu corpo, o prazer havia valido a pena. Tinha-a levado mais alto do jamais tinha sonhado que poderia ir. Empurrando-a a limites que teria jurado que não possuía. E agora, era terno.

Se tivesse força teria ruborizado quando sentiu Sam andar até o alpendre e ouviu a surda maldição de Rick enquanto a porta principal se abria. Sam o ignorou, cruzou rapidamente a casa a pernadas e subiu a escada. Em poucos segundos estava abrindo uma porta e fechando-a silenciosamente atrás dele.

A surpresa a percorreu quando abriu os olhos prazerosamente e reconheceu seu próprio quarto. Olhou fixamente para Sam enquanto colocava as mantas sobre ela e ficava de pé olhando-a. Os olhos ainda estavam escurecidos, sua face mostrava linhas de sombria pena.

— Sam? — sussurrou seu nome, confusa agora.

— Sinto muito. — sentou a seu lado lentamente, um suspiro estremeceu seu corpo enquanto olhava fixamente para chão.

— Por quê? — Manteve sua voz tranqüila, lutando por mantê-lo com ela.

Ele levantou a cabeça e aspirou profundamente, embora continuasse sem olhá-la. Olhava fixamente para parede, vendo o passado, ou seus próprios temores, perguntou ela. Seu perfil estava escurecido, os amplos ombros erguidos e tensos, embora ela suspeitasse o peso que arrastava neles.

— Por te ferir. Por te sujeitar. — Passou as mãos pela cara e sacudiu a cabeça enquanto sua mandíbula se apertava violentamente. — Sou tão mau como o fodido monstro que nos destruiu, Heather.

Ela podia sentir a violência que vibrava no ar ao redor deles. A fome refreada, como um golpe escuro e poderoso em seu sangue, ainda pulsando na voz dele. Sabia o que os pesadelos do passado faziam a estes fortes homens. Tinha-o visto durante um ano. Sam lutaria contra ele mesmo até que o reprimisse tão firmemente como fosse possível. Levantaria as barreiras a toda custa, e tentaria suavizar a preocupação ou o temor que sentia que estava provocando.

— Sam. — Ela se levantou, desesperada por tocá-lo, por levar a dor desolada que ressonava nele. Por ajudá-lo a encarar os demônios que se elevavam dentro das lembranças perdidas.

— Não me toque, Heather. — Segurou sua mão, depois a olhou fixamente, e o duro olhar cinza piçarra a fez ofegar de preocupação. Nunca tinha visto os olhos de Sam tão sombrios, tão sulcados pelas sombras.

Soltou seu pulso com cuidado enquanto colocava a mão em sua coxa. Cada movimento estava coordenado com cuidado, os músculos da mão e o braço tensos pelo controle que tinha sobre todos os impulsos que o estavam empurrando.

— Sam, me diga que fazer — disse em voz baixa, lutando contra as lágrimas e a necessidade de consolar onde sabia que não havia esperança disso.

Olhou-a em silêncio, quase calculadamente. Era como se estivesse medindo sua sinceridade, suas necessidades.

— Por que ficou aqui? — perguntou por último, a voz áspera. Zangada. — Sua vida corre perigo, e vive com o conhecimento de que aceitar uma relação comigo poderia significar aceitar uma com meus irmãos também. É isso o que deseja, Heather?

A fúria pulsou no ar ao redor dele, um insulto cuidadosamente idealizado, pensou Heather, dirigido ao coração. Quase estremeceu em resposta.

— Por que está se ocultando outra vez? — perguntou em vez disso, lutando para evitar seu tom ferido — Cada vez que me aproximo de você, Sam, levanta as mesmas barreiras. Sabe, esta foi minha primeira vez com um homem, em vez de um vibrador. O mínimo que podia fazer é se deitar a meu lado, talvez me segurar um momento. Ou simplesmente fui relegada a uma linha em um livrinho negro? Talvez sob o cabeçalho: Aspirante a brinquedo dos August?

Os olhos dele se estreitaram pela surpresa antes de negar com a cabeça, um bufo sarcástico de risada chegou de sua garganta.

— Quer estar aí? — ladrou — Poderia te pôr aí, neném, se essa for a posição que está procurando. Mas tem um inferno de coisas o que aprender antes que seja capaz de tomar a todos nós.

— Aprender? — O pouco elegante bufo estava deliberadamente pulsando com o sarcasmo. — Realmente, Sam. O que terá que aprender? Dizer “sim, senhor” e “não, senhor” e “acima o traseiro por favor, senhor”?

Os olhos dele se estreitaram ainda mais, seu corpo estremeceu outra vez, duramente, enquanto ela o olhava lutar pelo controle.

— É perigosa para si mesma — espetou — E maldição se vou sentar aqui e te escutar me tentar.

— Então vá. — Levantou a mão, agitando os dedos por volta da porta de comunicação. — Marly e Sarah me trouxeram alguns brinquedos novos hoje, assim nem sequer te necessito. De qualquer modo, esse coelhinho promete fazer os homens obsoletos.

A face dele se ruborizou ante a promessa sexual, embora os olhos cintilassem com ira.

— Um Coelho — grunhiu — É um fodido Coelho.

— Coelhinho, coelho, o que seja. — Deu de ombros. — Estou certa que fará tudo, exceto me dar alguém com quem me aproximar, e sei onde estão guardadas as mantas elétricas se tiver bastante frio. Assim corre para cama, carinho. Estou certa de que eu e Bugs¹⁴ nos arrumaremos bem.

— Bugs? — Sua voz soou estrangulada enquanto ela se afastava o enredado cabelo dos ombros e depois se reclinava sobre os cotovelos olhando-o. Era consciente de que os olhos dele se centravam em seus seios que empurravam e em seus endurecidos mamilos. Discutir com ele a fazia formigar. A vagina, os mamilos... inferno, os dedos. Cada célula de seu corpo parecia preparada e pronta e mais que disposta para aceitar o toque áspero e dominante que ele podia dar.

— Oh, realmente, Sam, que importa como o chamo? — Moveu as pernas sob o canto da manta, fazendo-a cair até que só cobriu seus quadris e seu montículo.

Sentia-se mais que um pouco excitada enquanto a mandíbula dele se esticava, o corpo ficava mais tenso e duro, enquanto suas calças de moletom se levantavam com a quente longitude de sua ereção.

— Deixa de me provocar, Heather — grunhiu.

Ela permitiu que seus dedos brincassem levemente sobre seu abdômen.

— Te provocar? — Os olhos dele seguiam seus dedos enquanto o punho se apertava no quadril. — Te disse que seguisse adiante e fugisse, Sam. Tenho Bugs e algo chamado Serpente¹⁵. Companhia em abundância. Por que precisaria de você?

— Sabe, Heather, se não fosse muito consciente do fato de que seu traseiro não pode suportar outra surra, mostraria exatamente o que está me provocando — grunhiu enquanto ia sobre ela, escuro, faminto, os olhos já não desolados e áridos, a não ser cheios de uma intensidade sexual que fez que o corpo dela se esquentasse em uma resposta instantânea.

— Desculpa, ex... — O som terminou quando os lábios dele cobriram os seus.

Duro, ávido, a língua empurrou entre eles enquanto a forçava a deitar-se na cama, seu corpo sobre ela, segurando-a imóvel debaixo dele enquanto a mão lhe agarrava a cabeça.

Heather gemeu surpreendida, agradada e assombrada ante a qualidade rouca do desesperado som. Seus braços foram ao redor dos ombros dele, os dedos agarraram os duros músculos enquanto a língua dele se afundava em sua boca, os lábios movendo-se sobre os seus com uma intensidade luxuriosa que enviou seu sangue pulsando por seu corpo.

Mal estava começando a desfrutar da sensação de seus músculos ondulando-se em suas largas costas, seus lábios movendo-se sobre os dela com tão descarnada necessidade que lhe rompeu a alma, então ele baixou seus braços de um puxão, segurando-os na cama enquanto tirava os lábios dos seus.

Seus quadris estavam entre as coxas dela, mantendo-as abertas enquanto a olhava fixamente com escuros e famintos olhos.

— Mantenha essa boca sabichona fechada. — Replicou, enquanto ela começava a falar. — Nenhum brinquedo. Nenhum Coelho, nenhuma Serpente, nenhum maldito com o nome Bugs, nada de sexo. Durma para que eu também possa fazê-lo.

Separou-se dela, depois em um calmo e poderoso desdobramento de ondulantes músculos, empurrou as calças de moletom pelos quadris e as atirou no chão. Deu um puxão nas mantas sobre ela, arrastou-a rudemente para seus braços, depois se inclinou e apagou a luz.

Heather ficou em silêncio durante uns momentos, escutando o trovão de seu coração, sentindo seus músculos amontoados e tensos enquanto lutava para evitar tomá-la. Deu-lhe o tempo suficiente para quase, quase alcançar esse confortável nível onde aceitaria outro enfrentamento para acender seu sangue. Só o tempo suficiente para pensar que ela realmente dormiria.

— Sam? — sussurrou — Sobre o que são os pesadelos?

CAPÍTULO 32

Às vezes, em algumas noites, o único amigo de um homem era sua garrafa de uísque. Infelizmente, a noite já tinha passado. A manhã estava aproximando-se brilhante e quente, enquanto Sam sentava-se à sombra da grade do pátio coberto de videiras, e olhava fixamente à tranqüila piscina. Estava vestido com moletom e sapatilhas, o peito ainda nu, os dedos esfregando uma particular seção áspera de cicatrizes no abdômen enquanto tomava outro gole do saudável licor.

Sam, sobre o que são os pesadelos?

Os olhos se entrecerraram enquanto olhava fixamente o azul cristalino da água. Sobre o que eram os pesadelos? Recordava os gritos, o horror e o sangue, mas como suas lembranças, os detalhes pareciam estar perdidos em uma névoa que seu cérebro não podia penetrar.

— Bem, posso ver que retorna a seus velhos hábitos.

Voltou-se rapidamente enquanto Marly punha os pés no pátio e tomava a cadeira diante dele. Ele passou os dedos rudemente pelo cabelo e suspirou com cansaço.

— Não comece, Munchkin. Foi uma noite péssima.

— Para todos nós — replicou — Cade teve pesadelos a noite toda, Sam. Que demônios aconteceu naquele celeiro?

— Ele não fez sexo com ela. — A dor ressonava por seu corpo. Deus, quanto mais podiam ferir as mulheres que amavam, antes que tudo se desfizesse ao redor deles.

Os olhos dela se abriram com surpresa.

— Acha que estou magoada porque penso que transou com ela? — Revirou depois, sacudindo a cabeça. — Inferno, pelo menos teria conseguido dormir um pouco, Sam, se esse tivesse sido o caso. Em vez disso, tive que me sentar e chorar a maior parte da noite, e ver como homem que amo se agitava e dava voltas nas garras dos horríveis sonhos que os três compartilham. Que demônios está acontecendo?

Ele sacudiu a cabeça.

— Não quer que ele transe com ela, Marly. Deixe-o foder a Sarah, e sei que tem que te matar.

— Faz-o? — Recostou-se em sua cadeira, cruzando as pernas despreocupadamente enquanto o olhava. — Sarah não é uma ameaça para mim, Sam. E tampouco Heather. Pensa que não sei o que aconteceu na cozinha? Que Cade não me disse o que aconteceu depois do fato?

Sam sacudiu a cabeça. Não, sabia que ela saberia.

— Como o compartilha? — sussurrou — Você o ama, Marly.

— E você ama Heather, Sam, mas me foderia em menos tempo que um galo canta, se Cade estivesse aqui neste momento.

Ele suspirou.

— Transaria sem Cade, Marly, e você sabe.

— E quando Cade me visse mais tarde, saberia. — Sorriu com um fio de entusiasmo. — Saberia, e me tocaria, e me amaria, e me mostraria todas as maneiras em que lhe dá prazer saber que te quero o bastante para me entregar a você, Sam. — Não tinha sentido para ele. Nada tinha. E agora as apostas eram muito mais altas. Amava Heather, amava-a como a nada que tivesse amado em sua vida, e queria compartilhá-la. Queria vê-la gritar de prazer enquanto seus irmãos a tomavam. Ver a excitação, a alegria, e saber que ela queria tudo o que ele tinha para dar. Seu amor, o amor de seus irmãos, o amparo e o cuidado deles. Saber que não importava onde estivesse ele ou que acontecesse, Heather estaria a salvo e amada.

Mas havia mais que isso, e só agora estava se dando conta. O vínculo que tinha começado na maldita lacuna fazia muito tempo, era algo muito profundo para negar, e muito etéreo para explicar.

Encurvou-se para frente, baixando a cabeça enquanto olhava fixamente a garrafa de uísque entre os pés.

— Amo a todas, Marly — sussurrou — Heather tem minha alma, mas te amo e a Sarah, também. — Franziu o cenho, lutando para compreender, para que tivesse sentido para ele mesmo. — Vocês não foram criadas como nós. — Elevou os olhos lentamente para encontrar o escuro olhar dela. — E depois, o abuso... Nos fez tão diferentes, Marly, e estou aterrorizado de que alguma vocês saia ferida, que marquemos suas almas tanto como foram as nossas.

O silêncio caiu entre eles enquanto ele deixava cair seu olhar antes de levar o uísque à boca uma vez mais.

— Sam. — Parou, sua pequena mão no pulso dele, enquanto a outra baixava a garrafa. — Olho para você, e vejo partes de Cade e de Brock. E é o mesmo para Sarah. Mas nós o vemos também. Vemos um homem a quem chegamos a amar e respeitar, um que coloca nossa segurança e nosso prazer acima do próprio. Não há ciúmes e nem ira, Sam. Somos uma família. Uma espécie diferente de família, mas uma família.

— Assim, família que fode unida, permanece unida? — resmungou ele, ficando em pé de um salto enquanto andava pela arbórea abertura que se dirigia à área da piscina. — Maldição, Marly...

— Não, Sam, uma família que ama permanecer junta. Seja o que for o que amem, seja um amor aceitável para o mundo ou não, é o amor que sustenta uma família unida. Amor e respeito, e o compromisso a isso, Sam. Sabe disso melhor do que eu. Se não amasse nem respeitasse seus irmãos, então os três teriam se separando pouco a pouco, há anos. Não estaria ainda lutando para sobreviver, nem estaria tentando dar sentido a quaisquer demônios que te deixam obcecado. Amor, Sam.

Levantou-se atrás dele, seus braços rodearam sua cintura enquanto se reclinava contra suas costas. Sam girou para ela, envolvendo-a em seus braços enquanto descansava sua bochecha contra a seda negra de seu cabelo.

— Ele nos salvou — sussurrou — Cade, Marly. Ele nos salvou, embora não acredita que o fez.

— Salvaram-se uns aos outros, Sam — disse suavemente, e ele se perguntou quanto de sua declaração era verdade.

— Sam? — A suave voz de Heather o fez afastar-se de Marly, olhando sobre seu ombro enquanto Heather os olhava da porta trilha de vidro que se abria à sala familiar.

Não parecia zangada nem ciumenta, parecia assustada. Terrivelmente assustada.

— Heather — voltou-se para ela, sabendo que a tinha ferido, sabendo que este dia chegaria...

— Sam, o xerife está aqui. Temos problemas.

CAPÍTULO 33

— Você gosta de foder a seus irmãos, August? — A voz de Mark Tate ressonou pela sala, cortesia da pequena gravadora que o Xerife Martinez segurava na mão. Soava ofegante, assustado. Ao fundo podia ouvir vagamente outra voz que o dirigia. — Tem duas horas para aparecer por aqui, ou enviarei essas fotos que tenho a cada jornal e revista das forças da lei do país. Imagens interessantes de um morto.

— É homem morto. — Sam ouviu sua própria voz, fria e dura, uma promessa de violência que só recordava vagamente.

O som do telefone se desligando soou forte na sala; os que permaneciam escutando estavam silenciosos, sacudidos pela surpresa.

— Oh, Deus! — O grito afogado de Marly foi feito em coro pelo de Sarah enquanto estavam nos braços de seus irmãos.

Heather estava a seu lado, mas não podia alcançá-la, não podia olhá-la. Contemplou fixamente suas mãos e viu o sangue. Rick e Tara estavam em algum lugar atrás do xerife, testemunhas de sua vergonha.

Levantou a cabeça lentamente, o corpo tenso pela raiva enquanto contemplava fixamente o frio e duro olhar de um xerife que uma vez tinha considerado como um amigo.

— Deveria ter mantido a família fora disto, Josh. — Sua voz ressoou com uma fúria que não podia conter. — Não tinham que ouvir isso.

— Maldição, Sam! — A voz de Cade soou quebrada, ecoando assustadoramente dentro de sua cabeça. Eu o fiz, Sam! Queria negar com a cabeça, arrancar as rotas palavras da cabeça, junto com as lembranças tão escuras e retorcidas que não podia ter sentido. — Por que infernos saiu da maldita casa? Por que não me disse isso?

— Chamou-me. — Manteve sua voz baixa enquanto continuava olhando a Martinez. — Teria me ocupado disso.

— Somos uma família, Sam — recordou Brock, sua voz atormentada.

Sam lançou um olhar, vendo como Sarah ocultava a face contra seu peito. Por vergonha? Arrependida, agora, de permitir tocá-la, de manchá-la? O ódio ardia em sua mente enquanto apontava seu olhar de volta ao xerife.

— O que salvou seu traseiro de uma ordem de prisão foi o fato de que o forense demonstrou que Tate foi esmurrado até a morte com um taco de beisebol. Tão forte, de fato, que se encontraram lascas de madeira nos restos do corpo. O forense encontrou também rastros de um forte narcótico nos órgãos internos machucados. — Então seus olhos se estreitaram. — Se isso não fosse suficientemente mau, alguém tentou interferir com os resultados no escritório do forense. Por sorte, foi descoberto. Os registros do computador podem ser uma coisa arriscada, e o velho doutor Harper não gosta muito. Suas notas foram escritas a mão antes de registradas e transcritas. Parece-me que isto é um problema familiar, Sam. Estão lhe incriminando e parece que há mais de um assassinato aqui para resolver.

— Há mais ou menos três. — Olhou fixamente a Martinez, os dentes descobertos em um grunhido que não pôde conter.

— Sam. — A mão de Heather cobriu o punho no lado do corpo enquanto se aproximava, bloqueando-o, se por acaso tentasse se mover.

Ele olhou-a, o corpo tenso, esperando asco, e ódio. O que viu rasgou sua alma com a força de uma faca através da indefesa carne. As lágrimas emanavam dos olhos dela, a suave compreensão brilhando baixo elas.

— Sam, Martinez talvez pense que está mais decidido que zangado. — Disse com um sorriso, entretanto com um olhar de advertência. — O xerife sempre toma a sério as ameaças de morte, carinho.

Ela se moveu contra seu peito, olhando-o fixamente, implorando. Uma âncora na tormenta que se criava. Seus braços a rodearam, aterrorizado de que a não ser que segurasse algo ou a alguém, seria tragado pelas crescentes sombras de sua própria mente.

— Cade. Tate tinha as fotos? — Joshua avançou mais pela sala, e Sam viu como o outro homem olhava fixamente para o irmão mais velho dos August. — Há rumores de que as tinha conseguindo. Que tinha provas contra vocês três.

— De que, Josh? — Cade era frio, sua voz suave, ameaçadora. — Você tem mais mortes inexplicadas?

O olhar de Joshua era cínico e sagaz, enquanto olhava para Cade, antes de permitir que o olhar abrangesse o resto dos ocupantes da sala.

— Não. — Josh negou com a cabeça. — Tudo o que tenho é uma chamada telefônica não registrada do departamento do xerife, de alguém que fez grandes esforços para disfarçar sua voz. Ouvi um relatório bastante detalhado de um assassinato em Utah há doze anos.

Um músculo saltou na mandíbula de Cade, e Sam viu a fúria que explodiu nos olhos de seu irmão.

— Marly... — Cade sussurrou seu nome em um suspiro.

— Não, maldição! — Bateu no peito contra o que se apoiava, e Sam pôde escutar a desesperada batalha contra as lágrimas dentro dela. — Não irei. Não outra vez, Cade August. Não te deixarei encarar isso sozinho. Não o farei.

Os braços de Sam se esticaram ao redor de Heather então. Não poderia permitir que ela se fosse. Não poderia lhe permitir sair. Que Deus o ajudasse, se não se segurasse contra ela, não sabia o que faria ao bastardo que os destruíra.

— Eu fico, também. — Sarah girou nos braços de Brock. Sua expressão era atormentada, cheia de conhecimento e dor. — Somos parte disso, Cade. Todos nós. Não é só você e seus irmãos, nunca mais. Nada mais de se esconder.

— Maldição, Martinez, por que não nos dispara e acaba com isto? — espetou Sam furiosamente, enquanto soltava Heather e passava os dedos pelo cabelo. — Teria sido mais humano que isto. Que me condenem se fico aqui para escutar como destrói a minha família. — Moveu-se para a porta.

— Sam, saia por essa porta e te prenderei por obstrução à justiça e suspeita de assassinato. Vou te prender tão rapidamente que sua cabeça dará voltas.

Sam parou. As lembranças da cela da prisão estavam frescas em sua mente. As lembranças de outra cela estavam muito mais claras. Voltou-se lentamente.

— Terá que me matar primeiro, Josh. Pode fazê-lo? — Sam apertou os punhos nos lado do corpo, lutando contra as traiçoeiras lembranças que o alagavam. Tinham lutado tantos anos por esquecer e agora estava explodindo na face de uma maneira que nunca poderiam ignorar, nem escapar.

— Maldição, Martinez — amaldiçoou Brock — Deixe-o ir. Podemos cuidar disto.

Algo dentro de Sam se imobilizou. Olhou para seus irmãos, vendo o desespero e um temor premonitório. Não podia lutar contra as suspeitas mais tempo, não importava quão desesperadamente o necessitasse.

— Me protegendo outra vez, Brock? — perguntou a seu irmão com cuidado.

Cade negou com a cabeça para o outro irmão, uma clara advertência nos olhos quando Brock estava a ponto de falar. Sam retrocedeu para a sala. Olhou para Heather, viu sua preocupação, sua

inquietação. Rick estava atento como sempre, enquanto Tara olhava a todos com uma borda de simpatia.

— O que te faz pensar que sabemos algo a respeito de Utah? — perguntou Sam em voz baixa.
— Aqui é o Texas, Josh.

— E o tio de Marly era Jedediah Marcelle. Foi assassinado em Utah há doze anos por um aparente incêndio doméstico. O relatório do forense suspeitava que estivesse morto antes das chamas. Seu pai natural, Reginald Jennings mal escapou...

— Não! Não! — A voz quebrada de Marly ressonou pela sala. — Oh, Deus, Cade. Cade, não! Não, escondeu isso de mim. — Estava gritando, lutando contra seu agarre enquanto a face de Cade se retorcia, atormentada, com uma dor agonizante enquanto as lágrimas começavam a cair pela face dela. — Oh, Deus! Maldito seja. Maldito seja, sabia...

Rick e Tara se moveram então, colocando-se entre o xerife e Cade enquanto Sam se apressava para seu irmão, para Marly.

— Oh, Deus. Oh, Deus. Cade.

— Tire-a daqui, droga! — Gritou Sam enquanto Cade lutava contra ela, lutava por mantê-la em seus braços, por aceitar a dor que irradiava de seus gritos enquanto sua face se retorcia em rugas de pena. — Vamos, maldição.

Sam sentia que o coração quebrava. Tinha temido que Cade não compartilhasse o conhecimento com ela, o fato de que seu tio os tinha violado, que seu pai tinha sabido. Oh, sim, recordava a Reginald Robert.

Tirar Marly fora da sala não foi fácil. Ela lutou contra Cade, rota e desesperada. Ela sabia. Sam podia sentir seu conhecimento pulsando em cada célula de seu corpo. Ela sabia a verdade e isso a mataria. Mataria Cade. Destruiu-os a todos.

E Martinez tinha que ter sabido. Balançou, uma raiva intensa fervia no sangue, rasgando por seu corpo enquanto saltava para o xerife.

— Sam, não!

CAPÍTULO 34

— De verdade, os três acreditam que podiam manter algo assim oculto para sempre? — A voz de Martinez era fria e dura enquanto caminhava de cima abaixo pela sala, dando uma olhada para Brock e Sam enquanto dava a volta no extremo da sala. — Maldição, Sam. Deveriam havê-lo pensado melhor

A reação de Marly os havia incomodado a todos. Joshua não tinha saído inalterado ou ileso. Seu olho estava quase fechado e inchado pelo murro que Sam tinha lhe dado antes que Brock e Rick o atirassem no chão. Tudo o que podia ouvir eram os gritos de Marly; tudo o que podia sentir era a vergonha de Cade. Toda a vergonha deles. Era como um incêndio em suas tripas, queimando sua alma.

Tinham ouvido os gritos de Marly durante muito tempo, quebrados e devastados. Sam estava desesperado por subir, para ajudar Cade a consolá-la, como sabia que queria Brock. Mas em vez disso estava parado aqui, tratando com este bastardo. Parado nas lembranças de um passado que nunca parecia revelar-se com clareza dentro de sua mente. Mas os gritos estavam ali, assim como o sangue.

— Você fez de propósito. — Acusou Heather ao xerife, enquanto se sentava ao lado de Sam, sua mão no joelho dele, seu ombro lhe pressionando contra o braço. — É um bastardo de coração frio, Xerife Martínez.

Por desgracia, Sam estava de acordo com ela. Joshua tinha sido sempre malditamente franco. Malditamente direto. Ia a jugular quando necessitava informação, e não se importava de quem era o sangue derramado.

— Maldição, Heather, está se comportando mal — espetou Tara enquanto a encarava do sofá em frente. — Não tem opinião nisto.

— Aí é onde você se engana. — Alegou ela, obviamente lutando por manter a voz calma. — Ele está se comportando mal. Não tinha direito de deixar cair essa pequena bomba da forma em que o fez.

Sam só podia sentar-se em silêncio, observando Martínez enquanto sentia a fria fúria na boca de seu estômago, e ouvia os gritos que pareciam agora mais próximos que nunca. Tinha os olhos entrecerrados, observando o homem que uma vez tinha sido um amigo, um confidente. Fazia muito tempo. Parecia que tinha sido em outra vida.

Martínez grunhiu com sarcasmo.

— É obvio que sim, de outra forma, o traseiro de Sam estaria em uma cela por agressão, e o resto de vocês por suspeita de obstrução. Desgraçadamente estou quase tão fodidamente às cegas como um xerife poderia estar. Agora, como demônios acha que tenho que mantê-los todos vocês fora da prisão se, droga, não me ajudam? — Elevou a voz enquanto sua cólera quebrava a serena conduta que normalmente mantinha. — Maldição, acreditam que não sabia que algo aconteceu então? Éramos amigos, Brock, Sam. Bons amigos até que voltaram de Utah. Quão fodidamente estúpido acham que sou?

Por isso respeitava Sam, era a pergunta errada.

— O suficientemente estúpido para destruir uma mulher inocente! — Gritou Sam, os punhos apertados, o corpo tão tenso que Heather quase se sentou sobre ele para assegurar-se de que permanecia em seu assento.

Olhou-o desafiante enquanto dava um duro olhar. Ela não parecia pronta para mover-se no momento. Surpreendentemente, não houve recriminações no olhar dela, nem sentimentos de desgosto, nem cólera. A compreensão marcava seus escuros olhos verdes, entretanto sua face estava pálida pelo estresse. Seu toque era suave, e ainda assim parecia preparada para ir à batalha, era o xerife com o que ela parecia mais que disposta a brigar.

Amava-a. Necessitava-a com um desespero que não podia explicar, mas estava malditamente cansado de que todo mundo pensasse que precisava ser protegido. Precisava ser abraçado e querido. Negou com a cabeça diante desse pensamento. Tinha passado muitos anos tentando consolar a Cade fazendo-se de brincalhão, brincando a sua maneira através da desolada escuridão. Agora que ele não podia lutar mais, toda sua família estava vindo abaixo a seu redor.

— Quem matou Marcelle? — O olhar do Joshua cortou a Sam. — Não me venha com essa merda, tampouco. Se for para te salvar o traseiro, Sam, tem que ser honesto comigo.

— Não responda a isso, Sam. — Rick deu um passo adiante, sua voz calma e firme. Parecia ser o único na sala resolvido a não cometer um assassinato. — Xerife. — virou-se para Joshua. — Você é consciente que o estilo de suas perguntas poderia ser interpretado como um representante da lei tentando apanhar, ou conspirar com meus clientes. Ambas as coisas ilegais. — Sua voz era uma faca afiada com o sarcasmo, entretanto sua expressão permanecia totalmente anônima. Fria e controlada.

Joshua franziu o cenho.

— Não me venha tampouco com essa merda, Glaston. Sei quem diabo é e o que é capaz de ocultar. Assim é que ambos passaremos dos cargos de conspiração.

— Basta. — Sam ficou de pé, depois sacudiu com força a cabeça olhando para Heather fixamente, enquanto ela se situava frente a ele. — O que aconteceu esse bastardo não importa. Está morto e desaparecido...

— E alguém sabe que um de vocês o assassinou — recordou Joshua com frieza — Estou disposto a ajudar, Sam, mas não se não puder cooperar comigo.

— O que você quer, Josh? — perguntou com desprezo — Quer ouvir como nos o bastardo drogava, pondo nossos pênis tão duros que seu louco meio-irmão podia nos cortar com o bisturi e ainda assim não se abrandavam? Ou sobre como tomava um chicote e o deixava cair em minhas costas até que obrigava Brock ou Cade a violar-se entre eles, ou até a mim? Quer ouvir quantas vezes tivemos que nos mamar as uns aos outros enquanto ele ria...?

— Maldição, Sam! — Naquele momento Brock se levantou, com a cara pálida, os olhos atormentados. — Cale-se, droga!

Sarah estava sentada no sofá, com os braços envoltos ao redor de sua cintura enquanto se balançava em silêncio, a cabeça encurvada enquanto as lágrimas caíam em seu colo.

— Sarah, neném. Sarah, por favor... — Brock se ajoelhou, as mãos lhe tocando as bochechas. — Por favor, deixe me encarregar disto.

— Não. Estou bem. Estou bem... — A voz rota enquanto parecia ter arcadas de asco.

Sam amaldiçoou em silêncio enquanto afastava a vista. Não era melhor que Martinez. Sacudiu-se paralisado pela raiva e as retorcidas imagens, a repentina visão de mãos sangrentas pressionando-o até o limite, até que não teve o cuidado de quem feriam suas palavras.

— Por Deus. Sam. — Martinez respirou entrecortadamente enquanto quase caía na cadeira que estava a seu lado — Meu Deus!

O sangue abandonou sua face enquanto cravava seu olhar em Brock e em Sarah, vendo sua dor, os estragos que causava o passado. Negou com a cabeça de novo.

— O juiz arquivou o caso — disse sobriamente — Está limpo do assassinato de Tate, mas quem quer que estivesse com ele... — Sacudiu a cabeça — Se tiverem fotos, Sam...

— Então o bastardo as teria usado — espetou Sam — Aprecio sua ajuda, Joshua. Mas tenho que dizer que causou muitíssimo mais mal com o que tem feito que qualquer outra coisa. Por que não se manda daqui até que tiremos a limpo o que podemos fazer?

Joshua franziu o cenho, os olhos entrecerrados.

— Acha que estas mulheres são muito fracas para isto, Sam?

— Não. — Sam negou com a cabeça, a dor descontrolando-se por seu corpo. — Acredito que são muito condenadamente fortes para nós. Só vá embora, Josh. Droga, só vá embora daqui, assim poderemos cuidar disso agora.

— Não acabou, Sam. — O outro homem se levantou lentamente. — Quem quer que seja o bastardo, agora está assassinando. Nenhum de vocês está a salvo. Perdeu o controle.

— Eu também, Josh. Deixe-me te assegurar disto. Eu também.

CAPÍTULO 35

Heather bateu timidamente na porta do quarto de Marly. Tinha ouvido ela e Sarah ordenando mordazmente a seus amantes que se fossem do quarto. Tinha visto a dor desolada nos três homens quando voltaram para salão e se dirigiram para o uísque.

Não podia acreditar que estivesse fazendo isto. Não podia acreditar que sua dor e necessidade a estivesse afetando até este ponto.

— Cade, vai... — A porta se abriu de repente.

Heather permaneceu frente à outra mulher cautelosa e nervosa, enquanto ela passava as mãos sobre os quadris cobertos pelos jeans.

— Oh, Heather. — Os olhos de Marly empapados em lágrimas se abriram com surpresa. — Entra. Pode me ajudar a tramar o assassinato de Cade.

Heather entrou com cuidado no quarto, deu uma olhada para Sarah e depois clareou garganta.

— Preferiria que as duas me ajudassem a planejar algo um pouquinho mais agradável. — Sentiu sua face avermelhar.

Heather piscou de surpresa enquanto Sarah se levantava lentamente.

— Vai a eles? — perguntou Marly surpreendida.

Heather podia sentir seu coração pulsando fora de controle, temor, excitação e necessidade clamando através de seu corpo

— Sam, está... — Engoliu com dificuldade — Está ferido. Muito, Marly. E os outros...

— Estão igualmente machucados. — Disse Marly em voz baixa, suspirando. — Nenhum deles o merece, sabe. — Franziu o cenho severamente.

Heather aspirou profundamente. Podia sentir os pequenos formigamentos de eletricidade avançando pela nuca e o couro cabeludo. Sentia o corpo quente, mas frio, e sua vagina estava empapada com a idéia do que ia acontecer. Se pudesse agüentar os nervos, claro

— Maldição, isto pode ser embaraçoso — suspirou, passando os dedos inquieta através do cabelo.

— Por que está fazendo isto, Heather? — Sarah deu um passo adiante — Se só for por Sam, nunca o aceitará. Nunca o desfrutará.

Tragou com dificuldade.

— Brock está passeando de acima para abaixo, e posso ver a tensão e a dor em seus olhos. Está doído por eles, e não sabe como ajudar. Cade está atormentado. Sam está começando a recordar e sabe, e não pode suportá-lo. Sam... — lambeu os lábios enquanto lutava com as emoções contraditórias de seu coração — Sam está quase destruído, Sarah.

— Não é suficiente, Heather. — Sussurrou Marly amavelmente. — Não vou dar minha permissão, ou minha ajuda para foder o homem que amo com essa fraca desculpa.

Heather franziu o cenho.

— Sabia o que ia acontecer — a acusou.

Marly negou com a cabeça.

— Não me encha o saco tampouco. Por que quer fazê-lo, Heather?

Ela retorceu as mãos juntas. Maldição, não deveria ser tão duro.

— É o momento. — Deu de ombros para expulsar as palavras.

— Heather, não está preparada. — A voz de Sarah era pesada e firme.

— Estão quebrando meu coração, maldição! Tenho que fazer alguma coisa. — As lágrimas fluíram em seus olhos. Sabia o que eles necessitavam, sabia que romperia a desesperada distancia que se produzia entre os homens quando os demônios se elevavam tão sombrios e frios dentro deles. — Todos, Sarah. Não posso suportá-lo. Não posso suportar quanto os necessito, tanto que não posso agüentar sua necessidade por mais tempo.

Marly sorriu. Um lento e suave sorriso que aliviou o desesperado temor que a enchia.

— Então comecemos. E não crie obstáculo nas preparações requeridas, tornará mais fácil para você, e para eles.

Obstáculos? Estava horrorizada. Um clister? Lubrificante? Permanecia dentro do banheiro hora depois, o plugue inflamável inserido outra vez no traseiro, inflado ao máximo de sua capacidade. Tomou banho, se raspado, emprestando especial atenção a fazer sua vagina tão suave e tenra como fosse possível, e se repreendeu por suas tremulas mãos quando se vestiu rapidamente.

Entrando de novo em seu quarto, encarou às duas mulheres que estavam sentadas com as pernas cruzadas na cama, esperando-a.

— Vocês se dão conta de quão depravado é isto? — perguntou, a voz rompendo-se enquanto lutava por controlar-se.

— Vai adorar, querida. — Marly agitou a mão. — Não há nada mais sedutor, mais prazenteiro que esses três homens concentrando-se em você, em seu prazer. Pedirá mais amanhã.

Heather a olhou com horror.

— Deus, isto é tão irreal. — Tremeu incapaz de acreditar que estava dando o passo final, na verdade preparando-se para...

Um formigamento se disparou em sua coluna, a base de seu pescoço, e cobriu seu couro cabeludo como se tremesse de antecipação.

— Assegure-se, Heather — aconselhou Sarah — Se ainda pensa que não é o que quer, saberão, e recuarão. Isto lhes doerá mais se os está obrigando.

— Obrigá-los? — perguntou bruscamente — Sarah, estou tão quente que poderia gozar antes de alcançar as escadas, e isso me aterroriza.

— Não o faça. — Riu Marly — Guarde sua energia. Juro, precisará dela esta noite...

— Sem mencionar amanhã, amanhã de noite, depois de amanhã, levará um tempo para saciar-se. — Sarah estava rindo com Marly enquanto olhavam a uma à outra, divertidas.

— Isto não é possível! — sussurrou Heather, horrorizada — Nenhum homem pode durar assim...

— Oh, Heather, não conhece o bastante os irmãos August. — Sarah negou com a cabeça com divertido pesar. — Confia em mim, cada um deles pode fazê-lo ao menos três vezes ao dia sem piscar. A resistência apenas lhes termina.

Tragou com dificuldade.

— Doerá? — Mal podia acalmar o tremor em sua voz. Maldição, estava muito nervosa.

— Não sentirá nenhuma dor que não seja condenadamente boa, rogará por mais. — Suspirou Marly — Entretanto, ainda digo que Cade não o merece. Deveria sofrer durante dias.

— Estava te protegendo, Marly — murmurou Sarah — E você sabe disso.

— Não preciso de sua proteção. — Apoiou o cotovelo no joelho e contemplou Heather solenemente, enquanto seu queixo assentava em cima de seu punho. — Se esforçam muito em nos proteger. É seu máximo defeito. Às vezes, tem que chutá-los, duro, para detê-los.

Heather permanecia incômoda em meio do quarto, esperando que o plugue em seu traseiro relaxasse seus músculos. Tinham-lhe explicado antes de ir ao banheiro que era fundamental dar a seu corpo tempo para adaptar-se. Gostavam do sexo anal quase tanto como o vaginal, e Marly tinha advertido que era possível, completamente possível, que cada um deles a necessitasse ali antes que terminasse a noite.

— Acredito que estou assustada — disse por fim, lutando por controlar a respiração, o forte batimento de seu coração.

— Não está — assegurou Marly em voz baixa — Realmente não. É como ser virgem uma vez mais. O desconhecido é a parte mais horripilante. O ato em si é mais bonito do que se pode imaginar. Não é foder, Heather. É amar, e te juro que o entenderá quando tiver terminado.

— Se sobreviver? — brincou nervosamente.

— Sobreviverá — prometeu Sarah com um sorriso — Agora, passou uma hora. Se o pior da espetada tiver desaparecido, então está preparada para ir abaixo.

E o estava. A fera pressão em seu traseiro aliviou, deixando-a sentir-se só estirada e cheia.

— Aqui, tome isto. — Marly correu para o armário e tirou um pequeno edredom de cetim da prateleira. — Tire a roupa e vá a eles envolta nisto. Confia em mim, gostarão.

Heather tirou a roupa lentamente e envolveu a manta ao redor dos ombros. Respirou profundamente tomando coragem, um trêmulo sorriso em seus lábios.

— Estão seguras? — perguntou às outras duas mulheres.

— Se você o estiver, Heather. — Assentiu Sarah. — Mas tem que estar segura.

Exalou fortemente. Estava segura. Girando-se, abandonou o quarto sem olhar atrás, encaminhando-se para baixo para os homens que a esperavam.

CAPÍTULO 36

Um desolador silêncio invadiu a casa depois da partida do xerife. Marly e Sarah estavam caladas, embora tivessem jogado os homens de seu quartos e procurado refúgio juntas no de Heather, várias horas atrás. Agora Sam estava sentado com Brock e Cade no salão familiar, observando, escutando o silêncio.

— Eu matei Marcelle, não é? — Não foi um cegador golpe de compreensão. Tinha suspeitado durante anos. O sangue em suas mãos, os pesadelos, os demônios que o rondavam, o tinham assegurado.

Viu a verdade no súbito temor na face de Cade e na de Brock.

— Fui eu! — gritou Cade asperamente.

Sam negou com a cabeça, olhando fixamente para Cade enquanto permitia que o conhecimento se afundasse dentro dele.

— Lembro do sangue, Cade. Recordo-te limpando minhas mãos e sujando as suas. Sei por que o fez. Mas já não preciso mais de sua proteção.

Cade se levantou em um impulso de raiva enquanto andava para as portas francesas.

— O filho da puta merecia morrer. Não importa quem o fez, Sam.

Sam baixou a cabeça, agitando-a cansativamente.

— Fez por mim, Cade. Porque eu o rejeitei. Porque o humilhei. Foi minha culpa.

— Não, Sam. — A expressão de Brock era tristemente calada, de aceitação. — Não foi sua culpa. Marcelle era um homem doente, e se concentrou em você porque você foi mais forte que ele. Alguém a quem queria dobrar. Nós não o permitimos, não importa o que tenha acontecido.

Sam agitou a cabeça, incapaz, pouco disposto a aceitar a simplicidade de tal raciocínio.

— Deveria me odiar, Brock. Olhe o que aconteceu com todos.

— Exatamente, a todos nós, maldição. — Cade deu a volta, a fúria vibrava em sua voz. — Não estávamos sozinhos, exatamente como juramos que não o estaríamos, Sam. Fizemos o melhor que pudemos para nos proteger mutuamente e saímos dali condenadamente vivos, que mais quer?

— Preciso que toda esta maldita coisa acabe! — gritou Sam em resposta, ficando de pé. — Quero que terminem os malditos pesadelos, Cade, o cheiro do sangue e o sêmen que às vezes me asfixia. Quero deixar de ferir as mulheres que amo, e quero ser condenadamente normal.

Cade se acalmou.

— Pensa que estamos ferindo Marly e Sarah? — A diversão imprimiu em sua voz, a surpresa resplandeceu em seus olhos.

— Nós as compartilhamos, Cade...

— E você não deseja compartilhar Heather? — perguntou Cade sem raiva, sem recriminações.

— Merda, desejo-o tanto que já quase posso saborear seus malditos lamentos. — Seus punhos se apertaram no lado do corpo.

— Por que? — Cade cruzou os braços sobre seu peito. — Se pensa que vai machucá-la, Sam, então por que o deseja?

Deteve-se. Sentiu cada músculo de seu corpo apertando-se com o conhecimento.

— Adoraria — sussurrou — Seria amada com tudo o que tenho.

— E por que adoraria? — Cade agitou a cabeça, irritado. — Que demônios te faz pensar que estamos ferindo Marly ou Sarah com isto? Por que, infernos, pensa que elas o aceitam, Sam? Não é só por nós. Não se engane. Marly e Sarah têm mais do que têm outras mulheres que alguma vez conhecerá, ou ao menos isso é o que Marly me assegurou...

— Marly tem três homens, consagrados a ela, amando-a, sempre protegendo-a. Não tem só o amor de um homem, mas sim de três. Três homens que a amarão até a morte. Ela tem um amor que eu preciso, Sam.

Giraram para Heather. Ela estava ali, e Sam sentiu seu coração explodir de orgulho e excitação. Nua, excitada, enquanto fechava a porta e depois deixava cair a manta acolchoada azul brilhante, que tinha envolto ao redor de seu corpo.

— Heather — Sam escutou a estrangulada qualidade de sua própria voz e lutou para clareá-la, enquanto ela avançava para ele.

— Precisa disto, Sam, para você ou para seus demônios? — perguntou ela suavemente enquanto parava diante dele, suas mãos se dirigiram para os botões de sua camisa, soltando-os com calma deliberação.

— Para mim. — Ele lutou por controlar sua respiração, sua excitação. Como nada que tivesse conhecido antes. Luxúria e amor ardendo através de sua alma.

— Por quê? Como será só para você, Sam? — Tirou a camisa de seu jeans, suas unhas arranharam seu abdômen com agudo prazer.

— Eles são parte de mim. — Sam se esforçou por tentar transmitir o que sentia com palavras, lhe explicar suas necessidades. — Se estiver com eles, Heather, está com tudo o que é meu.

— Como, Sam? — Tirou rapidamente seus jeans. — Como é que ao estar com seus irmãos, estou com você?

Ele se esforçou através da confusão de sensações e emoções. A voz dela era quente, excitada, fazendo-o arder tão profundamente, enquanto o toque de suas mãos abrasava sua carne.

— Porque, Heather? — Passou as mãos através do cabelo, agarrando a parte de trás de sua cabeça, levantando sua face até que o esteve olhando profundamente nos olhos. — Porque eles a amam também, neném. De maneira tão profunda e verdadeira como eu te amo.

O coração de Heather explodiu em seu peito quando ele sussurrou essas palavras. Seus olhos, mais cinzas que azuis agora, baixaram ao olhar para ela, sua expressão enrugada em linhas de prazer e excitação, enquanto Brock e Cade se aproximavam. Mãos se moveram sobre suas costas, sobre sua cintura, lábios se pressionaram em seu ombro.

— Sam. — Tremeu, a excitação passada a mantinha ainda tão nervosa, que podia sentir seu corpo tremendo. — Estou nervosa. Muito nervosa. — Falar era mais difícil do que podia ter imaginado, enquanto via Brock afastar-se de seu lado e tirar o enorme colchão do sofá de seu lugar. — Meninos, de verdade precisam de quarto para isto. — ofegou quando sentiu Cade mover seu cabelo para um lado e lhe roçar a nuca com os lábios.

A sala mergulhou e oscilou quando Sam a levantou em seus braços e a levou para lugar em que Brock tinha colocado a muito grossa almofada, em metade do piso. Sam a baixou suavemente no colchão, depois levantou o suficiente para arrancar as roupas e os sapatos de seu corpo.

Heather levantou o olhar para ele, tremendo de dentro para fora, enquanto a antecipação e um pouco de medo se apressavam através de seu corpo. Olhou Brock, Cade. Estavam nus, seus pênis grossos e duros, suas expressões, de adoração. Não era luxúria, era amor. Afeto, excitação sexual e um sentido de união, justo como Marly o tinha jurado. Eles se moviam como um, com sua concentração posta nela, suas expressões ternas, carinhosas, obscuramente sensuais.

— É tão bonita, Heather. — Sam ficou a seu lado, seus braços a envolveram enquanto afastava o cabelo do rosto; as mãos dele se arrastaram lentamente sobre sua face. — Tão condenadamente formosa, que mal posso acreditar que esteja aqui, em meus braços, quando preciso tanto de você.

Elevou o olhar para ele, lutando por respirar, lutando por concentrar-se só em Sam, enquanto Brock se estirava a seu lado, e Cade se ajoelhava a seus pés. Lambeu os lábios nervosamente, a mão agarrando o braço de Sam enquanto lhe acariciava o abdômen.

— Só até onde possa chegar, Heather. — Um sorriso se desenhava em seus lábios, mas seus olhos estavam cheios de confiança.

— Não estou assustada — tentou falar, mas sua voz era fraca com a excitação e os nervos.

— Não, não está assustada — sussurrou ele — É um milagre. Um milagre para todos nós, neném.

Sua cabeça baixou então, seus lábios apanharam os dela em um beijo que a fez gemer com crescente necessidade, enquanto se levantava para encontrar-se com ele. A língua dele empurrou além da barreira de seus lábios, enredando-se com a sua, enquanto o erotismo extremo dos três homens que a rodeava, e começava a pulsar através de sua corrente sangüínea.

Voltou-se em seus braços, atraindo-o, precisando abraçar a alma que apertava o calor que seu beijo tinha infundido nela. Quando o fez, sentiu mãos atrás, debaixo, escutou frases sussurradas um segundo antes que uns lábios masculinos roçassem seu ombro e depois sua panturrilha.

Gritou no beijo, arqueando-se mais perto de Sam enquanto ele gemia contra seus lábios, e uma palma longa, de Sam ou de Brock, fechava-se na curva de seu inchado seio enquanto sua perna era levantada, para depois ser colocada sobre a coxa de Brock, e uns lábios quentes acariciavam seu joelho.

— Sam! — Separou-se de seu beijo, lutando por respirar enquanto a intensidade sexual aumentava dentro dela.

— Só sinta, Heather — sussurrou ele, o desespero soando em sua voz enquanto seus lábios se moviam à frente de seu pescoço arqueado. A cabeça dela estava descansando sobre o ombro de Brock, que acariciava o lado de seu pescoço com os lábios e a língua, enquanto as mãos levantavam seu seio para a ávida boca de Sam.

Mais abaixo, a boca de Cade se estava movendo perto, mais perto ao empapado centro de seu corpo.

— Deus Santo! — gritou ela, enquanto os lábios de Sam se fechavam sobre seu endurecido mamilo, no mesmo segundo em que a língua de Cade entrava através da cremosa fenda de sua vagina.

Chegou ao clímax. Tão facilmente, tão rapidamente, seu corpo pulsou e depois estremeceu, a intensidade da sensação explodiu através de seu corpo, enquanto Cade empurrava sua língua dura e profundamente dentro de sua contraída vagina, acariciando-a, lambendo o fluxo de líquido de liberação que se derramava dela.

Estava retorcendo-se nos afetos deles, encurvando-se contra a boca de Cade, enquanto segurava sua perna para encaixar-se mais profundamente entre suas coxas. A boca de Sam estava amamentando avidamente seu seio, depois movendo-se para o outro, enquanto Brock se movia atrás, e ela se estirava, seus quadris se arqueavam para Cade, enquanto Brock cobria seu outro mamilo.

Heather estava desesperada. Atormentada por tal prazer, por tal intensidade sexual, que sentia como se a loucura estivesse a só uns segundos de distância.

— Sam? — A voz de Cade era áspera, uma pergunta, uma ardente demanda, enquanto se levantava entre suas coxas.

Ao dar uma olhada às duas cabeças que baixavam a seus mamilos, Heather ofegou. O pênis de Cade estava grosso e ereto, descendo de seu corpo, pesado e exigente. Olhou às mãos de Sam e depois às de Brock enquanto foram para suas coxas, levantando-as, abrindo-a para o irmão maior.

— Heather — Sam levantou a cabeça, olhando-a fixamente nos olhos, enquanto o assombroso prazer e a excitação ricocheteavam através de seu corpo.

Eles se pareciam muito. Luziam muito iguais, respondiam sexualmente da mesma maneira. Deus Santo, era como foder com três Sam. Sua vagina estava empapada, contraído com ávida necessidade, enquanto seu ânus se apertava sobre o grosso plugue que se inseriu uma hora antes.

— Sam, está usando um plugue!

Heather gritou quando sentiu os dedos de Cade na base do dispositivo.

Os olhos de Sam se obscureceram, sua expressão ficou mais intensa, mais sensual.

— Qual? — sussurrou ele, ainda observando enquanto Heather gritava de satisfação, com uma expressão de adoração.

— Maldição. O inflável.

Heather estremeceu quando os olhos de Sam ficaram quase negros com o prazer. O inflamável tinha entrado com bastante facilidade, mas parecia durar uma eternidade conseguir inflá-lo até sua máxima espessura.

Sam virou a cabeça, seu olhar foi até sua vagina enquanto Cade se aproximava mais, seu pênis beijando a entrada de sua contraída vagina. Sua expressão era de êxtase, e a de Brock estava condenadamente perto de ser hipnotizante, enquanto eles estendiam suas pernas muito mais, observando o irmão mais velho.

— Pode tomá-lo, Heather? — Sam soava sufocado.

— Malditos sejam, se um de vocês não me foder logo, atirarei em todos. — Arqueou-se, conduzindo a cabeça da grossa ereção de Cade a sua vagina.

Ofegou e se acalmou, jogou a cabeça a um lado enquanto a umidade cobria seu corpo e o líquido cremoso fluía de sua vagina. Apertou-se na intrusão, sentindo a desesperada estreiteza de sua vagina quando ele empurrou lentamente para diante.

— Sam. Sam. — Cantou seu nome, quase a ponto de gritar enquanto sentia os músculos estender-se, protestando, ainda fazendo campo o largo caule que se movia dentro dela.

Fixou uma mão no braço de Sam, a outra no de Brock. Sabia que suas unhas estavam penetrando pele e não se importou. Agitou-se, estremeceu, gritou, suplicando desesperadamente por mais. Ele estava grosso e quente, entrando centímetro a centímetro enquanto ela agarrava seu pênis, apertava o plugue que estirava seu ânus e se sentia empalada por uma vara de ardente aço.

— Sam, maldição, não posso me conter — escutou o gemido de Cade com desespero, enquanto ele começava a sair dela. — Está muito apertada.

— NÃO! — arqueou-se mais perto, sabendo que se ele não continuasse, se não forçava a grossa ereção em seu interior, então morreria de necessidade. — Sam. Por favor. Não permita que pare.

Eles se imobilizaram. O ar era espesso com o calor, o cheiro de sexo e a aguda excitação. Olhou entre suas coxas, vendo que menos da metade do palpitante membro estava enterrada em seu interior. Sentiu-se cheia, estirada além do suportável e estava morrendo por mais. Elevou o olhar suplicante para o Sam.

— Não posso resistir! — gritou ela, seus quadris empurrando sua vagina para o grosso membro. — Por favor, Sam. Por favor, me foda.

Cade se sacudiu, quando ela sussurrou essas palavras, seu pênis deslizou ligeiramente mais profundo, enquanto as costas dela se arqueava e um grunhido rasgava de sua garganta. Brock e Sam ainda seguravam suas coxas, mantendo-a aberta, observando como sua vagina se abria ao redor da ereção de Cade.

— Sam...

Ele baixou o olhar para ela, e Heather viu sua excitação, seu completo prazer enquanto ela rogava pelo pênis de seu irmão.

— Toma-a, Cade — sussurrou ele profundamente — Me deixe olhá-la. Me deixe ver seu prazer. — E em sua voz ela escutou a necessidade que ele tinha disso. A necessidade de vê-la desfrutando, satisfeita, amada.

Heather não pôde deter o grito que escapou de sua garganta quando Cade empurrou em seu interior. Seus olhos se abriram como pratos, sua visão se desfocou quando o prazer e a dor colidiram, disparando através de seu corpo, levando-a tão alto e tão duro, que se perguntou se sobreviveria. Não era um duro e rápido arremesso contra sua queixosa vagina. Era uma penetração delicada e implacável ao interior do empapado apertão de sua estreita vagina, até que ele se enterrou até o punho.

— Maldição. Sam. Droga. Está muito apertada. — Cade se manteve em seu interior, sem mover-se, com as mãos lhe agarrando os quadris enquanto ela lutava por empurrar a si mesma em seu empalante pênis.

Retirou-se lentamente, enquanto Brock e Sam pareciam despertar de sua aturdida concentração ante a visão de seu irmão enterrado dentro de sua vagina. Heather observou, incapaz de afastar o olhar da vista de seu membro, empapado com sua espessa nata, retirando-se dela.

— Não — choramingou, lutando contra a sujeição de suas mãos, enquanto se balançava contra a endurecida carne. — Por favor. Por favor. Não.

Então, ele se introduziu de repente em seu interior. Heather se retorceu no colchão, sua respiração se entupiu em sua garganta ante o desesperado estiramento e o ardente prazer que atacavam sua muito estirada vagina.

— Sam, gozarei dentro dela — advertiu Cade firmemente — Maldição, se não tirar meu pênis dela, vou perder-me. Está condenadamente apertada.

Heather levantou o olhar para Sam. Ele estava de joelhos a seu lado, com uma mão segurava sua coxa perto de seu corpo, enquanto com a outra se acariciava sua própria ereção. Baixou o olhar para ela, sua cara estava distorcida com a luxúria e a antecipação.

Sentia os dedos de Cade entre suas coxas, seus polegares a cada lado de seu inchado clitóris, massageando a carne ao redor, fazendo-a lutar para agitar os quadris, trabalhar sua vagina sobre o lubrificado membro que pulsava em seu interior. Ela deixou que suas mãos se estirassem a cada lado, para cobrir as mãos que acariciavam os próprios pênis. Brock grunhiu em aprovação, enquanto movia sua mão, permitindo que a dela, menor, acariciasse a avultada ereção que o atormentava.

A mão de Sam cobriu a sua, quando ela agarrou seu pênis também, entretanto, ele manteve sua mão quieta, em lugar de permitir que o acariciasse.

— Quero te olhar — sussurrou ele — Se te foder agora, Heather, não terei o controle para olhar seu clímax quando explodir pela primeira vez conosco.

— Se ninguém fizer que eu goze hoje, vou matar todos vocês — ofegou ela desesperadamente — Pelo amor de Deus, Sam, por que está me atormentando assim?

— Não, neném — sussurrou ele, sua voz pulsava com a necessidade — Não entende.

— Sam, filho da puta, isto não vai durar. — Cade se retirou e depois gemeu em derrota antes de empurrar para diante de novo.

— Sam. Sam. Oh, Deus. Sam. — Suas mãos esqueceram dos pênis que estava segurando e se fincaram em seus braços enquanto o prazer se apressava através de seu corpo. — Por favor. Por favor. Sam.

Lutou por liberar suas pernas, para empalar-se a si mesmo sobre a ereção que mantinha sua vagina separada. Estava desesperada por chegar ao clímax, por liberar do crescente prazer, das entristecedoras sensações que estremeciam seu corpo.

Cade amaldiçoou de novo, depois recuou com força para trás, tirando seu pênis da sujeição desesperada da carne de sua vagina enquanto ela gritava incomodada, em pulsante necessidade. Ao mesmo tempo, Sam e Brock liberaram suas pernas, e Heather se levantou. Voltou-se para Sam, seus lábios foram aos dele, suas mãos o agarraram pelo cabelo enquanto o empurrava para o colchão.

Escutou sua risadinha, a felicidade, a alegria, um segundo antes de montar o duro pênis que se levantava entre suas coxas. Não deu a seu corpo nenhum tempo para ajustar-se, nenhuma advertência antes de empalar ela mesma sobre a avultada ereção que se levantava avidamente para sua vagina faminta.

Seu lamento foi de prazer, dor, a sensação acelerando-se através de seu corpo, enquanto seus músculos se separavam para o desesperado ataque. Sam gemeu sob seu corpo, suas mãos agarraram seus quadris enquanto Brock ficava adiante, empurrando o pênis nos lábios.

O controle desapareceu no desespero do momento. Atrás dela, sentiu o relaxamento do plugue anal enquanto Cade liberava o ar que o tinha inflado. Depois gemeu de prazer quando ele o liberava de suas absorventes profundidades.

— Agora, Heather — grunhiu Sam, segurando suas coxas firmemente, aquietando-a enquanto o pênis de Brock se empurrava em sua boca — Agora, verás...

Seus olhos se abriram como pratos quando sentiu Cade mover-se atrás, enquanto as mãos de Sam se moviam para suas nádegas, afastando-as revelando o estirado buraco de seu ânus. Um segundo depois, a larga cabeça do pênis de Cade empurrou contra ele.

— Relaxe, neném — sussurrou Sam debaixo dela — Lento e suave, Heather.

Ela gemeu ao redor da carne que enchia sua boca, sugando-a desesperadamente, choramingando quando sentiu Cade deslizando-se lentamente, tão condenadamente lento que ao passar pelo apertado anel de músculos, este se contraíram ao redor de sua carne. Sua vagina se fechou ao redor do pênis de Sam, apertando-se mais firmemente, inclusive muito mais firme enquanto Cade se empurrava nas ardentes profundidades de seu ânus.

Desesperados gemidos masculinos e sussurros de louvor reverberaram no ar úmido ao redor deles. Heather tremeu, estremeceu, fraca com a excitação e mais que agradecida quando sentiu as mãos de Sam segurando seu corpo, segurando seus braços, ajudando-a a manter a posição que necessitava para ocupar-se da grossa ereção que se empurrava dentro e fora de sua boca. O limpo sabor da carne endurecida, a ardente longitude que roçava sobre sua língua a fez sentir faminta, ávida por mais. Atrás dela, Cade estava abrindo seus músculos, o ardente e apertado pingo de dor era um impetuoso contraste com o delicioso prazer do pênis de Sam estirando sua vagina.

Estava cheia, invadida, e não pôde evitar o intenso lamento que escapou de sua garganta quando Cade empurrou esses últimos centímetros dentro de seu ânus. Estava empalada, tomada, possuída. Era o centro de três corações, e o sustento da alma de um homem desesperado, e se sentiu na glória por tudo isso.

Como se o último empalamento atrás dela fosse tudo o que precisavam, os três homens começaram a mover-se. Perfeitamente sincronizados, seus corpos se levantavam e caíam, empurravam e saíam, em perfeita sintonia. Uma dança natural e impetuosa de tal sensualidade, de tal excesso erótico que Heather perdeu todo o sentido de realidade. Um ritmo pulsante de desejo, paixão, luxúria e amor enchia o ar. Ardentes gemidos masculinos, súplicas sussurradas, e a grossa e dura carne que a acariciavam em suas regiões mais sensíveis e apertadas, era mais do que seu corpo podia processar ao mesmo tempo.

Sua boca se apertou sobre o pênis de Brock, suas mãos se apertaram sobre o cabelo de Sam, enquanto a boca dele se fechava sobre um mamilo endurecido, sugando-o duro e profundo dentro de sua boca. E mais abaixo, seus pênis grossos e palpitantes começaram a impulsionar-se dura e profundamente dentro dela, esticou os sensíveis músculos, grunhindo enquanto a quente carne acariciava sua delicada malha inclusa enquanto incrementavam seus ataques.

Estava lutando para respirar, lutando para manter o julgamento enquanto a eletricidade começava a viajar através de seu corpo, o arco de um relâmpago, a sensação apressando-se através de seu útero contraído, enquanto Cade e Sam começavam a fodê-la mais duro, gemendo, seus pênis pulsavam enquanto Brock agarrava o ponto na metade de seu pênis e começava a empurrar mais duro dentro de sua sugante boca. Ia explodir. Desintegrar-se.

Seu corpo ficou rígido, esticou-se, seu olhar obscureceu enquanto levantava os olhos para Brock, em súplica. Não podia resisti-lo. Não podia suportá-lo. O prazer, as sensações, a mesma profundidade das emoções que estavam removendo-se através de seu corpo como um maremoto de prazer crescente.

Como se essa conexão, esse olhar suplicante acendesse um fusível, sentiu como Brock se tencionava.

— Sam, não posso esperar. — Seu corpo corcoveou, seu pênis se enterrou novamente em sua boca, e depois uma vez mais enquanto atrás e debaixo dela, Cade e Sam incrementavam seus empurrões, o prazer, e ela morreu.

Era só vagamente consciente que o som de sucção de seus lábios era muito alto para seus aturdidos sentidos. O som dos empurrões empapados, dos gemidos masculinos e a ardente adoração era muito. Explodiu enquanto Brock se retirava de sua boca; um lamento se rasgou de sua garganta. Sentia como seu corpo se sacudisse, convulsionando, seus sucos derramando-se de sua vagina enquanto seu corpo se estremecia com fortes e involuntários espasmos. Seu útero se ondulou, fechou-se, seu ânus esticando-se enquanto Cade gemia atrás dela, um segundo antes que explodisse nas ardentes profundidades de seu ânus com uma liberação desesperada. Sam gritou debaixo, palavras de amor, de necessidade, emocionais, intensas, enquanto outro clímax a rasgava, vertendo-se sobre seu pênis enquanto ele empurrava mais duro, mais profundo em seu interior. E ainda sua vagina o ordenhava, fechando-se sobre sua carne. Pôde escutar Cade atrás dela, um último gemido rasgando do peito dele enquanto seus músculos continuavam aferrando-o a ele, a Sam, antes que se retirasse lentamente de seu interior. Então, surpreendentemente, incrivelmente, Brock agarrou seus quadris, seu pênis ainda ereto empurrando dentro de seu ânus, enquanto Sam ficava quieto, só durante o tempo que tomou a seu irmão iniciar uma série de empurrões duros e rápidos dentro dela.

— Sam, Sam... — cantarolou seu nome — Que Deus me ajude, amo-te, Sam.

Cruciais e intensas, essas palavras fizeram pedacinhos seu controle. Ele se moveu com esforço debaixo dela, enterrando seu pênis duro e profundo em seu interior, enquanto Brock a destruía com sua própria liberação. Sam a encheu. Sua semente se descarregou em seu útero, ativando outro clímax mais forte e mais profundo, que fez seu corpo esticar-se até o ponto que ela sentia que podia destroçar-se. E então o fez. Como um véu de noite, a pulsante emoção e o agudo e agonizante prazer afligiram seus sentidos até que se desabou contra o homem que sabia, podia segurar, seu coração e sua alma, por toda a eternidade.

CAPÍTULO 37

Sam a segurou perto, ainda parte de seu corpo, incapaz de liberar-se, de afastar seu frágil peso de seu peito. O aroma de sexo, sêmen e a crua e desenfreada emoção ainda enchia o ar. Mas não havia nenhum aroma de sangue. Pela primeira vez em sua vida, podia cheirar o cru e terroso aroma do sexo, e não cheirar nenhum sangue.

O corpo de Heather estava empapado com sua própria liberação, assim como da deles. Seu cabelo estava totalmente umedecido, caindo sobre seu ombro e o de Sam, arrastando-se até o colchão debaixo deles. Sam fingiu que a umidade em sua cara era seu próprio suor, mas sabia que eram lágrimas. Segurou-a perto, balançando-a, e as deixando cair.

Não era a sexualidade ou a luxúria o que o satisfazia ao compartilhá-la. Era mais profundo, estava mais à frente que todo isso. Heather conhecia agora um prazer que ele sozinho nunca poderia lhe dar. Era uma desinteressada entrega de sua alma. Ao compartilhá-la com os homens que eram tão parte dele como nenhum outro humano poderia ser, dava-lhe mais do que poderia lhe dar alguma vez sozinho. As sensações, as emoções, um amparo e uma aceitação que nunca se atenuaria.

Em sua alma agora compreendeu por que um de seus irmãos podia entrar em um cômodo, cheirar o aroma de outro em sua mulher, e sentir orgulho em vez de ciúmes, pena ou culpa. Seus irmãos estariam ali quando ele não pudesse estar. Ela teria três apoios, em vez de só um. Ela teria os três como ele.

— Sam? — A voz de Cade era suave, relaxada. Sam não tinha ouvido essa qualidade de sua voz durante anos.

Sacudiu a cabeça, a fraqueza de suas lágrimas escondida. Já não era um menino, e sim um homem feito, e ainda assim sua maior alegria, seu maior sentido de segurança estava em saber que tudo o que ele era, tudo do que ele se preocupava, estava sendo fiscalizado pelos irmãos que tinham sido sua salvação ao longo de sua vida.

— Quando está segurando Marly, tocando-a, amando-a, sei em minha alma que é como se fosse eu mesmo — disse suavemente — Sei o que sente, e está bem. Que me condenem se não chorei em seus braços quando a banhei depois daquela primeira vez.

Sam deslizou suas bochechas sobre o ombro de Heather, sentindo sua respiração regular, sabendo o esgotamento que a capturava.

— Precisa ser banhada, Sam. — Aconselhou Brock, suavemente. — Assim não estará muito dolorida, nem despertará incômoda.

Moveu-a suavemente, consciente das mãos que lhe ajudavam. Seus irmãos. Puseram-na de costas sobre o colchão, e Sam só pôde sorrir suavemente enquanto ela se abraçava mais perto de seu calor, uma leve frieza ondulou sobre sua pele do ar condicionado durante um segundo antes que Cade atirasse a manta sobre ela.

Mãos preparadas para assegurar sua comodidade se ele não pudesse. Para assegurar seu prazer, sua felicidade. Ele suspirou profundamente enquanto ficava de pé e arrastava cansadamente os jeans sobre as pernas. Era um ritual, uma necessidade. Ela lhes tinha dado o maior presente que uma mulher poderia dar, e agora era o momento de lhe assegurar comodidade e bem-estar.

Envolveu a manta com cuidado ao redor dela enquanto Cade e Brock se vestiam. Eles voltariam agora para seus próprios quartos, tomariam banho, e depois amariam a suas mulheres, por separado ou juntos. Não haveria nenhuma censura, nenhuma sensação de dúvida ou possessividade entre as mulheres, ou os irmãos. Sarah amava Brock, mas entendia que às vezes Cade a necessitava também, e havia vezes, Sam sabia, que Sarah tinha procurado aquela união também. Exatamente como Marly o fazia. Como Heather aprenderia logo.

Não tinham sido forçadas a isso, não tinha sido dado é obvio o presente que elas ofereciam. Cada mulher punha seus próprios limites, e sem argumentar, sem desaprovação, cada um dos irmãos aceitava aqueles limites.

Quando deixou a sala familiar, deteve-se cautelosamente, parando fora da porta enquanto vislumbrava Tara que estava militarmente firme na escada. Esperava a raiva, esperava um ataque de gritos. Mas, em troca, era a tristeza que marcava seus traços.

— Se lhe fizer mal, te matarei. — Sussurrou, e Sam sabia que era exatamente o que queria dizer. — De algum jeito, Sam, de algum modo, eu te matarei.

Segurou Heather mais perto, dirigindo o olhar seus traços adormecidos enquanto a alegria pulsava em seu coração. Quando levantou o olhar para Tara, não havia nenhuma dúvida, nem em seu coração, nem em sua voz.

— Se for ferida, Tara, não terá que fazê-lo. Eu mesmo me ocuparei disso.

Os lábios dela se endureceram enquanto exalava um desigual suspiro. Não disse nada mais, entretanto, simplesmente se afastou e lhe permitiu que levasse sua mulher para seu quarto. A dor que marcava os traços de preocupação, pelo bem de Heather. Sabia que a dor a preocuparia, pesaria nela. Apesar de suas diferenças, as duas mulheres estavam muito unidas, quase tão unidas como estavam ele e seus irmãos. Quase, mas não completamente. Entrou no quarto em sombras, acendendo a luz enquanto dava um chute na porta do quarto para fechá-la, então parou abruptamente. O pesadelo e a realidade chocaram. O desespero, o horror marcou sua alma.

— Olá, Sammy, moço. — Sussurrou a voz diabolicamente — Passou muito tempo não é, filho?

CAPÍTULO 38

Sam rogou que Heather continuasse dormindo. Instalou-a na cama como dirigido, dobrando cuidadosamente as mantas ao redor dela, lhe retirando o cabelo da face enquanto a contemplava com uma sensação de agonia. Se pudesse simplesmente tirar a ameaça fora do quarto, fora da casa, então o resto estaria a salvo.

— Sujou-a — disse com desprezo a voz — Você e esses bastardos a tocaram e mancharam, rebaixaram uma mulher boa e decente, exatamente como fizeram com Marly. Supunha-se que as protegeriam, Sam. As proteger, não as converter em putas de acampamento.

— Sim, sei. — Ele sossegou a fúria e a rejeição que se elevavam em sua alma. Faria qualquer coisa que servisse para manter segura Heather, não importava o que tivesse que dizer ou o que tivesse que fazer.

Levantou lentamente e deu a volta para encarar o passado.

Ela não era a beleza que acostumava ser. Seu comprido e negro cabelo estava cortado quase em um corte masculino. Os olhos, alguma vez de um profundo azul, agora pareciam apagados. A uma vez pura e cremosa pele estava salpicada, com pequenas cicatrizes ao longo das bochechas. Estava lastimosamente magra, quase gasta.

— Assassinou Tate. — Ele sacudiu a cabeça, sabendo que era verdade.

— Claro que o fiz — disse com desprezo — Era uma marca para a sociedade, não melhor do que era Reginald.

— Era? — Sam perguntou com cautela.

— Era. — A crueldade se refletia em seu olhar. — Está morto Sammy. Pobre bastardo, pensou que podia ajudar Jack a me agarrar e me castigar por escapar. O ensinei. Matei-o exatamente como matei Tate.

Sam engoliu com força.

— Isto matará Marly, Anna. — sussurrou lastimosamente — Pensou nisso?

Ela fez uma careta, os lábios retorcendo-se com um feio desprezo enquanto lhe apontava com a arma para o coração.

— Marly nunca saberá. — Disse com desprezo. — Vou te matar, Sam, e eliminarei sua influência para sempre. É sua culpa. Tudo é sua culpa. Se não tivesse matado Jebediah, então ele tivesse mantido Reggie sob controle. Teria evitado que me fizesse mal. Ele controlava Reggie e Jack, e você o matou. Depois, quando eu o teria esquecido, transformou a minha menina em uma puta. Tornou-a tão doente e suja como você.

— Sabe o que nos fez, Anna? — Sussurrou ele em tom sombrio. — Por Deus, ele quase nos destruiu.

— É obvio que sei — grunhiu ela — Eu vivia lá, Sam. Escutava cada grito, cada rogo que saía de suas patéticas bocas. Os fracos bastardos que eram.

A surpresa alagou seu corpo, enfraquecendo os joelhos e afundando seu estômago pelo horror. Só podia contemplá-la, o corpo tenso pela confusa e raivosa fúria.

Recordou como tinha procurado uma vez esta mulher. Quando era jovem, antes dos abusos de seu pai e a morte de sua mãe. Recordou como ela ia a Cade quando começaram os primeiros insultos furiosos de Joe, aconchegando-se em uma cama com os três meninos, tremendo de medo.

— Está louca — sussurrou — Nunca sairá daqui. Nunca escapará disto.

— É obvio que o farei — gorjeou quase com suavidade — Vamos sair daqui, Sam, e vamos pela porta traseira. O guarda dali está dormindo seu sonho final. E sairemos na noite. Nunca voltará, e tampouco o farei eu, até que a equipe de Rick se retire, e Heather irá com eles. — Agitou a arma para a porta — Vamos, antes que sua pequena puta desperte e tenha que matá-la também.

Moveu-se para a porta, rogando por uma oportunidade para agarrá-la com a guarda baixo. Não podia fazê-lo na casa. Não podia correr o risco de que Cade ou Brock, ou uma das mulheres fossem feridos. Sua melhor oportunidade seria fora, na escuridão.

— Não tente me enganar, Sammy — grunhiu ela enquanto ele chegava à porta — Se assegure de que não há ninguém lá fora. Se estiverem, ficarão feridos.

Ele se deteve, abrindo a porta lentamente.

— Você primeiro — vaiou ela, assinalando para o corredor.

Ele caminhou para fora do quarto, o corpo tenso e tirante, desesperado por tirar Anna da casa antes que alguém, especialmente Marly, a visse. Permaneceu onde o pudesse ver, sabendo que tinha que afastá-la de Heather, depois para longe da casa. Depois disso, asseguraria fodidamente de que pagaria pelo inferno ao que lhes tinha enviado.

Ela saiu com cuidado do quarto, metendo a pistola no bolso da leve jaqueta enquanto com um gesto lhe indicava que se adiantasse. Ele se encaminhou para as escadas.

— Sam, Heather está acordada ainda? — A porta do quarto de Cade se abriu e Marly saiu dele. Entre ele e sua mãe.

Sam girou em redondo, ficando em sua frente, situando seu próprio corpo entre ela e a louca mulher absorta na morte.

— Mamãe? — Sua voz soava aturdida e confusa enquanto brigava com Sam. — Mova-se, Sam. É minha mãe. — O júbilo iluminava sua voz enquanto levantava o volume, até que vislumbrou a pistola que Anna tinha tirado de sua jaqueta, apontando para o coração de Sam. — Mamãe?

— Para trás, Marly. Entre no quarto. — Ele lutava para empurrá-la para a porta, enquanto Brock saía de seu próprio quarto atrás da Anna

Sam lançou um olhar a seu irmão, olhar que imediatamente compreendeu enquanto Anna começava a lançar-se para trás, para o quarto de Sam e Heather. Brock se moveu rapidamente, situando seu corpo entre ela e o quarto, ignorando a pistola agitando-se entre ele e Sam, e os desesperados olhos da mulher olhando-os com ódio.

— Se disparar essa pistola, a despertará. — Advertiu Sam. — Não pode agarrá-la, Anna.

— Mamãe o que está fazendo? — Marly lutava contra Sam enquanto ele a retinha, o terror lhe empanava a voz. — Maldição, Sam, saia de meu caminho!

— Não, Marly. — Pressionou-a contra a parede, girando-a, segurando-a no lugar. — Neném, ela está louca. Por favor. Por Deus, Marly. Fique atrás de mim.

— Deixa-a ir! — gritou Anna, o canhão da pistola dirigindo-se para ele.

— Puxe de uma vez o maldito gatilho, puta! — Uivou, girando-se para ela com a fúria lhe marcando o rosto. — Acha que te deixarei tê-la? Que te deixarei se aproximar o suficiente para feri-la? Está mais louca que Marcelle se isso for o que acha.

Anna piscou.

— Ela não é sua mulher, Sam. Poderia pegar Heather em vez dele. Estaria fora daqui em um minuto. — Disse ela com desdém. — Me pergunto se a trocaria por você.

Sam grunhiu e deu um cuidadoso olhar a Brock. Seu irmão se deslocou mais perto da porta do quarto só no caso de precisar.

— Brock a protegerá, Anna. Do mesmo jeito que eu protegerei a Marly.

— E se você morrer? — gritou ela — porque eu vou te matar Sam.

— Não apanhará Marly antes que Brock a agarre, Anna — advertiu ele — Qualquer dos dois caminhos que escolha, um de nós te pegará.

— E um de vocês morrerá — cuspiu ela — Então o que, Sammy?

— Então o outro protegerá o que é dele, Anna — Brock falou por ele — Do mesmo jeito que nós protegíamos o que era teu quando nos deu. Família, Anna. Protegemo-nos os uns aos outros.

— Proteger! — Ela grunhiu a palavra. — Sujaram minha menina. Fizeram-na sua puta, o mesmo que Jack e Reggie tentaram fazer a mim. Vocês violaram a minha menina e a fizeram aceitar seus monstros, justo como eram eles.

— Mamãe, não! — gritou Marly, as lágrimas empanando sua voz e a dor ressonando nela. — O que está fazendo? Por que faz isto?

Anna parou. Olhou para Sam, depois para Marly enquanto lutava por olhar ao redor do corpo mais largo de Sam.

— Porque eles destruíram tudo, querida. — Sussurrou ela em voz baixa. — Não entende? Eu entreguei Sam para Marcelle. Foi minha idéia, amor, dessa forma ele faria com que Jack e Reggie lhe deixassem em paz. Não recorda seu papai, neném? Sempre queria te tocar e te abraçar. — Anna estremeceu. — E Sam o arruinou. Ele arruinou tudo de tal forma que me fez te perder. Tinha que te deixar ir até que encontrasse a forma de destruí-los. De te guardar deles.

Marly gritou de dor atrás dele enquanto a mantinha perto, sentindo seu corpo afundar-se contra a parede.

— Não — gritou ela — Por favor, não.

— Marly, não entende. — Anna sacudiu a cabeça, os olhos reluzindo com demoníaco ardor. — Ele nos protegia, neném. Tudo o que precisava era de Sammy. Mas Sammy tinha que ir e golpeá-lo e o deixar furioso, e depois Cade e Brock o golpearam. Eles tinham que pagar, neném. Jebediah era um grande homem. Demônios, eles o mereciam, inclusive quando os bastardos compartilhavam a suas estúpidas amiguinhas. Perversos. Todos eram.

— Ele quase matou Cade! — gritou Marly com dor, agora lutando contra Sam com mais força. — Maldita seja. Maldita seja. Não é minha mãe. Nunca. Nunca, Por Deus, te reconhecerei como minha mãe.

Chutou as pernas de Sam, arranhando seus braços, lutando por liberar-se, enquanto as vozes começavam a levantar o alarme no piso de abaixo e Cade chegou arrasando as escadas.

— Droga, Anna.

Deslizou até parar junto a Sam, a confusão marcando seus traços enquanto observava a pistola e os selvagens olhos da mulher agitando-se.

— Bom, aqui está — grunhiu Anna maliciosamente — O grande irmão. Alguma vez contou a sua amante quantas vezes fodeu seus irmãos, Cade? Ou quantas vezes eles o foderam? Já que estamos todos aqui, talvez devêssemos só recordar por um momento.

Maliciosas gargalhadas ressonaram no ar durante um brutal e angustiante segundo antes que ressoasse um tiro.

CAPÍTULO 39

— Odeio às pessoas estúpidas.

Sam olhou surpreso enquanto Heather caminhava para fora de seu quarto, completamente vestida, segurando o revolver cuidadosamente frente a ela enquanto olhava fixamente à mulher no chão.

O silêncio reinou durante segundos compridos, depois pés correndo, enquanto Tara, Rick e perto de duas dúzias de guarda-costas corriam escada acima.

— Chama uma ambulância, Tara — Heather cuspiu a ordem com aspereza — Não está morta, mas não tem bom aspecto.

— Mamãe. — Era a voz rota e cheia de lágrimas de Marly que percorria com os olhos a imagem da mulher cheia de sangue e inconsciente, desabada perto da parede.

Moveu-se lentamente detrás de Sam. Seus olhos estavam totalmente abertos, aturdida enquanto Cade apanhava seu leve corpo em seus braços.

— Acalme-a, Cade — ordenou Rick abruptamente enquanto se ajoelhava em frente a Anna. — Maldição, é Helena — sussurrou de novo.

— Seu nome é Anna. É a mãe de Marly — espetou Cade

— Isso explica por que sempre recusava realizar turnos na casa ou de noite. Não podia correr o risco de que algum de vocês a visse. — Tara se ajoelhou frente à mulher. — Eu permiti, porque ela sempre parecia tão calada e tão triste.

Rick sacudiu a cabeça.

— Assinou com a empresa poucos anos atrás, quando trabalhávamos no caso Stewart. Trabalhou conosco de vez em quando até que viemos aqui. Tinha documentos perfeitos com o nome da Helena Doraga.

— Era o nome se solteira da avó — sussurrou Marly com a voz rouca — Ia matar Sam. Tentou matar Sarah. — Olhou através do quarto para onde Sarah observava a surpreendida cena.

— Munchkin — Sam lhe tocou a bochecha enquanto Cade a mantinha de pé. — Ela não era sua mãe. Não essa mulher.

Sam viu as lágrimas que rodavam por suas bochechas, viu a amarga impotência de Cade em seus olhos. Entretanto a ira já estava dissipando da face de seu irmão. A sombria, triste e angustiada ira que tinha persistido ali durante anos estava desaparecendo. Sam se deu conta de que ao encontrar Marly, seu irmão tinha chegado a reconciliar-se lentamente com o passado.

Voltou-se para Heather, arqueando ironicamente uma sobrancelha enquanto ela colocava a pistola na capa atrás de seu quadril.

— Ouça, Hot Stuff — grunhiu — Supõe-se que estava te protegendo.

Moveu-se para ela, puxando-a para seus braços, seus lábios cobrindo os dela em um beijo de agradecimento e de júbilo. Os lábios dela se abriram aos dele, os braços se apertaram ao redor de seus ombros e o fôlego lhe enganchou no peito.

Tornando-se para trás, ele olhou fixamente seus úmidos olhos.

— O que? — franziu o cenho para ela — Nem sequer pense em me deixar, Heather. Não te permitirei ir.

— Te deixar? — Perguntou ela com aspereza, seus verdes olhos reluzindo pelas lágrimas. — Sam, estava assustada. Completamente aterrorizada. Se tivesse deixado que essa diabólica mulher te matasse. Sei que o faria. Saiu erguido de nosso quarto como um fodido sacrifício. — Seu punho ricocheteou na parte alta do braço dele enquanto ela o golpeava com dureza. — Maldição. Deveria ter mais bom-senso.

Sam riu. Não podia evitar, não podia deter a felicidade que se transbordava do interior de sua alma.

— Oh, não, neném. No momento que a tivesse tido fora, ela estava acabada. Eu teria retornado, Heather. Teria feito, não poderia deixá-la ir, neném.

Atraiu-a para perto de novo, seu leve peso agasalhado entre seus braços enquanto Sam lançava um olhar para Brock por cima de sua cabeça. Ele tinha permanecido diante a porta, sabendo que ocorreria se Heather saía imprudentemente. Tinha afogado o ligeiro estalo que ela tinha feito quando a tinha aberto, deslizou-se a um lado para o disparo. Mas tinha permanecido ali, protegendo a vida dela. Igual a ele tinha protegido a Marly.

Os homens de Rick emprestaram os primeiros socorros a Anna, preparando-a para a ambulância e a moveram rapidamente escada abaixo enquanto Cade e Marly os seguiam. Seria duro para Marly, sabia. Seu gentil coração, seus sonhos da volta de sua mãe, estavam quebrados em pedaços para sempre. Mas não estava sozinha. E nunca estaria.

— Devo-te um banho. — Sussurrou Sam no ainda úmido cabelo do Heather. — Um banho e um mimo. Acha que poderá me dirigir?

Ela soprou com lágrimas nos olhos.

— A você e a dois mais como você... — parou — Bom, talvez pudéssemos esperar para tentar isso outra vez.

Sam riu entre dentes, segurou-a perto e a colocou lentamente em seu quarto. O passado estava acabado. Ainda havia perguntas que deviam ser respondidas, e ele sabia que suas recuperadas lembranças não seriam fáceis para nenhum deles. Mas os demônios estavam indo. Os medos estavam enterrados e sua vida se estendia diante ele agora, desprovida da solidão, da

sombria e desesperada dor. E o presente do amor de Heather tinha curado aquelas abertas e dolorosas feridas de sua alma. Sua aceitação, seu amor. O presente de seu coração para todos eles.

CAPÍTULO 40

Algumas semanas mais tarde Sam estava sentado sozinho nas escuras sombras da sala familiar, contemplando a noite através das portas de vidro. Os guarda-costas se foram. A casa estava silenciosa e segura de novo. Tinha passado tanto tempo desde que todos eles se sentaram seguros. Doze anos para ser exatos. Nas semanas passadas, Sam tinha se dado conta de quão opressivos tinham sido as lembranças dos abusos e como o reprimi-los tinha afetado a sua própria vida.

Lentamente, as lembranças haviam retornado. Sombrias, cheias de dor, vergonha e finalmente uma resignada aceitação.

Aconteceu, sobrevivemos. Não importa como, sobrevivemos, Sam, fizemo-lo. E estamos curados. As palavras tranquilas de Brock ditas não muito antes, tinham tomado sentido lentamente para ele. Com a ajuda de Heather, com seu bom coração, sua forma de fazer-se cargo e sua carinhosa doçura, finalmente tinha encontrado uma medida de aceitação e paz.

— Sam? — voltou-se quando a suave voz de Heather o interpelou da soleira da porta.

Ela caminhou dentro da sala, seu esbelto corpo coberto por uma quase transparente camisola de seda que só caía até suas coxas.

— Deveria estar dormindo. — Envolveu os braços ao redor dela enquanto chegava até ele. O doce cheiro de seu perfume chegou a sua cabeça, a sensação de seu corpo esbelto enviou um ressurgir de luxúria através de seu pênis. Nunca tinha suficiente dela. Não importava quantas vezes a tivesse.

— Não estava na cama comigo. — Se aconchegou em seus braços, um pouco sonolenta enquanto ele se sentava a seu lado na poltrona e puxava para seu colo.

— Só estava pensando. — Mantinha a voz tranquila enquanto falava, saboreando a terna intimidade de segura-la dessa forma.

As últimas semanas tinham estado infestadas com a confusão e os destroçados sonhos de Marly e sua mãe e o enterro final de Anna. A bala de Heather não a tinha matado, mas seu próprio ódio retorcido o fez. Tinha morrido em seu intento de escapar do hospital e voltar depois para os August uma vez mais. Depois de enganar a seu vigilante e lhe roubar a arma, tinha sido rendida enquanto se deslizava até o vestibulo. A bala de um oficial de polícia a tinha parado depois de que atirou nele.

— Recordando? — perguntou suavemente.

Sam deslizou a mão sobre o sedoso cabelo dela, desfrutando da sensação contra sua palma.

— Me perguntando, talvez. — Suspirou — Aceitando.

Ela ficou calada uns momentos. Finalmente suspirou profundamente, pressionando os lábios contra o peito nu.

— E aceitou? — perguntou, girando o corpo até enfrentá-lo, as pernas estendidas através das dele, o calor de sua vagina acomodado contra a longitude da ereção que se esticava sob as calças de moletom.

Sam apoiou a testa contra a dela, olhando dentro de seus olhos, uma careta bordeando sua boca. Ela não ia mimá-lo, nem consentiria às lembranças. Ela era forte como um prego, e recusava

lhe permitir culpar-se, ou derrubar-se na dor do passado. Nada que tivesse intenção de fazer. Recordar era mais fácil que esquecer e a aceitação estava assentando lentamente nele.

— Deixaria-me fazer de outra maneira? — perguntou enquanto beijava suavemente o arrebitado nariz.

Ela bufou.

— Como se eu pudesse te controlar. Sam, fará o que quiser. Sempre soube.

Ele sacudiu a cabeça, apoiando-a no alto respaldo da poltrona enquanto a olhava fixamente. Sim, faria o que queria. E tudo o que queria em sua vida era amar esta mulher. A agradar mais do que ela pudesse suportar, fazer sua vida tão sossegada como fosse possível. O que lhe recordou...

— O que estava fazendo cozinhando esta noite? A próxima vez que tenha que esperar que vocês três limpem a cozinha antes que possa te levar para cama te juro que vou surrar seu traseiro.

— Hmmm. — Ela arqueou sugestivamente uma sobrancelha. — Soa divertido. Quer fazê-lo agora?

Ele franziu o cenho com ferocidade.

— Poderíamos ter saído para jantar, Heather. Não tinha que cozinhar.

— Estou cansada de comer fora. — Deslizou as mãos sobre seu peito, as unhas cravando-se ligeiramente em sua pele. — Faz que Cade contrate uma governanta, se quer ajudar.

Ele soprou.

— Sairia correndo a primeira vez que nos escutasse fodendo aqui a todos. Condenados dissimulados.

— Temos quartos — ria entre dentes, o suave som rouco pelo desejo.

— Uh, uh. — Sam negou firmemente com a cabeça. — Aqui dentro. É melhor aqui, Heather. Todos juntos, nos amando, rindo. Nos quartos não seria o mesmo.

A frescura da sala familiar, a sensação de liberdade, de aceitação, não seria o mesmo em qualquer outro lugar, pensou ele, não para aquelas ocasiões. Não que ele não fosse propenso a tomar a qualquer das três mulheres em qualquer quarto em que as apanhasse. Era-o. Mas naquelas noites, quando todos seus os desejos convergiam, e o compartilhar era quente, intenso, arrancando gritos de prazer, súplicas de liberação, a sala familiar não poderia ser substituída.

— Perverso.

Balançou-se contra seu pênis, sua quente vagina umedecendo suas calças.

— Ninfomaniaca — sussurrou ele baixinho — Hoje foi fodida até a inconsciência, e ainda quer mais.

As mulheres eram condenadamente melindrosas. Estavam proibidas nas semanas do ciclo, e esta era a semana de Sarah e Marly. As malditas mulheres pareciam estar movendo-se lentamente a um calendário sincronizado. Era inquietante. Mas Heather tinha ficado como a única mulher nos últimos dias. Cade e Brock mantiveram-na ocupada.

Estremeceu-se, recordando, ao entrar na cozinha aquela manhã, vê-la sentada no colo de Cade, as costas contra seu peito, sua preciosa vagina gotejando enquanto os dedos dele perfuravam dentro dela. O pênis de Cade estava cravado duro e profundamente em seu traseiro, enquanto a empurrava ao orgasmo. Essa visão tinha sido tão condenadamente erótica que ele quase gozou em seu jeans. Com seus grandes olhos verdes olhando-o, indefesa, o prazer enchendo sua face, ele tinha pensado que seu pênis explodiria.

Depois, naquela tarde enquanto ela deixava a piscina, Brock tinha lubrificado cada centímetro de sua pele com uma espessa capa óleo bronzeador antes de voltá-la sobre o estômago e fode-la para mais que um orgasmo. Ela tinha dormido o resto da tarde. Ele sorriu ante essa idéia.

— Eu sempre te desejo, Sam — disse enquanto seus lábios se moviam para o pescoço dele, seus dentes arranhando contra a pele. — Poderia te ter enterrado para sempre dentro de mim.

As mãos dela se moveram entre eles para puxar suas calças. Sam levantou os quadris, ajudando-a a atirar a calça do moletom pelas coxas, liberado a grossa longitude de seu membro. Ela choramingou enquanto ele se posicionava e começava a deslizar-se nas profundidades ultra apertadas de seu corpo.

— Maldição — Seus dedos apertaram os globos cheios do traseiro, separando-os até que pôde perceber a base do plugue que ela se inseriu.

— Preciso de tudo. — Ela ofegou para respirar, as unhas cravando-se nos ombros dele enquanto se empalava em sua ereção lentamente. — Sam, preciso de tudo.

Sem poder evitá-lo, grunhiu seu nome. Empurrou forte e profundo, lhe dando a dentada de dor que ela reclamava enquanto lhe cobria os lábios com os seus. Era uma gata selvagem, na cama e fora. Sua língua se afundou em seus lábios enquanto ele agarrava a base do plugue, movendo-o ao compasso dos empurrões dela sobre seu pênis, deixando-a sentir a plenitude, o calor ondulante da penetração dupla.

Seus gemidos aumentaram, sua vagina ficando mais molhada por segundos, sua paixão tempestuosa queimando-o vivo. Pulsou a seu redor, tão quente ao redor de sua ereção que teve que apertar os dentes para segurar seu controle. Os quadris empurrando ao mesmo tempo em que os dela, afundando seu membro mais forte e mais profundo dentro dela, enquanto sentia as ondas convulsivas que precediam ao clímax que ressonavam através de seu ajustado canal.

— Heather, é tão estreita — sussurrou ele contra sua orelha enquanto se impulsionava profundo e duro dentro dela. — Tão quente, tão perfeita... — Lutou para respirar enquanto escutava o som de seus gemidos mudar. Entrecortados, aumentando com a excitação. — Sim, neném — grunhiu ele, o seu pênis pulsando e flexionando-se enquanto se aproximava de sua própria liberação. — Se aperte contra mim, Heather. Me agarre, neném, até que não possa mover-me.

E ela estava fazendo exatamente isso. Estremecendo-se, ela mal podia manter-se quieta nesse momento, enquanto ele agarrava seus quadris, atraindo-a, enquanto empurrava seu pênis dentro dela apesar da apertada e deslizante resistência de seus músculos abraçando-o. Quando ela gozou, gritou seu nome. Seu corpo se sacudiu entre seus braços enquanto ele empurrava seu membro dentro dela duro e profundo, antes de permitir que sua semente saísse em espessos e quentes jorros nas profundidades de sua vagina.

Sua carne molhada se estremeceu ao redor dele enquanto tremia em seus braços, lutando para respirar. Contra seu peito ressoaram os gritinhos do clímax enquanto os braços dela se apertavam ao redor dele.

— Deu-me mais do que qualquer mulher tem direito a ter. — Sua voz soava cheia de lágrimas, a emoção enrouquecida. — Eu te amo, Sam.

Ele respirou com força e profundamente.

— E você me deu mais do que eu tinha sonhado. — Respondeu ele. — Te adoro, Heather. De maneiras que nunca saberá.

EPÍLOGO

— Então, o que acha? — Pela casa ressoavam gritos de prazer, amortecidos pela porta da sala familiar e da cozinha, quando Marly rogou e suplicou por sua liberação.

— De verdade, importa? — Sarah bocejou enquanto bebia seu café a goles, depois suspirou com cansaço, apoiando o queixo na mão e dirigindo o olhar para Heather através da mesa. — O que você acha?

— Explica o maldito mau humor — Sarah sacudiu a cabeça surpreendida enquanto Heather a olhava. — Entretanto, seria muito agradável.

Heather piscou, surpreendida. Teria rido assombrada, mas nos últimos seis meses tinha aprendido a não fazê-lo. Os casamentos tinham sido bastante estranhos, mas a experiência mais formosa de sua vida. Só os amigos mais próximos da família August e das mulheres tinham assistido. A controvérsia teria escandalizado à comunidade. Demônios, ao mundo. Três casais inter-casando-se. Heather estava casada com três homens, como estavam Sarah e Marly. Não legalmente, é obvio, a cerimônia legal a tinha unido a Sam para toda a vida, mas a cerimônia menos legal tinha ligado seu coração aos três homens.

Era pouco convencional. Era escandaloso. Heather estava adorando.

— Esses homens estarão sorrindo como loucos exibicionistas. — Sarah sorriu enquanto bebia seu café outra vez.

Heather soprou. Isso não o descreveria.

— Sarah — suspirou — Pensou que eles não saberão quem é o pai?

Sarah negou com a cabeça.

— Heather, não importa. Esse bebê pertence a todos eles. Exatamente como os nossos, não importa se os outros dois estão ali nesse momento ou não.

Heather se voltou e olhou fixamente pela ampla janela panorâmica a manhã da temperada primavera. Os últimos seis meses tinham sido os mais felizes de sua vida. Como Sam lhe tinha explicado, ela os tinha unido a todos, de diferentes maneiras. O sexo com os irmãos não era coisa de todos os dias, mas era bastante freqüente. Na manhã depois dos casamentos, Cade a tinha apanhado entrando aos tombos na cozinha para tomar café. Antes que tivesse a primeira xícara de café servida tinha tido seu pênis enchendo sua vagina.

Forte, forçando golpes que a fizeram gritar seu nome, convulsionando-se ao redor de sua dura carne enquanto chegava ao clímax em seus braços. Mais tarde, naquela mesma tarde, tinha sido Brock, montando escarranchado seu corpo de barriga para baixo na piscina, seu pênis deslizando-se em seu lubrificado ânus enquanto o Coelho vibrador levava-a loucura em sua vagina. Ela ainda o recordava. O clímax explosivo e mugido a tinha deixado tremendo enquanto Brock disparava sua semente profundamente nas quentes profundidades de seu traseiro.

E cada noite, várias vezes durante o dia, Sam estava ali. Amando-a, tocando-a e tomando-a com veemência e regozijo. E agora Marly estava grávida.

— Bom Deus. — Resmungou ela, deixando cair a cabeça sobre a mesa — É consciente do fato de que ela está fora, de que estará fora de serviço?

O silêncio encheu a conzinha. Deu uma olhada a Sarah e viu a preocupação na cara da outra mulher.

— Pobres sujeitos, não vou apagar esse incêndio. — Sarah negou com a cabeça com determinação. — Você pode.

— Enlouqueceu? — gritou Heather incredulamente — Te pareço uma maldita coelhinha? Esses homens têm mais testosterona que vinte como eles. Não vou carregar esse peso sozinha.

— Olhe, Heather, você é mais jovem...

— Sarah August, não me venha com essa merda de que sou mais jovem. — Disparou ela enquanto negava firmemente com a cabeça. — Não. De maneira nenhuma. Quando as rãs criarem cabelo. Mudarei para a maldita casa dos peões.

— E? — Sarah piscou — Ele a seguiriam. Exatamente como fizeram quando estava zangada e se mandou para o estábulo aquela noite.

Heather notou sua cara avermelhada e sua vagina apertava. Uma surra não deveria ser tão malditamente erótica, mas estaria maldita se aquela não a tivesse levado a loucura pela excitação. Certo, da excitação se encarregaram de uma forma em mais que satisfatória, enquanto cada um dos irmãos tinha preenchido seu corpo, enquanto os outros a tocavam, acariciavam e adoravam.

— Esses homens são perigosos — disse entre dentes.

— Por não mencionar potentes — grunhiu Sarah — Ainda não faz dois meses que deixou a pílula.

Heather suspirou.

— Estamos acabadas.

— Não, estamos fodidas — riu Sarah — Mas quanto quer apostar que será uma experiência que não queremos perder?

Heather só pôde sacudir a cabeça. Perguntou-se se estaria ciumenta ou zangada porque o sonho de Marly se realizou. Deslizou em uma mal-humorada e silenciosa depressão durante semanas, depois da morte de sua mãe, e os informes de que seu pai e seu tio estavam mortos. Quando saiu dela, anunciou seu desejo de ter um bebê. Naquela mesma semana tinha deixado a pílula. Um mês depois, os homens tinham descartado as camisinhas quando estavam com Marly e lhe tinham dado seus melhores tiros. Uma vez. Tinha lhes comunicado que queria que o bebê fosse parte de todos eles.

Além daquela vez, só Cade tinha estado sexualmente com ela até seu anúncio daquela manhã. Mas Heather sabia que aqueles três homens se importavam uma merda com quem fosse o pai. Aquele bebê seria amado, apreciado e criado em uma casa cheia de pais amorosos.

Na outra sala, os ruídos de paixão se aquietaram lentamente. Longos minutos mais tarde, se fechou uma porta escada acima. Cade estaria banhando Marly, tranquilizando-a e relaxando-a, sussurrando seu amor, exatamente como faziam Sam e Brock com Heather e Sarah.

— Ei, neném. — Sam entrou na cozinha, seguido de perto por Brock. Deixou cair um beijo rápido na bochecha de Heather antes de encaminhar-se à cafeteira, enquanto Brock seguia seu exemplo.

Heather observou os dois homens. Nos últimos seis meses a dor dentro de todos eles se suavizou. As sombras e os pesadelos retorcidos eram acontecimentos escassos, e quando isso ocorria... ela sorriu, recordando o último pesadelo de Sam. As mulheres o tinham levado a sala familiar e o tinham amado tão bem como nunca os irmãos as tinham amado.

Ela o olhou, seu marido, seu amante, enquanto ele levava seu café à mesa e se sentava a seu lado. Empurrou a cadeira mais perto da dela, lhe fuçando a orelha antes de voltar-se para a cafeína. Cheirava a sexo, suor e amor.

— Então, vamos ter um bebê? — perguntou ela em voz baixa.

Os olhos dele se iluminaram, risonhos, enquanto se inclinava perto dela.

— Retirei-me antes — sussurrou em voz baixa, embora o bastante alto para que Sarah também o escutasse.

Durante um segundo, a surpresa a manteve imóvel antes que a risada explodisse de seu peito. Ela o contemplou, vendo a presunçosa satisfação masculina em sua cara, a cintilação em seus olhos.

— É mau. — Ela sacudiu a cabeça, lançando um olhar a Brock. — E você?

Ele se reclinou em sua cadeira, os dedos curvando-se no cabelo loiro de Sarah enquanto dava de ombros, sorrindo como um louco.

— Demônios, acha que íamos deixá-la levar outro bebê que não fosse o de Cade? Ela ama a todos, mas estaria condenado se tirasse isto dele. E ele sabe.

Eles eram muito parecidos, e ainda assim tão individualistas, tão excepcionalmente diferentes, que aqueles homens August algumas vezes a assombravam. Tão quentes como o mês pelo que eram nomeados, e ainda assim tão ternos, amando-se tão profundamente uns aos outros, e a suas mulheres, enchendo-a de admiração.

Apoiou-se contra Sam, contente e em paz enquanto ela o olhava fixamente.

— Amo-te, Sam August.

Seu sorriso foi rápido e despreocupado.

— Eu também te amo, Heather August. Para sempre.

FIM.



Projeto Revisoras Traduções

Grupo Romances Traduzidos

<http://br.groups.yahoo.com/group/romancestraduzidos/>

Comunidade Romances S.A.

<http://www.orkut.com.br/Main?pli=1#Community.aspx?cmm=80221161>